

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

BRUNA PADILHA DE OLIVEIRA

**IMIGRAÇÃO BRASILEIRA NAS CADEIAS GLOBAIS  
DE CUIDADO: um estudo sobre *Au Pairs* brasileiras  
na Holanda**

SÃO CARLOS-SP  
2023

BRUNA PADILHA DE OLIVEIRA

**IMIGRAÇÃO BRASILEIRA NAS CADEIAS GLOBAIS DE CUIDADO: um estudo sobre *Au Pairs* brasileiras na Holanda**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos, para obtenção do título de Doutora em Sociologia.

Orientadora: Profa. Dra. Isabel Pauline Hildegard Georges.

São Carlos-SP  
2023



## UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Sociologia

---

### Folha de Aprovação

---

Defesa de Tese de Doutorado da candidata Bruna Padilha de Oliveira, realizada em 28/02/2023.

#### Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Isabel Pauline Hildegard Georges (IRD)

Profa. Dra. Yumi Garcia dos Santos (UFMG)

Profa. Dra. Michelle Franco Redondo (CRESPPA)

Profa. Dra. Maria Aparecida de Moraes Silva (UFSCar)

Profa. Dra. Aline Suelen Pires (UFSCar)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia.

## **AGRADECIMENTOS**

Esta tese é resultado de um trabalho coletivo de pessoas que me apoiaram e me influenciaram direta ou indiretamente nesta minha caminhada acadêmica. Presto aqui os meus profundos agradecimentos:

À minha família por ter me apoiado nos meus primeiros passos neste mundo em todos os aspectos de minha vida, seja no âmbito profissional ou pessoal;

Aos meus amigos que conheci ao longo da Graduação, Mestrado e Doutorado e que vem me acompanhando em momentos felizes e infelizes e me dado força para suportar as dificuldades profissionais e pessoais dessa vida;

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pela bolsa de estudos que possibilitou a dedicação ao programa de pós-graduação e à realização desta pesquisa;

A todos os professores das universidades públicas pelas contribuições durante minha formação enquanto professora e pesquisadora;

A todos os interlocutores que aceitaram a me conceder relatos de suas experiências e que são parte essencial do conteúdo desta pesquisa;

Aos meus colegas professores da Rede Estadual de São Paulo que tem vivenciado a realidade de uma escola pública paulista e lutado por melhores condições de trabalho;

À Profa. Dra. Isabel Georges, por sua orientação e contribuição na realização desta pesquisa;

Aos professores presentes na banca, pelas fundamentais contribuições e ensinamentos, e por aceitarem, novamente, aprimorar a versão final desta pesquisa.

## RESUMO

O presente texto tem por objetivo apresentar uma investigação sobre a dinâmica de novos processos migratórios internacionais, voltados para a apreensão do cuidado como expressão de uma nova forma de divisão internacional do trabalho de serviços, a partir do estudo de experiências vivenciadas por brasileiras como *Au Pairs* na Holanda entre os anos de 2008 a 2012 e 2018 a 2022. Entendo esse programa de intercâmbio cultural como uma expressão de relações de trabalho de cuidado, pois a migrante intercambista tem como responsabilidade o trabalho doméstico e de cuidado de crianças na família anfitriã. Desse modo, é colocado como problemática sociológica a apreensão das diferentes motivações, sentidos, estratégias e interesses dos sujeitos que perpassam a dinâmica migratória, marcadas por diversas desigualdades sociais presentes nesse processo (gênero, classe, raça, nacionalidade, entre outras). A pesquisa proposta segue uma metodologia qualitativa a partir da investigação mediada e multisituada, tanto em plataformas constituidoras das redes sociais online como o Facebook, Instagram, WhatsApp e o Youtube, como em ambientes *offline* que compõem o cotidiano dos sujeitos da pesquisa e empresas que oferecem serviços de *Au Pair* (agências, escola de idiomas, etc.). Foi realizado procedimentos como entrevistas semidiretas e observações das postagens em páginas eletrônicas relacionadas à temática “*Au Pair* na Holanda” (blogs, sites de agências, etc.). Para análise dos dados, utilizo como referencial teórico os estudos de gênero, *care*, migrações internacionais, políticas de conciliação trabalho/família, de forma a apresentar uma discussão de como esse programa de intercâmbio intersecciona relações de trabalho e de consumo.

**Palavras-chave:** *Au Pair*. Migração Internacional. Cadeias Globais de Cuidado. Cuidado. Consumo.

## ABSTRACT

This text aims to present an investigation into the dynamics of new international migration processes, focused on the apprehension of care as an expression of a new form of international division of service work, based on the study of experiences lived by Brazilians as Au Pairs in the Netherlands between the years 2008 to 2012 and 2018 to 2022. I understand this cultural exchange program as an expression of care work relationships, as the exchange migrant is responsible for domestic work and child care in the host family. Thus, the apprehension of the different motivations, meanings, strategies and interests of the subjects that pervade the migratory dynamics, marked by various social inequalities present in this process (gender, class, race, nationality, among others) is considered a sociological problem. The proposed research follows a qualitative methodology based on mediated and multi-sited research, both on platforms that make up online social networks such as Facebook, Instagram, WhatsApp and Youtube, as well as in offline environments that make up the daily lives of research subjects and companies that offer Au Pair services (agencies, language school, etc.). Procedures such as semi-direct interviews and observations of posts on electronic pages related to the theme "Au Pair in Holland" (blogs, agency websites, etc.) were carried out. For data analysis, I use gender, care, international migration, work/family reconciliation policies as a theoretical framework, in order to present a discussion of how this exchange program intersects work and consumer relations.

**Keywords:** *Au Pair*. International Migration. Global Care Chains. Care. Consumption.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Quadro comparativo dos recortes temporais da Pesquisa.....	35
Figura 2 - Gráfico da Taxa de variação anual em volume do Produto Interno Bruto – PIB per capita e do consumo per capita por família – Brasil – 2010-2020 .....	36
Figura 3 - Gráfico da variação nos índices da comunidade brasileira no exterior .....	37
Figura 4 - Domicílios com acesso à internet, por área (2008-2019).....	39
Figura 5 - Usuários de internet que usam telefone celular de forma exclusiva, por área, região, sexo, cor ou raça, faixa etária, grau de instrução e classe (2019) .....	40
Figura 6 - Mapa da Holanda.....	60
Figura 7 - Gráfico dos principais destinos dos brasileiros no exterior .....	67
Figura 8 - Gráfico do número de <i>Au Pair</i> por ano na Holanda (2002-2017).....	90
Figura 9 - Grupão do Facebook .....	111
Figura 10- Grupão no WhatsApp.....	115
Figura 11 - <i>Au Pair World</i> .....	119
Figura 12 – Representação dos <i>slogans</i> das agências.....	128
Figura 13 - O <i>Au Pair</i> e seus deslizamentos de sentidos.....	171
Figura 14 – Bicicletas e Tulipas (Tempo de Família) .....	173
Figura 15 - Bicicletas e Tulipas (a armadilha da <i>Au Pair</i> ).....	174
Figura 16 - Bicicletas e Tulipas ( <i>Au Pair</i> não faz parte da família) .....	175
Figura 17 - <i>Schedule</i> (Organização do horário de trabalho) .....	191
Figura 18 - Meme: <i>Au Pair</i> cansada sendo parte da família .....	193
Figura 19 - Bicicletas e Tulipas (o trabalho prescrito <i>versus</i> o trabalho real) .....	194
Figura 20 - Bicicletas e Tulipas (sou <i>Au Pair</i> e não escrava) .....	202
Figura 21 - Bicicletas e Tulipas (a relação com a Agência na mediação do conflito) .....	203
Figura 22 - Meme: <i>Au Pair</i> Alice.....	207

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Comparativo entre países segundo requisitos para ser <i>Au Pair</i> .....	75
Quadro 2 - Classificação das <i>Au Pairs</i> Entrevistadas (2008-2012).....	97
Quadro 3 - Classificação das <i>Au Pairs</i> Entrevistadas (2018-2022).....	99
Quadro 4 - Agências reconhecidas que atendem o público brasileiro.....	140
Quadro 5 - Vantagens de se ter <i>Au Pair</i> , segundo as agências.....	143
Quadro 6 - Número de crianças cuidadas pelas <i>Au Pairs</i> entrevistadas.....	148
Quadro 7 - Quadro com síntese de informações das famílias entrevistadas .....	150

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>1 PONTO DE PARTIDA: A PRODUÇÃO DA PESQUISA EM UMA PERSPECTIVA SITUADA</b> .....	<b>19</b>
1.1 COMO UMA EXPERIÊNCIA PESSOAL SE TRANSFORMA EM TEMA DE PESQUISA.....	22
1.2 CONTEXTO GERAL DA PESQUISA.....	34
1.3 PESQUISA COM E NAS MÍDIAS DIGITAIS .....	41
1.4 PESQUISA MEDIADA E MULTISITUADA: A BUSCA POR INTERLOCUTORES .....	48
1.5 O TRABALHO DE CAMPO NA HOLANDA E SEUS DESDOBRAMENTOS COM O ADVENTO DA PANDEMIA .....	56
<b>2 IMIGRAÇÃO BRASILEIRA NA HOLANDA: UMA DISCUSSÃO A PARTIR DO FUNCIONAMENTO E TRAJETÓRIA DO PROGRAMA <i>AU PAIR</i> NO PAÍS ..</b>	<b>65</b>
2.1 ORIGEM DO PROGRAMA <i>AU PAIR</i> : ALGUNS APONTAMENTOS HISTÓRICOS E SUA RELAÇÃO COM O DEBATE SOBRE CADEIAS GLOBAIS DE CUIDADO .....	70
2.2 AS TRANSFORMAÇÕES DAS REGRAS DO PROGRAMA <i>AU PAIR</i> NA HOLANDA AO LONGO DO TEMPO.....	77
2.3 INTRODUÇÃO AOS PERFIS DAS <i>AU PAIRS</i> ENTREVISTADAS E SUAS MOTIVAÇÕES .....	91
<b>3 PLATAFORMAS E INTERATIVIDADE: FORMAS DE INTERMEDIÇÃO DAS <i>AU PAIRS</i> BRASILEIRAS NA HOLANDA EM DOIS CONTEXTOS.....</b>	<b>105</b>
3.1 O USO DOS BLOGS: DIÁRIOS PESSOAIS ONLINE.....	105
3.2 DO ORKUT AO FACEBOOK: AS COMUNIDADES ONLINE.....	109
3.3 O INSTAGRAM .....	112
3.4 O YOUTUBE .....	114
3.5 O WHATSAPP .....	115
3.6 O WEBSITE <i>AU PAIR</i> WORLD: TINDER DAS <i>AU PAIRS</i> .....	117
3.7 O PROCESSO DE INTERMEDIÇÃO DAS AGÊNCIAS DE <i>AU PAIR</i> NA HOLANDA E SUA GOVERNALIDADE .....	123
<b>4 O PROGRAMA <i>AU PAIR</i> E SUAS INTERFACES COM OS DIFERENTES CIRCUITOS DE CUIDADO NA HOLANDA .....</b>	<b>136</b>

4.1 AS AGÊNCIAS: CARACTERÍSTICAS GERAIS E SUAS REPRESENTAÇÕES SOBRE PROGRAMA <i>AU PAIR</i> .....	138
4.2 RELAÇÕES DE TRABALHO E FAMÍLIA NA HOLANDA .....	148
4.3 DESLIZE DE SENTIDOS: O <i>AU PAIR</i> NA INTERSECÇÃO DO CUIDADO COMO AJUDA, TRABALHO E OBRIGAÇÃO .....	169
<b>5 <i>AU PAIR</i> NA HOLANDA: INTERCÂMBIO CULTURAL OU MIGRAÇÃO LABORAL?</b> .....	<b>179</b>
5.1 RELAÇÕES DE TRABALHO E CONSUMO: UMA DISCUSSÃO.....	180
5.1.1 BIANCA: “O <i>AU PAIR</i> FOI MEU PRIMEIRO EMPREGO”.....	180
5.1.2 PAULA: “EU ERA MEIA ESCRAVA, TINHA HORÁRIO PRA ENTRAR, MAS NÃO TINHA HORÁRIO PRA SAIR” .....	182
5.1.3 CARLA: “SE EU SOUBESSE, EU TERIA SIDO <i>AU PAIR</i> COM 18 ANOS, TERIA SIDO <i>AU PAIR</i> A VIDA INTEIRA”.....	184
5.1.4 LAIS: “VIR PARA HOLANDA NÃO ESTAVA NOS MEUS PLANOS”..	187
5.2 ENTRE O QUE É PRESCRITO E O REAL: A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO DA <i>AU PAIR</i> .....	190
5.3 A CONCEPÇÃO DO PROGRAMA <i>AU PAIR</i> COMO TRABALHO E CONSUMO .....	199
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>211</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>216</b>
<b>APÊNDICE 1 – Questionário “Imigração brasileira nas cadeias globais de cuidado: um estudo sobre <i>Au Pairs</i> na Holanda” .....</b>	<b>231</b>
<b>APÊNDICE 2 – Questionário “Brazilian immigration in global care chains: a study on Brazilian <i>Au Pairs</i> in the Netherlands” .....</b>	<b>235</b>
<b>APÊNDICES 3 – Roteiro das entrevistas semidiretivas .....</b>	<b>238</b>

## INTRODUÇÃO

Esta tese busca apresentar reflexões sobre o *Au Pair*<sup>1</sup>, concebido como uma forma de intercâmbio cultural por agências intermediadoras e órgãos oficiais, na qual o sujeito participante é hospedado na casa de uma família estrangeira por um período pré-determinado, geralmente de um ano, podendo ser estendido, a depender das regras de cada país<sup>2</sup>. Durante esse tempo, a pessoa fica responsável pelo cuidado com as crianças da família e por realizar pequenas tarefas domésticas<sup>3</sup> em troca de uma pequena remuneração<sup>4</sup>, hospedagem e alimentação. Os requisitos<sup>5</sup> para participar desse intercâmbio são que as pessoas tenham idade entre 18 e 30 anos<sup>6</sup>, sejam solteiras<sup>7</sup> e não possuam filhos<sup>8</sup>. O *Au Pair* é uma categoria polissêmica e esta tese vislumbra interrogar os seus sentidos para os diferentes atores envolvidos nessa atividade, assim como o significado dos deslizamentos de sentidos em termos de relações de trabalho, de gênero e de formas de autonomização como de exploração.

Iniciei a pesquisa sobre este intercâmbio a partir dos escritos de alguns estudiosos que discutem a ideia de “cadeia global de cuidado” (HOCHSCHILD, 2017) para pensar o fenômeno do intenso aumento da imigração feminina para o desempenho de atividades relacionadas ao cuidado. Os estudos desse campo têm problematizado a existência de uma “crise de cuidado” sistêmica, engendrada em um processo de internacionalização do trabalho de reprodução social, onde o trabalho considerado “sujo” – como é o caso do doméstico – é transferido para imigrantes, em uma relação desigual entre países do Sul/Norte ou Leste/Oeste (FRASER; LEONARD, 2016).

---

<sup>1</sup> O termo é de origem francesa e significa ao par ou igual.

<sup>2</sup> Holanda e Bélgica não permitem o prolongamento do Programa por mais de um ano, enquanto EUA e França permitem, por exemplo.

<sup>3</sup> Apesar da representação simbólica do programa relacionar o *Au Pair* com a figura de uma babá, há possibilidade de realizar o programa em uma família anfitriã sem filhos.

<sup>4</sup> Que eles denominam de *Pocket Money*, uma espécie de mesada.

<sup>5</sup> Os requisitos variam de acordo com o país. Estes informados são para o destino pesquisado que no caso é a Holanda.

<sup>6</sup> Finlândia, França, Holanda, Luxemburgo, Noruega e Suécia admitem *Au Pair* de até 30 anos, Dinamarca até 29, Áustria até 27 anos, Alemanha e EUA até 26 anos e Bélgica até 25 anos. Em outubro de 2022, a Holanda passou a admitir apenas pessoas até 25 anos.

<sup>7</sup> Não há restrição de sexo para ser *Au Pair*, mas por exercer atividades tradicionalmente femininas, dentre outros fatores, as participantes são majoritariamente mulheres.

<sup>8</sup> Em alguns países, existem *Au Pair* casadas ou separadas e com filhos, por não haver a proibição explícita, mas, em geral, não é comum.

Para o estudo aqui desenvolvido, parto do entendimento de que o Programa de Intercâmbio Cultural *Au Pair* se constitui como uma expressão das relações do trabalho de cuidado, pois a migrante (intercambista) tem como responsabilidade o trabalho doméstico e de cuidado com as crianças na família anfitriã. Assim, qual seria a razão de se ter uma intercambista, no lugar de pessoas residentes no país, para a realização dos cuidados infantis? Seria só por interesse de troca cultural, como se revela enquanto Programa de Intercâmbio, ou isso, na verdade, esconderia uma integração a um conjunto de possibilidades que as famílias estrangeiras encontraram como solução para o equilíbrio entre trabalho e família?

Tendo isso em vista, a hipótese inicial era de que o Programa *Au Pair* vem sendo utilizado como uma forma mais barata de cuidado infantil, uma vez que a iniciativa não é vista e reconhecida como um trabalho, mas como um intercâmbio cultural, no qual não há vínculo empregatício e, conseqüentemente, o intercambista não tem acesso a direitos trabalhistas. Assim, busco pensar como o *Au Pair* se insere nesses novos processos migratórios, nos quais o cuidado torna-se a expressão de uma nova forma de divisão sexual internacional do trabalho (HIRATA, 2016).

Para o desenvolvimento da pesquisa foi definido o estudo de *Au Pairs* brasileiras na Holanda. A escolha desse recorte geográfico (Holanda) se justifica por ser um dos destinos europeus mais comuns entre as brasileiras que buscam vivenciar este intercâmbio na Europa, e, também, pelo fato de eu ter vivido naquele país a experiência de ser *Au Pair* durante os anos de 2008 e 2009<sup>9</sup>. Isso fez com que se tornasse mais possível o resgate de participantes do programa para o estudo, tendo em vista o contato que obtive com pessoas que conheci no período, tornando a minha iniciativa mais exequível, visto que muitos dos interlocutores faziam parte das minhas redes sociais latentes, contribuindo com dados para pesquisa.

À luz disso, foram estabelecidos dois grupos comparativos: as pessoas que foram *Au Pairs* há pelo menos dez anos (2008-2012) e pessoas<sup>10</sup> que viveram esta experiência no período da coleta de dados da pesquisa (2018-2022). O intuito foi comparar diferentes conjunturas no país de origem e de chegada; assim como as

---

<sup>9</sup> No item 1.1 *Ponto De Partida: como uma experiência pessoal se transforma em tema de pesquisa*, do presente texto, faço um relato do porquê esta experiência ter me marcado, deixando rastros até me motivar fazer uma tese sobre este assunto.

<sup>10</sup> A proposta inicial era encontrar *Au Pairs* de ambos os sexos para participarem da pesquisa, mas, apesar do esforço para encontrar esses interlocutores, não consegui *Au Pairs* do sexo masculino.

trajetórias de participantes do primeiro grupo ao longo do tempo, como meio de questionar certos usos desse tipo de “dispositivo migratório”.

Outra justificava para este recorte temporal é que o programa sofreu modificações na sua regulamentação, sendo que até 2012, o uso de agências intermediadoras não era obrigatório, quando, na maioria das vezes, eram utilizados websites específicos de combinação na qual candidatas a *Au Pair* do mundo inteiro se conectavam com possíveis famílias anfitriãs. Após 2013, o governo holandês concedeu a algumas agências a autorização para serem patrocinadoras (*sponsor*) das imigrantes, concedendo poderes para requerer o visto temporário de residência, tendo em contrapartida a obrigação da administração da documentação requerida, bem como de acompanhamento e orientação quanto ao cumprimento das regras do programa.

Todos os anos cerca de 1200 *Au Pair* de todo mundo participam do programa na Holanda<sup>11</sup>. O Brasil é um dos países que mais exportam *Au Pairs* para Holanda dentre os latino-americanos, ao lado da Colômbia, Peru e México, que possuem juntos uma fatia de 34% do total de *Au Pairs* no país. Em um contexto mundial, os principais países exportadores de *Au Pair* para Holanda são Filipinas, com 23%, seguido da África do Sul, com 21% do total (DE SCHANS; GALLOWAY; LANSANG, 2014).

Nesse sentido, a pesquisa teve a intenção de apreender as diferentes motivações, sentidos, estratégias e interesses mobilizados pelos sujeitos e que perpassam as dinâmicas migratórias no âmbito do *Au Pair*, marcadas por diversas desigualdades sociais – gênero, classe, raça, nacionalidade, etc. – presentes nesse processo, visando compreender a especificidade deste trabalho de cuidado e como questões públicas e privadas se entrelaçam neste fenômeno social.

Assim, parti das análises de relatos daqueles que participaram desse tipo de intercâmbio, tendo como foco suas motivações para entender a constituição do *Au Pair* a partir de suas estratégias durante os procedimentos de ida, sua estadia no exterior e as consequências do processo migratório nas trajetórias das pessoas participantes. Posteriormente, realizei uma reflexão sobre os processos mais gerais de estratificação, exploração e reprodução das desigualdades sociais bem como

---

<sup>11</sup> Ver mais em: IND. Au Pairs. Disponível em: <https://ind.nl/en/about-us/background-articles/au-pairs>. Acesso em: 27 abr. 2023.

sobre questões relacionadas às políticas migratórias, a relação entre Mercado/Estado/Família, de forma conjunta, buscando compreender a especificidade do trabalho do *Au Pair* na Holanda diante de outros trabalhos de cuidado, como o da babá, da faxineira, etc.

Dessa maneira, busco trazer contribuições para o debate sobre diferentes questões utilizando de uma perspectiva multiescalar de análise. Dentre elas, as diferenças e as desigualdades que perpassam várias relações sociais de poder que se interpõem durante este trabalho, expressas em: a relação *Au Pair*/família anfitriã; *Au Pair*/agência de intercâmbio; estrangeiro/nativo; empregado/patrão. Além disso, como dessas relações sociais emergem estratégias, hierarquias, tensões e negociações dentro de um contexto político mais amplo (refletindo tanto sobre política imigratória, quanto política estatal holandesa e a questão da conciliação trabalho e família). Assim, adquire importância, como questão sociológica, a investigação da relação entre o sentido dado pelas *Au Pairs* para o seu trabalho de cuidado, e também o contexto social e a conjuntura mais ampla nas quais essa atividade foi/é exercida.

Dos estudos realizados sobre o Programa de *Au Pair*, uma parte enfatiza os mecanismos de reprodução das desigualdades e discriminações de gênero ao transferir esse trabalho a outras pessoas, sendo ele uma forma de precarização do trabalho de cuidado (REDONDO, 2010; VILLA, 2010; DURIN, 2014; PÉREZ, 2014). Por outro lado, há, também, um conjunto de pesquisas que têm enfatizado aspectos diversos, como as percepções de si das *Au Pairs* no país estrangeiro, a cultura material delas a partir da análise da decoração de seus quartos, além das diferenças da construção da representação de papéis distintos entre *Au Pairs* do sexo feminino e masculino (BÚKOVA, 2006; TKACH, 2016; ROHDE, 2014; DALGAS, 2016).

Durante o primeiro ano do doutorado, a leitura de estudos sobre essa modalidade de intercâmbio no mundo e de temas relacionados, fizeram com que eu repensasse a hipótese inicial da pesquisa. Questionei-me se estava fazendo generalizações ao pensar as *Au Pairs* brasileiras na Holanda apenas como mão de obra barata inserida dentro de uma cadeia global de cuidado desigual entre países do eixo Norte/ Sul. Progressivamente, entendi que não posso reduzir a compreensão deste trabalho de cuidado como mais um caso de trabalho precarizado, pois apesar das ambiguidades e contradições presentes nele, há também agência por parte quem o exerce.

As interlocutoras relataram que consomem esse intercâmbio e prestam um serviço de cuidado como uma estratégia para diversos fins, como a oportunidade de viver no estrangeiro, mesmo que por um curto período de tempo; a realização de viagens internacionais; o aprendizado de uma língua e cultura estrangeira; ou ainda, como uma forma de conseguir estadias mais prolongadas, via casamento ou a partir da realização de curso universitário no exterior. Isso fez com que eu passasse a pensar o programa não apenas como uma forma de trabalho, mas também uma forma de trabalho que se confunde muitas vezes com consumo de um produto cultural (o intercâmbio em outro país).

Apesar de poder enquadrar o *Au Pair* como um trabalho de cuidado – caracterizado como um labor físico, cognitivo, sexual, relacional e emocional (SOARES, 2012), que expressa a interdependência entre relações de classe, de sexo e de raça (KERGOAT, 2016), ele se diferencia de outras relações de trabalho de cuidado descritos por Hochschild (2017). Esta última autora descreve, em seu ensaio “Love and Gold”, sobre imigrantes das Filipinas, Índia e México, por exemplo, que deixam as suas famílias e os filhos para exercerem o trabalho de cuidado de crianças americanas. A diferenciação ocorre, pois, a autora se refere a mulheres que deixam de exercer o papel tradicional em seus lares (trabalho não pago) para exercer esse mesmo trabalho em troca de algum rendimento, mesmo que mal pago e desvalorizado em um contexto distinto do caso do *Au Pair*.

Em outro estudo de Hochschild (2012), dessa vez sobre babás e mães de aluguel, ela elenca algumas características dessas trabalhadoras migrantes no mercado global de cuidado: 1) Há ruptura com a família, tendo custos emocionais, já que estas mulheres deixam seus filhos pequenos para trás; 2) A imigração está dentro de uma estratégia familiar de sobrevivência, já que tem como principal objetivo a sustentação financeira da família de origem.

Apesar de a *Au Pair* fazer parte de um processo de transferência da responsabilidade de cuidado, na qual mulheres do Norte Global utilizam esta mão de obra barata como estratégia de equilíbrio entre trabalho e família, as *Au Pairs* brasileiras entrevistadas neste estudo, por conseguinte, não transferem responsabilidades de cuidado para ninguém no país de origem, pois são mulheres solteiras e sem filhos, as quais não possuem como motivação da migração o sustento

financeiro de sua família de origem em nome de remessas de dinheiro (FRASER, 2020).

Neste caso, há outras realidades e contextos envolvidos na configuração de desigualdades de poder entre família/agência e *Au Pair*. Trata-se de uma experiência de trabalho temporária, com base em uma atividade que, na maioria dos casos, não seria exercida em seus países de origem e, desta forma, exige atenção quanto a essas singularidades.

Assim, tendo em vista estas considerações iniciais, além do pressuposto do contexto neoliberal de enxugamento dos gastos públicos, minha inquietação me leva a investigar quais estratégias são utilizadas pelas famílias holandesas para suprir suas necessidades de cuidado e reprodução social bem como essas estratégias se cruzam com as trajetórias e motivações de *Au Pairs* brasileiras.

Diante disso, questiono: Quem são essas *Au Pairs*? Qual é a experiência delas nesse arranjo? Como se configuram suas escolhas e trajetórias para outro país? O que leva as famílias estrangeiras a procurarem jovens de outros países para serem *Au Pair* em suas residências? Como esses jovens se veem e são vistos por suas famílias anfitriãs? Qual é a especificidade dessa modalidade de trabalho? Qual é o papel das agências intermediadoras dentro dessa configuração?

De modo a tratar destas experiências distintas, busquei cruzar os perfis, motivações e estratégias, tanto de famílias holandesas para suprir o cuidado dos filhos, quanto o significado desse intercâmbio para as brasileiras que foram ser *Au Pairs*. Algo semelhante ao que Kofes (2001) fez em sua pesquisa sobre diferenças e desigualdades na relação entre patroas e empregadas.

Em suma, o objetivo geral da pesquisa foi examinar as condições objetivas e subjetivas que sustentam as experiências de jovens brasileiras que participaram do Programa *Au Pair* na Holanda durante o período de 2008 a 2022, a partir de uma perspectiva feminista que leve em conta e problematize as intersecções de classe, raça e gênero, bem como a centralidade do cuidado na compreensão das relações desiguais de poder presentes no objeto de estudo em questão.

Para a execução do estudo, foram estabelecidos quatro objetivos específicos:

- 1) Aprender e comparar os perfis e motivações de brasileiras que foram *Au Pairs* na Holanda em dois períodos distintos (os anos de 2008-2012 e 2018-2022) de modo

a explicitar os diferentes contextos e as transformações na regulamentação, e, conseqüentemente, no funcionamento do programa nesse intervalo de tempo; 2) Analisar os diferentes circuitos de cuidado na Holanda, bem como os perfis e as motivações das famílias anfitriãs no uso programa *Au Pair*, de modo a verificar se o mesmo se constitui em uma estratégia de barateamento dos custos com o trabalho do cuidado; bem como problematizar as representações do *Au Pair* como uma forma de intercâmbio cultural em contraposição aos seus usos e a ideia de trabalho migratório; 3) Refletir sobre o papel das agências de intermediação na produção e reprodução do programa; 4) Apresentar as estratégias, recursos (materiais e imateriais) e redes mobilizadas (*online e off-line*) pelos agentes envolvidos de modo a explicitar formas de resistência e de disputa em torno do que é prescrito e o que é realmente vivenciado no ponto de vista das *Au Pairs*.

O presente texto está estruturado em cinco capítulos:

- 1) No primeiro capítulo apresento o ponto de partida da pesquisa que se deu a partir de uma perspectiva situada, no sentido de que a ideia da pesquisa se deu a partir de minha própria experiência como *Au Pair* na Holanda. Dessa forma, a minha própria história é por diversos momentos recuperada num processo autorreflexivo e analítico a partir dos estudos de gênero e cuidado. Além disso, busco contextualizar o recorte temporal escolhido e trazer em evidência como as mídias digitais fazem parte não apenas do processo de coleta de dados em si, mas da própria constituição do objeto de estudo;
- 2) O segundo capítulo faço uma discussão do Programa *Au Pair* a partir do debate das cadeias globais de cuidado, situando outros estudos sobre o funcionamento do programa em diferentes países; bem como reflito sobre o espaço ocupado pelas brasileiras dentro deste contexto migratório na Holanda. Também explico as diversas modificações ocorridas nos últimos anos e a motivação do governo holandês para realiza-la. Finalizo com uma breve caracterização dos perfis das brasileiras entrevistadas nos dois períodos pesquisados;
- 3) O terceiro capítulo busco caracterizar as principais plataformas e mídias digitais utilizadas pelas participantes do Programa *Au Pair* da Holanda, bem como descrevo como foi realizada as entrevistadas no contexto *online* antes e durante a pandemia, suas conseqüências, bem a importância da realização do trabalho

de campo na Holanda, mesmo este sendo feito posteriormente, mas que trouxe *insights* importantes para pesquisa. Além disso, apresento o funcionamento dos processos de intermediação das agências de *Au Pair* na Holanda e sua governabilidade;

- 4) No quarto capítulo analiso o Programa *Au Pair* e suas interfaces com os diferentes circuitos de cuidado na Holanda e os sentidos deste enquanto trabalho, obrigação e ajuda;
- 5) No quinto e último capítulo retomo as entrevistas de algumas interlocutoras de forma a discutir como o trabalho é prescrito e como ele é efetivamente na prática segundo os relatos das participantes, bem como busco argumentar como trabalho e consumo se confundem.

## 1 PONTO DE PARTIDA: A PRODUÇÃO DA PESQUISA EM UMA PERSPECTIVA SITUADA

A elaboração da presente tese parte de um esforço para repensar de forma crítica a minha própria memória e experiência vivida como *Au Pair* na Holanda em 2008-2009. Este esforço tem como propósito a problematização e objetivação de algo subjetivo, no sentido que se busca fazer reflexões com base nos estudos de cuidado e de gênero recentes.

Durante o desenvolvimento da pesquisa de doutorado venho desconstruindo a forma como havia internalizado o que é fazer pesquisa nas ciências sociais. Minha formação inicial na Universidade Estadual de Londrina durante os anos 2004-2008 foi bastante influenciada por uma visão tradicional positivista. Um exemplo disso é o treinamento da escrita de forma impessoal com a utilização da terceira pessoa do plural (“nós”), por exemplo, pois escrever na primeira pessoa do singular (“eu”) era visto como algo anticientífico.

Os bastidores da pesquisa também são, muitas vezes, suprimidos a partir de uma noção de “objetividade” baseada na “descorporização” do pesquisador e da qual Donna Haraway (1988) tece críticas e argumenta da importância de uma perspectiva situada, ou seja, que parte de uma relação e experiência sensível parcial e que interfere diretamente no tipo de análise realizada. Desse modo, as considerações de Donna Haraway (2009) sobre saberes localizados tornaram-se importantes para repensar a minha pesquisa, me fazendo levar em consideração o meu próprio posicionamento diante de meus interlocutores.

Desse modo, busquei reconhecer a parcialidade do meu olhar, isso é, as suas limitações e corporiedades. Para tanto, busquei a pensar esta pesquisa de forma mais consciente em relação a quem escreve, ou seja, eu, uma mulher, brasileira, branca, de classe média, que estudou em escolas e universidades públicas<sup>12</sup> e que quis estudar algo que lhe é familiar e conhecido; que vivenciou a experiência de ser *Au Pair* brasileira na Holanda, que aqui se torna objeto de conhecimento.

---

<sup>12</sup> Importante salientar que a passagem do Ensino Médio Público para o Ensino Superior Público não é realizada de forma natural, dado aos processos excludentes em meio à desigualdade social brasileira, sendo que a maior parte das vagas do Ensino Superior Público muitas vezes são ocupadas por classe sociais mais abastadas, que tiveram suas trajetórias escolares no Ensino Básico em Instituições Privadas (SAMPAIO, 2011).

Este processo significa estar lúcida de que o meu posicionamento no mundo interfere de uma forma específica a minha busca por informações junto a outras jovens brasileiras que viveram a mesma experiência, ou estão em busca de viver. Para além disso, a tese traz dados coletados junto a instituições e outros atores envolvidos no Programa *Au Pair* como agências intermediadoras e famílias estrangeiras anfitriãs. Assim, parto da noção de que o trabalho intelectual é embutido de aspectos subjetivos e objetivos, apesar de nossos esforços para construir abstratamente um método e objeto de estudo como se fosse ao neutro ou passível de neutralidade (BERRY et al, 2017; BAIRD, 2018).

Assim, os relatos autobiográficos presentes neste trabalho foram a forma que encontrei de caracterizar o meu objeto de estudo. Sem me esquecer, entretanto, que essa forma deveria estar pautada em um certo esforço na recomposição da memória de uma brasileira que foi *Au Pair* na Holanda, e, que, agora, estava elaborando uma tese de doutorado em sociologia na UFSCar. A coleta de outras trajetórias, bem como de outros dados, nas diferentes mídias sociais utilizadas por quem participa deste intercâmbio, foram utilizadas para a produção de evidências e argumentação do texto.

Inspirei-me, assim, em Santos (2017), que discorre sobre a autoetnografia como uma metodologia autorreflexiva que busca analisar sobre as experiências e ações dos sujeitos da pesquisa em relação/interação com as memórias vivenciadas pelo pesquisador, sem deixar de se levar em consideração que estas experiências no plano micro são atravessadas por processos macrossociais da conjuntura política, econômica e social que estruturam as trajetórias tanto do pesquisador quanto dos sujeitos da pesquisa. Não se trata de querer ser “autêntico”, “sincero” ou “verdadeiro” a partir do relato do que foi por mim vivido. Pois, como Lahire (2004) discute, este processo não é neutro, afinal, quando escolhemos falar do nosso passado, isto se dá a partir do ponto de vista de quem nos tornamos no momento presente e do enquadramento que queremos dar a determinada memória.

Sobre a conjuntura em que se insere esta tese, entendo que eventos de ruptura imprimem singularidade a uma época, pautando narrativas e representações do mundo, isto é, uma forma de visão hegemônica de determinada situação histórica, reorganizando relações de poder, da qual produzem efeitos concretos em processos tanto coletivos quanto individuais (GEORGES; GIRAUD, 2022).

Gosto de pensar que determinada conjuntura cria determinadas possibilidades de eventos que podem ser entendidos no sentido asseverado por Becker (2018), sobre o “acaso” ser uma forma de contingência, ou seja, de que um evento/situação abre espaço para a sucessão de outros eventos que são interdependentes uns dos outros. O autor também se utiliza da ideia do “hipertexto” para explicar o “acaso”, no sentido de que um texto (ou evento) pode conter “nodes” que ligam a muitos outros “nodes”, esses entendidos como caminhos possíveis que não possuem uma ordem fixa, abrigando um leque de alternativas e elos que se conectam entre si.

Além disso, destaco a importância de se pensar como diferentes tipos de plataformas e mídias digitais mediam o Programa *Au Pair* na atualidade para pensar a atual conjuntura e geração<sup>13</sup>, em uma dinâmica de rede ou conectividade (VAN DICK, 2016), que, em certa medida, facilitou a sociabilidade entre famílias estrangeiras e *Au Pairs* brasileiras na Holanda, remodelando, assim, práticas sociais já previamente existentes antes do surgimento da internet, e que agora se integram em uma conjuntura nova de reconfiguração da divisão sexual do trabalho (HIRATA; KERGOAT, 2007).

Considerando que o objeto de pesquisa perpassa múltiplas situações que inclui a minha própria experiência, e redes sociais online e off-line de pessoas de diferentes contextos sociais no Brasil e na Holanda, a pesquisa buscou se orientar a partir da noção de campo-tema de Spink (2003). Esta noção considera o campo não apenas como um lugar geográfico específico, mas laços sociais vinculados não apenas a minha relação com o tema pesquisado, mas também as redes complexas de sentido que são constituídas desde a construção da problemática da pesquisa que busca desnaturalizar dicotomias entre sujeito e objeto investigado até o desenvolvimento da pesquisa em si da qual se envolve um processo de intensa negociação na aproximação de pessoas, lugares e eventos imbrincados ao campo-tema em questão.

Diante dessa noção, busco, nos próximos subitens deste capítulo, não só me situar e problematizar o meu lugar dentro do campo-tema de estudo como também contextualizar as redes de sentidos que se conectam tanto em redes sociais online

---

<sup>13</sup> Entendido, no sentido mannheimiano, como um pertencimento mútuo de indivíduos a um campo específico de possibilidades e de ações dentro de um mesmo âmbito sócio-histórico de vida, que não se limita apenas à questão da data cronológica do tempo (WELLER, 2010).

quanto redes sociais off-line e que sustentam as relações sociais assimétricas de gênero entre o Norte e o Sul Global.

## 1.1 COMO UMA EXPERIÊNCIA PESSOAL SE TRANSFORMA EM TEMA DE PESQUISA

Este subitem tem como objetivo principal apresentar como a minha subjetividade e trajetória se relacionam ao objeto de estudo. Começo dizendo que o interesse pelos estudos sobre o cuidado originou-se após eu cursar, em agosto de 2017, uma disciplina na Universidade de São Paulo (USP) chamada "Gênero e Trabalho. Desafios Nacionais, Debate Internacional", que foi ministrada pelas professoras Nadya Araújo Guimarães e Helena Hirata.

Fiquei muito interessada no programa da disciplina, principalmente por ter como objeto a reflexão sobre o campo dos estudos de gênero e trabalho, temática diretamente relacionada à discussão que desenvolvi no mestrado<sup>14</sup>. Havia desenvolvido uma discussão sobre as relações de trabalho de professoras da Rede Estadual de São Paulo em um Programa Estadual de Ensino Integral (OLIVEIRA, 2015). Naquele momento, já utilizava categorias como “divisão sexual do trabalho”, “trabalho reprodutivo”, entre outras, mas nunca tinha lido nada sobre a categoria “cuidado” e estudos sobre “trabalho de cuidado”.

Minha dissertação de mestrado em Educação apresenta uma pesquisa sobre a intensificação do trabalho docente, a partir do exame das principais intervenções da gestão da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo (Governo de Geraldo

---

<sup>14</sup> O estudo traz uma contribuição quanto aos impactos de uma política educacional no cotidiano escolar. A partir da vivência dos trabalhadores da educação, demonstra a importância de se adotar o recorte de gênero para a reflexão sobre a intensificação do trabalho docente. Apesar do governo estadual argumentar sobre o Programa em questão ser uma política de valorização do trabalho docente, por trazer uma bonificação no salário, promessas de melhores condições de trabalho e a jornada integral em uma única escola, na verdade, acaba por seduzir e justificar um processo de trabalho cada vez mais intensificado. Além disso, a pesquisa contribui na reflexão sobre a importância de se levar em consideração a condição de vida das mulheres na formulação de políticas públicas, pois a intensificação do trabalho é multiplicada e intercalada com as responsabilidades profissionais e familiares das professoras. Ver mais em: OLIVEIRA, Bruna Padilha de. **O essencial é invisível aos olhos**: a emulação à escola produtivista e a subsunção das múltiplas jornadas das professoras no programa de ensino integral de são paulo. 2017. 142 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Rio Claro, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/151898>. Acesso em 27 abr. 2023.

Alckmin do PSDB) na formulação do Programa Escola Integral. Neste, a partir do recorte de gênero, parto do pressuposto de que as vivências temporais das mulheres se multiplicam entre o trabalho doméstico e profissional.

A temática de pesquisa em questão surgiu a partir das minhas experiências enquanto professora de Sociologia do Ensino Médio e da minha participação em coletivos relacionados a movimentos de lutas de professores da rede estadual de ensino do estado de São Paulo e também a coletivos feministas da cidade de Rio Claro, onde residia no período.

Assim, tendo iniciado a disciplina na USP, após ter finalizado a pesquisa de mestrado, tive contato pela primeira vez com as discussões sobre a expansão da migração feminina para os países do Norte Global para trabalharem na prestação de serviços relacionados ao cuidado, o que me trouxe lembranças de quase 10 anos atrás.

Isso porque, no ano de 2008, quando estava finalizando a graduação em Ciências Sociais na Universidade Estadual de Londrina (UEL), quis trabalhar como *Au Pair* na Holanda. Eu havia conhecido esse intercâmbio através de uma prima que estava na Holanda, e, acabei indo também, logo em seguida, pois sempre tive vontade de morar no exterior, o que não estava no campo das possibilidades de realização, pois não era algo que eu acreditava poder custear com meus recursos financeiros.

Na ocasião do curso da USP, foram discutidos alguns estudos que apontavam para uma crise do cuidado a partir de uma crescente entrada de mulheres no mercado de trabalho (ABRAMO, 2007). Crise essa decorrente de mecanismos tradicionais da divisão sexual do trabalho, combinada com a diminuição do tempo disponível das mulheres para o trabalho de cuidado no lar de origem, já que muitas delas passaram a participar do mercado de trabalho.

Desta forma, ao não quebrarem o ciclo de reprodução das desigualdades e discriminações de gênero, houve um processo de transferência desse trabalho para outras mulheres, resultado de uma pobreza de tempo, por conta das múltiplas jornadas, com o acréscimo de responsabilidades a serem realizadas no dia a dia pelas mesmas (ABRAMO; VALENZUELA, 2016).

Lisboa (2006), ao estudar as migrações internacionais femininas para o trabalho doméstico, aponta que a entrada das mulheres europeias no mercado de

trabalho, juntamente com a corrosão do Estado de Bem-Estar Social, teve como contrapartida o crescimento da demanda por trabalho de cuidado. Assim, aquilo que até então era desempenhado pela família ou por instituições especializadas, passou a recrutar a mão de obra de migrantes, a fim de exercerem um trabalho historicamente desvalorizado e ideologicamente atribuído como de responsabilidade das mulheres.

Desta forma, indaguei-me se minha experiência como *Au Pair* na Holanda, entre os anos de 2008 e 2009, poderia ou não ser pensada a partir dessas discussões e questionamentos. E, posteriormente, isto de fato se transformou em tema de pesquisa, pois a partir das reflexões realizadas nesta disciplina, construí o projeto de pesquisa de doutorado, o qual submeti ao edital de seleção do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de São Carlos (PPGS-UFSCAR) do ano de 2017.

A exata lembrança, que me veio à cabeça, e que me levou ao me interessar sobre o trabalho de *Au Pair*, foi a ocasião na qual questionei à mãe das três crianças pelas quais fiquei responsável na época, sobre o porquê de ela não contratar uma pessoa local para exercer os trabalhos, pois me admirava a confiança que ela dava a uma pessoa estranha para executar esse serviço.

Eu havia ficado intrigada e quis saber a motivação de buscar uma *Au Pair*, uma vez que além de demandar à família anfitriã um grande trabalho burocrático (e.g. vistos, passagem, tradução de documentos, etc.), no processo havia o risco implícito de trazer um “estranho”, de outro país, para dentro de sua casa com a função de cuidar de seus filhos. Sendo assim, qual seria o interesse ou a motivação para tanto? A resposta que obtive naquela época foi de cunho econômico, com a alegação de que era caro contratar a mão de obra local. Mas, a resposta da anfitriã não me satisfaz, e, com a referida lembrança, me surgiu grandes questionamentos durante a disciplina cursada na USP em questão.

Foram eles: seria o Programa do *Au Pair* uma forma de barateamento dos serviços de cuidado infantil? O *Au Pair* poderia ser pensado dentro da divisão internacional do trabalho doméstico ou de trabalho de cuidado, no qual se transfere a responsabilidade para alguém que está em desvantagem no quadro de escala social, inserido numa “cadeia de cuidados global” (HOCHSCHILD, 2017)? Este intercâmbio poderia ser, ou não, pensado a partir do processo de globalização, dos fluxos migratórios que são forjados com o objetivo de garantir a manutenção do sistema

econômico capitalista, de modo a favorecer a hegemonia dos países ricos à custa de seres humanos que estão em situação desvantajosa, seja por sua condição de classe, raça, gênero, nacionalidade?

Ao repensar este diálogo, mediado pelos estudos sobre o *care*, com o qual estava tendo contato quase dez anos depois da experiência como *Au Pair*, me pensei como uma imigrante explorada ao exercer o trabalho de cuidado e, assim, como mão de obra barata na Holanda. Nesse sentido, a primeira versão do projeto partiu da hipótese inicial do *Au Pair* como uma forma de barateamento e precarização do trabalho de cuidado infantil, hipótese esta que, como mencionado, foi repensada e reformulada posteriormente.

Desta forma, a presente pesquisa se insere no debate sobre migrações internacionais para o trabalho doméstico, sobre as quais, estudos apontam para um crescimento no mundo dos fluxos de mulheres que saem de seus países de origem (a maioria de países periféricos<sup>15</sup>) para a realização de trabalho de cuidado, como o de enfermeira, babá, doméstica, entres outras atividades, nos países centrais (LISBOA, 2007), no contexto do que incluiu o Programa de Intercâmbio *Au Pair*.

O trabalho de cuidado bem como o trabalho doméstico gratuito ou remunerado, como dito, foi historicamente pouco valorizado e reconhecido, sendo, portanto, caracterizado como um trabalho precário e mal pago (KERGOAT, 2016). Dessa maneira, quando inserido na temática das migrações internacionais femininas, relaciona-se a uma nova divisão internacional do trabalho de serviço e, como consequência, às diversas desigualdades sociais presentes nessa divisão (gênero, classe, raça, nacionalidade, entre outras) (HIRATA, 2016).

O termo “cuidado” é uma categoria analítica emergente na literatura acadêmica, e possui um sentido polissêmico para interpretar as relações de trabalho e de gênero, ademais, o mesmo tem um valor heurístico importante ao revelar “algumas das novas formas de hierarquização do trabalho globalizado (...) [bem como] re-politizar o debate

---

<sup>15</sup> Lisboa (2007, p.812) estudou mulheres filipinas, peruanas e indonésias. Segundo a autora, há um fluxo migratório entre países centrais e periféricos que foram construídos em função dos processos seculares de colonização: “(...) as norte-africanas vão trabalhar na França, Espanha ou Itália; as peruanas, brasileiras e outras latino-americanas vão para a Espanha, Itália, Portugal ou Estados Unidos; as filipinas e indonésias são as preferidas na Alemanha, Inglaterra e Canadá; as albanesas, as da Eritreia ou as da Etiópia vão trabalhar na Grécia e na Itália; por sua vez, as polonesas e russas têm ido em número cada vez maior para França, Itália, Alemanha e Espanha”.

sobre a questão social da dependência e do cuidado, de uma forma muito mais abrangente, política, globalizada e interseccional” (GEORGES, 2017, p. 141).

Na época em que decidi ser *Au Pair*, eu recebia um pouco mais que o salário mínimo da época<sup>16</sup> no Brasil, pois trabalhava como estagiária da Secretaria de Assistência Social da cidade de Londrina, estado do Paraná, atendendo beneficiários do Bolsa Família e outros programas governamentais. Morava com minha mãe, que exercia trabalho doméstico não remunerado e, portanto, exercia o trabalho reprodutivo gratuito, e meu padrasto, que era porteiro e ganhava cerca de um salário mínimo e meio<sup>17</sup>.

Através de minha prima<sup>18</sup>, soube que o processo do *Au Pair* na Holanda tinha um custo muito baixo, pois várias dessas famílias pagavam para a *Au Pair* a passagem, o seguro, o visto e a documentação, sobrando para a *Au Pair* apenas os gastos como a emissão do passaporte e de locomoção até a embaixada da Holanda, em São Paulo, e depois até o aeroporto para o embarque do voo.

Assim, não precisaria gastar com agência, pois tudo poderia ser feito via internet diretamente com a família, através da mediação de um website ([www.aupairworld.com](http://www.aupairworld.com)), que é chamado pelas *Au Pairs* por sua abreviação, APW. Esse procedimento foi o mesmo que eu fiz, sendo, também, o mesmo feito pela maioria das *meninas*<sup>19</sup> com as quais conversei durante o trabalho de campo.

Naquele período, a agência era vista por mim como uma barreira que me impedia de realizar um intercâmbio, pois enquanto uma instituição mercadológica, ela vendia o intercâmbio como um produto que eu entendia que não poderia pagar e, conseqüentemente, consumir. Era, portanto, um desejo inalcançável de consumo. A existência de uma plataforma digital para tal, já trouxe um efeito de sentido diferente,

---

<sup>16</sup> Não me recordo, exatamente, qual era o valor da bolsa de estágio que recebia, mas tentando resgatar a informação com colegas que trabalhavam comigo na época, estes disseram que ganhávamos R\$600 e o salário mínimo na época era de R\$ 415.

<sup>17</sup> Sou filha única e meu pai faleceu quando eu tinha 12 anos. Até os 18 anos, eu recebi uma pensão por morte no valor de um salário mínimo.

<sup>18</sup> Não tinha uma relação próxima com essa prima, trata-se de uma parente de segundo grau que residia em outra cidade. A nossa comunicação se dava através das redes sociais como Orkut e Messenger da conta de e-mail Hotmail.

<sup>19</sup> Denomino *meninas*, pois existe um recorte geracional no perfil das *Au Pairs*, e também por eu ter conversado apenas com interlocutores do sexo feminino. Além disso, é a forma como elas referenciam a si mesmas e as outras *Au Pairs*. Assim, acabo por adotar o termo ao longo do texto, apesar de aparentar infantilização das participantes da pesquisa.

o da não existência de barreiras, pois aparentemente poderia ter contato direto com as famílias anfitriãs disponíveis naquele momento.

Cadastrei-me no APW no dia 29 de janeiro de 2008, fiz o meu perfil e comecei a buscar famílias. Não tinha delimitado apenas Holanda, mas outros países também. A primeira família com a qual comecei a conversar foi a de uma brasileira casada com um francês, que tinha duas filhas pequenas, a mais nova era ainda bebê. A família em questão exigia eu dirigisse, no entanto, eu não tinha muita prática naquele período, mesmo possuindo carteira de motorista. Pois, como não tinha carro, conseqüentemente tinha pouca experiência em dirigir.

Outro ponto dificultador era o fato que eu não falava francês, apesar de ter cursado um semestre de língua francesa na universidade. Mesmo assim, isso não era um empecilho, pois não era requisitado pela família, já que poderia me comunicar em português com a mãe brasileira e as crianças. Estava disposta a ir, mesmo sob essas condições. Ao negociar com a família, disse que eu não teria dinheiro para passagem de avião, e que eu buscava uma família que pudesse pagar o meu deslocamento até lá. No entanto, a mesma disse que não pagaria minha passagem, isso fez com que não fosse possível fechar um *match*<sup>20</sup> com a família.

Depois dessa tentativa, comecei a falar com uma família holandesa com três crianças, o mais novo tinha um ano e meio, o do meio tinha cinco anos e a mais velha com sete anos e meio. Ambos os pais trabalhavam, sendo que o pai trabalhava com auditoria numa empresa multinacional em Amsterdam e a mãe como pesquisadora na área de psicologia organizacional da prefeitura de uma cidade próxima a Amsterdam.

Eles moravam numa cidade ao norte, a uma distância de 40 minutos, aproximadamente, do local onde trabalhavam. O pai trabalhava em horário integral e a mãe trabalhava 28 horas semanais, sendo que todas as manhãs de quarta-feira ela trabalhava em casa. Assim, ela tinha as tardes de quarta e sexta livres do trabalho profissional.

Eu trabalhei por 30 horas semanais, recebendo em troca uma remuneração de 320 euros<sup>21</sup> por mês (denominada de *Pocket Money*), alimentação e hospedagem

---

<sup>20</sup> A palavra em inglês “*Match*” significa “combinação”, então a expressão “dar *match*” seria o mesmo que combinar, formar um bom par com alguém. O termo é aqui utilizado para denominar quando a família estrangeira e a candidata a *Au Pair* entram num acordo para fecharem o contrato de intercâmbio.

<sup>21</sup> Cada Euro valia aproximadamente R\$2,6 reais nesse período, fazendo a conversão, isso significa em torno de dois salários mínimos do Brasil. Já o salário mínimo na Holanda, em 2008, era de 1.335

gratuita (quarto individual com chuveiro, televisão, DVD e computador com acesso à internet). Tive, ainda, a disponibilidade de uma bicicleta, um celular com dez euros de créditos mensais, curso de holandês pago de no mínimo 275 euros, um cartão de desconto para viajar de trem e passagens de ônibus para me locomover até a cidade próxima, onde faria o curso de idiomas. Além deles terem custeado a passagem aérea, tradução de documentos, visto e seguro.

Eles buscavam por alguém que pudesse começar a trabalhar no final de julho. A *Au Pair* anterior da família era da Indonésia e tinha a previsão de sair no início de agosto. Assim, eles consideraram que seria bom se a próxima e a atual *Au Pair* pudessem passar um tempo juntas, cerca de uma ou duas semanas, para que fosse possível apresentar os amigos e mostrar como tudo funciona.

O primeiro e-mail trocado com a família foi em fevereiro de 2008. Na ocasião, foi enviada a agenda (ver *Figura 11 – Schedule*) da *Au Pair* que estava lá, para que eu pudesse ter noção dos horários de trabalho. Entretanto, a mãe<sup>22</sup> avisou que esse horário mudava a cada 14 dias. Ela mencionou, ainda, que na cidade existia outras *Au Pairs* das Filipinas e da Indonésia<sup>23</sup>.

A lista das atividades de responsabilidade da *Au Pair* desta família era constituída de: vestir as crianças, fazer o café da manhã para as crianças e alimentá-las, fazer lancheiras, levar e buscar as crianças para a escola e creche, além de brincar com elas. Na terça e na quarta pela manhã, a responsabilidade era de cuidar do mais novo. Quarta à tarde, cuidaria das crianças junto com a mãe. Na sexta, sábado e domingo não trabalhava.

Esta folga de final de semana excetuava-se uma vez a cada duas semanas, quando eles costumavam pedir para cuidar das crianças durante a noite de sábado, para que o casal pudesse sair. Com relação ao trabalho doméstico, eles tinham faxineira<sup>24</sup> uma vez por semana, e esperavam que a *Au Pair* ajudasse (*help*) a

---

Euros. Ver em: COUNTRYECONOMY. **Países Baixos**: salário mínimo nacional. Salário mínimo nacional. 2021. Disponível em: <<https://pt.countryeconomy.com/mercado-laboral/salario-minimo-nacional/paises-baixos>> . Acesso em: 13 jan. 2021.

<sup>22</sup> Os e-mails trocados eram sempre com a mãe das crianças.

<sup>23</sup> Durante o ano do Programa, fiz amizade com *Au Pairs* latino-americanas que residiam na mesma cidade, da Colômbia, México e Peru. Além delas, de outros país, como da África do Sul, Filipinas e da Indonésia.

<sup>24</sup> Eles tinham uma faxineira colombiana e outra ganesa que se revezavam toda semana.

cozinhar, lavar e dobrar as roupas de todos, lavar louça e aspirar a casa uma ou duas vezes por semana.

Nestes contatos, as primeiras perguntas realizadas para mim foram: por qual razão eu estava especialmente interessada na Holanda? O que eu esperava deles? O que eu esperava do meu trabalho (“*work*”) de *Au Pair*? Se eu tinha alguma experiência com crianças pequenas? O que eu esperava da minha estadia lá para além de cuidar dos filhos? Como eu gostaria/queria passar o tempo livre? O que eu gostaria de fazer? O que eu planejava fazer depois de um ano como *Au Pair*? Se eu já conhecia alguém lá? Se eu sabia pedalar bem?<sup>25</sup>

O que chama atenção de início, e que quero destacar desde já para reflexão, é a forma como eles denominam as atividades da *Au Pair* como uma ajuda ou um “quase trabalho”, pois a palavra *work* era sempre colocada entre aspas. A escolha dessas palavras e o uso das aspas, indicam a questão da invisibilidade do trabalho doméstico, o que já vem sendo problematizado por uma gama de pesquisas feministas sobre o trabalho reprodutivo, bem como de pesquisas sobre o Programa de intercâmbio em questão (REDONDO, 2010; VILLA, 2010; DURIN, 2014; PÉREZ, 2014).

Destaco também a noção de “membro da família”, muito utilizada tanto por mim, quanto pela própria família. Enquanto eu dizia que seria como uma irmã mais velha para as crianças, eles diziam, por exemplo, que teriam um membro extra na família. Eu, de certa forma, reproduzia os discursos e representações sobre o Programa a partir de informações que tinha lido em algum momento na internet.

Essas relações eram marcadas por uma ambiguidade do *status* de *Au Pair* que oscila entre estudante (pois há, na maioria dos casos, a ideia de que durante a sua estadia se frequenta concomitantemente um curso da língua oficial do país no qual irá residir, ou outro curso de sua preferência), trabalhadora (por realizar muitas atividades relacionadas ao trabalho de babás e faxineiras) e membro da família (por tirar vantagem da ideia de mais um membro da família, pois a pessoa irá residir na mesma casa, o que, em tese, lhe daria a condição de um igual) (REDONDO, 2010; VILLA, 2010; DURIN, 2014; PÉREZ, 2014).

---

<sup>25</sup> Essas informações foram recuperadas através de e-mails trocados com a família holandesa.

Como comentado, quis ser *Au Pair* por visualizar, naquele momento, a oportunidade como a única forma possível de fazer um intercâmbio, conhecer a Europa e aprimorar meu conhecimento em língua estrangeira. Tinha conhecimento básico em inglês e francês, e no perfil do APW escolhi países que falam essas línguas. Durante as minhas buscas, cheguei a pesquisar o Programa de *Au Pair* na Inglaterra, mas o país não oferece visto de *Au Pair*, só de estudante, tendo que provar ser capaz de viver com seus próprios recursos. Algo inviável para mim, no momento. Apesar disso, muitas *meninas* vão para a Inglaterra mesmo sem haver regulamentação do programa, mas eu não estava disposta a fazer isso, pois tinha medo de ser presa ou deportada por trabalhar de forma ilegal.

Assim, quando respondi à família a razão de ter escolhido a Holanda, disse que a partir de minhas pesquisas sobre o *Au Pair* na Europa, descobri que foi o primeiro país não anglófono a oferecer cursos ministrados em inglês nas universidades e que embora o holandês seja a língua nacional, a maioria da população fala inglês e muitas vezes outra língua estrangeira, como alemão ou francês. Além disso, o país está localizado em um ponto privilegiado, no centro da Europa, e que as pessoas, em geral, têm espírito liberal<sup>26</sup>, são tolerantes e amigáveis com os estrangeiros.

Nesse âmbito, queria aproveitar ao máximo aquele período para conhecer a Holanda (os moinhos de vento, as tulipas, os diques, os museus, as histórias, as pessoas, os costumes, as universidades, entre outras representações que envolvem o desejo de conhecer o país), viajar quando tivesse tempo para países vizinhos e fazer novas amizades. Disse para eles que não conhecia ninguém da Holanda, e que gostaria de acompanhá-los em suas viagens de férias<sup>27</sup>.

A família disse que seria importante eu fazer curso de holandês, pois as crianças ainda não falavam inglês. Apesar do meu desejo de aprimorar o inglês, e a família oferecer o curso de holandês, isso não me desanimou, pois achava importante aprender um pouco da língua holandesa, por ser a língua oficial do país. Além disso, acreditava que ainda assim poderia melhorar o inglês, pois as aulas eram ministradas em inglês.

---

<sup>26</sup> Espírito liberal, no sentido de não ser um país conservador, pois são mais tolerantes em relação a questões moralmente polêmicas como a prostituição, o uso de drogas, a eutanásia, o aborto, casamento entre pessoas do mesmo gênero, dentre outros temas.

<sup>27</sup> Informações que retirei dos e-mails trocados com a família.

Vale ressaltar que em 2008, eu já tinha finalizado o bacharelado em Ciências Sociais, faltava mais um semestre para finalizar a licenciatura. E é a partir desse lugar no mundo, como estudante de graduação desse curso em específico, que nos e-mails trocados com a família holandesa comparo o *Au Pair* como um exercício antropológico. Era apaixonada pela Antropologia, e na minha cabeça o intercâmbio era semelhante a um trabalho etnográfico, uma vez que era possível deslocar-se de sua sociedade para viver com o “outro”. Era uma oportunidade para aprender a conviver com culturas e estilos de vida diferentes dos meus.

Mesmo tendo uma vida relativamente estável aqui no Brasil em relação a outros brasileiros, disse para a família holandesa que minha família não tinha condições financeiras de patrocinar minha viagem à Europa. E que por isso seria muito grata pela oportunidade que eles estavam me dando de “ajudar uma garota estrangeira ter uma ótima experiência no exterior, conhecer e viver o modo de vida holandês, e isso de uma forma muito real, porque literalmente vou fazer parte de uma família holandesa”<sup>28</sup>. Fiz referência, inclusive, ao que os antropólogos chamam de “princípio da reciprocidade” para falar que a aceitação de uma oferta autoriza outra oferta (dar algo em troca), estabelecendo assim uma cascata de pequenos laços sociais, como descreve Marcel Mauss (2003) em *Ensaio Sobre a Dádiva*.

O trabalho do *Au Pair* não tem apenas como objeto de cuidado as crianças, mas a família como um todo, pois está inserido entre a divisão de tarefas do trabalho reprodutivo doméstico. Esta interação é permeada por assimetrias. Não há qualificações profissionais, mas se exige uma série de qualificações sociais de difícil mensuração, como a gestão das próprias emoções e das emoções do outro, aspectos evidenciados por alguns estudos que tratam o trabalho do cuidado como um trabalho emocional (SOARES, 2012). Assim, entendo o *Au Pair* a partir da perspectiva do trabalho de cuidado, ou seja, como uma atividade de caráter relacional, interativa e emocional (GEORGES; SANTOS, 2014) que se difere segundo os atores que compõem esta relação.

Ao questionar sobre as expectativas e qualidades importantes em uma *Au Pair*, me disseram que eu deveria ser<sup>29</sup>: 1) Positiva; 2) Séria: pois cuidar de crianças é

---

<sup>28</sup> Texto do e-mail: fevereiro de 2008.

<sup>29</sup> Informações retiradas na troca de e-mails com a família na qual trabalhei como *Au Pair*. Novamente, as palavras *help* e “*work*” entre aspas aparecem.

divertido, mas também um negócio sério; 3) Doce: característica importante para as crianças, muito relacionada à ideia do cuidado como um ato de amor e carinho; 4) Flexível: pois às vezes eles precisam de ajuda extra (*extra help*), sobretudo no caso de uma das crianças adoecer, e assim teria que “trabalhar mais” (“*work extra*”) nessas situações, ou poderia haver mudanças no horário; 5) Mente aberta; 6) Calma; 7) Paciente, pois às vezes as crianças podem não estar de bom humor; 8) Responsável: pois cuidar das crianças é uma grande responsabilidade. A segurança é o mais importante.

Nessa família, em específico, não me pediram referência de experiências anteriores com cuidado infantil, mas estavam preocupados se eu gostava de cuidar de crianças e se eu teria segurança e responsabilidade para isso. Características estas difíceis de mensurar e avaliar sem conhecer a pessoa de fato. Para convencimento da família, utilizei bastante como referência o “ajudar cuidar” de um afilhado, filho de uma amiga que tinha mais ou menos a mesma idade do filho mais novo da família holandesa.

A única habilidade mais concreta requerida pela família foi saber andar de bicicleta, pois eu teria que levar e buscar as crianças na escola, bem como levá-las a outros lugares, usando a bicicleta como meio de locomoção. Eles residiam em uma cidade pequena, onde não havia muito trânsito, mas no caminho para a escola não havia ciclovias. Os mais velhos iriam pedalar em suas próprias bicicletas e o mais novo iria à garupa ou num carrinho atrás da bicicleta. Desta forma, era muito importante ter a confiança de que as crianças estariam seguras com a *Au Pair*.

Nesse sentido, o processo para ser *Au Pair* na Holanda era muito menos exigente que o para exercer as mesmas funções nos EUA em 2008. Não tinha cogitado a ideia de ir para lá, não apenas por não ter interesse cultural naquele país, mas porque sabia que teria que ter condições financeiras melhores para pagar agência, transporte, além de ter um conhecimento mais avançado da língua inglesa, pois tudo isso passava pelo escrutínio das agências. Com o tempo, as exigências passaram a serem maiores na Holanda, sobretudo com o aumento da demanda de candidatas à *Au Pair* e também com a obrigatoriedade das agências a partir de 2013.

Trago as considerações acima influenciada pela perspectiva de Donna Haraway (2009) sobre saberes localizados, ou seja, de que todo conhecimento parte

de um corpo humano posicionado em um determinado contexto social e, por isso, quis localizar-me dentro da pesquisa. Assim reitero o processo de ter sido afetada por essa experiência humana denominada *Au Pair*, onde trago um repertório de cenários e situações já vivenciadas e é dele que parte do meu lugar de investigação.

Observar cientificamente o que é familiar, traz a vantagem de não se partir do zero, pois como observa Favret-Saada (2005, p.160), se basear apenas em “uma comunicação verbal, voluntária e intencional” (entrevistas, por exemplo) para apreender uma realidade social é muito pobre e limitado, além de ser “especialmente imprópria para fornecer informações sobre os aspectos não verbais e involuntários da experiência humana”.

Ser afetado, segundo Favret-Saada (2005), vai além de uma observação participante ou de uma empatia, tem a ver com se inserir e experimentar um sistema social de modo a sentir no próprio corpo os afetos e sensações associados a essa experiência humana, estar no lugar do outro sem a preocupação de reter, entender ou pesquisar esse momento. Trata-se de algo diferente de estudar algo exótico e, portanto, já ter de antemão o distanciamento tradicionalmente postulado pelas ciências sociais para se alcançar a tão requerida “objetividade” e neutralidade axiológica do conhecimento (WEBER, 2006).

Assim, estudar o familiar implica em reconhecer de forma humilde que ainda existem descontinuidades vigorosas e desta forma, essa familiaridade é aproximada e não definitiva, devendo, assim, ter que se passar por um processo de estranhamento do que já é conhecido, e isso só é possível se “[...] somos capazes de confrontar intelectualmente, e mesmo emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatos e situações” (VELHO, 1987, p. 131).

Ter sido *Au Pair* anteriormente possibilitou que eu tivesse uma maior abertura para conversar com pessoas que viveram a mesma experiência. Por outro lado, isso não impediu que eu vivenciasse resistência de alguns interlocutores da pesquisa, principalmente de agências intermediadoras estrangeiras e de famílias anfitriãs da Holanda. Pois, como já foi anteriormente discutido, o conhecimento é corporificado, eu habito o corpo de uma pesquisadora latino-americana que quer investigar instituições e pessoas que estão numa posição superior de poder na relação Norte/Sul Global.

No entanto, mesmo ao buscar informações junto às *Au Pairs* brasileiras que estão numa posição relativamente semelhante à minha (como estudante, mulher, brasileira, *ex-Au Pair*), ainda assim, possuo interesses divergentes, gerando a necessidade de negociação, como fica evidente ao longo do estudo. Desse modo, tendo me situado na pesquisa, apresento, no próximo item, uma caracterização dos dois períodos recortados para a realização da pesquisa (2008-2012 e 2018-2022) de forma a apresentar o caminho metodológico percorrido no desenvolvimento da mesma.

## 1.2 CONTEXTO GERAL DA PESQUISA

A pesquisa de doutorado foi realizada tendo como base dois períodos distintos, como já mencionado. O primeiro período refere-se aos anos de 2008 e 2012, buscando resgatar contatos com origem nesta minha experiência (*Au Pairs* e famílias que conheci durante os anos de 2008-2009 e expandindo a partir deles para outros contatos). Já o segundo período, entre 2018 e 2022, refere-se ao período em que ingressei no doutorado, sendo o momento em que entrei em contato com pessoas que estavam vivenciando o intercâmbio naquele momento.

A principal plataforma digital de entrada em campo foi o Facebook, onde contatei pessoas de ambos os períodos<sup>30</sup>, sendo que, posteriormente, foram exploradas outras plataformas digitais utilizadas pelas *Au Pairs*. Durante estes 10-14 anos de intervalo, busquei compreender seus perfis, motivações e estratégias para serem *Au Pairs* sem perder de vista os aspectos estruturais como fatores sociais, econômicos e políticas tanto no lugar de origem como de chegada. As características gerais dos dois recortes temporais da pesquisa podem ser melhor visualizadas na figura abaixo:

---

<sup>30</sup> No primeiro período (2008-2012) o Orkut era a rede social mais utilizada, mas esta foi encerrada em 2014, sendo, posteriormente, substituída pelo Facebook.

**Figura 1 - Quadro comparativo dos recortes temporais da Pesquisa**

2008-2012	2018-2022
<ul style="list-style-type: none"><li>*Governo Lula/ Dilma;</li><li>*Uso de agência intermediadora era opcional;</li><li>*Idade permitida 18-25;</li><li>*Uso da internet ainda limitado;</li><li>*Internet discada;</li><li>*Celulares antigos;</li><li>*Plataformas online mais utilizadas pelas interlocutoras no processo do intercâmbio: Orkut, E-mail, Messenger, APW, blogs.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>*Governo Bolsonaro;</li><li>*Pandemia;</li><li>*Uso da agência passa a ser obrigatório;</li><li>*Idade permitida: 18-30;</li><li>*Popularização da internet a partir do uso dos smartphones;</li><li>*Plataformas online mais utilizadas pelas interlocutoras no processo do intercâmbio: APW, Facebook, Instagram, E-mail, WhatsApp, Youtube (surgimento do mercado de consultorias);</li></ul>

Fonte: Elaboração própria.

Entre 2008 a 2012, o Brasil viveu o final do segundo mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o início do primeiro mandato da presidente Dilma Rousseff. Nesse momento, houveram ações governamentais que reforçaram o papel do Estado na gestão dos investimentos públicos e privados. Durante o segundo mandato de Lula (2007-2010), a estratégia social do governo esteve ancorada no crescimento da economia, ampliação do gasto social, recuperação do mercado de trabalho, potencialização dos efeitos redistributivos da Seguridade Social e combate à extrema pobreza.

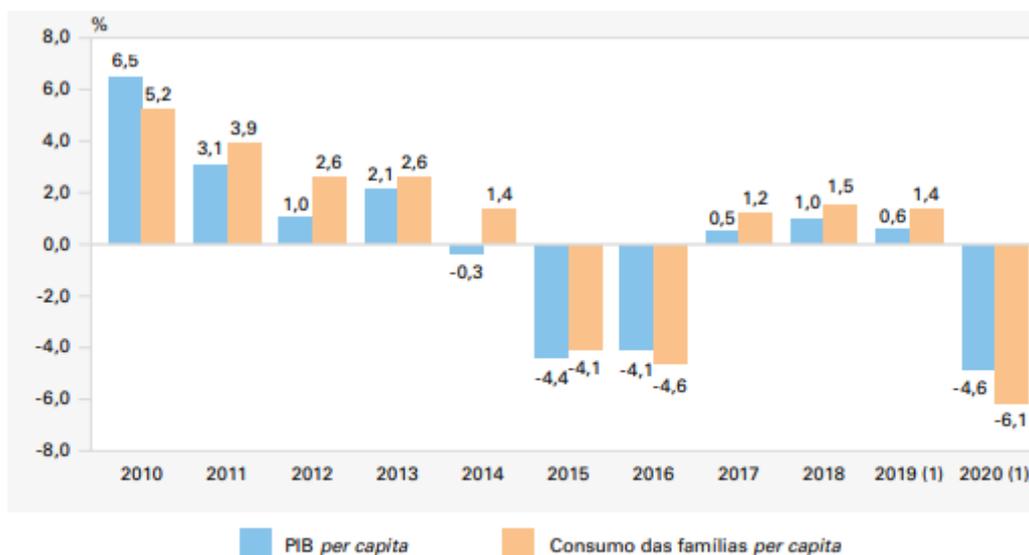
Esses âmbitos impulsionaram a elevação da renda familiar, e consequentemente, do mercado interno de consumo de massas, proporcionando novos cenários (CALIXTRE; FAGNANI, 2017). Acredito que este seja uma das razões definidoras para que houvesse um declínio nos índices de saída da comunidade brasileira no exterior de 3,1 milhões aproximadamente, em 2009, para 1,8 milhões aproximadamente, em 2012 (BRASIL, 2021, p. 4).

Os desdobramentos da crise financeira internacional, só foram sentidos no Brasil durante o final do primeiro mandato de Dilma (2011-2014), quando houve desaceleração do crescimento econômico. Durante esse processo, a deterioração da situação fiscal, entre outros fatores, acabou por enfraquecer o governo e amplificou a crise política, criando as condições para já em seu segundo mandato, houvesse o *impeachment* de Dilma em 2016 (CALIXTRE; FAGNANI, 2017).

No gráfico abaixo, podemos observar a série histórica (2010 a 2020) sobre as oscilações da relação do Produto Interno Bruto (PIB) e o consumo per capita por

família no Brasil, a qual explicita a expansão da economia durante o final do segundo mandato de Lula e a desaceleração a partir de 2014.

**Figura 2 - Gráfico da Taxa de variação anual em volume do Produto Interno Bruto – PIB per capita e do consumo per capita por família – Brasil – 2010-2020**



Fonte: IBGE, Sistema de Contas Nacionais 2010-2020.

(1) Resultados do Sistema de Contas Nacionais Trimestrais. Inclui o consumo das instituições sem fins lucrativos a serviço das famílias.

Fonte: Síntese de Indicadores Sociais (IBGE, 2021, p. 16).

A partir dos anos de 2018-2022, o Brasil começou a viver uma agenda política autoritária e conservadora sob a presidência de Jair Messias Bolsonaro (SILVA; RODRIGUES, 2021), fazendo com que as condições sociais e econômicas sofressem um declínio, esse agravado com o advento da pandemia do coronavírus. Além do contexto pandêmico em si, o governo de Bolsonaro o piorou, tratando com desdém a gravidade da crise sanitária, com atitudes contrárias às ações de isolamento social e à vacinação da população proposta pela Organização Mundial da Saúde (OMS), o que contribuiu para a morte de milhares de brasileiras (REIS, 2022).

Como podemos observar no gráfico abaixo (BRASIL, 2021, p. 4), se compararmos a taxa de emigração de brasileiros com o contexto econômico do país no mesmo período, podemos notar: uma queda na taxa no período durante o qual a econômica estava aquecida; e, novamente, um aumento a partir de 2013, quando há essa desaceleração, chegando, atualmente, ao número de 4,2 milhões aproximadamente.

Figura 3 - Gráfico da variação nos índices da comunidade brasileira no exterior



Fonte: Ministério das Relações Exteriores (BRASIL, 2021, p. 4)

Durante a revisão bibliográfica do presente estudo, não havia encontrado evidências exatas do início da ida de brasileiras como *Au Pair* na Holanda. Nesse âmbito, o estudo de Miedema (2003) não apresentava a presença de brasileiras, entretanto, nos estudos seguintes, com dados de 2008-2012 e 2013-2017, as brasileiras apareceram em terceiro lugar em maior número de *Au Pairs* (SCHANS, GALLOWAY, LANSANG, 2014; LODDER, 2019).

Penso que esse salto se deve, em grande parte, pela disseminação do uso de internet e suas diferentes plataformas digitais pelo público brasileiro. No decorrer do período estudado, houve um aumento da popularidade do Programa *Au Pair* na Holanda e conseqüentemente da criação de redes sociais *online* e *off-line* de brasileiras que já estavam na Holanda ou que já viveram esta experiência a partir do uso de diferentes plataformas digitais que se conectavam e impulsionavam as ações de outras brasileiras que estavam no Brasil e almejavam viver também esta experiência.

Estudos como, por exemplo, realizado por Rianne Dekker e Godfried Engbersen (2014) discutem como essas interações *on* e *off-line* perpassam a construção de redes de migração, sendo que as mídias digitais não são apenas novos

canais de comunicação, mas elas também modulam esses processos migratórios, pois: 1) aumentam as possibilidades de manter laços fortes com a família e amigos, assim, facilitam uma co-presença mesmo que online, o que torna a migração mais aceitável; 2) auxiliam na construção de laços fracos que são relevantes para organizar o processo de migração e integração a partir do contato com outros migrantes; 3) estabelecem uma nova infraestrutura apoiados em laços latentes; 4) oferecem uma rica fonte de conhecimento interno sobre migração que não é oficial, mas é baseada por experiências concretas de outros migrantes.

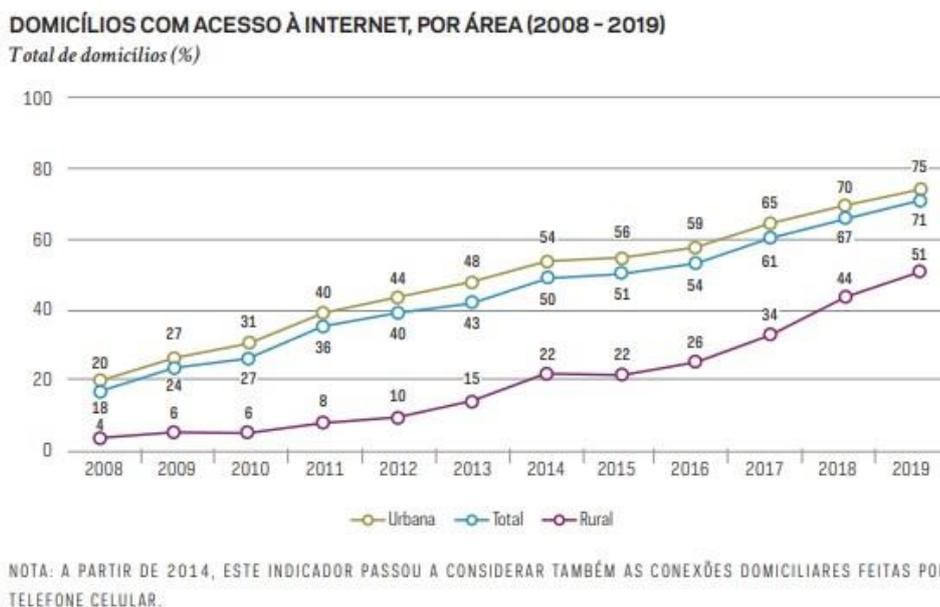
Estes autores argumentam que as diferentes mídias digitais favorecem a criação de laços interpessoais de redes de migrantes e isto reduz os custos e riscos da migração através da troca de informações, recursos e assistência. Estudos sobre migrações afirmam que as pessoas tendem a ir para lugares onde já possuem contatos (um amigo, um parente). Entretanto, com o desenvolvimento da internet, pessoas desconhecidas e distantes passaram a ser fontes de informações e passaram a auxiliarem-se no processo migratório (DEKKER; ENGBERSEN, 2014).

Outra pesquisa que faz uma intersecção entre mídias digitais e fluxos migratórios é a de Rodrigo Fessel Segal (2020) que, ao estudar imigrantes brasileiras no Canadá, relaciona à produção de conteúdo *online* questões que expressam sentimentos de solidão e isolamento, trazendo uma reflexão sobre relações de gênero no processo de adaptação desses (as) imigrantes. Demonstra, ainda, que há um jogo duplo nas mídias digitais, pois ao mesmo tempo em que “(...) reitera associações entre feminino e cuidado, também oferece possibilidades de invenção, conectando outras brasileiras migrantes – inclusive de regiões distantes do país – oferecendo-lhes novas informações e oportunidades” (SEGA, 2020, p. 236).

Assim, as modificações na regulamentação no programa, a introdução obrigatória das agências como intermediadoras, e as próprias modificações econômicas, sociais e desenvolvimento e aparecimento de novas mídias digitais, fez com que novas estratégias e práticas fossem criadas e recriadas ao longo do tempo. Essas foram pressionadas, inclusive, devido ao aumento da concorrência entre *Au Pairs* de diferentes nacionalidades, bem como a introdução de mecanismos de controle mais exigentes nas agências reconhecidas pelo governo e nos processos mediados por plataformas digitais.

A partir da *Pesquisa Sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos Domicílios Brasileiros* (2019) podemos afirmar que o acesso à internet durante o primeiro período 2008-2012 era realizado por um número bem reduzido dos brasileiros, 18% da população, hoje esse acesso é bem maior chegando a 71% em 2019, como podemos observar no gráfico abaixo. Isso se deu, principalmente, pela expansão do uso dos smartphones durante a década de 2010.

**Figura 4 - Domicílios com acesso à internet, por área (2008-2019)**



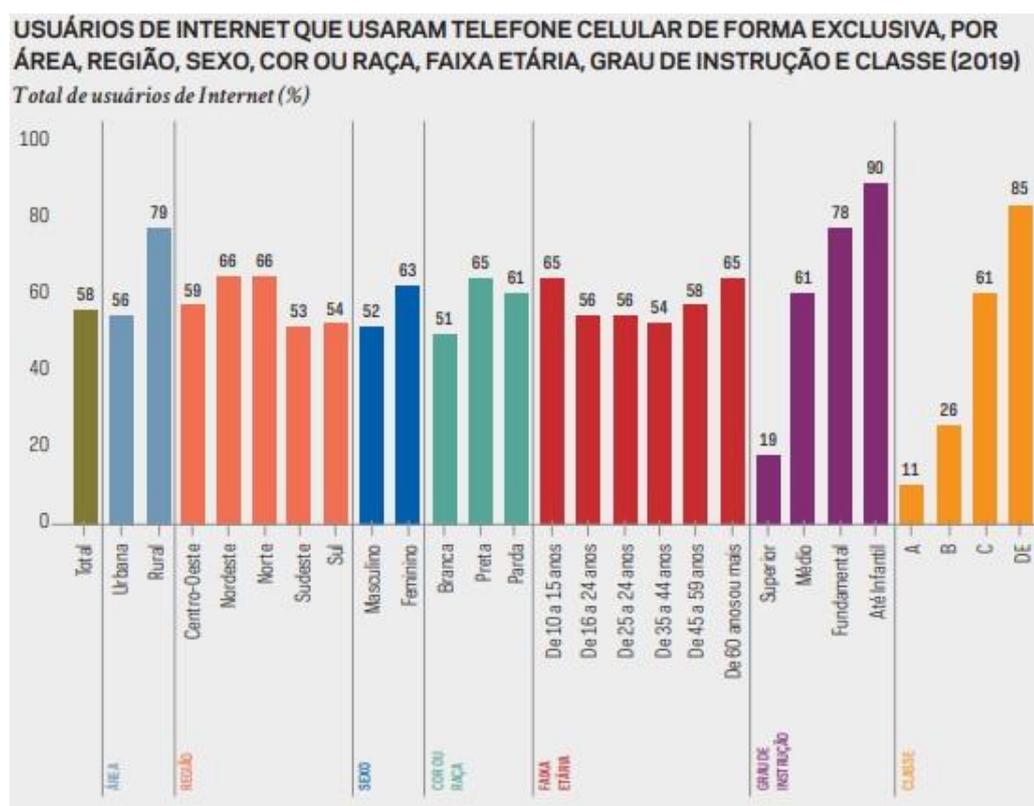
Fonte: *Pesquisa Sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos Domicílios Brasileiros* (2019, p. 25)

Grande parte da população brasileira acessa a internet através do uso do telefone celular, artigo de consumo que as classes populares passaram a ter acesso em meio a um período de aquecimento econômico do país durante os anos do governo dos partidos dos trabalhadores (PT). Uma portaria do ano de 2013, por exemplo, estabeleceu a regra de que estes aparelhos não poderiam ultrapassar o valor limite de mil e quinhentos reais (R\$1.500,00), de modo a tornar mais acessível a compra do produto (BRASIL, 2013, texto digital).

O consumo de equipamentos de celulares inteligentes propiciou uma forma de conectividade perpétua (CASTELLS, 2013) e inauguraram uma hegemonia das relações sociais mediadas (MISKOLCI; BALIEIRO, 2018), pois passamos a estar conectados vinte e quatro horas, possibilitando a interações sociais sincrônicas mesmo

entre pessoas distantes geograficamente. Vejamos abaixo dados recentes sobre usuários de internet no Brasil.

**Figura 5 - Usuários de internet que usam telefone celular de forma exclusiva, por área, região, sexo, cor ou raça, faixa etária, grau de instrução e classe (2019)**



Fonte: Pesquisa Sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos Domicílios Brasileiros (2019, p.27)

Apesar do aumento do acesso à internet no Brasil, é preciso destacar as assimetrias presentes neste processo. Atualmente, segundo dados apresentados na pesquisa TIC por domicílio (2019), 58% destes usuários tem acesso exclusivamente pelo aparelho celular e a proporção chega a 85%, se olharmos apenas para a classe DE, como podemos observar na figura abaixo que demonstra o acesso à internet da população brasileira através do uso exclusivo do aparelho celular.

Através do gráfico ainda pode ser observado outras assimetrias relacionadas à área de moradia, sexo, cor/ raça, idade e grau de instrução que marcadores sociais

menos privilegiados historicamente como a população rural, as mulheres, os negros, os menos escolarizados e pessoas com idade não ativa profissionalmente (como crianças e idosos) são os grupos que utilizam os celulares como forma exclusiva de acesso à internet.

No caso aqui pesquisados, a maioria das *meninas* entrevistadas eram da região Sudeste, brancas, com nível superior de escolaridade<sup>31</sup>. Essa contextualização sobre o uso da internet pela população brasileira é essencial para compreendermos tanto o perfil das brasileiras que foram *Au Pairs* no período pesquisado quanto a própria dinâmica e funcionamento do programa na atualidade.

### 1.3 PESQUISA COM E NAS MÍDIAS DIGITAIS

Desde a constituição inicial do projeto de doutorado, isso em 2017, pensei o uso de mídias digitais e suas diferentes plataformas como parte do desenho metodológico, pois grande parte das informações e o próprio processo para se tornar *Au Pair* na Holanda são feitas pela internet, como descrevi acima sobre a minha própria experiência. Assim, essa estratégia metodológica foi pensada não apenas como um meio para ter acesso aos interlocutores da pesquisa, mas também como parte da dinâmica migratória das *Au Pairs*.

As agências autorizadas pelo governo holandês, instituições obrigatórias para obtenção de visto de *Au Pair* no país desde 2013, não possuem instalações físicas no Brasil. As agências brasileiras trabalham no sistema de parceria com as agências holandesas. Quando não se utiliza de agências brasileiras, todo o processo é realizado via internet (e-mail, mensagens por WhatsApp, sites próprios, contas em diferentes plataformas como Facebook, Instagram e Youtube, por exemplo, entre outros).

É através de *websites*, nesse ambiente *online*, que famílias holandesas se conectam com *Au Pairs* brasileiras e outras nacionalidades. Nesse mesmo ambiente, *Au Pairs* se conhecem entre si antes de se conhecerem na Holanda, e posteriormente pessoalmente, *off-line*. Os conteúdos dos Grupos do Facebook, blogs, vídeos do

---

<sup>31</sup> Perfil das entrevistadas serão melhores detalhados nos Capítulos 2 e 5.

Youtube, e diferentes materiais audiovisuais do Instagram são consumidos por aqueles que desejam e são *Au Pairs*, sendo uma forma de prover informações úteis para conseguirem viver essa experiência. Grupos do Facebook e do WhatsApp também são utilizados como espaço relacional de ajuda mútua e sociabilidade.

Sabendo disso, o estabelecimento do uso das mídias digitais como parte da metodologia da pesquisa também tinha a ver com uma estratégia para tornar o trabalho executável, caso eu não pudesse realizar pesquisa *in loco* na Holanda. Entretanto, o planejamento da pesquisa de campo também passava pela intenção de visitar aquele país, observar e conversar com pessoas relacionadas ao meu campo-tema de estudo (SPINK, 2003).

Desta forma, a pesquisa de campo foi realizada tanto em ambientes online (Facebook, WhatsApp, Skype, Youtube, Instagram, etc.) quanto em ambientes off-line (agências físicas no Brasil e na Holanda, cidades da Holanda, etc.). De modo a sustentar com outras evidências o meu olhar de pesquisadora e narradora de um campo no qual a minha experiência, há mais de 10 anos, se ressignifica<sup>32</sup>.

Tendo em mente estas considerações sobre as características do meu campo de pesquisa fui em busca de autores que tivessem alguma experiência em investigação mediada pelas mídias digitais e/ ou em investigações multisituadas em ambientes *online* e *off-line* (FACIOLI; MISKOLCI, 2015; MISKOLCI, 2016; PADILHA, 2017; DEKKER; ENGBERSEN, 2014; SEGA, 2020).

Padilha (2017), ao discutir a etnografia digital, considera a realização da pesquisa com e nas mídias sociais relevante, se isto permear as interações sociais do grupo pesquisado e as questões que se quer responder. E, levando em conta que plataformas digitais como sites de agências, grupos do Facebook e WhatsApp, vídeos no Youtube, entre outras, relacionadas ao Programa de intercâmbio em questão, fazem parte do cotidiano daqueles que estão pleiteando ser *Au Pair*, penso então que são importantes meios para se obter dados da pesquisa. Assim, mesmo sabendo que a pesquisa transitará em meios *off-line*, dados de pesquisa provenientes de ambientes *online* são indispensáveis e constitutivos do meu objeto.

---

<sup>32</sup> Durante o final de 2019, fiz alguns contatos para que pudessem realizar o trabalho de campo na Holanda durante os meses de Abril, Maio e Junho de 2020. Entretanto, os planos tiveram que ser revistos por conta da pandemia e a pesquisa seguiu nos ambientes *online*.

De plataformas digitais, a riqueza de dados revela relatos de experiências que podem trazer para a superfície as profundezas de motivações, de redes de contato, estratégias dos atores sociais, o que cada pessoa busca quando quer ser ou ter uma *Au Pair*. Esses atores sociais produzem materiais *online* que, se analisados, são passíveis de interpretações reveladoras de sentidos dessa busca por *Au Pair* e do deslocamento de pessoas para sê-lo. A multiplicidade desse ambiente *online* também se revela em uma forma de convidar esses mesmos atores à participação ativa e deliberada na pesquisa como informantes do que já viveram ou pretendem viver nesses lugares sociais. Em outras palavras:

Arquivos sites, blogs e serviços de redes sociais apresentam conteúdos que, do ponto de vista da pesquisa, podem ser assumidos como fontes documentais. Mais do que isso, as articulações entre tecnologias, práticas sociais, os contextos de comunicação e os códigos legais podem também ser assumidos como objetos de pesquisa. Contrastada com o modo tradicional e analógico de escrita e registro dos dados de campo, a pesquisa com as mídias digitais e a Internet possibilita o acesso à informação em tempo real. Ao longo do processo de pesquisa informações digitais podem ser complementadas com outras fontes, interseccionando interações on e offline (PADILHA, 2017, p.11).

Além do estudo de Dekker e Godfriend (2014), citado anteriormente, outra pesquisa que faz esta intersecção entre mídias digitais e fluxos migratórios é a de Rodrigo Fessel Sega (2020) que, ao estudar imigrantes brasileiras no Canadá, relaciona a produção de conteúdo *online* que expressa sentimentos de solidão e isolamento e traz uma reflexão sobre relações de gênero no processo de adaptação desses (as) imigrantes.

Diante das questões do meu campo de análise, a imersão nas diferentes plataformas digitais foi fundamental para fazer reflexões necessárias, pois o mundo *on* e *off-line* possuem um caráter relacional e autoinflunciador. Vivemos sob o paradigma das relações sociais cada vez mais mediadas pelas tecnologias comunicacionais nas quais servem como intensificadores e ampliadores de sua rede relacional da vida cotidiana de forma articulada e convergente (MISKOLCI, 2016).

Assim, elementos computacionais e humanos se articulam e modulam as interações sociais, ou seja, o digital e as redes sociais são “(...) um conjunto de práticas sociais específicas que articulam humanos e não-humanos em ações que atravessam a vida social e que têm implicações relevantes tanto para a teoria, quanto

para a pesquisa social” (PADILHA; FACIOLI, 2018, p. 306)”. Assim, diante dessas características do meu campo de pesquisa, e dos objetivos delimitados na introdução do presente texto, delimitei algumas estratégias e técnicas de pesquisa qualitativa.

Para tanto, planejei a coleta de dados mediada pelas diferentes plataformas digitais consumidas pelos atores sociais da pesquisa, além da análise de campo *online* nos anos de 2018 e 2019, sendo que posteriormente, seria feito trabalho de campo off-line *in loco* em agências holandesas, IND e outros espaços de convivência de *Au Pairs* brasileiras na Holanda. O trabalho em campo off-line se daria com meus próprios recursos, movida por minha vontade de reviver experiências, agora, como pesquisadora. Entretanto, tudo isso foi interrompido pela pandemia do coronavírus em 2020 e a pesquisa permaneceu em ambiente *online* até o ano de 2021.

De forma a caracterizar o perfil de brasileiras que foram *Au Pair* na Holanda em dois diferentes períodos: entre 2008-2012 – período em que fui *Au Pair* nesse país, seria o meu ponto de partida recuperar antigos contatos relacionados a essa experiência por meio da rede social do Facebook e do segundo período entre 2018-2022, momento que eu tinha delimitado para a coleta de dados que também seria feito através da participação de Grupos e comunidades do Facebook que tivessem como interesse o tema “*Au Pair* na Holanda”, de modo a conseguir realizar uma amostra de entrevistas semidiretivas.

Essas entrevistas também são utilizadas como fonte de informação para atingir os outros objetivos da pesquisa, como o de identificar as estratégias e redes (*online* e *off-line*) utilizadas por esses atores sociais no processo e na sua inserção na sociedade estrangeira, além de poder identificar indícios que possam fundamentar a hipótese de barateamento ou precarização do trabalho doméstico e de cuidado. Também foram realizadas entrevistas com trabalhadores de agências, além das próprias famílias anfitriãs de modo a refletir sobre estas questões de forma a triangular os pontos de vistas e interesses divergentes desses agentes da pesquisa.

Outra fonte para coleta de dados foi a observação de anúncios publicados dentro de Grupos de Facebook e também no site mais utilizado para fazer a combinação *Au Pair/ Host Family* denominado “aupairworld” ou APW na linguagem nativa. Nesse website as candidatas a *Au Pair* fazem uma conta com seus dados pessoais (nacionalidade, sexo, idade, escolaridade, entre outras informações), com

seus objetivos (país que deseja ser *Au Pair*, período, idade das crianças que está disposta a cuidar, etc). As famílias anfitriãs também fazem seu registro descrevendo suas características e interesses. Assim o site é um grande banco de dados de perfis de ambos os grupos de todas as regiões do mundo. E o site oferece um recurso de busca modulada com informações como sexo, país, período e duração da estadia.

Além das entrevistas com diferentes atores envolvidos nesse intercâmbio e perfis publicados no Facebook ou no “aupairworld” também busquei por dados oficiais seja na embaixada holandesa no Brasil, no IND (Immigration and Naturalisation Service) órgão responsável por avaliar as solicitações de visto de moradia de estrangeiros que querem viver na Holanda, ou, ainda, de dados estatísticos tanto do Instituto Brasileiro de Estatística (IBGE) como o Gabinete Central de Estatística (CBS), que é uma agência estatística na Holanda. Dados estatísticos de ambos os países que foram essenciais para entender os contextos sociais envolvidos nessa cadeia de cuidado global.

Mesmo que já haja bibliografias contundentes sobre a pesquisa em mídias digitais, sua realização foi bastante controversa e desafiadora para mim, pois a quantidade de materiais disponíveis sobre o tema “Au Pair na Holanda” em diferentes plataformas audiovisuais foi vasta, tive dúvida, assim, em como manipular esses dados. Estas dificuldades envolvem desde questões éticas, sobre autorização do uso do que é publicado e, também, operacionais. O mundo digital é um espaço com frenética quantidade de informações.

Não posso deixar de dizer, ainda, que em muitos momentos tive dificuldade em lidar com uma cacofonia de informações, isto é, com a velocidade em que elas são compartilhadas e colocadas em evidência, mas, logo em seguida posicionadas no esquecimento. Conforme segui com a pesquisa, a gama de dados aumentou e, quanto mais tentei dar enquadramento, considerando as minhas percepções, mensagens, comentários e até os esquecimentos e omissões, mais percebi que esse campo de interações muito velozes e dinâmicas. Partindo disso, Baym e Markham (2009) citam o conceito de sujeito multifrênico ou saturado para caracterizar a multiplicidade de mensagens mediadas que constituem as relações sociais contemporâneas. Foi com base neles que dei seguimento a minha discussão.

Diante disso e dos possíveis focos de investigação nos usos da internet, optou-se por focar no contexto usual dessas diferentes plataformas pelas *Au Pairs* brasileiras na Holanda de modo a identificar e compreender redes e estratégias que se formam no processo e durante o intercâmbio em questão. As diferentes plataformas utilizadas possuem protocolos e termos de uso classificadas de forma múltipla.

Segundo Elm (2009), elas podem ser divididas da seguinte forma: 1) *ambientes públicos* (aberto e disponível para todos com acesso à internet, sem a necessidade de adesão ou registro); 2) *ambiente semipúblico* (é acessível para qualquer pessoa, mas com a necessidade de adesão ou registro); 3) *ambiente semiprivado* (precisa de associação e registro e, para fazê-lo, são necessários requisitos formais, como pertencer à organização que criou o ambiente online); 4) *ambiente privado* (restrito ao criador do conteúdo e é necessária a permissão para acessar).

De acordo com essa classificação, podemos pensar o Youtube<sup>33</sup> e os blogs como ambientes públicos, pois estas plataformas são mais acessíveis, não requerem adesão e registro, bastando apenas o endereço eletrônico dos mesmos, ou seja, é um ambiente aberto e disponível a todos (ELM, 2009). Já o Instagram e o Facebook, necessitam de uma conta e a realização de login, podendo ser considerados espaços semipúblico ou privado dependendo do contexto de uso.

O Facebook, entretanto, possui os perfis individuais e suas visualizações, além dos protocolos da plataforma, que variam de acordo com as configurações de compartilhamento escolhidos pelo usuário da conta<sup>34</sup>, não necessariamente precisando de uma para acessar alguns de seus conteúdos. Há ainda as páginas que são públicas e os grupos que podem ser públicos ou privados. No caso de o grupo ser privado, a visualização de seu conteúdo depende da aprovação dos seus administradores.

---

<sup>33</sup> Alguns vídeos podem conter restrição de visualização para usuários não registrados e logados ou com menos de 18 anos, quando de acordo com a idade. Além disso, esses vídeos não podem ser assistidos em grande parte dos sites de terceiros. Os espectadores que clicarem nesses vídeos em outros sites, como em players incorporados, serão redirecionados para o YouTube. Na nossa plataforma, eles só poderão assistir o conteúdo caso tenham feito login e sejam maiores de 18 anos. Isso ajuda a garantir que o vídeo seja visto apenas pelo público apropriado, não importa onde o conteúdo tenha sido encontrado.

<sup>34</sup> Alguns perfis deixam a visualização pública a todos outros que configuram para compartilhar suas informações e publicações apenas com amigos, por exemplo.

Para o uso do Instagram há a necessidade de adesão e registro, mas as visualizações dos perfis pessoais ou comerciais também dependem da configuração dos donos das contas como públicas ou privadas, sendo que estas últimas necessitam da aprovação de seus usuários para poderem ser visualizadas (ELM, 2009). Os Grupos do WhatsApp também penso, a partir da definição acima, como ambientes privados, pois além da adesão e registro no aplicativo, para participar desses grupos você deve ser convidado, ser inserido por um administrador ou ter acesso ao *link* de acesso ao grupo enviado pelos administradores do mesmo.

Tendo estas caracterizações estabelecidas, busquei estratégias para a proteção do anonimato e da privacidade desses dados e usuários através de pesquisadores que já tivessem desenvolvido pesquisa com e/ ou nas mídias digitais. Padilha e Facioli (2019) sugerem que ao invés da literalidade, o pesquisador utilize uma descrição densa das postagens como estratégia metodológica.

Com relação a imagens e/ ou fotografia, eles sugerem a descrição ou a reprodução deles através de outras representações imagéticas como desenhos feitos à mão. Fessel (2020), por outro lado, preferiu fazer desenhos digitais através do recurso de recorte e cola de programas computacionais como Adobe Photoshop e PowerPoint na qual se utilizou de banco de dados de imagens gratuitas disponíveis online.

Durante a realização da pesquisa sempre tive incertezas sobre qual seria a melhor forma de me comportar dentro de ambientes focados na interação entre os usuários como os grupos do Facebook e do WhatsApp, tendo em vista que esses funcionam como grandes fóruns de discussão, já que são ambientes privados. Neste trabalho foi utilizada a descrição de dados sensíveis de ambientes considerados privados ou semipúblicos de modo não literal, além de desenhos digitais<sup>35</sup> que representam os ambientes digitais que compõe a experiência dos interlocutores da pesquisa de modo a preservar o anonimato e a privacidade das pessoas participantes destes ambientes digitais.

No que se refere a como o pesquisador deve se comportar em ambientes online, Hodkinson (2005) faz essa diferenciação entre o pesquisador *laker*, aquele que não participa das interações dessas plataformas digitais, e o pesquisador *insider*,

---

<sup>35</sup> Muitas ilustrações foram feitas por Maria Olívia do perfil @oliviart.ist do Instagram.

aquele que interage. Intercalei entre essas duas posturas, haja visto que por mais que participasse intensamente das interações online, a dinamicidade característica dessas plataformas, como a saída e entrada constante de pessoas dentro das mesmas, é difícil manter-se sempre aparente com o *status* de pesquisador. Esse ambiente tende a uma audiência invisível e fluído na maioria das vezes, pois por mais que me apresentasse anteriormente como pesquisadora, usuários novos não possuem acesso ao histórico das conversas anteriores e, conseqüentemente não tem noção da minha motivação de estar no grupo.

Além disso, importante lembrar que fui, de certa maneira, uma pesquisadora *insider* por já ter sido uma *Au Pair* na Holanda, sendo difícil manter o meu olhar distante de questões que já foram e/ ou são minhas, pois ainda as ouço reverberando em entrevistas que realizei. Desta forma, é necessário fazer o exercício de ser uma pesquisadora *lúker*, ouvindo as vozes dos meus interlocutores, com sensibilidade, mas de não distanciamento, já que estou implicada em meu trabalho de campo (HARAWAY, 2009).

#### **1.4 PESQUISA MEDIADA E MULTISITUADA: A BUSCA POR INTERLOCUTORES**

A escolha por começar a pesquisa de campo a partir do Facebook, mantém relação com o período em que inaugurei minha conta na plataforma. Ela havia sido feita durante o meu ano de *Au Pair*, em abril de 2009, quando já estava há nove meses na Holanda. E através dela pude recuperar o contato com *meninas* que conheci naquele período e que também foram *Au Pairs*. Lembro-me que utilizava muito mais o *Orkut* naquele tempo, no processo, e durante a minha estadia na Holanda, buscava informações nos grupos sobre o tema. Entretanto, a plataforma foi desativada em 2014, fazendo com que, atualmente, as *Au Pairs* utilizassem o Facebook e outras plataformas digitais.

Ainda assim, apesar do *Orkut* ter sido desativado, muitos dos contatos iniciados lá não foram perdidos, pois de certa forma eles tinham sido transferidos e/ou mantidos no Facebook. Desse modo, através de vínculo *online*, contatei pessoas que também foram *Au Pairs* na mesma época que eu, e que havia encontrado em passeios que realizei na Holanda. Mesmo não convivendo pessoalmente com elas, foi possível

conversar e coletar alguns relatos através de ligações por vídeo ou telefone e aplicativos como Skype ou WhatsApp com as pessoas que aceitaram participar da pesquisa.

Na busca por *Au Pairs* do período entre 2008 e 2012, o meu primeiro passo foi escrever mensagens para as que eu conheci pessoalmente e que permaneceram na minha rede social (Facebook). Em meu projeto inicial havia colocado que iria entrevistar pessoas de ambos os sexos<sup>36</sup>, mesmo sabendo que a maioria das pessoas que participam deste Programa de Intercâmbio seja do sexo feminino, pois acreditava que seria importante essa comparação. Entretanto, não consegui contato de nenhum *Au Pair* masculino em nenhum dos recortes temporais estabelecidos. Assim, fui explicando a minha pesquisa no Messenger do Facebook para as dez pessoas que havia adicionado, em 2009, durante o meu ano de intercâmbio, sendo um deles do sexo masculino, o qual não obtive retorno. Desses dez contatos, consegui entrevistar efetivamente sete pessoas.

Para conseguir aumentar a minha amostragem de entrevistas, utilizei a técnica da Bola de neve, uma técnica não probabilística<sup>37</sup>, na qual se utiliza informantes-chaves<sup>38</sup> de modo a encontrar outras pessoas com o perfil necessário para a pesquisa de acordo com os critérios pré-estabelecidos (brasileiras que foram *Au Pair* na Holanda entre os anos de 2008 e 2012 ou entre 2018 a 2022) (VINUTO, 2014). Escolhi esse tipo de amostragem, pois foi a maneira que pensei ser possível de acessar essas interlocutoras, já que se encontram geograficamente dispersas tanto no Brasil quanto na Holanda.

Tendo feito os primeiros contatos com esses sete informantes-chaves iniciais, solicitei que indicassem novos contatos com pessoas da sua própria rede social que tivessem dentro dos critérios estabelecidos, e que também aceitassem participar da pesquisa, aumentando-se, assim, o tamanho da amostra para um total de 10

---

<sup>36</sup> No período que fui *Au Pair* na Holanda, lembro de ter conhecido um menino em Amsterdam durante um final de semana em meu tempo livre. Esses encontros e passeios eram combinados pela antiga rede social Orkut, e, também pelo Facebook, já que morávamos em diferentes regiões/cidades da Holanda. Comentei sobre ele durante algumas entrevistas com pessoas que estavam nesses momentos de lazer, e, que eu sabia que mantiveram o contato. Tentei adicioná-lo (ele não aceitou o convite), e também tentei pedir que *meninas* mais próximas falassem com ele, mas ainda assim, não obtive resposta.

<sup>37</sup> Por não ser possível determinar a probabilidade de seleção de cada participante na pesquisa.

<sup>38</sup> Utilizei o contato de pessoas que conheci durante o ano que fui *Au Pair* ou pessoas que demonstraram bem ativas no Grupão do Facebook.

peças com o perfil do primeiro período (2008-2012); depois consegui realizar mais 3 entrevistas de uma outra forma, pois com o advento da pandemia, em 2020, acabei por recomençar a minha busca por interlocutores, processo que buscarei esclarecer logo em seguida, finalizando com 13 entrevistas com pessoas que foram *Au Pair* nesse primeiro recorte temporal.

Já com relação ao período mais recente, aquele que compete aos anos de 2018 a 2022, consegui realizar um total de vinte e sete (27) entrevistas que foram executadas em duas etapas. Para tanto, utilizei estratégias metodológicas diferentes, e devido a isso, essas foram descritas em separado. No que se refere aos recortes temporais, a primeira remessa de entrevistas foi durante o ano de 2018-2019, já o segundo foi realizada durante o ano de 2020-2021.

A primeira remessa de entrevistas foi obtida através de envio de mensagens privadas para pessoas que demonstravam uma participação ativa no fórum<sup>39</sup> “Au Pair Grupão Holanda” no Facebook durante os anos de 2018 e 2019. Antes de iniciar um contato direto, observei durante um período as mensagens das postagens do grupo, bem como os seus comentários. Atentei-me às pessoas que indicavam estar em processo de transição inicial, ou que estavam na Holanda naquele momento como *Au Pair*.

Eu não participava deste grupo anteriormente ao início da pesquisa. Encontrei-o, durante a busca por grupos relacionados ao Programa de Intercâmbio “Au Pair na Holanda”, ainda em 2018, quando iniciei a pesquisa. Além desses, encontrei outros grupos como: “Brazilian *Au Pairs* in the Netherlands”<sup>40</sup>, “HBN *Au Pair* Services Brasil”<sup>41</sup> e “Au Pair in Amsterdam”<sup>42</sup>, entre outros. Apesar disso, direcionei as minhas tentativas no “Grupão *Au Pair* Holanda” por estar direcionado ao público brasileiro.

A partir de então, enviei mensagens privadas para algumas *meninas* deste grupo e segui o seguinte protocolo: apresentar-me, explicar do que se tratava a

---

<sup>39</sup> Ou seja, somente membros podem ver quem está no grupo e o que é publicado nele.

<sup>40</sup> Grupo privado criado em 29 de maio de 2011, tinha 4.681 membros em 19/11/2018 e, atualmente, dia 05/02/2023, possui **5.561** membros. Uma das administradoras/moderadoras é uma agente brasileira de uma agência holandesa.

<sup>41</sup> Página de uma das agências especializadas em preparar futuras *Au pairs* para residirem na Holanda, com sede na Holanda e reconhecida pelo governo holandês, criada em 14 de agosto de 2013, que tinha 3.192 curtidas em 19/11/2018 e em 02/09/2020 possuía 3.711 curtidas.

<sup>42</sup> Grupo público criado em 01/05/2015, e que em 02/09/2020, possuía 10,4 mil membros. Tornei-me membra em julho de 2019, durante o desenvolvimento da pesquisa.

pesquisa e as convidar para participarem através da concessão de uma entrevista. Em algumas abordagens, eu obtive retorno e consegui marcar uma conversa; em outras eu não consegui retorno, seja por não conseguirem visualizar a mensagem por não sermos “amigos” no Facebook<sup>43</sup>, seja por verem e optarem por ignorar as minhas mensagens.

Desta forma consegui realizar sete entrevistas, e, a partir dessas, consegui outras cinco entrevistas por indicação, totalizando 12 entrevistas. Tinha finalizado o ano de 2019 com a ideia de que não iria mais realizar outras entrevistas, pois as informações relatadas estavam se repetindo e não traziam novos achados para pesquisa, além das novas indicações terem ficado esmorecidas.

A segunda remessa de entrevistas do grupo de *Au Pairs* do período recente (2018-2022) foi realizado durante o ano de 2020. Desde janeiro de 2020 eu estava fazendo aulas de inglês<sup>44</sup> com uma *menina* que tinha sido *Au Pair* nos EUA, mas que naquele momento era *Au Pair* na Holanda. Ela havia oferecido o seu serviço de professora no “Grupão *Au Pair* Holanda” no Facebook e eu queria treinar um pouco, já que teria que me comunicar em inglês durante meu trabalho de campo na Holanda. Eu expliquei que a razão de fazer aulas motivava-se por conta de minha pesquisa de doutorado.

Sendo assim, pretendia fazer aula durante três meses, antes da viagem, que estava prevista para os meses de abril a junho de 2020, mas que foi interrompida por conta do advento da pandemia do coronavírus. É importante refletir sobre essa questão sanitária, pois esse período pandêmico acabou por atravessar a minha pesquisa no sentido de que novas questões foram impostas ao desenvolvimento da tese, ainda que não fossem inicialmente o ponto nodal do estudo. Entretanto, poderia eu ignorar tal fato diante da conjuntura que se apresentava? Acreditei que não. Para isso, segui os novos desdobramentos que se impunham ao meu fazer sociológico, até mesmo porque as minhas interlocutoras apontavam para essa importância.

Mesmo com os planos interrompidos, continuei a estudar inglês, até porque a minha professora/interlocutora se demonstrou uma importante informante e

---

<sup>43</sup> Quando enviamos uma mensagem para o perfil de uma pessoa que não está adicionada como amigo no Facebook, elas são definidas como solicitação de mensagem, uma espécie de spam, e assim, muitas vezes não são visualizadas.

<sup>44</sup> Muitas ex-*Au Pairs* passaram a dar aula de inglês após o período do intercâmbio.

colaboradora da minha pesquisa durante o ano de 2020. Conversando sobre a situação do Covid-19 na Holanda, ela comentou sobre as dificuldades com a nova rotina, já que as crianças não estavam mais frequentando creche e escola, e muitas das famílias estavam evitando utilizar o auxílio dos avós nos cuidados dos filhos.

Ela relatou, ainda, algumas queixas de colegas que estavam trabalhando mais que 30 horas por conta das medidas de distanciamento social. Nossas conversas me levaram a retomar as entrevistas com as *Au Pairs*. Desejava saber como o Programa de Intercâmbio estava funcionando nesse contexto, pois me parecia interessante pensar que tipo de estratégias as famílias estavam utilizando para a conciliação entre trabalho e família, e de que forma essa condição levava a infringir ou não as regras delimitadas no contrato que as famílias tinham feito com a *Au Pair*.

Decidi ir mais a fundo, e sob a influência do diálogo com esta interlocutora, acabei por construir dois questionários pelo *Google Forms*. Um destinado às famílias<sup>45</sup> e outro destinado às *Au Pairs*. Este último eu compartilhei por um link num post no “*Au Pair* Grupão Holanda” (Facebook). A construção desse formulário não tinha como objetivo colher uma amostra significativa no sentido quantitativo, mas sim, como estratégia de coleta de possíveis contatos para a realização de novas entrevistadas que pudessem falar sobre a experiência de *Au Pair* no contexto da pandemia de Covid-19 (Ver Apêndices 1 e 2).

Entretanto, antes de publicar no “Grupão”, primeiro eu fiz um teste com a minha professora de inglês e solicitei que ela enviasse para amigas responderem. Só posteriormente, publiquei o link do formulário no início de maio de 2020 na comunidade da rede social. E, desta forma, obtive vinte e sete respostas em menos de um mês. Depois disso, não tive mais retorno por conta da própria dinâmica da plataforma digital, pois as postagens mais antigas ficam para trás e invisíveis se não forem resgatadas através de *likes* ou de comentários que os alimentem, sendo sucessivamente substituídas por outros questionamentos. De 27 pessoas que responderam ao questionário, consegui realizar treze novas entrevistas.

---

<sup>45</sup> Ela me auxiliou na formulação do mesmo com sugestão de questões e formato. A primeira versão eu tinha feito no Word e eu testei com a *host family* dela. Com esse teste, construímos outro questionário, mas agora utilizando o *Google Forms*, pois poderíamos solicitar para que as *Au Pairs* enviassem para as famílias que elas trabalhavam, sem eu precisar do contato direto das famílias (e-mail, WhatsApp, etc.). Apesar das tentativas, não obtive respostas do questionário destinado às famílias.

Desse grupo de entrevistas realizadas via *Google Forms*, eu consegui a indicação de mais duas interlocutoras que tinham sido *Au Pair* no período anterior (2008-2012). Consegui, ainda, mais uma interlocutora desse período através de um contato feito através do Instagram.<sup>46</sup> Ao longo de 2020, realizei três entrevistas com pessoas que estavam na Holanda entre o período de 2008 e 2012. As entrevistas realizadas em 2020 somaram-se às outras 10 realizadas por mim durante os anos 2018 e 2019, totalizando-se 13 entrevistas com interlocutoras que foram *Au Pair* durante os anos de 2008 e 2012, como já afirmado anteriormente.

Além disso, consegui realizar outras duas entrevistas a partir de indicações que obtive dentro de minhas relações pessoais na UFSCar e na cidade onde residia. Assim, somadas as 12 entrevistas, realizadas em 2018 e 2019, mais as 13, de 2020, resultou-se um total de 27 entrevistas com interlocutoras do período entre 2018-2022. Apesar de ter conseguido 2 entrevistas, a partir de minhas relações sociais cotidianas off-line, todas as entrevistas foram realizadas à distância através do uso de diferentes plataformas digitais (WhatsApp, Google Meet, etc.).

Como pode se observar, o Facebook foi a principal ferramenta para conseguir interlocutores para minha pesquisa, tanto do período recente (2018-2022), através do “*Au Pair* Grupão Holanda” quanto do período anterior (2008-2012), resgatando antigos contatos e conseguindo indicação de outros<sup>47</sup>, o que demonstra a importância dessas redes sociais online na construção e manutenção de laços latentes.

As entrevistas realizadas foram gravadas em áudio, quando permitido, e também foram transcritas. Realizei as entrevistas no formato semidiretivo, ou seja,

---

<sup>46</sup> Ao observar postagens, reconheci uma menina que estava com a interlocutora em questão na foto. Menina esta que eu conheci na Holanda. Assim, por curiosidade, acabei entrando em contato e a convidei para contribuir com a pesquisa. A conta dela no Instagram é destinada ao público que deseja ser *Au Pair* na Holanda.

<sup>47</sup> Além dessa amostragem considerada no fluxograma, foram feitas outras quatro entrevistas, mas por não se encaixarem dentro de algum dos critérios estabelecidos foram excluídas da amostra. Uma por não ser brasileira, e as outras três por terem sido *Au Pair* em outros países que não a Holanda nos períodos estabelecidos. Posteriormente, dessas sete entrevistas realizadas com pessoas que conheci nesse período, consegui indicação de mais seis *meninas*, das quais consegui entrevistar três, sendo que uma delas tinha sido *Au Pair* na Alemanha, e, portanto, não foi considerada para análise. Tinha marcado com ela achando que ela tivesse ido para Holanda, mas no momento da entrevista descobri que não, e acabei por realizar a entrevista mesmo assim, a título de curiosidade, e por achar indelicado dizer que não ia entrevista-la, sabendo que ela se dispôs a contar a sua experiência para mim. Também realizei outras entrevistas com brasileiras e não brasileiras durante minha ida a campo em 2022, mas que também não foram incluídas no *corpus* de análise, diante do prazo que tinha para a finalização da escrita da tese.

utilizei de um roteiro de conversa que continha os seguintes temas: perfil (nome, idade, escolaridade, origem, etc.); o trabalho de *Au Pair* (conteúdo, horas, condições, salário); projeto migratório (razões da escolha do país, do programa de intercâmbio, planos após o fim do intercâmbio); relato subjetivo sobre o processo migratório (eventos marcantes, sofrimentos, prazeres, etc.) (QUEIROZ, 1991; THIOLENT, 1987).

Também solicitei que as 40 entrevistadas respondessem a um questionário<sup>48</sup> online com questões relacionadas ao perfil, além de outras questões pertinentes à pesquisa na qual obtive 38 retornos. As duas entrevistas que ficaram sem resposta, tratava-se de uma *menina* em que perdi o contato devido a minha única forma de comunicação com ela ser o seu número de telefone da Holanda, sendo que essa já havia retornado ao Brasil, já a outra não se apresentou uma razão não aparente.

Além das entrevistas com *Au Pairs* brasileiras, também entrevistei famílias que residiam na Holanda e que tiveram *Au Pair*. O intuito era buscar compreender qual era a motivação principal das famílias em buscarem esse tipo de solução como forma de cuidado infantil, de forma a refletir sobre a minha inquietação inicial que me fazia questionar se o programa era buscado como forma mais barata de se obter serviços de babá.

Foram realizadas 8 entrevistas com famílias, estas não puderam obedecer aos critérios temporais 2008-2012 e/ou 2018-2022, pois dentre estas, uma entrevistada teve *Au Pair* entre o final dos anos 1990 e início dos anos 2000, e outras tiveram *Au Pairs* tanto no primeiro período quanto no segundo, uma vez que muitas famílias possuem *Au Pair* durante todo período de infância até o período da adolescência de seus filhos.

Duas entrevistas foram realizadas no início de 2020, antes da pandemia; e as outras 6 foram realizadas em 2022. Para entrevistar o grupo de famílias, a primeira estratégia adotada foi solicitar às próprias *Au Pairs* entrevistadas estabelecer o contato com as famílias. Foi através dessa intermediação e apresentação que consegui fazer as duas primeiras entrevistas das famílias.

Com as demais utilizei-me das redes sociais como Facebook. Inicialmente, busquei entrar em contato após visualizar anúncios e/ou a interação de famílias em

---

<sup>48</sup> As questões estão no Apêndice.

grupos relacionados ao programa, assim, almejava identificar possíveis participantes. Nesse caso, eu buscava entrar em contato diretamente com alguma possível família anfitriã, mas muitas das iniciativas não eram visualizadas, pois o Facebook mantém ocultas as mensagens enviadas por pessoas que não são “amigos” da conta do usuário, as considerando uma espécie de *spam*<sup>49</sup>.

Foi a partir da não visualização ou da não resposta às minhas mensagens, que busquei utilizar outra plataforma, o LinkedIn. Fiz isso com o intuito de conseguir receber algum retorno daquelas famílias abordadas no Facebook. Diferentemente dessa última, na configuração padrão do LinkedIn, quando se envia uma mensagem direta, mesmo não fazendo parte da rede de contatos desse usuário, a plataforma envia uma notificação no e-mail da pessoa, ampliando as chances de retorno.

Desse grupo, apenas uma entrevista foi realizada pessoalmente durante a minha pesquisa de campo na Holanda, na qual entrevistei a dona de uma escola de idiomas que teve *Au Pair* na década de 1990. Mesmo ela tendo tido *Au Pair* fora do recorte estipulado, ela trouxe informações valiosas sobre as agências, as/os estudantes do curso de línguas que estavam no país participando do Programa *Au Pair* na Holanda, bem como a organização familiar e de gênero no país ao longo do tempo. As outras foram realizadas de forma *online*. Sempre busquei indicações de outras famílias, no entanto, esta estratégia não foi muito eficiente.

Também tentei contato com as famílias através das agências que pude visitar pessoalmente, no entanto, não obtive nenhum contato por meio das agências que alegavam não poder contribuir por conta da legislação de privacidade do país. A caracterização das famílias e os motivos relatados nas entrevistas são apresentados no subitem do capítulo 4 intitulado “Relações de trabalho e família na Holanda”.

---

<sup>49</sup> *Spam* pode significar “Sending and Posting Advertisement in Mass”, traduzido em português “Enviar e Postar Publicidade em Massa”, ou também “Stupid Pointless Annoying Messages” que significa “Mensagem Ridícula, Sem Propósito, e Irritante”.

## 1.5 O TRABALHO DE CAMPO NA HOLANDA E SEUS DESDOBRAMENTOS COM O ADVENTO DA PANDEMIA

Após a virada de 2020, no início do ano, estava com a expectativa da realização do trabalho de campo na Holanda. Minhas resoluções de ano novo passeavam pela minha missão inicial de localizar, entrevistar e coletar as histórias das minhas interlocutoras. Tinha comprado passagem para ir dia 05 de abril e retorno dia 02 de julho. Como parte do processo, já havia acertado local de hospedagem<sup>50</sup>, traçando roteiros de lugares e pessoas para visitar (agências, IND<sup>51</sup>, busca de *Au Pairs* e suas famílias).

Eu havia solicitado hospedagem para a família na qual trabalhei como *Au Pair* em 2008-2009. Não mantive uma ligação frequente com a família após meu intercâmbio, contudo, mantinha alguma relação através de redes sociais *online*. A última troca de e-mails entre nós tinha sido feita em 2010, na época ela havia me escrito solicitando que eu conversasse com uma brasileira que estava se candidatando para ser a nova *Au Pair* da família<sup>52</sup>.

A *Au Pair* seguinte a mim, a terceira da família, ficou entre o segundo semestre de 2009 e 2010. Tratava-se de uma menina de Gana que era sobrinha da mulher que fazia faxina na casa, assim, não chegaram a buscar em nenhum website especializado nisso, como ocorrido das outras vezes. A menina de Gana cuidou das três crianças, mais uma recém-nascida que eu não cheguei a conhecer, pois quando retornei para o Brasil, a mãe estava grávida de sete meses.

---

<sup>50</sup> Para conseguir hospedagem negocieei com pessoas que conheci durante minha experiência como *Au Pair* na Holanda em 2008-2009, bem como busquei novos contatos ao longo da realização da pesquisa, tinha feito contato com uma brasileira que pesquisava imigração e através dela iria ficar na casa de seu namorado holandês que também era pesquisador. Também tinha me cadastrado no website *Workaway*, uma plataforma na qual pessoas do país oferecem hospedagem em troca de algum tipo de trabalho, mas que não tive retorno neste primeiro momento.

<sup>51</sup> Órgão do governo holandês responsável pelos processos de imigração e naturalização.

<sup>52</sup> Essa prática de trocar e-mails entre família e *Au Pair* quando se está a selecionar uma nova intercambista é algo comum, pelo o que pude observar nos relatos de meus interlocutores, e, também nas publicações em plataformas digitais. Essa é uma forma de passar maior credibilidade e confiança para ambos os lados. Algumas famílias, com o passar no tempo, inclusive, passam a delegar a suas *Au Pairs* atuais o papel de selecionar a próxima *Au Pair* através da divulgação da vaga nos Grupos do Facebook. Essa prática de intermediação por *Au-Pairs*, pode ter se ampliado com o surgimento da internet e seus diferentes dispositivos, mas é algo anterior ao próprio surgimento da internet, sendo realizada anteriormente por outros meios de comunicação como telefone e cartas.

Posteriormente, com a quarta *Au Pair*, a família voltou a utilizar o site APW, assim como fizeram comigo. A mãe me escreveu pedindo para que eu respondesse ao e-mail dessa candidata brasileira. Eu respondi aos questionamentos dela, que, basicamente, quis saber como foi meu ano com eles, como era cuidar de três crianças mais um bebê, e se eu tive algum tipo de problema com eles. Respondi ao e-mail dela contando sobre minha rotina, as características da família e do lugar onde eles moram. Depois retornei o e-mail para mãe das crianças sobre minha impressão da candidata também. Essa prática era comum, pois como havia dito, eu tive contato com a *Au Pair* da Indonésia anterior a mim<sup>53</sup>.

No final de outubro de 2019, eu resolvi escrever um e-mail para a família e falar um pouco sobre a minha pesquisa de doutorado. Perguntei sobre eles para a mãe da família e ela me retornou dizendo que a filha mais velha tinha iniciado um curso universitário, entre outras coisas. Assim, após ter retomado este contato, solicitei pedir ajuda, perguntei se eles me hospedariam por um a três meses para que pudesse realizar minha pesquisa.

Desta forma, depois de algum tempo, ela me respondeu que poderia me receber entre os dias 06 de abril e 10 de maio. Seria uma importante chance para reviver aquele espaço e pessoas. Acreditei que seria possível conversar com ela sobre questões relacionadas à política migratória e de conciliação trabalho e família na Holanda, entre outras coisas.

Para conseguir estender minha estadia, fui em busca de outras possibilidades. Estava olhando *posts* de perfis de brasileiras que moram na Holanda e li um trecho de uma reportagem de um jornal local que citava uma pesquisadora brasileira que analisava a imigração brasileira na Holanda. Foi quando busquei seu contato e enviei uma mensagem via LinkedIn.

Essa pesquisadora brasileira me passou o seu e-mail, escrevi explicando sobre minha pesquisa e solicitando ajuda tanto com relação a possíveis contatos de famílias que possuem *Au Pairs*, quanto com relação à possibilidade de me receber por um tempo para a realização do meu trabalho de campo na Holanda. Ela marcou um

---

<sup>53</sup> É comum essa prática das famílias compartilharem o contato de suas antigas *Au Pairs* com as candidatas a futuras *Au Pair* no processo de recrutamento. Fato que será mais bem discutido ao longo do texto.

horário para conversarmos via Skype<sup>54</sup> para me conhecer “ao vivo” e explicar como ela poderia me ajudar. Nesta conversa ela me disse que não teria espaço para me receber, pois ela mora em uma casa pequena, mas que ela tinha conversado com o namorado que é professor universitário e que aceitou me receber por mais um mês, de 10 de maio a 10 de junho.

Desta forma, sabendo que teria garantida a hospedagem por no mínimo dois meses, comprei minha passagem para um período de três meses, pensando que estando na Holanda conseguiria que mais alguém me hospedasse<sup>55</sup> e, caso contrário, iria para a casa de uma colega da graduação que atualmente reside na Suíça e que disse que poderia me receber.

Tendo isto em vista, me dediquei ao planejamento do trabalho e às transcrições das entrevistas realizadas ao longo de 2019. Em meus planos estava tudo alinhado, mas o advento da pandemia do coronavírus pôs minhas expectativas abaixo, o que fez com que o trabalho de campo na Holanda tivesse de ser adiado. Naquele contexto, a minha então *host mom*<sup>56</sup> me escreveu um e-mail dia 12 de março com a atualização da situação do Covid-19 na Holanda. As escolas ainda estavam abertas e eles ainda se deslocavam para o trabalho, mas a doença já se espalhava rapidamente pelo país.

No dia seguinte, ela me escreve novamente dizendo que as coisas estavam piorando, pois, o governo holandês determinou o fechamento de escolas e universidade, o cancelamento de atividades de esportes e lazer e eles deveriam, naquele momento, trabalhar a distância. E nesse sentido, já me questionou se eu poderia reagendar o voo. E, assim, de forma frustrante, a oportunidade de retornar a Europa, agora na condição de pesquisadora, reencontrar e vivenciar aqueles espaços e pessoas havia sido adiado.

Diante disso, o trabalho de campo continuou acontecendo a partir das diferentes plataformas digitais apresentadas durante os anos de 2020 e 2021. Sendo assim, realizei um outro conjunto de entrevistas com pessoas que estavam como *Au*

---

<sup>54</sup> O Skype é um programa da Microsoft que permite a comunicação online gratuita via internet através de conexões de áudio e vídeo. Ele é muito utilizado para a realização de entrevistas entre as famílias e as *Au Pairs*, ou entre agentes de intermediadores e *Au Pairs*.

<sup>55</sup> Para, além disso, também estava tentando uma hospedagem via website: *Workaway*, um site voltado a conectar viajantes com moradores locais que oferecem hospedagem e alimentação em troca de algum trabalho.

<sup>56</sup> *Host mom* é a mãe da família anfitriã.

*Pair* durante o período da pandemia. Todavia, no segundo semestre de 2021, após poder ter tomado a segunda dose da vacina contra o coronavírus, passei a repensar se ainda não valia a pena tentar fazer trabalho de campo *in loco*, já que não tive muito retorno com as tentativas de diálogo online junto à famílias e agências, e o contexto se apresentar um pouco mais estável e favorável à realização da viagem.

Assim, escrevi e-mail para as pessoas que iam me hospedar anteriormente, durante o ano de 2020, se eles não poderiam me receber no final do ano de 2021. Entretanto, não tive retorno positivo, mas sem me dar por satisfeita, tentei encontrar outras possibilidades. Uma das alternativas foi procurar uma hospedagem gratuita por meio de um website chamado Workaway, que é uma plataforma de viajantes que trocam algum tipo de trabalho por hospedagem.

Não é permitido trabalhar como turista na Holanda, mas a plataforma oferece esse tipo de conexão de forma totalmente informal. No website você monta seu perfil com fotos, breve apresentação, habilidades que você pode oferecer como trabalho e seus objetivos e destinos de viagem. Depois você procura por perfil de nativos que oferecem hospedagem em troca de algum tipo de serviço: há hostels, fazendas, Ecovilas, famílias, etc. Nesse último caso, muitos oferecem hospedagem em troca de algum tipo de trabalho doméstico como cozinhar, limpar, fazer o jardim, pequenas reformas ou para cuidar de crianças ou animais de estimação. Eu busquei por famílias, pois poderia ter contato com o cotidiano de uma família holandesa ou internacional que residisse na Holanda, e assim poderia fazer algumas observações que poderiam ser úteis para minha pesquisa.

Depois de algumas tentativas, uma família me aceitou, era uma jovem mãe holandesa e sua filha de 5 anos. Ela me ofereceu hospedagem e alimentação. Em troca, eu auxiliava com o jantar, aspirar a casa, levar o lixo para fora, buscar a filha na escola ou na creche, levar e buscar a menina na natação e na ginástica. Em alguns finais de semana também trabalhava de sábado para domingo para que a mãe pudesse sair para se divertir.

O trabalho durava em torno de 20-25 horas semanais e foi muito semelhante à rotina de trabalho de uma *Au Pair* formal. A experiência informal de *Au Pair*, que a plataforma do *Workaway* me proporcionou, foi útil para eu buscar algumas informações sobre os círculos de cuidados mais utilizados pela família que eu convivi

neste período. Como dito, eu já tinha alguma noção do que se tratava, e ao entrevistar outras *Au Pairs* utilizei-me disso, o que também me levou a repensar a minha própria experiência.

A cidade em que me hospedei, ficava em torno de 30 minutos de Amsterdam. Assim, o meu trabalho de campo se concentrou nas províncias: Holanda do Sul, Holanda do Norte e Utrecht.

**Figura 6 - Mapa da Holanda**



Fonte: <https://www.eurodicas.com.br/mapa-da-holanda/>

Na busca pelas agências e mais interlocutores, iniciei o meu trabalho de campo visitando aquelas próximas de onde eu estava hospedada, e também em uma escola de idiomas que possui parceria com diversas agências. No caso da escola de idiomas, foi uma estratégia utilizada para tentar encontrar mais *Au Pairs* e/ou famílias da região. Consegui conversar em uma turma e falar de minha pesquisa, duas estudantes

aceitaram conceder uma entrevista. Ambas eram *Au Pairs* sul-africanas, uma branca e outra negra, entretanto, não consegui contato com nenhuma família através desta estratégia.

As agências na Holanda trabalham de formas diferentes e são segmentadas em muitas vezes por nacionalidade. Desta forma, foquei em agências que eu sabia anteriormente que trabalhavam com brasileiras ou que tivessem um perfil mais internacional. Antes de ir para Holanda, eu já havia feito contatos por e-mail com diversas agências, mas só tive retorno de uma delas. Apesar disso, não consegui efetivamente realizar nenhuma entrevista. Então, decidi visitar algumas dessas agências sem fazer agendamento prévio, para ver se conseguia abrir um ponto de contato. Em alguns casos tive sucesso, em outros não.

Neste processo descobri que existiam agências grandes com estrutura organizacional moderna (*startup*), composta por diversos computadores de última geração e dezenas de funcionários. Em outras agências o cenário era oposto, funcionavam na casa do próprio dono do empreendimento, com estrutura organizacional caseira, sem contar com nenhum outro funcionário<sup>57</sup>, essas agências menores contavam em média com 50 clientes.

Já as maiores e as mais tecnológicas, tinham em torno de 200 clientes. Nem todas trabalham exclusivamente com o programa *Au Pair*, mas também com o mercado de aplicativos de babás (permanentes e temporárias), o que justificava a estrutura mais imponente desses últimos. Foi com base nessa percepção, que pude constatar como o *Au Pair*, apesar de ser vendido como um Programa de Intercâmbio Cultural, estava interseccionado com o Mercado do Trabalho de Cuidado. Assim, a busca por uma *Au Pair*, por uma babá qualificada ou por uma babá ocasional faziam parte de uma mesma plataforma de busca.

Após o processo de busca, consegui realizar entrevistas com 4 agências, efetivamente, das 8 que visitei. As entrevistas duraram entre 1 a 2 horas e meia, duas delas foram gravadas, e outras duas não. As entrevistas gravadas foram realizadas com prévio agendamento (realizado após uma primeira visita ou por e-mail). A

---

<sup>57</sup> Esta caracterização inicial das agências pode parecer não ter importância analítica num primeiro momento, entretanto, penso que as formas com as agências são estruturadas interferem na forma como fazem a gestão do processo de seleção das *Au Pairs*, bem como em suas interfaces perante a *plataformização* de outros tipos de trabalho de cuidado.

agendada por e-mail tratava-se da única que obtive retorno antes da minha ida para Holanda. Quando informei que estava no país, e que gostaria de visitar presencialmente seu escritório, o responsável pela agência não hesitou em separar uma data para tanto.

No caso das outras duas entrevistas, as não gravadas, uma foi realizada a partir da primeira visita surpresa, e a outra por sentir que num diálogo mais informal eu poderia obter com mais facilidade informações que estava procurando. Um desses itens se referia às *Au Pairs* Filipinas, que possuíam limitações para ingresso no programa.

Dois agências entrevistadas declararam que não trabalhavam com *Au Pairs* Filipinas, pois alegavam que elas não eram motivadas pelo intercâmbio de troca cultural, mas buscavam através dele uma forma de melhorar de vida. E, devido a isso, eram muito vulneráveis a sofrerem abusos, pois aceitavam trabalhar mais para receber mais e, assim, poderem enviar remessas para suas famílias de origem.

Uma terceira agência, embora não muito conhecida pelo público brasileiro, foi entrevistada. Eu só procurei essa empresa, pois ela disse trabalhar com as Filipinas, algo que considerei pertinente, já que após o relato das duas primeiras quis entender melhor a razão de algumas aceitarem candidatas das Filipinas e outras não. Apesar disso, essa terceira agência, fez a mesma referência com relação às *Au Pair* vindas de países do norte da África. O trabalho com o *Au Pairs* do referido país ocorria, pois, segundo a agência, as filipinas eram muito amorosas com bebês, ainda que não tivessem um bom perfil com crianças maiores, pois não conseguiam lidar com a indisciplina, nem impor limites.

Essas declarações me fizeram fazer os seguintes questionamentos: Quais são as conexões entre a nacionalidade das futuras *Au Pairs* e formas de gestão da mão de obra pelas agências? Qual são as intersecções existentes entre estas agências, o mercado global de cuidado (incluindo outros tipos de trabalho do cuidado) e as Filipinas? Há diferenças significativas nos processos de recrutamento entre agências que trabalham com Filipinas e as que não trabalham?

Diante desse cenário apresentado no campo, fui à procura de agências que trabalham majoritariamente com *Au Pairs* de nacionalidade filipina, e, assim, visitei uma que apesar de não trabalhar exclusivamente com essa nacionalidade, a maioria

do seu público era constituída de pessoas vindas deste país. Ademais, também visitei uma outra agência, que trabalhava apenas com esta nacionalidade, entretanto, eles não aceitaram me conceder uma entrevista. Das 21 agências autorizadas, apenas cinco são especializadas em *Au Pairs* das Filipinas<sup>58</sup>.

A curiosidade despertada, após dados coletados em campo em relação aos filipinos me fizeram, me atentar para os websites destas agências, visto que anteriormente eu apenas havia coletado informações junto aos websites das agências mais utilizadas e conhecidas pelas brasileiras. E desta forma, encontrei outra agência que também trabalhava com outras opções de trabalhadores do cuidado como babá, governanta e cuidador. E, uma outra agência que defendeu o *Au Pair* como uma ótima opção para o cuidado de idosos, sobretudo, aqueles que estão com dificuldades de fazer a transição para um lar de idosos, e que querem permanecer em seu próprio ambiente familiar, isto é, a sua própria casa.

Foi durante esse processo avaliativo que pude perceber, a partir dessas novas evidências, que havia uma conexão entre o Programa *Au Pair* e demais trabalhadores do cuidado, sinalizando alguns pontos de intersecção com outras formas de trabalho feminino que constituí o atual mercado global de cuidado. Desse modo, e, mais do que isso, o *Au Pair* apesar de ser um programa regulamentado no país, na prática, os seus sentidos compunham um mercado informal de cuidado<sup>59</sup>.

Além das entrevistas e das observações de diferentes plataformas digitais, também analisei informações dos websites de agências de *Au Pairs* holandesas, a fim de buscar compreender o funcionamento do programa no país, suas representações propagandas, bem como o papel destas empresas intermediadoras na gestão e controle do mesmo. No próximo capítulo, busco demonstrar um pouco do histórico da imigração brasileira na Holanda, as transformações na regulamentação do *Au Pair* ao longo das últimas décadas, assim como discutir algumas pesquisas bibliográficas que

---

<sup>58</sup> *AuPair4all, Complete Au Pair, Family Au Pair, Happy Au Pair e U-Au pair.*

<sup>59</sup> Segundo Brooks e Van Gelderen (2008), estima-se que haja mais de uma milhão de trabalhadores domésticos na Holanda, sendo que muitos destes trabalhadores sejam imigrantes indocumentados, movidos pela demanda crescente e relativamente atraente de prestação de serviços domésticos para famílias privadas, que trazem oportunidades de rendimentos muitas vezes mais vantajosas em comparação a outras formas de trabalho (bares e hostels, por exemplo), além de não serem alvos de inspeções nos locais de trabalho, com risco reduzido de exposição às autoridades (VAN WALSUM, 2011). Segundo estudo de Soraya (2012), a maioria dos imigrantes indocumentados na Holanda são das Filipinas, Gana, Nigéria, Marrocos, Turquia, Colômbia, Brasil, China e Indonésia.

se pautam em uma problematização das cadeias globais de cuidado para reflexão do campo-tema em questão (SPINK, 2003).

## 2 IMIGRAÇÃO BRASILEIRA NA HOLANDA: UMA DISCUSSÃO A PARTIR DO FUNCIONAMENTO E TRAJETÓRIA DO PROGRAMA *AU PAIR* NO PAÍS

A partir da década de 1980, o Brasil passou a ser caracterizado, segundo uma série de estudos sobre movimentos migratórios, como aquele que deixa de ser apenas um país que recebia migrantes, para se tornar aquele que também exporta migrantes, não havendo precisão quanto ao número de brasileiros que saíram do país, pois muitos deles são indocumentados e vivem no exterior sem os vistos formalmente requeridos (FELDMAN-BIANCO, 2010; PATARRA; BAENINGER, 1995). Sales (1999, p. 14) denomina esse período como “‘década perdida’ pelos portões de embarque dos aeroportos internacionais”.

A maior comunidade brasileira no exterior fica nos EUA, e a preferência pelo destino se explica pela difusão generalizada do “sonho americano” (SALES, 1991). Contudo, após o atentado de 11 de setembro de 2001, a migração brasileira para a Europa ganhou impulso. O fato que fez com que se aumentasse o controle das fronteiras estadunidenses, dificultando a busca pelo tal “sonho americano” (SALES, 1991; ASSIS, 2008).

Esse reposicionamento do Brasil, no quadro das migrações internacionais, ocorre também em um “[...] contexto de internacionalização da economia, flexibilização do capital e do trabalho, e predominância de políticas e ideologias neoliberais” (FELDMAN-BIANCO, 2010, p. 295), em um processo contraditório entre novas noções de nação e nacionalismo. Desta forma, se constitui como um processo inserido e específico dessa nova fase do capitalismo (PATARRA; BAENINGER, 1995).

Na Europa e nos EUA, a partir dos anos 1990, houve a implementação de políticas de imigração mais restritivas e os imigrantes passaram a ser representados como “perigo” e “ameaça” aos Estados nacionais. Estes, começaram a ser classificados de forma discriminatória com incorporação parcial dos documentados e a exclusão dos indocumentados. Junto a isso, culminaram resistências e manifestações em várias partes do mundo, a exemplo do mote do 01 de maio de 2009 nos EUA “*We are all humans! Nobody is illegal!!!*” e as campanhas ocorridas na União Europeia com os dizeres “pontes, não muros” (FELDMAN-BIANCO, 2010).

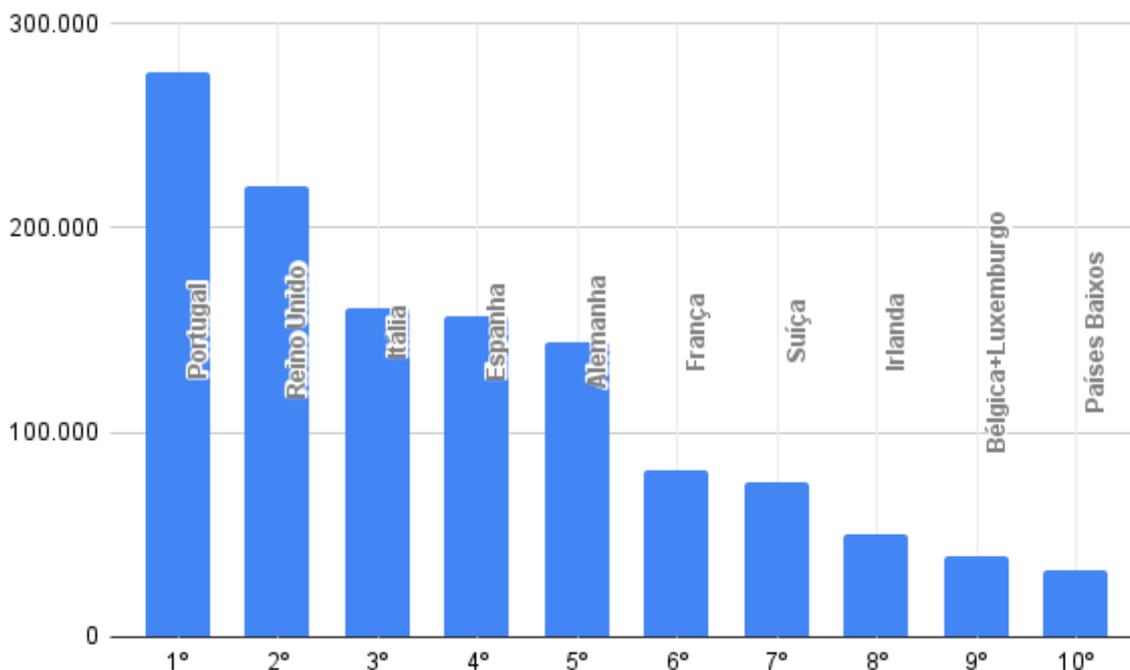
Mesmo havendo um número crescente da chamada “migração indocumentada”, num contexto de endurecimento das regras e do controle pelos países receptores, também houve um crescimento de pessoas que migram de forma regular, principalmente, daqueles que migram por motivo de estudo ou de profissionais altamente qualificados, nas chamadas “novas lógicas migratórias” (LATRECHE, 2001; DUMONT, 2006).

Acredito que o Programa *Au Pair* pode ser encaixado nesta posição de “novas lógicas migratórias”, pois possui visto regulamentado em alguns países. Apesar de muitas vezes ser defendido como intercâmbio cultural, ele não deixa de ser também caracterizado como um tipo de trabalho temporário legalizado nos países que possuem regulamentação. Ademais, o programa, muitas vezes, também é utilizado como uma estratégia de migrações mais prolongadas e permanentes, sendo, assim, uma porta de entrada no exterior (REDONDO, 2018; MOUSINHO, 2019).

Como podemos observar na tabela abaixo, a Holanda não é um país europeu que tradicionalmente tem sido o destino dos brasileiros, ocupando a décima colocada entre as nações de interesse dos brasileiros. O principal destino é Portugal, o que se justifica por nossas ligações históricas e também pela afinidade linguística, o que facilita e amplia as possibilidades migratórias, não sendo a língua uma barreira para isso.

Em segundo lugar temos o Reino Unido, cujas motivações são, em geral, as oportunidades de trabalho e de estudo (PEREIRA; SIQUEIRA, 2013). Entretanto, com o endurecimento da política migratória do país, outros destinos passaram a ser mais atrativos ou vistos como porta de entrada (país intermediário de trânsito), a exemplo da Holanda (VAN MEETEREN, *et al.*, 2013).

Figura 7 - Gráfico dos principais destinos dos brasileiros no exterior



Fonte: Ministério das Relações Exteriores (BRASIL, 2021, p. 18)

Assim, a imigração brasileira para a Holanda faz parte de um processo recente de fragmentação e pluralização da recepção de migrantes por este país. Após a Segunda Guerra houve um processo de emigração com incentivo do governo, sendo que meio milhão de seus cidadãos, entre 1946 a 1969, deixaram o país para viverem principalmente na Austrália, Canadá e Nova Zelândia, e, em menor grau, no Brasil e África do Sul. Neste mesmo período, houve, também, um afluxo de imigrantes vindos da recém independente Indonésia (1949), constituindo-se em uma comunidade de imigrantes importante na Holanda. Outra ex-colônia que migrara para o país foi o Suriname, após se tornar independente da Holanda em 1975 (VAN MEETEREN *et al.*, 2013).

Para além desses, houve imigrantes, que, entre a década de 1960 até a crise do petróleo de 1973, adentraram ao país como trabalhadores convidados, principalmente aqueles advindos da Espanha, Itália e Portugal. Posteriormente, foram incluídos trabalhadores da Turquia e de Marrocos, sendo que muitas pessoas destes últimos países acabaram não retornando ao país de origem, se estabelecendo em

solo holandês. Após este período, criou-se um fluxo migratório dessas comunidades, seja através da chamada “migração para formação de família”, seja como ilegais (VAN MEETEREN *et al.*, 2013).

Há, também, aqueles que vieram através do pedido de exílio em períodos de guerra como é o caso da ex-Iugoslávia (1992-1995), ou de outros países em crises como ex-União Soviética, Turquia, Afeganistão, Iraque, Irã, Sri Lanka, Angola, Somália e Serra Leoa. Entretanto, em 2001, foi inserida uma nova Lei de Estrangeiros, o que acabou por ocasionar um declínio no pedido por exílio, pois ela passou a introduzir procedimentos mais rigorosos. Apesar de vários pedidos de exílio terem sido recusados, muitos desses imigrantes permaneceram na Holanda ilegalmente (VAN MEETEREN *et al.*, 2013).

Outro grupo importante é o de imigrantes de outros países da União Europeia (UE). Na primeira década dos anos 2000, por exemplo, países do leste europeu passaram a integrar a UE, o que aumentou o fluxo de imigrantes oriundos destes países como Polônia, Bulgária e Romênia. Há também uma maior diversidade de imigrantes, a partir desse momento, originários de fora da EU, caracterizados através de novas formas de imigração, como aqueles que requerem asilo, os migrantes trabalhistas temporários e os irregulares (VAN MEETEREN *et al.*, 2013).

Com relação à imigração brasileira na Holanda, temos uma primeira onda migratória entre os anos de 1964 e 1985, durante o período da Ditadura Militar no país, e outra onda migratória após as crises econômicas das décadas de 1980 e 1990. Além disso, como dito, após o evento de 2001 (ataque sofrido pelos EUA) houve um maior endurecimento das políticas migratórias britânicas e americanas, o que impulsionou a procura por outros destinos, incluindo a Holanda, apesar das políticas migratórias também não serem muito flexíveis (VAN MEETEREN *et al.*, 2013).

A maior parte dos imigrantes brasileiros é do sexo feminino, muitas vezes através da migração conjugal, brasileiras se casam com cidadãos holandeses e se estabelecem no país. A relação inicia, em muitos casos, pela prática do turismo pelos holandeses no Brasil, principalmente nas áreas próximas às praias da costa do nordeste brasileiro. Essa dinâmica também ocorre através da internet, a qual ampliou, desde os anos 2000, as possibilidades de conhecer pessoas no exterior (VAN MEETEREN *et al.*, 2013).

Entretanto, a diversidade de regiões e de motivos faz com que seja difícil categorizar os imigrantes brasileiros na Holanda. No período de 1995 a 2007, cerca de 41% eram de migração familiar, o que inclui os casamentos holandeses-brasileiros; seguido de 37% por migração laboral; 16% por motivo de estudo; 4% por outros motivos; e 1% por estágio ou como *Au Pair* (VAN MEETEREN et al., 2013)<sup>60</sup>.

Um estudo mais recente, realizado pelo instituto de conhecimento do Ministério da Justiça e Segurança da Holanda – *Wetenschappelijk Onderzoek-en Documentatiecentrum (WODC)* avaliou a Lei da Política de Migração Moderna (MoMi Act)<sup>61</sup> durante o período de 2013 a 2017. Na análise ficou demonstrado que o Brasil está entre o top 6 das nacionalidades que solicitam o visto de residência em diferentes propósitos migratórios, são eles: trabalho altamente qualificado, emprego remunerado, pesquisa, estudo e *Au Pair*. O propósito de reagrupamento familiar também foi avaliado pelo estudo em questão, mas diferente dos dados demonstrados por Van Meeteren et al. (2013) os brasileiros não lideram o ranking das 7 nacionalidades que mais solicitam este tipo de visto (LODDER, 2019).

No que compete ao Programa *Au Pair*, a partir da Lei MoMi de 2013, esse passou a ser considerado, junto a outras formas de intercâmbio, como *Working Holiday Program (WHP)* e *Holiday Working Scheme (WHS)*, intercâmbios em uma organização privada como objeto do *cluster* de troca. Por ser visto pelo legislador como uma forma de intercâmbio cultural, ele é considerado como um meio de migração desejável (LODDER, 2019). Entretanto, desde os anos 2000 até 2022, muitas mudanças ocorreram na regulamentação do programa, sobretudo na forma de selecionar e restringir os participantes, condições estas que irei explicitar e debater, ao longo do trabalho (Ver item 2.2 “As transformações das regras do Programa *Au Pair* ao longo do tempo”). Antes disso, trago algumas referências bibliográficas para situar o mesmo no debate sobre cadeias globais de cuidado.

---

<sup>60</sup> Interessante observar que estes estudiosos consideram o *Au Pair* como uma modalidade migratória, apesar de ser numericamente muito inferior. Seria interessante um estudo sobre as trajetórias de ex-*Au Pairs* que permaneceram no país após o período do intercâmbio. Ainda que não seja o principal foco do presente estudo, exploro algumas trajetórias nesse sentido.

<sup>61</sup> Aprovada em 2013, a *Lei da Política de Migração Moderna (MoMi Act)* tem como o intuito regular e acelerar a admissão de migrantes, de acordo com diferentes finalidades de residência, como trabalho, estudo ou reagrupamento familiar.

## 2.1 ORIGEM DO PROGRAMA *AU PAIR*: ALGUNS APONTAMENTOS HISTÓRICOS E SUA RELAÇÃO COM O DEBATE SOBRE CADEIAS GLOBAIS DE CUIDADO

Antes de tratar do Programa *Au Pair* na Holanda, faz-se necessário explorar como ele vem sendo tratado por pesquisadores de diferentes partes do mundo. A literatura de estudos sobre o *Au Pair* possui lacunas historiográficas quanto ao seu surgimento. Eleni Liarou (2015) explica que isso se deve, pelo menos no caso da Grã-Bretanha, por conta da ambiguidade em torno dessa figura, pois estas não eram consideradas migrantes econômicas, nem trabalhadoras domésticas remuneradas. Cox (2015) também afirma certa invisibilidade, tanto em dados estatísticos oficiais, quanto em pesquisas acadêmicas, mesmo havendo um crescimento dessa modalidade de intercâmbio, argumentando que isso se deve pelo fato de ser uma atividade temporária.

Por sua vez, Redondo (2010) afirma que há registros de *Au Pairs* do sexo masculino e feminino oriundos da Inglaterra e da Alemanha, os quais teriam ido morar na França no final do século XIX com o objetivo de aprimorar a língua francesa, além de aprender sobre a cultura do país. De forma complementar, Duran (2014) aponta para a questão do programa ser utilizado inicialmente por sujeitos da mesma classe social (famílias francesas e suíças que recebiam jovens da Inglaterra e Alemanha, por exemplo), com o intuito de melhorar suas habilidades linguísticas em um idioma estrangeiro.

Cox (2015) também cita que o *Au Pair* era um modo de intercâmbio informal, sem o uso de agências, o qual consistia nas trocas entre famílias de classe média de diferentes países da Europa que se conheciam ou que tinham amigos em comum. Estes enviavam suas filhas para países vizinhos com o intuito de aprender as tarefas domésticas antes de entrar no mercado de casamento e se tornarem independentes de seus pais. Desta forma, o programa se assemelhava a práticas seculares de “serviço de ciclo de vida”, ou seja, se caracterizava como uma prática relacionada a uma fase transitória da vida de jovens até chegarem à vida adulta (ANDERSON, 2009).

No início do século XX, após a Primeira Guerra Mundial, essa prática teve relação com reconciliações internacionais (REDONDO, 2010). Além disso, havia nesse contexto um crescimento por demanda de trabalho doméstico (COX, 2015;

LIAROU, 2015). Posteriormente, depois da Segunda Guerra Mundial, esse perfil se democratizou, sendo procurado por jovens de diferentes classes sociais e de países de todos os continentes, passando a se enquadrar numa relação desigual entre hemisfério Sul e Norte, ou entre países do Leste e Oeste Europeu (DURAN, 2014).

Apesar do programa *Au Pair*, muitas vezes, e historicamente, não carregar tão intensamente o estigma da “servidão” presente na ideia do trabalho doméstico, não significa que não houve/há casos de exploração econômica e sexual. Liarou (2015) destaca, que já no início do século passado, o cinema e a televisão populares britânicos construíram o estereótipo da *Au Pair* como uma jovem estrangeira, sexualmente disponível, propensa a acidentes e ingênua. Essas mulheres, ainda, foram caracterizadas por jornalistas sensacionalistas como “*Pink Slave*”. Outros estudos também destacam questões de discriminação racial e objetificação sexual no emprego das *Au Pairs* (COX, 2007; ANDERSON, 2007).

Na segunda metade do século XX, mais especificamente, na década de 1960, ser *Au Pair* em Londres, por exemplo, estava relacionado a uma oportunidade de viagens e de observar a vida real de pessoas que se via apenas nos jornais e na televisão, ou seja, havia a construção de algo glamoroso, tanto para as jovens quanto para as famílias. Para estas últimas, inclusive, ter uma *Au Pair* era sinal de *status*, assim como ter um carro na garagem ou uma casa no campo. Assim, a possibilidade de se ter uma *Au Pair*, era parte do conforto de uma sociedade consumista que emergia, após o período de austeridade do pós-guerra (LIAROU, 2015).

Com o passar do tempo, o intenso trânsito não regulamentado de mulheres jovens em toda a Europa começou a ser debatido. Dentre as questões levantadas, estava o tratamento dentro das famílias anfitriãs, suas implicações legais, morais, culturais e econômicas transnacionais, passando, assim, a serem temas de discussão, de modo a encontrar formas de proteção social, culminando na elaboração do primeiro acordo internacional em 1969, o “Acordo Europeu sobre Colocações de *Au Pairs*”, também conhecido como o “Acordo de Estrasburgo” (COX, 2015; REDONDO, 2010).

No preâmbulo deste documento, há a preocupação em qualificar o *Au Pair* como uma categoria que possui características tanto de um trabalhador, como a de um estudante. Além disso, sugere-se um regulamento básico a ser seguido pelos

países que assinaram e ratificaram o documento, como: 1) o acolhimento temporário pelas famílias anfitriãs (período de um ano com a possibilidade de prorrogar por mais um ano); 2) a troca de serviços domésticos pela oportunidade de melhorar seus conhecimentos linguísticos e profissionais, além do contato com a cultura geral do país de acolhida; 3) Escala de idade entre 17 e 30 anos, podendo ser estabelecido exceções nesse limite quando justificado pela autoridade de cada país; 4) Comprovação do estado geral da saúde; 5) A escrita de um documento de comum acordo estabelecendo direitos e deveres das partes em questão, incluindo a possibilidade de rescisão imediata em caso de falta grave; 6) a garantia do oferecimento de alimentação e hospedagem pela família receptora, incluindo, quando possível, um quarto privativo; 7) Estabelecimento de uma jornada de trabalho que contemple tempo livre para a realização de um curso de idiomas e aprimoramento profissional (ao menos um dia de folga semanal, e não mais que 5 horas diárias de trabalho); 8) O recebimento de um montante de dinheiro denominado de *pocket money* (mesada); 9) O estabelecimento de benefícios sociais seja por meio de regimes públicos ou privados (seguro), em caso de doença, maternidade, acidentes, etc<sup>62</sup>.

Entretanto, essa regulamentação na Europa, baseada no acordo de 1969, é seguida por poucos países (Dinamarca, Itália, Noruega e França), e, segundo Stenum (2011), não se possui um forte mecanismo para a regulamentação internacional sobre o programa. Além disso, o documento encontra-se desatualizado quanto à real formatação e dinâmica atual deste meio de intercâmbio. A falta de padronização dessa regulamentação faz com que, no caso Europeu, as *Au Pairs* de origem não europeias fiquem em situação de vulnerabilidade justamente por viverem em seu local de trabalho<sup>63</sup>.

No que se refere aos cidadãos da UE empregados como *Au Pair*, esses são considerados trabalhadores móveis e estão protegidos por uma legislação específica. O que não acontece com aqueles que são de fora da UE, os quais são dependentes da família anfitriã ou de uma agência para conseguir uma permissão de moradia. Esta

---

<sup>62</sup> STRASBOURG. CONCEIL OF EUROPE.. **European Agreement on "au pair" Placement and Protocol thereto**. Disponível em: <https://rm.coe.int/168007231c>. Acesso em: 27 abr. 2023.

<sup>63</sup> Nem todos os países europeus admitem cidadãos não europeus no programa de *Au Pair*. Podemos citar Irlanda, Escócia, Inglaterra, Espanha, Itália e Polônia, como exemplos.

dependência tende a dificultar a troca de residência em casos de abuso e exploração (STENUM, 2011).

A Holanda é um dos países que não ratificou o Acordo Europeu, entretanto, pode-se observar que alguns dos requisitos especificados no acordo foram seguidos. Até o ano de 2013 o visto de residência estava ligado à sua família anfitriã. A nova legislação, Lei de Política de Migração Moderna (MoMi), prevê atualmente que as agências tenham um papel proeminente, pois elas se tornaram as únicas patrocinadoras de *Au Pair*, ou seja, passaram a ser responsáveis pelo cumprimento dos requisitos legais, tanto das *Au Pairs*, quanto das famílias anfitriãs, podendo sofrer sanções se não observarem estas regras (STENUM, 2011).

Com relação à recepção do Programa *Au Pair* em outros países fora do continente europeu, Villa (2014) diz que encontra registros a partir da década de 1980 na Austrália e nos Estados Unidos. Assim, o programa se internacionalizou em um contexto de queda do Estado de Bem-Estar Social, no qual famílias de países desenvolvidos buscavam alternativas privadas no cuidado de seus filhos, já que havia uma redução de serviços públicos para o atendimento da população infantil (VILLA, 2014).

Desta forma, a expansão do Programa *Au Pair* se encaixou no aumento de demanda por trabalho de cuidado nos países desenvolvidos, especialmente por conta do aumento da participação feminina no mercado de trabalho, somada às políticas neoliberais de corte de gastos com serviços públicos, o que diminuiu o apoio estatal à reprodução social e fez com que crescesse a privatização dos cuidados infantis e a demanda por trabalhadores domésticos nos EUA e Europa (LUTZ, 2008).

Assim, o *Au Pair* se torna uma alternativa de nicho de mercado que oferece serviços de cuidado rotativo de jovens mulheres, sob o estatuto de “não migrante” e “não trabalhador”, o que produz migrantes marginalizados (não-cidadãos) (STENUM, 2011, 2015). Em vista disso, as próprias agências intermediadoras promovem, muitas vezes, o esquema como um método flexível, acessível e barato em comparação a outras formas de puericultura (PÉREZ, 2015).

Além do mais, as *Au Pairs* são moralmente aceitáveis em países com ideias social-democratas, como os países nórdicos, que condenam o trabalho doméstico remunerado, a exemplo disso, a Noruega. Mesmo havendo políticas de igualdade de

gênero mais generosas e abrangentes, o *Au Pair* passou a se popularizar nestes países como forma de reconciliação do trabalho remunerado, cuidados com crianças e trabalho doméstico, especialmente entre a classe média local (BIKOVA, 2017).

Bikova (2015) faz uma crítica aos estudos sobre *Au Pairs*, especialmente em relação aos filipinos, a partir das lentes da teoria de cadeias globais de cuidado, pois são retratadas como trabalhadores desfavorecidos e carentes, vítimas das forças estruturais da globalização, que não possuem agência, sendo, portanto, mais um caso de trabalhadores domésticos migrantes explorados do Sul global. Nesse sentido, para a autora, o conceito de “circulação de cuidado” elaborado por Baldassar e Merla (2014) é mais apropriado, pois as relações de cuidado não são unidirecionais e didáticas, mas multidirecionais, assimétricas e complexas.

Desse modo, apesar de fazer parte da cultura filipina, a lealdade parental, na qual é considerada uma obrigação moral no sustento da família, é uma razão importante, mas não absoluta entre os migrantes. Em vez disso, outras motivações também permeiam a participação do esquema *Au Pair*, não apenas financeiras, sendo que o cuidado se move em diferentes direções dentro da rede familiar transnacional, através das fronteiras nacionais e ao longo do tempo, não podendo ser entendida de forma rasa como simples drenos de cuidado. As *Au Pairs* filipinas mantêm relações ativas com suas famílias e comunidades de origem, além disso, a concepção de família estendida, nas Filipinas, possui um valor fundamental na prestação e organização de cuidados transnacionais (BIKOVA, 2015).

De modo geral, apesar de cada país possuir regras próprias, observa-se que ambiguidades moldam o programa e acabam por produzir abusos e exploração. A ocultação do valor do trabalho e a defesa do discurso de intercâmbio cultural limitam os estabelecimentos de direitos claros, o que na prática acaba por permitir situações degradantes (COX, 2015). Dentre os países menos regulamentados podemos citar: Reino Unido, Irlanda e Austrália, pois não possuem visto específico para a colocação da *Au Pair*. Entretanto, isso não significa que não exista *Au Pairs* nesses países, mas que para se tornar uma é necessário outro tipo de visto, como o de estudante ou de trabalhadores temporários no período de férias, por exemplo. Assim, não há uma regulamentação quanto à jornada de trabalho, o valor mínimo de mesada, ou restrições com relação a quais tarefas podem ser solicitadas (COX, 2015).

Com uma regulamentação intermediária, estão países nórdicos (Noruega e Dinamarca), a França e a Holanda. Este último, apesar de não fazer parte da coletânea de estudos organizada por Cox (2015), possui semelhanças com as características demonstradas com relação a esses países. Estes possuem vistos específicos e existem regras que definem o valor da mesada, jornada de trabalho, critérios para ser uma família anfitriã, horas de estudos e quem deve pagar o curso de idiomas, por exemplo.

E com uma regulamentação maior, pode-se enquadrar os Estados Unidos, por ser um país que trata o *Au Pair* como uma forma de emprego, com a permissão de uma jornada de trabalho mais prolongada (45 horas semanais, máximo de 10 horas por dia). Ainda, não se espera que realizem tarefas gerais de limpeza, mas de cuidado infantil, além de receberem salários mais elevados. Ademais, as regras são mais fortes quanto à definição do conceito de intercâmbio cultural e seus elementos educacionais, como a obrigação em se matricular em pelo menos seis horas semestrais de aulas em uma instituição educacional pós-secundária ou auditar as classes sem nenhum crédito, caso desejarem (COX, 2015).

A seguir, há um quadro comparativo dos requisitos de quatro diferentes países selecionados por serem os mais populares entre os brasileiros, além de possuírem regulamentação, e por estarem nas trajetórias de interlocutoras da pesquisa.

**Quadro 1 - Comparativo entre países segundo requisitos para ser *Au Pair***

<b>Requisitos/ Normas</b>	<b>EUA</b>	<b>França</b>	<b>Bélgica</b>	<b>Holanda</b>
<b>Idade</b>	18 a 26 anos	17 a 30 anos	18 a 25 anos	18 a 30 anos (em outubro de 2022 passa a ser 25 anos)
<b>Proficiência na língua do País de destino</b>	Conhecimento básico/ Intermediário de inglês	Conhecimento básico de Francês	Conhecimento básico de Holandês, Francês ou Alemão, a depender da localização.	Não (Entretanto, as agências requerem conhecimento básico/ intermediário da língua inglesa).
<b>Necessário comprovar ter</b>	Sim	Não	Não	Não

<b>experiência de trabalho com crianças</b>				(Entretanto, as agências solicitam referências de pessoas que conhecem suas habilidades com cuidado infantil).
<b>Período máximo de estadia/ visto</b>	Visto J-1, período mínimo de 12 meses e máximo de 24 meses	Estudante e " <i>stagiaire aide familial étranger</i> " por no mínimo 3 meses e máximo de 18 meses	A família anfitriã deve solicitar uma autorização de trabalho B (trabalho e empregador específico) para a sua estadia como <i>Au Pair</i> .	MVV (Temporary Residence Permit) e/ou a VVR (Residence Permit Regular). Máximo de 12 meses
<b>Horas de trabalho</b>	45 horas por semana, no máximo 10 horas por dia.	Máximo de 5 horas por dia e 30 horas por semana.	Máximo de 4 horas por dia e 20 horas por semana, distribuídos em 6 dias da semana.	30 horas semanais, máximo de 8 horas por dia e 5 dias na semana.
<b>Remuneração</b>	195,75 dólares americanos por semana	75-90 por cento da chamada garantia mínima que em 2016 era entre 267,75 € e 321,30 € por mês.	Mínimo de 450 €	Entre 300-340 €
<b>Curso preparatório</b>	Obrigatório curso de conceitos básicos de desenvolvimento infantil, nutrição e segurança oferecido pela agência contratada.	Obrigatório que as <i>Au Pairs</i> de países não pertencentes à UE participem de um curso de francês para estrangeiros.	Obrigatório que as <i>Au Pairs</i> de países não pertencentes à UE participem de um curso de francês, holandês ou alemão para estrangeiros.	Não obrigatório, mas costuma-se realizar curso de línguas (Inglês ou Holandês) com ajuda de custodado pela família anfitriã.
<b>Intermediação de agência reconhecida</b>	Sim	Não	Não	Sim
<b>Carteira de motorista</b>	Sim	Não	Não	Não

Fonte: Elaboração da autora a partir de dados retirados no site: [www.aupairworld.com](http://www.aupairworld.com) (31/01/2021)

É esperado que a escolha por um país envolva múltiplos fatores, ou seja, as vantagens e desvantagens que cada um carrega. No que se refere à divulgação, os EUA costumam ser o destino com maior atuação das agências intermediadoras nesse

âmbito, e é muitas vezes visto como o único destino possível para ser *Au Pair*<sup>64</sup>. O idioma do país norte-americano também é um fator que colabora com sua popularidade, já que o inglês é a segunda língua mais falada no Brasil. Ademais, os Estados Unidos é o país que oferece o maior salário, conseqüentemente, proporcionando mais oportunidades de consumo durante ou após o intercâmbio – sem contar com a possibilidade de extensão do programa por mais 12 meses.

Apesar das vantagens, existem três grandes limitadores. Dentre eles estão na necessidade de ter carteira de motorista, bem como de comprovação de experiência com crianças e a idade limite ser de até 26 anos. Foram estes aspectos que fizeram com que muitas candidatas optassem pela Holanda, por exemplo. Agora, com a mudança do limite de idade para 25 anos a partir de outubro de 2022, as escolhas e trajetórias das futuras *Au Pairs* brasileiras serão reorganizadas novamente, sendo que as mais velhas tenderão a optar por países que aceitem pessoas com até 30 anos, como é o caso da França. Por outro lado, a França tem como grande fator limitador: o idioma. Apesar disso, pode ser destino de pessoas que almejam cursar uma faculdade no exterior, pois possuem custos educacionais mais baratos para cidadãos não europeus, assim como também a Alemanha e a Bélgica<sup>65</sup>.

## **2.2 AS TRANSFORMAÇÕES DAS REGRAS DO PROGRAMA AU PAIR NA HOLANDA AO LONGO DO TEMPO**

O governo holandês desenvolveu, desde 2003, investigações periódicas com a preocupação de aprimorar o intercâmbio, de modo a não ser utilizado de forma irregular como meio de trabalho migratório (MIEDEMA, 2003; SCHANS; GALLOWAY; LANSANG, 2014; LODDER, 2019). Sindicatos como a Confederação Sindical Holandesa (*Federatie Nederlandse Vakbeweging – FNV*) e Organizações não-

---

<sup>64</sup> 13 entrevistadas foram *Au Pair* nos EUA antes da Holanda e 2 delas foram para os EUA posteriormente.

<sup>65</sup> Duas entrevistadas foram *Au Pair* na Bélgica antes de ir para Holanda. E outras indicam o desejo de se tornarem *Au Pair* novamente ou continuarem na Europa via curso universitário indicam Bélgica e França como possíveis destinos.

governamentais (ONGs) como *Fair Work*<sup>66</sup> e Fundação *Bayanihan*<sup>67</sup> promovem diferentes ações para defender que o esquema de *Au Pair* seja melhorado, pois já resultou em diversos casos de exploração do trabalho (OOSTERBERK-LATOZA 2007; BONCODIN-ISIP, 2020).

Os dois estudos realizados pelo WODC (MIEDEMA, 2003; SCHANS; GALLOWAY; LANSANG, 2014) indicam, por exemplo, que mais da metade dos entrevistados trabalham mais que as 30 horas semanais delimitadas pelo programa. Questiona-se, assim, o *Au Pair* é um Intercâmbio cultural ou um tipo de migração laboral?

Na concepção dos pesquisadores do estudo de 2014, é difícil de se obter uma resposta simplista: primeiro, por muitas vezes o *Au Pair* não poder ser considerado como um trabalho, pois em sua regulamentação é considerado como um tipo de intercâmbio cultural, através do qual você se torna um membro da família; segundo, porque trata-se de um trabalho de difícil mensuração e controle, por ser executado na privacidade do lar.

Justamente por ocorrer no âmbito doméstico/privado, a Inspeção do Trabalho holandesa<sup>68</sup> incluiu o *Au Pair* em um estudo sobre a exploração do trabalho doméstico, juntamente com funcionários privados, trabalhadores migrantes em cuidados 24 horas e trabalhadores domésticos indocumentados, uma vez que o setor de trabalho doméstico é considerado um dos cinco principais setores onde o risco de exploração do trabalho é maior (HAGEMAN; OTJIR, 2021).

Os abusos mais comuns do esquema são: (1) trabalhar mais do que as trinta horas permitidas por semana; (2) trabalhar em uma empresa de família anfitriã, já que muitos deles são empreendedores; (3) abuso psicológico ou físico e também assédio

---

<sup>66</sup> Com o objetivo abrangente de apoiar as vítimas de exploração laboral e tráfico humano na Holanda, a FairWork, uma ONG holandesa com sede em Amsterdã, também oferece assistência a *Au Pairs*. Ao mesmo tempo em que garante a confidencialidade e oferece suporte gratuito, a ONG local presta assistência às *Au Pairs*, conscientizando-as sobre seus direitos legais (por exemplo, publicando materiais informativos em vários idiomas). Ver mais em: FAIRWORK. Pagina inicial. Disponível em: <https://www.fairwork.nu/pt/pagina-inicial/>. Acesso em: 27 abr. 2023.

<sup>67</sup> A Fundação Bayanihan - Centro para Mulheres Filipinas na Holanda é uma organização de mulheres de autoajuda que ajuda *Au Pairs* filipinas desde 1993, foi capaz de trazer para o público e a política holandesa a exploração e o abuso sofrido pelas *Au Pairs* e fazer lobby para a proteção de seus direitos e bem-estar (OOSTERBERK-LATOZA, 2007)

<sup>68</sup> Este órgão é responsável por verificar se empregadores e empregados cumprem as várias leis, decretos e regulamentos relativos ao emprego. Também detecta fraudes, exploração e crime organizado no trabalho e na renda.

sexual; (4) restrições à liberdade de movimento; (5) uso da *Au Pair* para trabalhar com pessoas que precisam de cuidados especializados; (6) permanência na Holanda após o período permitido e trabalho de forma ilegal (HAGEMAN; OTJIR, 2021).

Anualmente, a Holanda recebe aproximadamente 1.200 pessoas de fora da União Europeia (UE) através do esquema de *Au Pair*. A grande maioria é mulheres (aproximadamente 97%), as quais são principalmente das Filipinas, África do Sul e Brasil. Deste total, 90 a 95% retornam ao seu país de origem após um ano, segundo o IND (Immigration & Naturalisation Service) (HAGEMAN; OTJIR, 2021). É importante ressaltar que a nacionalidade e a origem social de uma *Au Pair* interferem na forma com que esta irá vivenciar o programa de *Au Pair*, influenciando em uma maior probabilidade de exploração laboral.

Bikova (2017) demonstra, em seu estudo sobre *Au Pairs* Filipinas na Noruega, que aquelas que trabalharam como empregadas domésticas antes da participação no intercâmbio, e que tinham motivações econômicas, como envio de remessas para familiares, tendiam a experienciar relações de abuso no esquema de *Au Pair*. Boncodin-Isip (2020) também observou que aquelas que deixaram as Filipinas para trabalhar no exterior como ajudantes domésticos ou cuidadores, em Hong Kong ou Cingapura, e na Dinamarca ou Noruega, tendiam a aceitar a fazer trabalho extra.

Por conta da explicitação desses casos de abusos, o governo filipino proibiu as remessas de *Au Pair* do país para Europa entre os anos de 1998 a 2010, mas isso não impediu que elas continuassem a ir, mesmo de forma ilegal. Tal histórico das Filipinas, como país exportador de mulheres para a atividade em nichos específicos de trabalho do cuidado, como babás, empregadas domésticas, enfermeiras, etc., acabou por criar um imaginário social, que retrata estas mulheres imigrantes como vítimas de circunstâncias fora de seu controle, servas da globalização (BIKOVA, 2017).

Foram esses estereótipos e estigmas criados em relação às filipinas que estiveram muito presentes ao longo da pesquisa, pois até nos fóruns *online* (Grupos de Facebook e WhatsApp), as brasileiras retratam as famílias anfitriãs que tiveram *Au Pairs* filipinas como um sinal de alerta para possível família abusadora. E algumas agências que tive contato afirmaram não aceitar filipinas, dado que elas não vão para Holanda com a motivação de troca cultural, e, sim, para outros fins (e.g. casamento,

arrumar um emprego ou ficar como imigrante indocumentado após o período do programa).

Esse posicionamento das Filipinas, na divisão internacional do trabalho de cuidado, impulsionou a formulação teórica sobre as cadeias globais de cuidado. Nos EUA temos como referência Parreñas (2001) e Hochschild (2012, 2017) que discutem as transferências de amor e cuidado de mulheres de países mais pobres, que são empregadas por famílias de países mais ricos, e que são beneficiados por uma mais valia emocional. A crítica realizada por essas autoras está principalmente nos drenos de cuidado, já que muitas mulheres migrantes deixam suas famílias para cuidar de uma família estrangeira, motivadas por uma perspectiva de melhores rendimentos, o que possibilitaria o envio de remessas para sua família de origem.

Assim, o uso do termo cadeia global de cuidado foi utilizado para descrever a existência de responsabilidades de cuidado contínuo, já que os migrantes filipinos mantêm relação ativa com suas famílias e comunidade de origem, mesmo estando no exterior. Diante deste cenário, muitos pesquisadores passaram a estudar o esquema *Au Pair* a partir da perspectiva de cadeia global de cuidado, ou como um caso de migração feminina transnacional para o trabalho, algo melhor explicitado a seguir.

O governo holandês entende o programa *Au Pair* como uma oportunidade de autorização de residência temporária na Holanda destinada a jovens estrangeiros, segundo certas condições, para que eles possam conhecer a sociedade e a cultura holandesa. A família anfitriã fornece à *Au Pair* instalações em troca da realização de tarefas domésticas leves e assistência às crianças da família. A estadia deve ter um caráter primordialmente cultural, de acordo com o entendimento do governo (IND, 2023).

O visto de *Au Pair* tem validade de um ano, sem possibilidade de renovação, e só pode ser requerido através de uma agência reconhecida. A idade permitida é ter entre 18 anos a 30 anos<sup>69</sup>. Dentre as restrições, está não poder ser responsável por cuidar de crianças com necessidades especiais, sob a alegação de que isso requer habilitações específicas. Além disso, não pode ter usufruído anteriormente de uma autorização de residência para fins de troca no país, nem ter trabalhado para a família anfitriã, nem tampouco ter parentesco de até 3º grau com a mesma. Ademais, o valor

---

<sup>69</sup> Em outubro de 2022, foi reduzido para o limite de 25 anos.

máximo a ser pago para cobrir custos dos preparativos para inscrição no programa não pode ser mais que 34 euros (10% do valor do *Pocket Money*<sup>70</sup>). Desse modo, *Au Pair* não pode assinar contrato com uma família anfitriã, agência de intermediação holandesa ou estrangeira na qual é obrigada a pagar dinheiro ou multa se não cumprir todo ou parte do contrato.

Os requisitos para ser família anfitriã na Holanda são: ser composta de duas pessoas ou mais<sup>71</sup>, ter nacionalidade holandesa ou uma autorização de residência válida para os Países Baixos<sup>72</sup>, estar registrado na data base da prefeitura do município de residência. Ainda, deve-se comprovar uma renda independente e sustentável, ou seja, ter uma renda alta suficiente (um salário mínimo holandês, mais 50%) sobre a qual paga-se impostos e outras contribuições por tempo suficiente (por exemplo: por pelo menos 12 meses)<sup>73</sup> (IND, 2023).

No que se refere ao trabalho da *Au Pair*, esse não pode ultrapassar 8 horas por dia e 30 horas semanais, devendo ter dois dias de folga por semana. Nesse sentido, só deve realizar trabalhos domésticos leves para a família anfitriã<sup>74</sup>. A família e a *Au Pair*, juntos à agência autorizada pelo governo, devem estabelecer uma rotina de sete dias da semana (contendo o horário da execução de trabalhos domésticos leves, os dois dias de folga e a declaração de quem, além da *Au Pair*, será responsável pelas atividades domésticas da casa) e registrar isso em um documento assinado por ambas as partes.

Toda a aplicação e o envio da documentação para o visto da *Au Pair* junto ao IND é realizado pela agência intermediadora reconhecida pelo governo holandês. As agências têm como dever avaliar e enviar todos os pedidos de residência para intercâmbio. Além disso, elas possuem obrigações legais, como o de fornecer informações, de administrar a seleção dos participantes e cuidar das relações da jovem intercambista com a família anfitriã (IND, 2023).

---

<sup>70</sup> Remuneração mensal da *Au Pair* é de 300-340 euros.

<sup>71</sup> Não há a menção da obrigatoriedade da existência de crianças, nem que o trabalho seja voltado à puericultura infantil.

<sup>72</sup> Há muitas famílias internacionais que utilizam o Programa *Au Pair*, tanto de casais mistos (holandeses com outras nacionalidades) quanto casais com outras nacionalidades que não a holandesa que residem no país.

<sup>73</sup> Esses requisitos mudam caso se trate de pais solteiros.

<sup>74</sup> Não há especificações no site do IND sobre quais atividades consistiriam em trabalho doméstico leve.

A questão da intermediação, até então não era de suma importância na presente pesquisa, mas no decorrer da coleta de dados, passei a entendê-la como algo estruturante do funcionamento do programa e das estratégias e trajetórias dos participantes. Quando fui *Au Pair*, as agências não eram obrigatórias e não tinham papel tão central na estruturação deste esquema na Holanda<sup>75</sup>. O meu patrocinador era a família que me hospedou, assim, o visto era totalmente dependente da família anfitriã, o que, por outro lado, potencializava as possibilidades de abuso.

O IND é o órgão responsável por avaliar todas as solicitações de estrangeiros que desejam ficar na Holanda, incluindo os de *Au Pairs*. Entretanto, este órgão não verifica com a família anfitriã, no local, o cumprimento das condições, pois não está autorizado a fazer isso. Isso fica a cargo da Polícia de Estrangeiros, que têm como incumbência a tarefa de supervisão, com base na Lei do Emprego dos Estrangeiros (WAV) e na Lei dos Estrangeiros.

Desta forma, as *Au Pairs* também são incentivadas a ligarem para a Polícia Holandesa de Estrangeiros em caso de abuso ou exploração. Entretanto, dificilmente uma *Au Pair* que realiza trabalho excedente, principalmente aquelas que recebem um valor extra para isso, irá reclamar, pois, de certa forma, ela é vista como alguém que não está seguindo as regras do programa e, que, conseqüentemente, pode perder seu visto de *Au Pair*, sendo forçada a deixar o país (OOSTERBERK-LATOZA, 2007).

Segundo Schans, Galloway e Lansang (2014, p. 65), muitas vezes algumas agências que se concentram em *Au Pair* das Filipinas exigiam a participação em um treinamento e cobravam alto por isso. Além disso, muitas *Au Pairs* que foram para a Holanda por meio de uma agência intermediária, pagaram um depósito (caução em dinheiro) à agência intermediária que só era devolvido quando ela retornasse ao país de residência.

Segundo a visão do IND (Immigration & Naturalisation Service), o estabelecimento da regra do pagamento de 34 euros pela *Au Pair* a partir de 2013 foi necessário de modo a cortar o posicionamento de endividamento, e conseqüentemente de dependência indesejável que a *Au Pair* tinha ao pagar estas

---

<sup>75</sup> Há uma lista de agências credenciadas para o Programa de *Au Pairs* na Holanda, e todas são holandesas. As agências brasileiras são parceiras, e dividem atribuições com as agências credenciadas holandesas, relação a ser melhor explicitada no Capítulo 3.

altas quantias, além de também não ser compatível com o objetivo principal da estadia, que é de troca cultural.

Neste sentido, de modo a melhorar a fragilidade dessa possível relação desigual entre família anfitriã e *Au Pair*, o governo realizou diversas modificações ao longo dos últimos 20 anos de forma a aprimorar sua regulamentação. Em 2000, por exemplo, foi estabelecida a possibilidade de mudança de família anfitriã e a necessidade de uma declaração de conscientização assinada pela *Au Pair* e pela família anfitriã, na qual se estabelecem os direitos e obrigações de ambos.

Em 2004, o IND criou uma linha direta para receber denúncias sobre a violação dos regulamentos, para que pudesse dar uma melhor supervisão. Por fim, em 2013, estabeleceu a obrigatoriedade de uma agência intermediadora credenciada pelo governo. Desta forma, a agência passa a ser responsabilizada se houver alguma violação do contrato, ou seja, se a *Au Pair* for explorada pela família anfitriã ou qualquer outra situação que não siga o propósito do programa. As punições vão desde multas administrativas até a perda do credenciamento para intermediação.

Mais tarde, no final de 2021, difundiu-se a notícia de que o governo reduziria a idade novamente para 25 anos em outubro de 2022 (DEMISSIONAIR..., 2021, texto digital)<sup>76</sup>, isso gerou uma grande surpresa e decepção entre as candidatas brasileiras, o que pôde ser percebido nos fóruns *online* em que eu estive presente<sup>77</sup>. A redução da idade tinha como intuito diminuir as “*Au Pairs* de carreira”, ou seja, *Au Pairs* que trabalham por anos seguidos em diferentes países, algo compreendido como uso indevido do programa. Entretanto, como justificativa, foram utilizadas como parâmetro as regras de outros países europeus: Bélgica e Alemanha, por exemplo, que aplicam o mesmo limite de idade de 25 anos; já a Suíça faz uma distinção de faixa etária entre *Au Pairs* europeias (limite de 30 anos) e *Au Pairs* de fora da UE (limite de 25 anos) (MAAS; MASTWIJK, 2021).

A referida mudança trouxe consequências para as agências de *Au Pair*, especialmente para aquelas que fazem muitos pedidos de candidatas com 26 anos ou mais, afetando a forma com essas funcionam atualmente. Entre os anos de 2019

---

<sup>76</sup> DEMISSIONAIR kabinet wil alleen nog jonge singles als au-pair toelaten. RTLNIEUWS, 9 nov. 2021. Disponível em: <https://www.rtlnieuws.nl/economie/artikel/5266089/au-pair-jonge-ongetrouwd-strengere-regels>. Acesso em 27 abr. 2023.

<sup>77</sup> Grupos de WhatsApp e Facebook.

e 2020, cerca de 40% das requisições de visto para este esquema eram de pessoas com mais de 26 anos, sendo que 26 e 27 anos são as idades com maior número de pedidos de visto.

Três das cinco agências consultadas pelo governo, segundo Maas e Mastwijk (2021), indicaram que trabalham com um limite de idade interno de 27 anos e, desta forma, prefeririam que esta fosse a idade máxima. Em 2019, 6 das 23 agências credenciadas tinham ao menos 50% de dependência das solicitações de *Au Pairs* com 26 anos ou mais. Em 2020, isso se aplicava a 8 das 22 agências credenciadas. Com as alterações, espera-se que o número de pedidos seja reduzido de início, mas de forma temporária, até a adequação do fluxo de acordo com as novas regras.

De acordo com os investigadores Maas e Mastwijk (2021), ainda não há consenso sobre qual seria a “idade ideal”, então, várias agências indicam que isso está culturalmente vinculado a nacionalidades específicas, com destaque para as filipinas e as brasileiras. Ao dividir as *Au Pairs* em três grupos de idades (18-20; 21-25; 26-30) observa-se que a maioria dos vistos concedidos a essas duas nacionalidades tem maior porcentagem no grupo de mais de 26 anos: 55% em ambas, referente ao ano de 2019; e de 61% e 65%, respectivamente, no ano de 2020. Por outro lado, entre as sul-africanas a maioria tinha 20 anos ou menos (56% em 2019 e 53% em 2020). Essas três nacionalidades representam cerca de 70% da ingestão anual atualmente. Desta forma, as agências que trabalham principalmente com *Au Pairs* filipinas e brasileiras serão mais afetadas com a redução da idade limite.

Muitas agências preferem *Au Pairs* mais velhas por acreditarem que estas tenham melhores habilidades de comunicação e mais anos de estudo, além das próprias famílias também terem esta preferência por considerarem elas mais independentes e responsáveis, conforme os relatos das famílias com as quais conversei. Algumas das agências consultadas, inclusive, afirmaram que o programa pode se tornar menos atrativo para as famílias com a redução da idade (MAAS; MASTWIJK, 2021).

Durante a realização da minha pesquisa, foi possível observar uma tendência, por exemplo, das brasileiras fazerem da Holanda uma segunda opção de destino, após um período de experiência como *Au Pair* nos EUA. Isso foi uma tendência muito presente no conjunto de relatos que coletei de pessoas que foram *Au Pair* no país,

sobretudo no recorte do segundo período pesquisado (2018-2022), onde pude perceber que a experiência de já ter sido *Au Pair* nos EUA se tornara uma barganha importante no processo de seleção junto a agências e famílias anfitriãs na Holanda.

Com relação às *Au Pairs* sul-africanas, uma das agências consultadas, que trabalha com este público, afirma preferir candidatas mais jovens (18-20 anos), pois estas estão mais propensas a se adaptarem a uma família anfitriã do que as mais velhas (MAAS; MASTWIJK, 2021). Diante disto, o que não é dito, mas que podemos questionar como hipótese, é de que sendo mais jovens, elas são menos informadas, e, conseqüentemente poderão estar mais propensas a exigir menos os seus direitos<sup>78</sup>.

Nesse trilho de mudanças da regulamentação do programa, na Holanda, também se passou a exigir uma comprovação da condição de ser solteira e não ter filhos. Esta regra já existia, e, informalmente, a maioria das agências já usavam esse padrão de alguma forma, mas a maioria delas não exigia comprovação para isso. Na prática, é que com a mudança da legislação em 2013, houve a presença de obrigações administrativas adicionais. Contudo, a condição de não ter filhos é difícil de impor por não haver documento padrão (fonte) que possa ser solicitado (MAAS; MASTWIJK, 2021).

No entendimento do governo, a diminuição da idade visa excluir candidatas com filhos e/ou casadas/com parceria registrada, reduzindo, assim, o que eles compreendem como uso indevido do acordo de *Au Pair*, eliminando candidatas que trabalham em benefício do(s) próprio(s) filho(s) e/ou companheiro(a). Essa questão, na prática, não se mostra muito eficaz, pois a atuação das *Au Pairs* ainda pode beneficiar pais, tios/tias, outras crianças, etc., caracterizando o uso do programa como uma forma de emprego remunerado disfarçado.

E, para eles, isso é mais recorrente nos casos em que a família da *Au Pair* no país de origem é altamente dependente de sua renda, como apontado na literatura sobre *Au Pairs* das Filipinas. Portanto, as mudanças têm por objetivo limitar essa dependência até certo ponto. Eles também tomaram como base outros países europeus que utilizam regras semelhantes, por exemplo: na Áustria não se pode ter

---

<sup>78</sup> Na literatura sobre trabalho doméstico no Brasil temos algumas análises a respeito do trabalho de adolescentes e jovens, sendo na maioria das vezes um trabalho semi-remunerado, por conta de todas as relações sociais de poder que envolvem tanto questões de gênero, raça e de geração (KOSMINSKY; SANTANA, 2006).

filhos; em Luxemburgo, Noruega e Suécia além de não poder ter filhos, também precisa ser solteiro. A Dinamarca recusa *Au Pairs* casadas e/ou divorciadas (MAAS; MASTWIJK, 2021).

As agências consultadas pelo governo durante a proposição da nova política no estudo de Maas e Mastwijk (2021), indicaram que no processo de triagem, os candidatos já são questionados sobre ter ou não um parceiro ou namorado. Uma declaração oficial de estado civil também é solicitada para certas nacionalidades, como a filipina, e em outros casos é solicitada uma declaração pessoal.

A mesma coisa ocorre com relação a ter filhos, dependendo, assim, da honestidade dos candidatos. Algumas agências afirmaram que uma autodeclaração seria suficiente, outras que uma declaração oficial era necessária, o que, entretanto, seria demorado e mais caro, em muitos casos, gerando um maior atraso no processo de triagem e seleção das candidatas. Além do que, uma declaração oficial também requer uma verificação de autenticidade.

Há ainda uma terceira mudança ocorrida a partir de outubro de 2022, refere-se à introdução de uma entrevista de avaliação entre a *Au Pair* e o IND no final do período de estadia. Pretende-se, assim, buscar melhorias quanto à posição do IND com relação ao acesso à informação, que no atual modelo é controlado pelas agências intermediadoras. O IND, atualmente, tem pouca informação que vem diretamente das *Au Pairs*, mesmo com a existência da linha direta desde 2004.

Deste modo, segundo Maas e Mastwijk (2021), acredita-se que uma entrevista de avaliação, no final da estadia no país, seja uma oportunidade para ouvir o ponto de vista destas sobre suas experiências na Holanda. O que também poderia servir para obter mais informações sobre suas motivações e possíveis situações de abusos que tenham sofrido. Estas contribuições poderão ser utilizadas para o aprimoramento futuro do programa. A entrevista deverá ser voluntária e ainda há dúvidas se estes momentos serão conduzidos individualmente ou em grupo, no formato presencial ou *online*. Essa mudança irá impactar o governo com maior tempo de trabalho de seus funcionários e custos financeiros estruturais.

As agências consultadas no estudo de Maas e Mastwijk (2021) discordam com relação a esta última proposta de mudança, pois acreditam que poucas *Au Pairs* estarão dispostas a realizá-la. Acredita-se que elas não se sentirão à vontade para

falar abertamente com um órgão oficial do governo ao qual não estão familiarizadas, mesmo que a atividade seja realizada em grupo. Também afirmam que realizá-la entre 6 e 8 meses de sua estadia teria mais sentido, pois haveria tempo de ação a partir do resultado da mesma. Eles indicam que é mais óbvio que o IND realize entrevistas com as agências de *Au Pair*, pois por causa de suas obrigações como patrocinadores reconhecidos, eles têm contato regular com as *Au Pairs* e, portanto, têm muitas informações.

A questão que me faço a partir deste panorama é: será que o governo holandês está buscando indiretamente limitar o acesso ao programa a determinadas nacionalidades a partir da mudança da idade limite e da obrigatoriedade de não ter filhos e ser solteira? Como foi apresentado, grande parte das *Au Pairs* com mais de 25 anos veem das Filipinas e do Brasil, segundo dados apresentados por Maas e Mastwijk (2021). E, tradicionalmente, sabemos, através dos estudos sobre cadeias globais de cuidado, que as Filipinas se tornaram um exportador de mão de obra feminina que envia remessas para as famílias que ficam no país de origem.

Aprofundando neste sentido, em 1998, o governo filipino proibiu que seus cidadãos viajassem para a Europa para participarem do programa, pois considerou que não havia garantias suficientes contra o abuso de *Au Pair* no exterior. No entanto, como a política de admissão holandesa não levava em consideração a proibição de viagens de outras autoridades, muitas continuaram a entrar como turistas através do auxílio de agências intermediadoras que cobravam custos de escolta para passar pela alfândega (OOSTERBERK-LATOZA, 2007). A proibição foi suspensa em 2012 através do estabelecimento de acordos bilaterais entre Filipinas e Dinamarca, Noruega e Holanda com a justificativa de reduzir a exploração de migrantes (através de subornos) e fortalecer seu acesso à proteção pelas autoridades filipinas no exterior (BONCODIN-ISIP, 2020).

Atualmente, as Filipinas têm uma política de monitoramento ativa voltada para *Au Pair* que vão para o exterior: elas são obrigadas a seguir um seminário de preparação com objetivo de informar o propósito de sua estada, como os valores culturais, normas do país de destino, questões de saúde e segurança e procedimentos de viagem relevantes e, após chegar no país de destino, elas devem se registrar na embaixada/ consulado (SCHANS; GALLOWAY; LANSANG, 2014). Durante a

pesquisa pode constatar que os custos para trazer um *Au Pair* das Filipinas são maiores por conta de haver solicitações burocráticas/ administrativas extras junto às autoridades do governo filipino quanto à exigência, por exemplo, de que a família custeie a passagem de ida e de retorno.

A Filipinas possui um histórico como exportadora de mão de obra feminina, bem como um frequente número de relatos de abuso e exploração denunciados por organizações não governamentais, como a *Fair Work* e a Fundação *Bayanihan*. Essa concepção se soma à própria mídia local<sup>79</sup>, que também contribui para a construção de um estereótipo e estigma com relação às *Au Pairs* vindas do país.

Muitas vezes essas mulheres são retratadas como vítimas por trabalharem pesado por muitas horas; ou, até mesmo, como abusadoras do esquema, quando se utilizam do programa como uma forma disfarçada de migração laboral, sobrevivendo a partir dos recursos, e, ainda, enviando remessas às suas famílias de origem. Entretanto, casos de abusos e exploração são sofridos por *Au Pairs* de diferentes nacionalidades, mesmo que a maioria delas não tenha a motivação financeira como primordial para se tornar *Au Pair*<sup>80</sup>.

Ainda sobre as Filipinas, essas sempre estiveram entre os primeiros no *ranking* de *Au Pairs* na Holanda. Em um estudo do governo, de 2014, que demonstra dados de 2002 a 2012, o país aparece em segundo lugar perdendo apenas para as Sul-africanas. Entretanto, quando se faz um recorte do período de 2009 a 2012, as filipinas ficam em primeiro lugar. Elas continuam na liderança se considerarmos os dados divulgados por Lodder (2019) que analisou o período de 2013 a 2017. Já as brasileiras aparecem em terceiro lugar em ambos os períodos (2009 a 2012 e 2013 a 2017).

Antes disso, no estudo realizado pelo governo em 2003, quem liderava o *ranking* eram as polonesas (44 de um total de 69 dos países da Europa Oriental), outras 21 delas eram da África (19 destas da África do Sul), 11 delas eram asiáticas (maior parte filipinas), e 1 da América do Sul, num total de 107 *Au Pairs* entrevistadas.

---

<sup>79</sup> A investigação realizada entre maio de 2002 a março de 2003 sobre a forma como as *Au Pairs* e as famílias anfitriãs fazem uso do programa. Naquele período, não havia dados concretos de denúncias registradas no Serviço de Estrangeiros e à Inspeção do Trabalho, considerando que as *Au Pairs* não quiseram denunciar algo que implicasse, por exemplo, ter que deixar o país por praticar um trabalho ilegal.

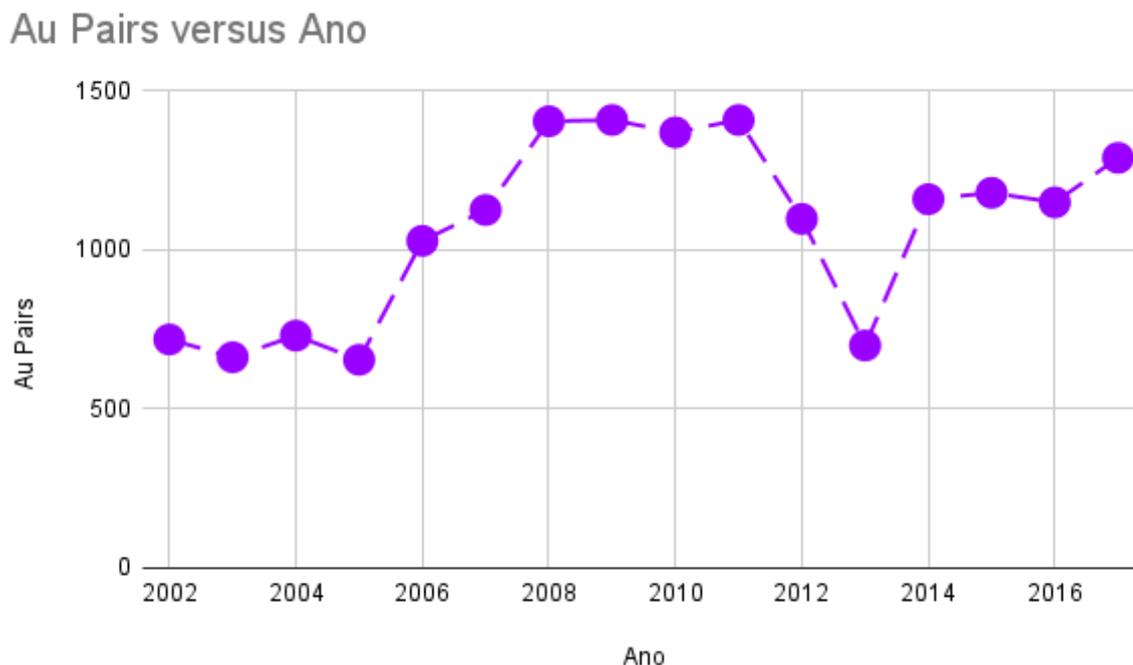
<sup>80</sup> Houveram relatos de abusos sofridos pelas entrevistadas, independentemente de sua origem social e motivação para se tornar *Au Pair*.

À época, a Polônia ainda não fazia parte da União Europeia (só passou a fazer parte da UE a partir de 1 de Maio de 2004), após isso eles deixaram de contabilizar efetivamente as *Au Pairs* vindas da União Europeia, pois apesar da nova legislação exigir o registro junto à uma agência intermediadora e ao IND, eles não necessitam de uma autorização de residência ou autorização de trabalho e, portanto, não são oficialmente contabilizados como *Au Pair*, conforme a Lei Holandesa de Estrangeiros e regulamentos associados (SCHANS; GALLOWAY; LANSANG, 2014).

Isso abre margem para um mercado paralelo de *Au Pairs* da UE, que não passam pelo registro das agências intermediadoras e IND, já que muitas famílias utilizam de diferentes plataformas digitais para encontrarem uma *Au Pair*. Assim, além de não precisarem gastar com intermediação, as *Au Pairs* europeias têm também a vantagem de estender sua estadia por mais do que um ano, que é o período estabelecido pelo programa. Por outro lado, sendo cidadãs europeias, estas jovens podem encontrar outras oportunidades para morar, trabalhar e circular entre os países da Europa, não precisando necessariamente virar uma *Au Pair*.

Abaixo, podemos enxergar um panorama ao longo do período de 2002 a 2017, o qual demonstra um crescimento de *Au Pair* no decurso do tempo, com queda em 2013, ano em que as agências passaram a ser patrocinadoras obrigatórias para emissão de visto; logo após isso, cresce novamente com a passagem dos anos. Ver figura a seguir:

Figura 8 - Gráfico do número de *Au Pair* por ano na Holanda (2002-2017)<sup>81</sup>



Fonte: Gráfico construído a partir de Schans, Galloway, Lansang (2014, p. 14) e Lodder (2019, p. 61)

A partir da análise do conjunto da literatura sobre o *Au Pair* bem como a análise dos dados coletados, se sobressalta uma das grandes contradições do programa: a relação *Au Pair*-família anfitriã. Algo que está para além das relações assimétricas de poder entre os indivíduos envolvidos, pois se convergem e se contrapõem em diferentes perspectivas e motivações tanto da *Au Pair* como da família.

Se por um lado, na perspectiva da *Au Pair*, tem-se as aspirações de viajar e morar no exterior de forma remunerada, assim como aprender a cultura estrangeira, atingir metas de desenvolvimento pessoal, buscar aventura, ser independente e ter mais liberdade. Em geral, a motivação econômica não é a principal razão para participação do programa, mesmo entre as filipinas, que carregam o estereótipo de abusar do programa como forma disfarçada de migração laboral (SCHANS; GALLOWAY; LANSANG, 2014; BONCODIN-ISIP, 2020).

<sup>81</sup> Não encontrei dados referente aos últimos anos (2018-2022), mas por conta da pandemia, provavelmente, houve uma alteração nesses números. A Holanda ficou sem emitir vistos durante o primeiro semestre de 2020, mas retornou já no segundo semestre do mesmo ano.

Por outro lado, as famílias anfitriãs optam, em sua maioria, por uma *Au Pair* para ter ajuda com o cuidado das crianças, seja porque é mais barato que outro serviço disponível como creche ou babá local, ou pelo conforto e flexibilidade em ter alguém extra durante o período de um ano, ou seja, com quem se possa contar para assumir os afazeres domésticos. Ademais, no que se refere à troca cultural, do ponto de vista da família, essa torna-se um valor agregado, mas não tem sido uma razão decisiva para participação dos anfitriões no programa, exceto nos casos em que um dos membros da família seja do mesmo país que a *Au Pair*, sendo motivados assim a ter alguém que possa transmitir a cultura (língua) do país de origem às crianças.

Assim, assumo o entendimento de que esta divergência de expectativas pode gerar frustrações dos dois lados, além de problemas e tipos de exploração por ser uma relação de poder assimétrica (SCHANS; GALLOWAY; LANSANG, 2014; BONCODIN-ISIP, 2020; GROENWOLD, 2019). Desta forma, apesar de não ser a intenção dos legisladores do programa facilitar o equilíbrio entre a vida profissional e familiar ou fazer do *Au Pair* uma forma alternativa de cuidado infantil, essa acaba sendo a principal razão prática na visão das famílias anfitriãs (SCHANS; GALLOWAY; LANSANG, 2014). Aspecto este melhor abordado no Capítulo 4 “O programa Au Pair e suas interfaces com os diferentes circuitos de cuidado na Holanda”.

### **2.3 INTRODUÇÃO AOS PERFIS DAS AU PAIRS ENTREVISTADAS E SUAS MOTIVAÇÕES**

O recorte temporal da pesquisa, como já apresentado anteriormente, está dividido em dois períodos (2008-2012 e 2018-2022), momentos marcados por transformações em alguns aspectos quanto aos regulamentos como na conjuntura socioeconômica. No que diz respeito aos requisitos para participação do programa as principais diferenças foram: o limite de idade, sendo que até 2012 só poderia ser *Au Pair* na Holanda até os 25 anos, após 2013, esse limite passou a ser até 30 anos; além da obrigatoriedade de uma agência intermediadora reconhecida pelo governo para o processo de intermediação.

O aumento de idade se deu, entre outros fatores, pelo o Programa *Au Pair* exigir a aplicação de visto temporário de residência a fim de intercâmbio cultural, não sendo

o único tipo de programa de intercâmbio existente, na qual o limite de idade também é o mesmo (30 anos). É importante ressaltar essa distinção, pois no caso do limite de idade trata-se de um importante marcador que detém influência sobre as estratégias e as trajetórias das *Au Pairs*, principalmente, para aquelas que almejam ser *Au Pair* em diferentes países. Além disso, pude observar que algumas brasileiras, principalmente as com mais idade, já tinham uma vida mais ou menos estabelecidas financeiramente/ profissionalmente no Brasil antes de participarem do programa.

Assim, temos o primeiro grupo que foram para Holanda entre 2008-2012, período este que a intermediação das agências holandesas não era obrigatória e a idade máxima permitida era de 25 anos, contexto este em que fui *Au Pair*. Como comentado, em um contexto nacional político econômico, esse momento estava assentado nos governos petistas de Lula e Dilma das quais as melhoras nos índices sociais e econômicos promoveram um debate de ascendência à classe média. Nesse período houve o aumento, por exemplo, do acesso ao ensino superior e a bens de consumo dentre eles a própria participação no intercâmbio aqui analisado.

O segundo grupo de entrevistadas são aquelas que foram para Holanda entre 2018-2022, período no qual foi permitido a participação de brasileiras com até 30 anos, que fazem parte, de certa forma, de uma mesma geração, mas que experencia o Programa diante de outro contexto. Sobretudo, no quesito econômico e político, uma vez que ambos transitam dos governos petistas para o governo Temer, algo marcado por um pós-impeachment, uma crise institucional, uma desaceleração da economia, e também uma forte ascendência de valores da direita, algo que se materializou na eleição de Jair Bolsonaro como presidente em 2018.

No que compete às trajetórias, existe uma diversidade quanto a essas antes do início do intercâmbio, havendo casos na qual o Programa de *Au Pair* era primeira experiência de trabalho. Como retrato disso, se por um lado há entrevistadas que denominaram o intercâmbio como o primeiro emprego, por outro há outras possuem empregos formais tanto no setor privado com carteira assinada ou no setor público com *status* de concursada. Isso é explicado, em partes, por conta de o requisito de idade variar entre 18-30 anos, se pensarmos no segundo recorte temporal.

No período entre 2018-2022, por conta do fator idade permitir ser *Au Pair* com mais de 25 anos, percebi que muitas vão para a Holanda depois de ter retornado do

Programa *Au Pair* nos EUA, por estarem com dificuldade de encontrar emprego no Brasil<sup>82</sup>.

Desta forma, alguns perfis fogem do enquadramento geracional da transição da vida adolescente para adulta, quando não tem muitas amarras para fazer um intercâmbio de um ano (família, trabalho), principalmente por haver *Au Pairs* na Holanda com até 30 anos, considerando o requisito de idade do segundo período da pesquisa.

Como já apontado anteriormente, na perspectiva do governo, há uma preocupação em diminuir e/ou eliminar as “*Au Pairs* de carreira” que são aquelas que utilizam-se do programa durante vários anos seguidos, e que, na visão deles, constitui-se como uso indevido do esquema. Pois, caracteriza-se como uma forma de imigração laboral, e, não mais um intercâmbio, tornando-se um dos motivos que impulsionou, novamente, a diminuição da idade no ano de 2022, segundo discutido e apresentado por Maas e Mastwijk (2021).

No entanto, de forma geral, no ponto de vista das famílias e das agências, a experiência nos EUA é muito valorizada, não apenas por conta da experiência no cuidado infantil, mas principalmente por conta da habilidade de comunicação na língua inglesa, habilidade muito requerida pelas famílias na Holanda. Parte significativa (40%) das entrevistadas já tinham sido *Au Pairs* antes de irem para a Holanda, principalmente nos EUA, seguido pela Bélgica, a maioria destas fazem parte do segundo período analisado (2018-2022).

Apesar de não ser requisito legal para se tornar *Au Pair* na Holanda, essa experiência anterior é, muitas vezes, requisitada pelas agências no recrutamento de candidatas, e se torna uma forma de capital social utilizado pelas brasileiras que o possuem como uma vantagem a ser utilizada entre suas concorrentes, pois fazem parte dos requisitos requeridos pelas famílias.

As famílias anfitriãs na Holanda dão preferência a pessoas com experiência anterior, tanto como um indicativo de experiência profissional, quanto uma garantia de confiabilidade. Além disso, muitas ainda buscam uma *Au Pair* que pratique inglês com seus filhos pequenos, e não apenas um serviço de cuidado infantil comum, fazendo

---

<sup>82</sup> Ver capítulo 5 quando abordo a trajetória da interlocutora Carla.

com que essa seja mais uma das razões que dá *status* às famílias holandesas que consomem esse intercâmbio<sup>83</sup>.

Ademais, a experiência como *Au Pair* também é utilizada no recrutamento de outras pelas próprias famílias que a encarregam da responsabilidade inicial de selecionar a candidata para assumir o seu lugar. Algumas agências recrutam suas antigas *Au Pairs* como agentes, como no caso das agentes brasileiras entrevistadas, ambas já tinham sido *Au Pairs* e trabalhavam como *freelancer* no recrutamento do público brasileiro.

Outro aspecto relevante referente ao segundo período analisado é o contexto da Pandemia, na qual pude observar a latência de outras formas de trabalho mediada pelas mídias sociais, como as aulas de inglês e de consultorias direcionados a candidatas a *Au Pairs* de forma a responder a este mercado. Muitas *Au Pairs* fazem isso, tanto durante o próprio ano como *Au Pair*, como no período posterior, quando retorna ao Brasil ou permanece na Holanda, de modo a conseguirem alguma forma de rendimento após o programa.

Como sabido, a pandemia afetou a mobilização geográfica e trouxe impasses para aqueles que estavam vivendo a experiência de um intercâmbio. Além disso, destaco também as transformações e o desenvolvimento técnico, quando as medidas de isolamento foram fortalecidas, o que gerou um maior suporte para o trabalho em *home office* e também uma expansão da plataformização da sociedade (POELL; NIEBORG; VAN DIJCK, 2020), trazendo novas problematizações quanto ao trabalho do cuidado (REDONDO, 2020a, 2020b).

É importante mencionar que durante o desenvolvimento da pesquisa eu não foquei exatamente em como a pandemia afetou o processo para aqueles que estavam buscando ser *Au Pair* na Holanda, mas sim, como isso afetou a experiência de quem já estava na Holanda como *Au Pair* neste período. Ainda que a pandemia tivesse impedido o meu deslocamento para Holanda para a realização do meu trabalho de campo, eu continuei a realizar algumas entrevistas com as *meninas* que estavam na Holanda.

Como apresentado, durante o processo de campo, ao todo, entrevistei 40 *Au Pairs* brasileiras. A maior parte (67,5%) delas era da Região Sudeste (23 do estado

---

<sup>83</sup> Neste sentido, irei retomar este aspecto no Capítulo 5, a partir da trajetória de Lais.

de São Paulo, 3 de Minas Gerais, e 1 do Espírito Santo), 17,5% era da Região Sul (6 do estado do Paraná e 1 de Santa Catarina), 7,5% era da Região Nordeste (2 do estado de Pernambuco e 1 da Bahia), 5% da Região Centro-Oeste (1 do estado de Goiás e 1 de Mato Grosso do Sul) e, por último, a Região Norte com 2,5% (1 do estado do Amazonas).

Essa distribuição pode ser explicada, em partes, tanto por conta da densidade populacional da Região Sudeste, a mais populosa do Brasil, quanto em relação à proximidade do consulado da Holanda no país, que fica na cidade de São Paulo, local esse designado para resolver questões burocráticas relacionadas ao visto. Afinal, aqueles que desejam ser *Au Pairs* na Holanda devem comparecer ao consulado pelo menos uma vez para consegui-lo, sendo, desse modo, necessário arcar com as despesas de locomoção até o local.

Com relação à escolaridade, 60% das entrevistadas possuíam curso superior completo antes do embarque, 22,5% tinham iniciado, mas não tinham concluído o curso superior, 5% já possuíam pós-graduação e 12,5% possuíam o Ensino Médio Completo, requisito mínimo para a participação deste intercâmbio, apesar de não ser solicitado nenhum comprovante de escolaridade no processo da Holanda. Com relação à categoria raça/cor, a maioria das entrevistadas eram brancas (72,5%) e 27,5% eram negras (pretos e pardos, segundo classificação do IBGE).

A reflexão a respeito desses índices, principalmente as categorias raça/cor e escolaridade me levaram a classificar as interlocutoras da pesquisa como classe média, sobretudo se levarmos em consideração o conhecimento prévio de uma língua estrangeira para a participação de um intercâmbio como um dos fatores que incidem sobre essa classificação. Apesar disso, sei que essa classificação não é muito precisa, pois existe uma grande diversidade que envolve a classe média brasileira ou as próprias entrevistadas.

Isso fica mais nítido quando observo a profissão dos pais dessas interlocutoras, que abarcam tanto trabalhadores qualificados com formação de nível superior como médicos, advogados, engenheiros, professores, quanto profissões que exigem pouca qualificação, como empregada doméstica, cuidadora de idosos, porteiro, segurança, trabalhadores da indústria e do comércio, como pode ser observado nos quadros da próxima página.



Quadro 2 - Classificação das Au Pairs Entrevistadas (2008-2012)

Au Pairs	Idade	Cor – Raça	Estado	Escolaridade	Profissão dos pais	Au Pair [antes]	Situação de vida antes de ser Au Pair na Holanda	Situação de vida depois de ser Au Pair na Holanda
Beatriz	20	Pardo	SP	Ensino Médio	Pai: corretor de imóveis rurais Mãe: funcionária no comércio	Não	Estava prestando vestibular	<i>Partner visa</i> Fez graduação e mestrado na Holanda – trabalha em uma empresa na área de administração pública internacional; não teve filhos
Bianca	23	Branco	PE	Superior Incompleto em Hotelaria	Pai: médico Mãe: dona de casa	Não	Estava cursando hotelaria	Retorna para o Brasil. Se forma em hotelaria e depois cursa Administração. Estava se mudando para SP; solteira e sem filhos
Cintia	23	Branco	PR	Superior Completo Publicidade e Propaganda	Pai: sem contato Mãe: aposentada	Não	Trabalhava em uma loja de acessório de carros	Retorna ao Brasil; casada e tem um filho
Denise	25	Pardo	PR	Graduada em Administração hospitalar e Pós-graduação em finanças e recursos humanos	Pai: metalúrgico Mãe: cuidadora de idosos	Não	Cursava pós-graduação e trabalhava no setor de atendimento em um hospital privado	<i>Partner visa</i> Atendente em uma loja de roupas na Holanda; teve uma filha
Diana	23	Pardo	BA	Ensino Médio	Pai: revendedor de carros usados Mãe: comerciante	Não	Morou dois anos na Nova Zelândia: trabalhou em diferentes locais e funções	<i>Partner visa</i> Graduou-se em gestão de negócio. Estava abrindo um negócio próprio de doces

								brasileiros; não teve filhos
Esther	19	Branco	SP	Superior Incompleto em Biomedicina	Pai: empresário Mãe: vendedora de produtos de sex shop/ trufa	Não	Estava na graduação	Foi <i>Au Pair</i> nos EUA; retornou para o Brasil e finalizou a graduação em biomedicina; casou-se com um americano e trabalha em um hospital nos EUA; sem filhos
Fernanda	22	Branco	ES	Superior Completo em Comunicação Social	Pai: político (prefeito) Mãe: dona de casa	Não	Trabalhava no setor de marketing de uma fábrica	Finalizou o contrato mais cedo. Foi para o Canadá e conseguiu visto permanente após trabalhar alguns anos como <i>caregiver live in</i> ; solteira e sem filhos
Ingrid	19	Branco	PR	Superior Incompleto em Direito	Pai: pianista Mãe: dona de casa	Não	Cursava Direito	Finaliza curso de direito. Faz mestrado na Itália e casa com um italiano. Solteira e sem filhos.
Josiane	24	Branco	PR	Superior Incompleto em Turismo	Pai: funcionário público Mãe: dona de casa	Sim: EUA-Holanda (turista)	Estava desempregada	Retornou para o Brasil; é <i>petsitter</i> ; solteira e sem filhos
Lorena	24	Branco	PE	Superior Completo em Turismo	Pai: engenheiro Mãe: professora	Sim: EUA	Foi <i>Au Pair</i> nos EUA	<i>Partner visa</i> Teve dois filhos; se separou; estudou magistério e trabalha em uma escola internacional
Paula	24	Branco	SP	Superior Completo Publicidade	Pai/Mãe: contadores	Não	Trabalhava no ramo farmacêutico há 4 anos	Retornou para o Brasil e continua trabalhando no ramo farmacêutico

								há 4 anos. Solteira e sem filhos.
Raquel	26	Pardo	PR	Superior Completo em Geografia	Pai: Tinha um comércio/ técnico em contabilidade Mãe: professora	Sim: Holanda (turista)	Trabalha em uma empresa de consultoria ambiental	Fez mestrado em Portugal; retornou para o Brasil. Trabalhou como professora e em uma editora de livros educacionais; solteira e sem filhos
Sara	25	Branco	MG	Superior Completo em Letras	Pai: artesão/ comércio Mãe: Dona de Casa	Não	Trabalhava na secretaria de uma universidade privada	Retornou para o Brasil; é professora na Bahia; solteira e sem filhos

**Fonte:** Elaboração da autora a partir da sistematização das entrevistas realizadas.

**Quadro 3 - Classificação das Au Pairs Entrevistadas (2018-2022)**

<b>Au Pairs</b>	<b>Idade</b>	<b>Cor – Raça</b>	<b>Estado</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Profissão dos pais</b>	<b>Au Pair [antes]</b>	<b>Situação de vida antes de ser Au Pair na Holanda</b>	<b>Situação de vida depois de ser Au Pair na Holanda</b>
Abda	25	Branco	SP	Superior Completo em Turismo	Pai: fazendeiro Mãe: esteticista	Não	Trabalhava com carteira assinada	<i>Partner visa</i>
Adriana	27	Branco	SP	Ensino Médio	Pai: falecido Mãe: professora	Sim: EUA- Bélgica	2013-2014: <i>Au Pair</i> nos EUA 2015-2016: professora de inglês no Brasil 2017-2018: <i>Au Pair</i> na Bélgica 2019-2020: 2013-2014: <i>Au Pair</i> na Holanda	Estava planejando cursar graduação na Bélgica no momento da entrevista
Aline	29	Pardo	MG	Superior Incompleto em Design Interior	Pai: Jornalista/ apresentador Mãe: Administradora	Sim: EUA	2012-2013: <i>Au Pair</i> nos EUA Trabalhava como fotógrafa autônoma	<i>Partner visa</i>

Bárbara	23	Branco	SP	Superior Completo em Jornalismo	Pai: empresário Mãe: dona de casa	Não	Trabalhava em assessoria de imprensa	Foi <i>Au Pair</i> na Bélgica
Carol	27	Branco	SP	Superior Completo Ciências Ambientais	Pai: engenheiro elétrico Mãe: dona de casa	Não	Estudava e planejava fazer mestrado	Foi <i>Au Pair</i> na Dinamarca e planejava tirar cidadania italiana
Carla	30	Branco	SP	Superior Completo	Pai: vendedor Mãe: do lar	Sim: EUA	Trabalhava em banco antes de ser <i>Au Pair</i> nos EUA. Depois que retornou para o Brasil, teve dificuldade de se reinserir no mercado de trabalho brasileiro	Retorna para o Brasil
Camille	29	Branco	SP	Superior Completo em Administração	Pai: carteiro Mãe: enfermeira	Sim: EUA	2016: <i>Au Pair</i> nos EUA Queria fazer mestrado	Estava no processo para tirar cidadania italiana
Débora	29	Branco	SP	Superior Completo em Educação Especial e Mestrado na mesma área	Pai: vendedor Mãe: lojista	Não	Trabalhava como professora	Retorna para o Brasil
Daiane	28	Branco	SP	Superior Completo em Letras	Pai: metalúrgico Mãe: cozinheira	Sim: EUA	Professora temporária da rede estadual de São Paulo	Retorna ao Brasil
Fabricia	25	Branco	SP	Superior Completo em Cinema	Pai/Mãe: professores	Não	Trabalhava como professora de inglês	Foi ser <i>Au Pair</i> na Bélgica
Gisele	23	Branco	PR	Superior Incompleto em Administração	Pai: veterinário Mãe: funcionária pública	Sim: EUA	2015-2016: <i>Au Pair</i> nos EUA Estava cursando administração	<i>Partner visa</i>
Giovanna	21	Branco	MS	Ensino Médio	Mãe (adotiva): doméstica	Não	Trabalhava como recepcionista de academia	Retorna ao Brasil

Gislaine	29	Branco	SP	Superior Completo em Administração	Pai: porteiro Mãe: doméstica/cuidadora	Não	Trabalhava como assistente administrativo no Brasil	<i>Partner Visa</i>
Jordana	26	Pardo	SP	Superior Completo em Turismo	Mãe: babá	Não	Trabalhava há 3 anos e meio em um escritório de advocacia. Pediu as contas do trabalho.	<i>Partner visa</i>
Joana	28	Branco	SP	Superior Incompleto Comércio Exterior	Pai/ Mãe: funcionários públicos	Não	Estava estudando	<i>Foi Au Pair na Escócia; depois retornou para o Brasil</i>
Kátia	26	Pardo	AM	Superior Completo em Letras	Pai: contador Mãe: serviços gerais	Não	Professora de inglês	Retorna a lecionar inglês no Brasil
Larissa	19	Branco	SP	Ensino Médio	Pai: Enfermeiro Mãe: Atendente numa clínica	Não	Tinha finalizado o ensino médio	<i>Foi Au Pair nos EUA</i>
Lais	25	Branco	SP	Superior Completo em Ciências da Computação	Pai: funcionário público Mãe: professora	Sim: EUA	Trabalhava como programadora no Brasil até 2016 2016-2019: <i>Au Pair</i> nos EUA	Retorna ao Brasil e trabalha na área de TI
Laura	25	Pardo	SP	Superior Incompleto em Psicologia	Pai: policial militar Mãe: agente de saúde	Não	Vivia com a avó; trabalhou na recreação infantil de um navio	Retona ao Brasil
Lidiane	27	Branco	SP	Superior Completo em Comunicação Social	Pai: Uber Mãe: Recepcionista	Sim: Bélgica	Era <i>Au Pair</i> na Bélgica	Volta a trabalhar na área de comunicação no Brasil
Ligia	26	Branco	GO	Superior Completo em Comunicação Social	Pai/ Mãe: empresários na área de construção civil	Sim: EUA	Tinha uma confeitaria	Retorna ao Brasil
Marcela	29	Branco	SC	Superior Completo em Pedagogia	Pai: Exército Mãe: bancária	Não	Trabalhava em uma agência de turismo há 7 anos	<i>Partner visa</i> Teve uma filha

Mônica	23	Preto	SP	Superior Incompleto em Direito	Pai: professor Mãe: doméstica	Sim: EUA	2018-2019: <i>Au Pair</i> nos EUA	Retorna ao Brasil
Mirian	29	Branco	SP	Superior Completo em Administração	Pai/Mãe: produtores rurais	Sim: EUA	2018-2019: <i>Au Pair</i> nos EUA	Retorna ao Brasil
Nádia	27	Pardo	SP	Superior Completo em Comércio Exterior	Pai: segurança Mãe: doméstica	Não	Trabalhava em uma empresa na área de seguros	Retorna ao Brasil
Pollyne	30	Branco	MG	Superior Completo em Negócios Internacionais	Mãe: aposentada	Sim: Holanda (2011)*	Desde 2011 trabalhava como assistente administrativo como funcionária pública em uma universidade	<i>Partner visa</i> Exonerou – casou-se com um francês que residia na Holanda
Rellená	28	Pardo	SP	Superior Completo em biomedicina	Pai: sem contato Mãe: “Tia da perua escolar”	Sim: EUA	Trabalhava em uma empresa de serviços jurídicos 2015-2016: <i>Au Pair</i> nos EUA	<i>Partner visa</i>

**Fonte:** Elaboração da autora a partir da sistematização das entrevistas realizadas.

À luz dos dados sistematizados nos quadros acima, trago alguns apontamentos: 1) a maioria dos pais exerce profissões qualificadas que exigem curso superior (engenheiros, professores, médicos, advogados), mas há aqueles que possuem profissões que exigem baixa qualificação (empregada doméstica, porteiro, trabalhadores da indústria e do comércio); 2) a questão da localização da região de origem (maioria do Sul e Sudeste); 3) assim como o grupo de entrevistas do período anterior, o segundo grupo (*Au Pairs* do período entre 2018 e 2020) também demonstrou que, apesar de não ser pré-requisito, a maioria delas possui Ensino Superior Completo. As que vão com apenas o Ensino Médio Completo, geralmente possuem uma faixa etária menor (entre 18 e 22 anos). Desse modo, fica evidente que para ousar querer consumir um produto chamado “intercâmbio”, seja pela via de estudos ou programas de *Au Pair*, é necessário mobilizar capitais sociais (BOURDIEU, 2013; BOURDIEU; PASSERON, 2014) que, em geral, apenas pessoas com estudo ou acesso a informações relacionadas a formas de intercâmbio possuem.

Outro aspecto relevante que gostaria de destacar, é sobre a permanência na Holanda após o programa através do visto de *partner* (namoro). Foram 4 do total de 13 entrevistadas no primeiro período (Beatriz, Denise, Diana, Lorena), e 8 do conjunto de 27 entrevistas no segundo período (Abda, Aline, Gisele, Gislaine, Jornada, Marcela, Pollyne, Rellena). Este é um tipo de visto que depende da duração do relacionamento, apesar de haver a possibilidade de permanecer no país de forma irregular quando não há a notificação aos órgãos oficiais sobre a separação, por exemplo.

No entanto, seu registro de identidade e seu endereço permanecem no endereço do antigo parceiro. Este visto oferece a oportunidade de estudos na Holanda nas mesmas condições que cidadãos europeus, o que pode trazer certa mobilidade social na inserção da sociedade holandesa. No entanto, por outro lado, a formação adquirida no Brasil pode também não reconhecida no novo país, o que pode dificultar a inserção e mobilidade no novo país.

A permanência na Holanda através do visto de *partner* é um tópico bastante discutido nos fóruns online nos grupos de WhatsApp e Grupão no Facebook. Durante o desenvolvimento da minha pesquisa o assunto estava bem evidente, pois durante os anos de 2019 e 2020, algumas agências estavam negando *Au Pair* a algumas

nacionalidades asiáticas, pois havia um alto montante de pedidos de visto de *partner* para essas nacionalidades. Ou seja, muitos não retornaram para seus países de origem após o ano de intercâmbio. Acredito que isso faça parte da gestão e do papel de controle biopolítico migratório que as agências possuem, algo estipulado pelo governo holandês e a qual volto a discutir no Capítulo 3.

Em síntese, pude observar que muitas pessoas querem ficar fora do país mais de um ano, buscam outras estratégias, já que não há renovação deste visto na Holanda, como: 1) são *Au Pairs* por dois, três ou quatro anos (mudando de país); 2) ingressam em universidades europeias (no caso da Holanda, é mais difícil, pois é caríssimo para estrangeiros não-europeus, mas há oportunidades relativamente mais fáceis e mais acessíveis financeiramente como na Bélgica, Alemanha e França); 3) se relacionam com cidadãos europeus, pois namorados podem solicitar um tipo de visto chamado *partner visa* (há casos pré-planejados de busca por parceiro e aqueles que ocorrem naturalmente durante o ano de intercâmbio)<sup>84</sup>; 4) buscam tirar a cidadania europeia e se tornam *Au Pairs* para auxiliar neste processo, pois ficam mais próximas dos países onde querem tirar a nacionalidade (Itália, por exemplo); 5) são *Au Pairs* informais através do visto temporário de turista ou quando possuem cidadania europeia.

No questionário que apliquei ano de 2020 junto aos indivíduos que participam do Grupo do Facebook “*Au Pair* Grupão Holanda”, inseri a seguinte pergunta: “O que significa ser *Au Pair* para você?” (Apêndice 1). Eu fiz esse questionamento, pois tinha como intuito saber como o Programa era definido a partir do ponto de vista desse grupo social. Nas respostas obtidas pude observar determinadas contradições entre consumo e trabalho. Estes aspectos serão retomados e discutidos no capítulo 5.

---

<sup>84</sup> Esta trajetória também favorecia os estudos sob as mesmas condições dos cidadãos europeus.

### **3 PLATAFORMAS E INTERATIVIDADE: FORMAS DE INTERMEDIÇÃO DAS AU PAIRS BRASILEIRAS NA HOLANDA EM DOIS CONTEXTOS**

No primeiro período pesquisado, entre 2008 e 2012, como já pontuado, o website *Au Pair World*, o Orkut e o Facebook se destacavam entre os brasileiros devido a seu grande número de usuários. Além do uso dessas plataformas, a escrita de blogs também era comum. De modo distinto, no segundo período, entre 2018 e 2022, outras redes sociais surgiram, gerando novos destaques como: o Instagram, Youtube e WhatsApp, ainda que, de modo relevante, se mantivesse o uso do website *Au Pair World*. O Facebook também continuou sendo bastante utilizado por ter recursos que as outras plataformas não oferecem, como a construção de grupos por afinidade de interesse, e que suportam um grande número de participantes.

Van Dick (2016), ao reconstruir a trajetória do mundo conectado, afirma que em 2007 apenas 6% da população tinha acesso à internet, algo que saltou para 82% no ano de 2011. Esta infraestrutura *online*, de interações sociais, permitiu a criação e o compartilhamento de conteúdo gerado pelo usuário, sendo algo denominado como Web 2.0. Nesse sentido, propiciou uma nova camada de organização da vida cotidiana, fazendo com que os mundos online e off-line estivessem cada vez mais interpenetrados.

Na guisa disto, nos próximos subitens, faço uma apresentação geral de como as *Au Pairs* brasileiras se utilizam destas diferentes plataformas e mídias digitais como um modo de obterem informação sobre o consumo deste tipo de intercâmbio, bem como forma de conexão com outros agentes do programa: agências, famílias, etc. Executo isso, de modo a visualizar como essas plataformas fazem parte das práticas sociais dos participantes da pesquisa e, portanto, também compõem o campo-tema deste estudo (SPINK, 2003).

#### **3.1 O USO DOS BLOGS: DIÁRIOS PESSOAIS ONLINE**

Ao longo do estudo, ficou evidente que muitas pessoas que fazem intercâmbio gostam de registrar e compartilhar suas experiências através de diferentes mídias digitais, como, por exemplo, blogs, Facebook, Instagram e Youtube. A meu ver trata-

se de uma forma de produzir conteúdo para que seus parentes e amigos possam acompanhar a sua jornada, e, de modo parecido, manter o contato. Similarmente, quem planeja e/ou deseja fazer intercâmbios, ainda que com interesses diferentes, busca consumir esses conteúdos digitais, sobretudo para se informar, se motivar e tirar dúvidas.

Os *blogs*, nesse âmbito, são uma espécie de diários *online*, e que ocorre de forma frequente, principalmente, devido à facilidade de se criar um, tendo em vista a existência de diferentes plataformas gratuitas de blogs, sendo as mais comuns a Wordpress e o Blogger (serviço da *Google*). Apesar de sua popularidade, outras ferramentas mais tradicionais, por assim dizer, também se tornam recursos de inspiração. Afirmando isso, com base em uma das entrevistadas, que durante o contexto da pandemia, na Holanda, ao ser questionada de onde veio a ideia de se tornar *Au Pair*, disse que essa veio da leitura de um livro intitulado “Bicicletas e Tulipas”, publicado pela Editora Inverso, em 2012, de autoria de Isadora Lenzi Michel.

Após a entrevista via vídeo, fui pesquisar no Google sobre o livro, vi que estava disponível pelo site “Estante Virtual”<sup>85</sup>. O livro estava disponível por um Sebo da cidade de Curitiba, mesma cidade de origem da Editora e da autora. Comprei o livro, e, em poucos dias, ele chegou à minha residência através dos Correios. Ao iniciar a leitura do livro, descobri que ele, antes de se tornar livro, era um *blog* que a autora criou um pouco antes de sua viagem para Holanda para iniciar o programa de intercâmbio *Au Pair* em 2010.

O livro possui o formato de diário, seguindo uma ordem cronológica de publicação. O blog não está mais disponível *online* por conta da compra dos direitos autorais pela editora, mas ele é exemplo de outros *blogs* que foram criados por brasileiras que quiseram compartilhar suas experiências como *Au Pair* na Holanda. Nas páginas iniciais do livro a autora diz:

Quando decidi criar o blog, pouco antes da minha viagem para a Holanda, eu não fazia ideia de que pouco tempo depois estaria publicando um livro. Minha única intenção, na época, era a de compartilhar minhas histórias com aqueles que amo. Em segundo momento, meses depois de começar, eu já não escrevia só para compartilhar, mas também para proteger, guardar. Meu blog acabou se transformando em um dos meus maiores tesouros, pois ali

---

<sup>85</sup> Site que reúne lojas de livros usados de todo Brasil. Ver mais em: ESTANTE VIRTUAL. **ESTANTE VIRTUAL**. Disponível em: <https://www.estantevirtual.com.br/>. Acesso em: 27 abr. 2023

estavam registrados todos os meus momentos importantes do ano mais bonito de minha vida. E por fim, já nos últimos meses de Intercâmbio, descobri o verdadeiro motivo que me levou a escrever durante todo esse tempo: foi este o caminho que encontrei para me entender, para dar vazão aos meus sentimentos e processar tudo que estava acontecendo. Eu me construía, escrevendo. Eram naquelas horas em que me dedicava ao blog, que eu finalmente me permitia sentir. E durante este ano na Holanda, eu senti muita coisa. Risos e lágrimas se revezaram durante o ano todo, e o blog era um remédio quase infalível para momentos de saudade e de mau humor (MICHEL, 2012, p. 6).

Entendo que tanto o livro quanto o *blog*, como outras mídias digitais encontradas na *internet*, são impulsionadores para aqueles que desejam vivenciar a experiência com este e outros intercâmbios e migrações. Todavia, esse entendimento também é compartilhado pelas agências de intercâmbio, e ao reconhecerem isso, utilizam-se, muitas vezes, desses recursos para elaborarem propaganda de seus produtos.

Uma manifestação disso é a agência *House Boompje Nanny* (HBN), uma das agências mais populares utilizadas pelas *Au Pairs* brasileiras na Holanda, que ao longo de alguns anos (entre os anos de 2012 e 2015), incentivou a criação de *blogs* por suas *Au Pairs*, os quais foram publicados no site brasileiro da agência<sup>86</sup>. Ao pesquisar os termos “*Au pair* na Holanda + *blogs*” outros *blogs* aparecem. Alguns duram só o ano do intercâmbio, outros são abandonados antes mesmo do final do intercâmbio, outros continuam com outros temas e interesses, de acordo com as mudanças da vida de quem escreve o diário *online*. Há aqueles que migram para outras plataformas ou convivem simultaneamente em múltiplas plataformas.

Como exemplo disso, podemos citar o *blog* “*aceiteessamanga*”, criado em agosto de 2007 para escrever temas de interesse da autora. Em janeiro de 2012, a elaboradora do *blog* criou também uma página no Facebook e além de fazer postagens no *diário online*, as compartilha na página do Facebook. Segundo publicação dela em seu *blog*, ela decidiu ser *Au Pair* em meados de 2009, iniciando o processo com uma agência em 2011, mesmo aprovada. Então, ela desiste do processo, mas retorna, novamente, com outra agência no final de 2012, embarcando para Holanda em agosto de 2013<sup>87</sup>.

---

<sup>86</sup> Ver mais em: Huisje Boompje Nanny Brasil. **Huisje Boompje Nanny Brasil**. Disponível em: <https://hbnbrazil.wixsite.com/hbnbrazil>. Acesso em: 27 abr. 2023.

<sup>87</sup> Ver mais em: MEU PROCESSO. Disponível em: <https://aceiteestamanga.wordpress.com/quero-au-pair-holanda/meu-processo/>. Acesso em: 27 abr. 2023.

Ao observar a página dela no Facebook, sabendo que ela estava no contexto de se tornar *Au Pair*, vejo uma postagem do dia 22 de dezembro de 2012 que ela escreve sobre o livro "Bicicletas e Tulipas" que citei acima, deixando um *link* para o texto escrito em seu blog, nele ela diz:

O Bicicletas e Tulipas é um dos dois livros que foram lançados esse ano e que **vieram completar o imaginário da gente que tem essa ideia maluca de ser *au pair***. [...] O livro na verdade é uma adaptação do blog que ela manteve desde pouco antes do seu embarque até o retorno ao Brasil. E ele segue exatamente o formato dos posts, a única diferença é que no lugar das datas nós temos a quantidade de dias desde que ela chegou na Holanda nos guiando. Além disso não há fotos no livro, deixando tudo pro nosso imaginário. [...] E depois de ler essas 300 e tantas páginas eu estou, inclusive, achando muito estranho dizer "a Isadora" porque pra mim ela é a Isa! Eu não a conheço, **nunca cheguei a ler o blog dela (mas já sabia de algumas coisas) sobre ela graças ao blog de outras *au pairs***, mas sinto que sei muito bem quem ela é... e vou aproveitar e dizer que é engraçado, mas **as meninas que estiveram nos Países Baixos durante esse período entre 2009 e 2011 escreveram blogs lindos, cheios de histórias apaixonantes, mas nesse 2012 de meu Deus foi tão difícil encontrar um blog contínuo, completinho, bonitinho pra nós que ainda estamos desse lado nos deleitarmos ou até mesmo fantasiarmos como será na nossa vez. E eu culpo o Facebook e seus posts efêmeros por isso**. Enfim, uma das razões de ter comprado o livro foi o fato de que além de ela ter sido *Au Pair* na Holanda, eu teria ali comigo, a qualquer momento os relatos completos de uma aventura: do início ao fim. E eu prefiro muito mesmo ler as coisas no papel, então seria perfeito. (Grifos nossos).<sup>88</sup>

Como pode-se ver, a postagem indica que a autora tinha o hábito de ler *blogs* entre 2009 e 2011, período em que decidiu ser *Au Pair* na Holanda, mas, que no ano de 2012, ano que ela se inscreveu pela agência *House o Orange*, ela não tinha encontrado *blogs* contando a experiência completa, do início ao fim, de *Au Pairs* brasileiras na Holanda, e que o livro supriu a necessidade de ler e imaginar a vida *auperiana*<sup>89</sup>.

Além dos *blogs*, a pesquisa apontou que ainda se é muito comum o uso de comunidades online que aglutinam pessoas com os mesmos interesses, a fim de trocarem informações como o Orkut e o Facebook, tema do próximo subitem do presente texto.

---

<sup>88</sup> SOBRE BICICLETAS e tulipas. Disponível em: <https://aceiteestamanga.wordpress.com/2012/12/22/sobre-bicicletas-e-tulipas/>. Acesso em 27 abr. 2023.

<sup>89</sup> Termo muito utilizado para falar da experiência, a vida, o mundo de uma *Au Pair*.

### 3.2 DO ORKUT AO FACEBOOK: AS COMUNIDADES ONLINE

Em 2008, ano que iniciei as minhas buscas por uma família anfitriã na Europa, a principal rede social online utilizada de compartilhamento de informações sobre o processo e participação no Programa *Au Pair* eram as comunidades do Orkut. Criado em 24 de janeiro de 2004, pelo engenheiro turco Orkut Büyükkökten, da empresa Google, o Orkut tinha o intuito da criação de novas amizades, bem como de se manter as existentes. Os brasileiros nesse período compunham quase que metade dos usuários da plataforma, e do total de brasileiros, quase metade eram jovens. A plataforma também era muito popular nos EUA e Índia. Segundo Couto e Rocha (2009, p. 11):

Para começar a interagir no Orkut, o participante cria uma conta de e-mail no Google, e constrói uma página pessoal (profile), com a finalidade de se apresentar a outros participantes. Nessa composição do perfil, escolhe o que disponibilizar na página, informações como nome, idade, cidade onde mora, estado civil, opção sexual, tipos de música, livros, culinária que gosta, etc. Além do perfil, que é composto por uma foto, o participante possui um espaço para disponibilizar álbuns de fotografias, pode ainda adicionar vídeos preferidos e fazer parte de comunidades com as quais se identifica. Já imerso, pode visitar, passear virtualmente por milhares de perfis, comunidades e fóruns. O ponto alto do Orkut é a busca de amigos e passeios por perfis, além, é claro, da interação social, observada nos posts das comunidades onde cada um pode escrever o que deseja e receber um retorno; bem como nos scrapbooks onde é possível deixar e receber recados, além de testemunhos.

O Orkut foi desativado em 30 de setembro de 2014, não havendo a possibilidade de acesso ao longo da pesquisa, mas, ao recorrer a minha memória, lembro-me que as comunidades temáticas funcionavam de forma muito similar às comunidades e grupos do Facebook, outra plataforma de rede social *online* ainda ativa nos dias de hoje. Como comentei, o meu perfil no Facebook foi aberto durante minha experiência como *Au Pair* na Holanda em 2009, justamente por ser uma rede social *online* mais popular na Europa do que o Orkut naquele período. Posteriormente, houve uma regressiva adesão no público brasileiro, e, em geral, ao Orkut levando à desativação da plataforma.

O Facebook também foi criado em 2004<sup>90</sup>, por Mark Zuckerberg e seus colegas de quarto em Harvard (Dustin Moskovitz, Chris Hughes e o brasileiro Eduardo Saverin), com o intuito de ser utilizado pelos estudantes da mesma universidade. Como fez muito sucesso, logo foi expandido para outras universidades até que, em 2006, passou a aceitar o cadastro de qualquer pessoa a partir de 13 anos de idade, passando, em 2008, a se tornar a maior rede social online em número de usuários no planeta (FACEBOOK ..., 2014, texto digital).

Os grupos temáticos relacionados ao *Au Pair* na Holanda do Facebook são muito utilizados por brasileiras no período recente. Atualmente, o mais numeroso é o “*Au Pair* Grupão Holanda” que dobrou seu número de participantes durante o período que realizei minha pesquisa (2018-2022). Ele foi criado em 12 de julho de 2016, possuía 13.403 mil usuários, em 29 de outubro de 2022<sup>91</sup>. Configurado como grupo privado, só é possível visualizar e fazer postagens aqueles que são aceitos pelos administradores do grupo. Na descrição afirmam que todos que possuem algum interesse no Programa de *Au Pair* na Holanda são bem-vindos, com exceção de representantes de agências<sup>92</sup>. Afirmam, ainda, que o grupo foi criado para troca de informações e compartilhamento de experiências.

À primeira vista, o que se nota, por meio da descrição desse grupo, é a liberdade de comunicação como valor fundamental entre aqueles que têm os mesmos interesses e, ainda, representantes de agências falam de lugares sociais divergentes da *Au Pair* e, por terem interesses e motivações diversas entre si, não devem ter acesso aos conteúdos, sentimentos e posições expressas nesse ambiente *online*.

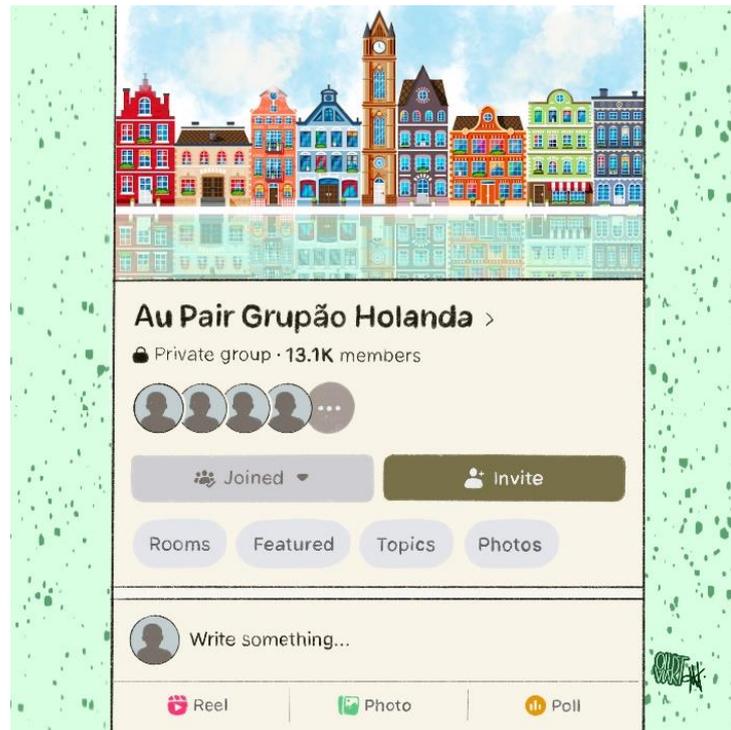
---

<sup>90</sup> FACEBOOK completa 10 anos; veja a evolução da rede social. **G1.**, 04 FEV. 2014. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/02/facebook-completa-10-anos-veja-evolucao-da-rede-social.html>. Acesso em 27 abr. 2023.

<sup>91</sup> Em 19/11/2018 eram 6.107 membros, passou para 9.670 mil membros em 02/09/2020; 10.559 membros em 18/01/2021 e 13.403, atualmente. Um aumento de 7.296 membros em relação a primeira data e a última, ou seja, mais do que o dobro.

<sup>92</sup> Algumas agências holandesas possuem representantes brasileiras que foram ex-*Au Pairs*.

Figura 9 - Grupão do Facebook



Fonte: Ilustração de @oliviart.ist do Instagram

Na prática os grupos funcionam como um grande fórum, onde lança-se uma questão e alguém do grupo responde nos comentários. Assim, tira-se dúvidas sobre o fluxo de famílias, qual agência é a mais indicada, os custos do processo, dentre outros pontos. Ademais, conecta pessoas que estão indo no mesmo período, ajudando, assim, a criar laços de amizade, onde marca-se encontros presenciais ou viagens em grupo.

Lá também pede-se ajuda quando se está em apuros, denuncia-se família perigo (abusadora). Vende-se coisas, como roupas e outras mercadorias que não vão utilizar mais, mas que podem ser úteis e baratas, por serem de segunda mão. Há também aquelas que estão encerrando o período do programa, e oferecem a sua própria família anfitriã para aquelas que estão se candidatando a futuras *Au Pairs*. Nesse sentido, muitas famílias utilizam de suas atuais para pré-selecionar as futuras *Au Pairs* da família<sup>93</sup>.

<sup>93</sup> De certa forma, quando uma brasileira é admitida como *Au Pair* na Holanda acaba por abrir espaço para outras brasileiras se tornarem *Au Pair*, cria-se uma rede social de referência e apoio.

Ressalto que as agências intermediadoras também possuem suas páginas próprias no Facebook, na qual é possível ver informações gerais da empresa como: descrição, informações de contato (telefone, e-mail, etc), link para outras redes sociais online como o Instagram, link do website, horário e local de funcionamento. As publicações, na maioria das vezes, são realizadas tanto nesta plataforma como também no Instagram, já que ambas oferecem recursos de publicação simultânea. Entretanto, o uso do Facebook é mais antigo e mais popular. A página mais antiga de agência encontrada é de 2008, sendo que das 16 agências (número total), apenas uma não tinha um perfil no Facebook. Já a conta mais antiga de uma agência holandesa no Instagram é de 2016, e das 16 agências, apenas 7 possuem conta nesta plataforma.

### 3.3 O INSTAGRAM

No “*Grupão do Facebook*”<sup>94</sup> é comum que as *meninas*<sup>95</sup> que estão no processo de se tornar *Au Pairs* peçam o endereço do Instagram daquelas que já estão vivendo essa experiência na Holanda para poderem acompanhar seu cotidiano. Fazem isso através do recurso dos *stories*, por exemplo, ou através de outros formatos disponibilizados pela plataforma (fotos, lives, reels<sup>96</sup>, etc.).

Por meio de uma pesquisa realizada no Instagram com o hashtag<sup>97</sup> “aupairnaholanda”, no dia 04 de janeiro de 2020, pude ter acesso a 28 contas públicas diferentes do Instagram que fizeram publicações com esta *hashtag*, composta por mais de 500 postagens, sendo a mais antiga realizada em 2017. Entretanto, apesar do uso de *hashtag* no Instagram ser uma estratégia de aglutinar pessoas e publicações em torno de uma temática, pude perceber que ele não supre a estrutura socializadora dos grupos do Facebook, como apontado, fazendo com que este recurso permaneça popular desde 2008.

---

<sup>94</sup> O grupo se chama “Grupão Au Pair Holanda” e é denominado como Grupão pelas usuárias dessas plataformas digitais.

<sup>95</sup> Ainda que existam meninos no grupo, mas eles são a minoria e raramente interagem no grupo.

<sup>96</sup> Tanto o *reels* quanto o IGTV são ícones de compartilhamento de vídeos permanentes no Instagram.

<sup>97</sup> Hashtags são palavras-chave ou termos associados a uma informação, tópico ou discussão que se deseja indexar de forma explícita nas plataformas digitais.

No Instagram, as *Au Pairs* que escrevem com frequência temas e dicas relacionadas a este programa de intercâmbio utilizam uma série de estratégias para compartilhar seus conteúdos, como participar de “*take over*” em contas de terceiros. Descobri este recurso acompanhando o conteúdo da conta de uma *Au Pair* na Holanda. Esse termo em inglês se refere a uma ação de tomada de controle, e no âmbito do Instagram se refere a um dia em que uma pessoa fica encarregada de fazer *stories* na conta de outra pessoa.

A conta dessa *Au Pair* ia participar de uma semana de *take over* na conta de uma *Au Pair* dos EUA, assim como outras *Au Pairs* brasileiras em outros lugares do mundo. Cada uma ia fazer *stories* em um dia da semana diferente para falar do programa de intercâmbio, apresentando as especificidades existentes em seis países diferentes: Alemanha, Holanda, França, China, Austrália e Estados Unidos. Esse recurso funciona como forma de divulgação de uma conta por outra, com o objetivo de aumentar o número de seguidores ao se tornar conhecida pelo público dessa outra conta.

Uma das coisas que descobri durante o estudo, é que esse recurso de *take over* também vem sendo utilizado por uma agência holandesa de *Au Pair*. Nesse caso, uma de suas *Au Pairs* é convidada para fazer uma semana de *stories* e compartilhar sua rotina, falar sobre sua vivência e tirar dúvidas de brasileiras que querem ser *Au Pairs* na Holanda. As meninas participantes que foram questionadas por mim a respeito disso, afirmaram que a participação foi voluntária.

Outra forma de divulgação de conteúdo são as *lives*, que ocorre quando um convidado é chamado, sendo esse um “especialista” no assunto. Nesse caso, ocorre um bate-papo *ao vivo* sem edição, tendo como tema algum elemento central do intercâmbio, como por exemplo: primeiros socorros, agência, estudo na Holanda, troca de visto, etc. Muitas vezes estas *lives* ficam gravadas e divulgadas permanentemente no Instagram ou em uma conta relacionada em outra plataforma, como o Youtube.

Ademais, outro recurso muito utilizado é a caixa de perguntas dos *stories*<sup>98</sup>. As agências com contas no Instagram, ou de pessoas que vendem algum tipo de

---

<sup>98</sup> Ao publicar um vídeo ou foto no *Stories* (que é disponível por tempo determinado de 24 horas), o usuário pode inserir um ícone de perguntas para que seus seguidores que o assiste possa fazer ou responder perguntas. Posteriormente, pode-se conferir o que eles disseram acessando os dados de

consultoria para a realização desse intercâmbio, utilizam-se muito desse recurso interativo. Para o seu funcionamento, as pessoas que visualizam esta ferramenta devem deixar perguntas, posteriormente respondidas e compartilhadas nos *stories* seguintes, buscando sanar as dúvidas de quem interage.

### 3.4 O YOUTUBE

O Youtube é uma plataforma que proporciona exclusivamente o compartilhamento de vídeos e também é muito consumida pelos interlocutores da pesquisa. Os *links* dessa plataforma são compartilhados nos grupos de WhatsApp e Facebook, complementando-se o conteúdo de *blogs* e contas do Instagram. Ao buscar os termos “*Au Pair* na Holanda” no ícone de busca desta plataforma, tive acesso a aproximadamente 30 canais diferentes com a publicação de pelo menos um vídeo sobre esse tema.

É possível, ainda, encontrar na plataforma os vídeos *applications* das *Au Pairs*, utilizados por aquelas que buscam ir para os EUA. Ressalto que as agências americanas de *Au Pair* exigem que as candidatas façam um *video application* como parte do processo seletivo, sendo este mesmo recurso utilizado por algumas agências holandesas. O *video application* é um meio de autoapresentação e autopropaganda das candidatas que buscam conseguir convencer as famílias anfitriãs que elas serão uma *Au Pair* ideal. As candidatas administram os sentidos e seus efeitos, a fim de conseguirem as vagas almejadas (OLIVEIRA, 2017).

Tanto o Instagram quanto Youtube possuem o compartilhamento de temáticas semelhantes: aprendizado de idiomas (inglês e holandês), o mundo do *Au Pair*, tanto da Holanda como de outros países (dicas do processo, como fazer um perfil no *site* do APW, como ir bem na entrevista com a família e com a agência, informações sobre como permanecer na Europa após o ano de *Au Pair*, casos de abusos, etc.), sobre a Holanda (bicicletas, barragens, canais, música, cotidiano, educação das crianças), viagens (mala, compra de passagens, dicas, aplicativos, etc.) e temas contextuais (Covid-19, eleições americanas, caso Mariana Ferrer, etc.).

---

resultados do seu post. Além de poder visualizar e responder as mensagens enviadas pelos seguidores, também pode compartilhá-las em um novo grupo de *Stories*.

A análise desse recurso me permitiu observar representações sobre o programa, estratégias e motivações das brasileiras que se relacionassem nesse ambiente/contexto, tendo em vista que busquei categorizar alguns elementos como intercâmbio, trabalho, experiência e consumo cultural, oportunidade e possíveis outras questões importantes que perpassam o sentido da migração e que serão melhor analisadas nos próximos capítulos da tese.

### 3.5 O WHATSAPP

Além das plataformas acima, há, também, o popular aplicativo de troca de mensagens – o WhatsApp, recurso exemplificado na figura abaixo:

**Figura 10- Grupão no WhatsApp**



Fonte: Ilustração de @oliviart.ist do Instagram

Observei que as *Au Pairs* utilizaram esse aplicativo de celular por vários motivos tanto para troca de mensagens com famílias com as quais estejam negociando um *match* quanto para conversar com outras *meninas* que estejam à procura ou que já sejam *Au Pairs* no momento. A plataforma também serve para busca de informações em diferentes lugares *online*, assim, entram em grupos de WhatsApp, pois esses são micros extensões de mídias digitais mais amplas como Facebook, Instagram, etc.

Desse modo, os grupos do WhatsApp são criados por diversas razões e finalidades. Eles reúnem *meninas* que foram para Holanda como *Au Pair* por uma determinada agência, por exemplo. Há aqueles grupos com recorte regional de *Au Pairs* que moram em determinada cidade. Identifiquei também grupos de candidatas que ainda não realizaram o desejo de serem *Au Pairs*, ou ainda que já sabem que serão e que essa realização já tem data marcada. A prática de inglês também acontece nesses grupos por aquelas que se encontram na Holanda.

Eles possuem um tamanho reduzido, pois comportam um número máximo de participantes que é de 257 pessoas<sup>99</sup>, e isso dá a sensação de maior proximidade, além de serem mais dinâmicos, com compartilhamento de informações mais instantâneas que se perdem ao longo do encadeamento das conversas. Esses grupos geralmente são compartilhados no “Grupão do Facebook” e aqueles que possuem interesse entram através de um *link* de acesso, ou são adicionados por aqueles que são administradores dos mesmos.

Os grupos de WhatsApp também são um recurso utilizado por agências intermediadoras como forma de enviar comunicados gerais e aglutinar um conjunto de *Au Pairs* que estão próximo do embarque para Holanda ou que já chegaram no país. Estes grupos muitas vezes se dividem em outros de forma a filtrar e aglutinar interesses, como *Au Pairs* que residem em uma cidade específica por exemplo: *Au Pairs in Den Haag*, *Au Pairs in Hilversum*, que são cidades holandesas.

Há também grupos de WhatsApp que são criados por produtoras de conteúdo de uma conta específica do Instagram, por exemplo, como estratégia de conseguirem

---

<sup>99</sup> Ver em: G1. **WhatsApp aumenta limite de grupos para até 512 pessoas, mas mudança só chega ao Brasil após as eleições**. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2022/05/05/whatsapp-tera-grupos-com-ate-512-pessoas-depois-das-eleicoes.ghtml>. Acesso em: 27 abr. 2023.

maior engajamento (visualizações, likes etc.). Nesse âmbito, identifiquei um caráter comercial, tendo em candidatas e *Au Pairs* efetivas possibilidades de vendas de produtos, consultorias, programação de um canal do Youtube, a exemplo das maratonas de *lives*<sup>100</sup> com informações sobre o programa de *Au Pair*. Assim, pessoas que possuem canais em diferentes plataformas como Youtube e Instagram compartilham *links* de seus conteúdos dentro destes grupos; ou ainda aquelas que não possuem um canal específico também compartilham *links* de conteúdos que elas acham convenientes e interessantes.

O aplicativo também é muito utilizado para a realização de vídeo chamada para a realização de entrevistas tanto por famílias anfitriãs e candidatas quanto por agências. No processo de *self-match* realizado tanto via anúncios em grupos do Facebook quanto na plataforma, há a troca de contato e o agendamento de uma chamada de vídeo. Na minha época, minha família anfitriã e eu utilizamos o Skype e o telefone fixo para uma chamada telefônica convencional. Outros recursos como o Facebook, Google Meet ou o Zoom também são utilizados para tanto.

### **3.6 O WEBSITE AU PAIR WORLD: TINDER DAS AU PAIRS**

Uma tática muito utilizada tanto pelas candidatas a *Au Pair* quanto pelas famílias é o uso de websites como o *Au Pair World*, uma plataforma de busca de perfis correspondentes de acordo com as preferências cadastradas das famílias e *Au Pairs*. A plataforma oferece o armazenamento de perfis de pessoas que querem participar do programa, indistintamente se o querem através do processo formal via mediação de uma agência reconhecida, ou se querem fazer de forma informal sem a necessidade de aplicação de visto.

Das 40 entrevistadas com *Au Pair*, apenas 9 delas utilizaram unicamente uma agência intermediadora para conseguir uma família anfitriã (22,5%). Sendo que a maioria delas (77,5%), além do serviço de uma agência, utilizaram o site APW e/ou outros meios digitais, como Facebook. Separando por períodos, das 13 brasileiras entrevistadas que foram *Au Pairs* entre os anos de 2008 e 2012: quatro (4) delas

---

<sup>100</sup> Vídeos compartilhados ao vivo.

utilizaram apenas o serviço da agência, período em que ainda não era obrigatória uma agência para a obtenção do visto; cinco (5) combinaram agência e plataformas digitais; e as outras quatro (4) restantes utilizaram apenas plataformas digitais. Já as vinte e sete (27) do período mais recente (2018-2022): cinco (5) utilizaram apenas agência; e, vinte e duas (22) utilizaram agências combinadas com alguma mídia digital (APW, Facebook, etc.), representando 81,48% deste grupo.

Pelos relatos, estas que utilizaram apenas agência diziam se sentir mais seguras com isso. Ao ter isso em vista, observa-se que os meios digitais foram se popularizando ao longo do tempo. Assim, mesmo com a obrigatoriedade das agências, os mecanismos digitais não foram deixados de lado, pelo contrário, passaram a dar suporte ao processo de intermediação realizado pelas instituições, bem como no processo de divulgação e marketing do programa.

Durante este período, o APW passou a ser divulgado em grupos de WhatsApp e grupos de Facebook como um meio confiável de se conseguir uma família anfitriã, além de possibilitar, em algum sentido, mais autonomia, se compararmos com a necessidade exclusiva de utilização de uma agência para acessar o programa. No APW você entra em contato direto com as famílias, e, apesar desse processo ser intermediado em uma plataforma administrada por uma empresa, há a sensação de um maior domínio sobre o processo de conquista de uma família anfitriã. Nos grupos do Facebook e do WhatsApp muitas participantes indicam que o cadastro no site do APW é o primeiro passo para se tornar *Au Pair* na Holanda, antes mesmo do contato com a agência.

O site APW já era bem popular em 2008 quando fui *Au Pair* na Holanda, e foi por ele que encontrei minha família anfitriã. Naquela época não era obrigatória agência e foi a única forma de intermediação que utilizei. No site, na aba “sobre nós”, afirmam ser “sua agência de *Au Pair* nº 1 na Internet”. O site já teve registro de “mais de 3 milhões de *Au Pairs* e famílias anfitriãs” (APW, 2020).

O *slogan* utilizado pela empresa diz: “We connect, we care” (nos conectamos, nos importamos) e “bringing au pairs and host families together: simply, safely and directly” (reunindo *Au Pairs* e famílias anfitriãs: de forma simples, segura e direta). Desse modo, a empresa busca se mostrar como um lugar democrático e seguro de conexão a partir de uma neutralidade técnica. O que faz com que *Au Pairs*, famílias e

mesmo as agências vejam esta plataforma meramente como um lugar que promove encontros mais eficientes entre aquele que oferta (famílias anfitriãs) e aquele que procura este tipo de colocação (*Au Pairs*).

Figura 11 - *Au Pair World*



Fonte: Ilustração de Maria Olívia (2022)

Tal visão positiva e otimista foi muito comum durante os primeiros anos do milênio ao pensar o potencial da internet como um mecanismo que nutria uma comunidade global conectada. No entanto, estudos mais críticos com relação a este processo lançaram luz sobre as relações de poder assimétricas presentes entre usuários e operadores destas plataformas (VAN DICK, 2016). Em termos analíticos, a infraestrutura de dados, a reorganização das relações econômicas em torno de mercados multilaterais e a orientação das interações entre os usuários são estruturadas a partir de relações de poderes desiguais dentro das plataformas e que

modulam práticas sociais online e off-line específicas (POELL; NIEBORG; VAN DIJCK, 2020). Nesse sentido, toda plataforma é estruturada segundo termos e diretrizes específicas que moderam como os usuários interagem entre si (GILLESPIE, 2018).

No caso do APW, para poder enviar solicitações às famílias é necessário realizar o cadastro na plataforma, sendo necessário identificar se você quer se registrar como família ou como *Au Pair*. Durante a realização da pesquisa, tentei realizar cadastro nele, mas ele foi negado por estar fora do perfil de uma *Au Pair* que precisa ter entre 18 e 30 anos. Com o cadastro feito, os usuários do site recebem sugestões de acordo com os critérios de pesquisa pessoal e enviam solicitações com as famílias encontradas.

O site, além de ter como principal função os *matches* entre famílias e *Au Pairs* de todo o mundo, concentra uma série de informações desde os regulamentos oficiais de cada país até dicas práticas que eles organizam seja através de um glossário com palavras-chave (*au pair wiki*<sup>101</sup>) ou mecanismos de busca como o “country check” onde você preenche algumas informações pessoais como nacionalidade, idade, estado civil, se possui filhos ou não, com quais línguas você sabe se comunicar e o site já indica em quais países você pode ser *Au Pair* com esses requisitos.

Há também o “info host countries” na qual você escolhe um país e o site traz todas as informações naquela localidade. Há, ainda, a possibilidade de ter acesso a histórias e depoimentos tanto de *Au Pairs* quanto de famílias anfitriãs, seja através de textos publicados no próprio site do APW, ou via *link* de vídeos publicados na conta do APW no Youtube. Quando consultei, no dia 22 de agosto de 2022, o canal de vídeos tinha 8.78 mil inscritos, além de 42.100 seguidores no Instagram e 107.614 curtidas na comunidade no Facebook.

Além dessas questões, o site também oferece alguns serviços em parceria com outras organizações: 1) seguro para a sua estadia de *Au Pair* (PROTRIP-WORLD<sup>102</sup>), 2) site de busca que permite que você pesquise os melhores cursos das melhores

---

<sup>101</sup> Ver em: AU PAIR WIKI. Au Pair Wiki: Keyword search for all au pairing topics. Disponível em: <https://www.aupairworld.com/en/wiki>. Acesso em: 24 abr. 2023.

<sup>102</sup> Empresa de seguros situada em Munique na Alemanha. Ver mais em: PROTRIP WORLD. **Content**. Disponível em: [https://www.protrip-world.com/en/about\\_us..](https://www.protrip-world.com/en/about_us..) Acesso em: 27 abr. 2023.

escolas de idiomas em cidades ao redor do mundo (languagecourse.net<sup>103</sup>), 3) treinamento online e obtenção das habilidades que as famílias desejam (*Babyem's au pair training*<sup>104</sup>).

Apesar de todos estes serviços oferecidos, o uso mais comum entre as brasileiras é para o encontro de famílias. Para tanto, é necessário preencher um perfil na plataforma do site na qual o primeiro passo pede-se: primeiro nome, último nome (apenas famílias com conta prêmio e funcionários do APW têm acesso ao nome completo), data de nascimento, sexo, e-mail, endereço completo (apenas funcionários do APW possuem acesso às informações completas de contato), país de residência atual, nacionalidade, se possui experiência com cuidado infantil, se possui carteira de motorista, se é fumante, habilidades com outros idiomas, língua materna, cadastro de senha de acesso junto com uma pergunta de segurança (como qual o horário de nascimento), além do aceite de termos e de política de privacidade.

O segundo passo é definir requisitos de busca: países de busca (máximo de sete), preferência quanto às características da cidade onde irá morar (tamanho da cidade, região de preferência, por exemplo), se há algum impedimento ou não em fazer trabalho doméstico, trabalhar com pai/mãe solteiro (a), trabalhar com criança com necessidades especiais, quais idades das crianças das quais deseja cuidar, período que gostaria de embarcar e por quanto tempo gostaria de permanecer.

O terceiro passo é relacionado ao perfil propriamente dito: fotografias e vídeos, carta de auto apresentação, além de informações quanto personalidade, família e amigos, nível de estudo, preferência do que se fazer no tempo livre, experiências com as crianças, habilidades com idiomas, motivações, expectativas e outras informações importantes. Ao finalizar o preenchimento, o site envia um link de confirmação no e-mail pessoal informado.

---

<sup>103</sup> Empresa com escritório na Espanha, oferece um mecanismo de busca de curso de idiomas em todo o mundo. Mais informações em: LANGUAGE COURSE. **Quem somos**. Disponível em: <https://www.languagecourse.net/pt/quem-somos>. Acesso em: 27 abr. 2023

<sup>104</sup> Empresa inglesa que oferece um treinamento online de 6 horas que aborda os seguintes assuntos: Papel de uma *Au Pair*, gerenciamento de rotina e tempo, primeiros socorros, aprender cozinhando, alimentação exigente, segurança e higiene alimentar, alergias e intolerâncias, desenvolvimento infantil, atividades para crianças, comunicar-se efetivamente com os pais, entender o que se espera de você, cuidar de bebês e crianças pequenas com segurança, gerenciar o comportamento. O custo do treinamento é de 70 libras. Mais informações: BABYEM ACCREDITED NEWBORN CARE & CHILDCARE COURSES. Babyem Accredited Newborn Care & Childcare Courses. Disponível em: <https://www.babyem.co.uk/>. Acesso em: 27 abr. 2023.

Tendo perfil registrado, os candidatos a *Au Pair*, através dos ícones de busca por famílias, selecionam o seu país de origem, seu sexo, onde gostaria de ser *Au Pair*, data mais próxima e longínqua de início do programa, bem como a duração de estadia, e assim, clicando no botão de busca o site lista todas as famílias que se enquadram nos requisitos informados. Nesta lista a candidata consegue entrar nos perfis de famílias disponíveis a partir dos descritores utilizados e enviar uma mensagem de interesse. Por sua vez, a família pode aprovar ou recusar o seu convite. Caso a família aceite, há uma troca de mensagens no próprio site. Essa conversa pode migrar para outras plataformas, como e-mails, WhatsApp, Skype, etc., para trocas de informações e fecha-se ou não o *match*.

Enquanto o cadastro é gratuito para as *Au Pair*, sendo oferecido a possibilidade de ter seu perfil publicado, solicitar contato as famílias e trocar mensagens com as famílias que respondem as suas requisições, não sendo possível as *Au Pair* enviarem mensagens para as famílias sem o aceite das mesmas. Já as famílias, além de terem todos estes recursos, elas também podem pagar por uma conta *Premium*, o que as possibilita ter mensagens irrestritas desde a primeira requisição, sem necessidade de aguardar o primeiro retorno da mesma, tendo acesso total aos perfis das *Au Pairs* (com acesso a vídeos e referências registradas pela candidata), entre outras ferramentas especiais. Desta forma, o site possui uma configuração desigual, pois não oferece os mesmos mecanismos e recursos para todos os usuários.

No início do período da pesquisa em 2018-2019, o APW era configurado de forma pública, ou seja, qualquer pessoa, mesmo que não tivesse um cadastro com *login* no site conseguia visualizar os perfis de famílias e *Au Pairs* cadastradas no site. No entanto, a partir de 2020, o site passou por modificações em sua infraestrutura, limitando o acesso aos perfis às pessoas que possuíssem cadastro na plataforma. E mais do que isso, para o acesso ilimitado era necessário a assinatura de um plano de conta *Premium*, como descrito acima. Essa reorganização limitou o acesso de informações, dificultando o uso de usuários não pagantes.

### 3.7 O PROCESSO DE INTERMEDIÇÃO DAS AGÊNCIAS DE *AU PAIR* NA HOLANDA E SUA GOVERNALIDADE

Neste tópico, busco recuperar uma discussão previamente apresentada no Capítulo 2, que se refere à aplicabilidade das normas governamentais implementadas ao Programa *Au Pair*. Diferentemente do que elaborei no capítulo anterior, dessa vez, me ateno à perspectiva do governo. Para tanto, tomo como ponto nodal desta discussão, o relatório produzido por Maas e Mastwijk (2021), que afirma que a última mudança na legislação, ocorrida em 2022, visaria a correção de três situações principais, a saber: 1) a profissionalização do *Au Pair* (aquela que passa, seguidamente, por diversas experiências como *Au Pair* em diferentes países); 2) *Au Pairs* que se submetem a mais horas de trabalho, caracterizando-se assim, segundo o governo, como uma forma de imigração laboral; 3) aquelas que buscam utilizar o programa com uma motivação econômica para ajudar os familiares em seus países de origem, e, que, conseqüentemente, estão mais propensas a trabalhar mais horas do que previsto, e, assim, obter maior rendimento.

Diante dessa perspectiva de fundo, quero enfatizar o papel de controle dos perfis de *Au Pairs* que entram no país, algo que se relaciona com o poder concedido pelo governo às agências. A preocupação a respeito das relações de trabalho é algo evidente, pois há uma frequente requisição de estudos, por parte do governo, de modo a constatar possíveis abusos, principalmente, aqueles inferidos pelas candidatas estrangeiras que se utilizam do esquema com distintos interesses. Tais iniciativas têm como o objetivo fundamentar mudanças na legislação, de modo a barrar e/ou filtrar o que eles (governo) percebem como um tipo de imigração indesejada.

Além disso, se em sua origem o Programa *Au Pair* funcionava através de redes sociais off-line formadas por instituições sociais como a Igreja, associações não governamentais e/ou por relações de amizade e parentesco entre famílias de diferentes países, no período recente, a partir do advento das novas tecnologias e da internet, as conexões entre *Au Pair* e família anfitriã passaram a ser mediadas por empresas privadas que utilizam de diferentes plataformas *online* (Orkut, Facebook, Instagram, Youtube, websites, aplicativos para celular) para conectar pessoas de diferentes partes do mundo.

Quando fui *Au Pair*, em 2008, eu tinha um microcomputador com monitor de tubo que eu adquiri durante meus anos de estudante de graduação entre 2004-2008. A internet não era tão veloz (internet discada), então, não era comum fazer uso de diferentes aplicativos de videochamada, como o popular WhatsApp dos tempos atuais. Assim, fazia, basicamente, troca de e-mails ou de mensagens pelo então Messenger (com recursos diferentes dos atuais) e também realizei algumas conversas por telefone com a família holandesa que me hospedou durante o Programa antes do meu embarque.

Também tinha um celular daquele modelo da Nokia, popularmente chamado de *tijolão* por conta de sua resistência, também famoso por conter o jogo da *cobrinha*. Além de ligações normais, era comum uso das mensagens de texto (SMS) para se comunicar. Há *meninas* que também foram no mesmo período que eu, no final da primeira década dos anos 2000, que enviaram seus formulários de aplicação por correios (carta/correspondência), em especial, aquelas que utilizaram o serviço da intermediação de uma agência, que nesse período ainda não era obrigatório.

No período mais recente, 2018-2022, estamos em outro momento, a internet hoje é mais veloz (tecnologia 4G/5G) e houve o surgimento e a popularização dos *smartphones*, aparelho que é um computador portátil, e que possui uma série de funcionalidades e aplicativos que se colocam no mundo como um instrumento de conexão permitindo mensagens e chamadas de voz e vídeo instantâneas.

Diante disso, se de um lado, essa tecnologia tem facilitado a comunicação entre candidatas à *Au Pairs*, famílias e agências mesmo que distantes geograficamente, por outro, este recurso pode ter tornado mais limitante, pois a partir do momento que as agências se tornam um agente obrigatório do processo, elas passam a fazer cada vez mais exigências para o escrutínio das candidatas.

As agências se utilizam de requerimentos tanto de cunho objetivo quanto subjetivo, de modo a eliminar pessoas que supostamente não se enquadram no perfil de uma *Au Pair*, perfil este que é definido tanto pelos regimes de gênero e cuidado quanto pelo regime migratório. No último caso, busca-se eliminar possíveis imigrantes que se utilizam do programa de forma inapropriada, que segundo a visão do governo, são aqueles indivíduos que queiram utilizar o esquema como uma forma de migração

laboral (com motivação econômica, por exemplo), utilizando-se disso como uma estratégia para permanecer mais tempo no país.

Outro fator importante a ser destacado é que com a expansão do uso da internet pela população, houve o aumento de pessoas interessadas, tanto de brasileiras como de outras nacionalidades, o que fez com que se aumentasse a concorrência contribuindo para que o processo se tornasse cada vez mais seletivo pelas agências, já que a quantidade de candidatas é menor que a quantidade de famílias anfitriãs no país.

Ao analisar os atuais requisitos solicitados pelas agências intermediadoras, destaco a questão da experiência com o trabalho infantil e o nível avançado em inglês. Olhando para o hoje, penso que não conseguiria participar deste programa de intercâmbio, pois, em 2008, meu inglês era básico a intermediário. Além disso, tinha quase nenhuma experiência com o cuidado infantil, apenas um pouco de contato com o meu afilhado. O primeiro filho da minha melhor amiga de infância, na época tinha 2 anos, e o nosso contato era mínimo, no sentido de nunca ter ficado exclusivamente responsável pelo seu cuidado.

Atualmente, para se tornar uma *Au Pair* é necessário apresentar referências formais ou informais que possam comprovar a experiência em si, como também o bom cuidado, no sentido de validar que você é uma boa cuidadora, e de que você é alguém de confiança. Apesar de ser enfatizado de diferentes formas como não trabalho, mas sim uma forma de troca (intercâmbio cultural), para ser *Au Pair* se requer o mesmo que uma trabalhadora do cuidado altamente qualificada e experiente na área.

As agências se pautam nas exigências e motivações das famílias que buscam solução de cuidado infantil, a partir de regimes de cuidado e de gênero, já apresentados no início do capítulo anterior. É sob esses parâmetros e gostos da classe contratante que se valoriza, por exemplo, quem tem nível avançado em inglês ou habilidades educacionais relacionados ao cuidado infantil, ou ainda habilidades mais práticas relacionadas ao estilo de vida holandês como saber andar e carregar crianças na bicicleta.

A respeito disso, pude constatar que das 27 entrevistadas do segundo período, 13 delas foram *Au Pair* nos EUA antes de irem para Holanda<sup>105</sup>. Esta experiência anterior acabou sendo valorizada nos últimos anos pelas agências e famílias, pois sustenta, de certa forma tanto o saber se comunicar bem em inglês, por já ter vivido nos EUA ao menos um ano; o saber lidar com um cotidiano familiar diferente, bem como o saber cuidar de uma criança, sendo essas, portanto, as atividades básicas de uma *Au Pair*. O que de certa forma contradiz a visão do governo holandês que tem se preocupado com aquelas que são *Au Pairs* em anos seguidos, mudando de país para outro, o que eles denominam de carreira de *Au Pair*, e que eles buscam limitar através da redução da idade limite adotada desde outubro de 2022, sendo permitido a participação no programa pessoas com até 25 anos de idade.

Ademais, referente à habilidade linguística, muitos pais buscam um perfil de *Au Pair* que execute um trabalho de tutora, e/ou mesmo de professora de inglês das crianças anfitriãs. Complementar a isso, existe o fato das *Au Pairs* possuírem ensino superior universitário em áreas correlatas ao cuidado infantil, como pedagogia e diferentes licenciaturas, enfermagem ou psicologia, sendo isso, inclusive, algo requisitado expressamente em websites de algumas agências.

A fluência no Inglês ou da experiência com o cuidado infantil não são requisitos para se tornar *Au Pair*, segundo o regulamento oficial do governo holandês. Apesar disso, estes passam a ser critérios utilizados no processo de seleção das agências intermediadoras, que são as instituições autorizadas a fazer o processo de aplicação do visto de *Au Pair*. Uma das agências, a House o Orange, por exemplo, faz uma distinção entre uma *Au Pair* mais experiente e mais velha, denominada pela empresa de *Au Pair Plus*. Já as que se enquadram nos requisitos básicos do programa são chamadas de *Au Pair* regular.

Assim, se por um lado o IND, órgão de imigração responsável pela emissão de visto de residência na Holanda, ao divulgar o Programa *Au Pair* não cita em seus requisitos a experiência formal com cuidado infantil, por outro lado, quando analisamos de perto o processo de seleção das *Au Pair* pelas agências, há um

---

<sup>105</sup> No período anterior quando as agências ainda não eram obrigatórias, das 13 entrevistadas, duas delas foram *Au Pair* nos EUA antes de irem para Holanda. O caminho contrário também ocorre, mas é menos comum. Das 40 entrevistadas, uma do primeiro período e outra do segundo período foram para os EUA após finalizarem o programa na Holanda.

ambiente cada vez mais competitivo nos últimos anos. Assim, qualificações e experiências anteriores passam a ser requeridos, tornando-se essenciais no filtro das agências, fazendo com que, muitas vezes, as *Au Pairs* precisem ser tão qualificadas quanto uma babá profissional local (*gastouder*).

Em um estudo sobre o mercado de posição de *Au Pair* no site gumtree.com, uma plataforma de anúncios de classificados diversos situado na Grã-Bretanha, Busch (2015) verifica que as *Au Pairs* estão na mesma categoria de empregadas domésticas e babás. E, os anúncios analisados revelaram que os anunciantes (as famílias) exigem experiência prévia e, portanto, se difere da concepção de intercâmbio cultural como uma experiência única e limitada no tempo como estabelecido no Acordo de Estrasburgo (1969).

Essas barreiras borradas entre uma babá (*Nanny*) e uma *Au Pair* podem também ser verificadas no próprio nome de algumas agências, como observa-se em dois *slogans* representados abaixo na *Figura 21*. As agências, em sua maioria, são voltadas especificamente ao mercado do *Au Pair*, apenas uma delas oferecem outras formas de intercâmbio (Travel Active), como o Programa *High School*, trabalho voluntário e curso de idiomas no estrangeiro. A SNAPS (Super Nanny Au Pair Services), apesar do “nanny” no nome, não oferece o serviço de colocação de babá, apenas de *Au Pair*. Já a *Nanny Nina* que inicialmente começou o negócio voltado à colocação de babás permanentes e por demanda, acabou aderindo o mercado de colocação de *Au Pair* em seus serviços, após ser reconhecida como agência pelo governo.

Esta última possui uma organização distinta se comparada com as outras agências, pois ela é considerada uma *startup*, ou seja, uma modelo de negócio que combina inovação (opera pela lógica da plataforma [empresa-aplicativo]) e que recebe financiamento através do mercado de fundos de investimento pelo seu alto potencial lucrativo. Durante o trabalho de campo, pude perceber como as outras agências se incomodavam com este modelo de negócio por ser altamente competitivo, sendo uma empresa que acaba por oferecer amplas possibilidades de serviço de cuidado infantil que não apenas o *Au Pair*.

Figura 12 – Representação dos *slogans* das agências



Fonte: Ilustração de Maria Olívia (2022)

Cada agência tem o seu procedimento próprio, sendo que a partir da Lei MoMi de 2013, apenas as famílias arcam com os custos deste processo, seja para pagar seus funcionários, para pagar representantes ou agências parceiras que realizam os procedimentos de seleção e recrutamento nos países de origem das *Au Pairs*.

Desta forma, as famílias anfitriãs são os seus clientes e pagam por seu serviço de mediação que podem incluir procedimentos como: custos para correspondência de candidatos, realização do procedimento junto ao IND, cumprimento dos deveres de cuidado da *Au Pair* (acompanhamento anual), reserva da passagem aérea, custos administrativos, como redação do contrato, e outros documentos, *webinar* de orientação e treinamento, organização de eventos, etc.

A atual legislação permite que as agências recebam o máximo de 34 euros como taxa de inscrição da candidata a *Au Pair*, de modo a evitar abusos financeiros por parte de agências que no passado exigiam altos custos para as candidatas que acabavam iniciando o programa já endividadas. Atualmente, algumas agências não cobram este valor das candidatas, por ser um valor muito reduzido, sendo considerado muitas vezes um valor simbólico, e que na maioria das vezes não cobre nem o valor

pago para as agências parceiras ou representantes que realizam o processo de seleção e recrutamento.

Apesar da intenção de evitar abusos, ainda há a possibilidade de agências estrangeiras, das quais o governo holandês não tem controle e domínio, permaneçam agindo de forma abusiva e cobrando taxas altas de inscrição. Durante o meu trabalho de campo na Holanda, uma das agências entrevistadas me relatou que não faz mais o processo de seleção e recrutamento de *Au Pairs*, pois é necessário trabalhar em parceria com empresas estrangeiras. E, na impossibilidade de saber da lisura destas empresas, bem como o valor 34 euros ser muito pouco e não cobrir os custos desta parceria, ela decidiu trabalhar apenas com *self-match*, ou seja, quando as famílias já pré-selecionam as candidatas. Ela afirma que, por experiência própria, uma melhor colocação é feita quando a própria família seleciona a candidata, e no final a agência faz a checagem de dados e dá a decisão final.

Assim, além de atender aos requisitos estabelecidos pelo IND para se tornar uma família anfitriã, a contratação do serviço de uma agência intermediadora passou a ser obrigatória a partir de 2013. Esta, por sua vez, solicita o preenchimento de um formulário de aplicação (*application*) com informações pessoais e sobre suas preferências, além de documentos comprobatórios que demonstrem que eles atendem a todos os requisitos delimitados pelo governo.

As agências, desta forma, são responsáveis por redigir diferentes documentos com todos os direitos e deveres das partes envolvidas: como horário de trabalho, descrição das atividades requeridas, valor do *pocket money*, compromissos, expectativas, procedimentos da agência, etc. Além desses procedimentos, algumas agências também realizam uma visita na residência da família para conhecer a estrutura da casa e o quarto que será destinado à *Au Pair*, pois é obrigatório a disponibilização de um quarto privativo extra mobiliado. Entretanto, as visitas passaram não ser mais realizadas após o Covid-19, procedimento substituído por videochamadas e fotos da casa no formulário de cadastro da família, segundo informações coletadas junto às agências entrevistadas.

O valor do serviço da agência cobrado das famílias pode variar por alguns fatores, como: nacionalidade da *Au Pair*<sup>106</sup>, e não apenas a nacionalidade específica, mas também se faz parte ou não da EU, se a família quer serviço completo (seleção e mediação) ou querem só a mediação, ficando eles responsáveis em buscar uma *Au Pair* por conta própria, processo que eles denominam de *self-match*.

Para se inscrever no programa *Au Pair* na Holanda, ainda que se variem um ponto ou outro, em geral, é necessário o preenchimento de um longo formulário em uma agência autorizada pelo governo, no qual se pede uma lista extensa de informações pessoais, como: nome, idade, nacionalidade, idade e local de nascimento, endereço postal, e-mail, número de telefone, nome do Skype, *status* de relacionamento (inclui namoro), se possui filhos, ocupação, nível de estudo, se já foi *Au Pair* anteriormente, etc.

Esse formulário é o primeiro passo de verificação e controle dos perfis de *Au Pairs*. Mas, como fica evidente através do meu detalhamento, as perguntas contradizem o discurso do intercâmbio cultural e/ou da ideia de ser parte da família. Afinal, o nível de exploração das diferentes habilidades da pessoa interessada, implica em concluir que as candidatas devem se mostrar altamente qualificadas, pois se é exigido que demonstrem experiência prática, ou qualificação através de estudos sobre o cuidado infantil, além de possuir um bom nível da língua inglesa. Como se não bastasse, ainda necessitam, ao mesmo tempo, evidenciar que será uma boa trabalhadora doméstica ou cuidadora do lar ao solicitar as habilidades nesse campo.

Algumas agências possuem um sistema automatizado para a visualização desses perfis, o preenchimento do *application* é realizado em uma plataforma *online* e não num arquivo de *Word*; ou seja, após seu preenchimento, o perfil das famílias e candidatas a *Au Pairs* já ficam disponíveis de forma *online*. As famílias veem os perfis das candidatas, e caso fiquem interessadas, agendam uma conversa, geralmente pelo Skype, para que possam se conhecer melhor. No meu caso, há 14 anos, a família utilizou uma ligação telefônica e diversas trocas de e-mail. Decidido o *match*, a agência encaminha toda documentação para a emissão de visto e o planejamento do embarque.

---

<sup>106</sup> Países como as Filipinas passaram a ter mais controle sobre quem sai do país para ser *Au Pair* na Europa, isso faz com que haja taxas governamentais extras, além de custar mais tempo.

Ao pegar o formulário de aplicação de uma das agências utilizadas entre as brasileiras no formato *Word*, podemos observar que ele possui 14 páginas somente de perguntas. Além das informações que indiquei, eles solicitam características físicas (altura, peso); fazem algumas perguntas relacionadas à saúde física e mental, se possui tatuagens e *piercing* (e pede especificações do local, tamanho e outras características), além de indagar sobre qualificações quanto ao conhecimento da língua inglesa e outros idiomas, experiência com andar de bicicleta, se possui carteira de motorista, nível de habilidade em cozinhar; se sabe nadar e se se sente confortável em cuidar de crianças em ambiente aquático; se possui conhecimento em primeiros socorros, e detalhes de qualificação em nível superior. Além disso, pergunta sobre experiências profissionais e no cuidado com crianças (solicita duas referências, sendo que elas poderão ser contatadas para informações via formulário de referência).

Com relação à experiência no cuidado de crianças, lista questões por faixa etária: de zero a dois anos, de dois a quatro anos, e de quatro anos para cima, com atividades requeridas para cada uma dessas faixas etárias: como trocar fralda para os menores, por exemplo. Questiona, ainda se possui experiência com crianças deficientes, se existem funções que não está disposto a exercer relacionadas às crianças. E o questionamento vai ganhando ramificações como o que mais gosta nas crianças, indicação do que é um aspecto desafiador de trabalhar com crianças e quais são as atividades favoritas com crianças.

Há também um espaço com questionamento relacionados à experiência com trabalhos domésticos, segundo as agências “leves”. Tratam-se de trabalhos que podem ser solicitadas pela futura família anfitriã, dentre eles: cozinhar para crianças e/ou para adultos, lavar pratos com ou sem o auxílio da máquina de lavar louça, fazer compras, aspiração de pó, lavar/ dobrar/ engomar roupas, trocar roupa de cama, e outros. Uma pergunta interessante nesta parte é se a candidata costuma possuir trabalhadora doméstica remunerada em sua casa de forma a ter indícios se a candidata tem ou não o hábito de realizar, por ela mesma, estas atividades, e conseqüentemente, se terá as habilidades requisitadas para a realização de atividades domésticas na casa da família anfitriã.

O formulário de aplicação solicita, inclusive, algumas preferências como: data disponível para começar, período máximo de estadia, opção de forma de adquirir o

bilhete de avião. Primeira opção: a *Au Pair* contribui com um valor fixo de ida e volta, com taxas de remarcação incluída, o que ultrapassar esse valor, fica sob responsabilidade da família anfitriã; segunda opção: a *Au Pair* compra sua própria passagem de ida e volta, incluindo a taxa de nova reserva e outros custos possíveis (com passagem).

Além disso, perguntam onde está disposto a morar (se qualquer lugar, se prefere cidade grande ou pequena, campo ou urbana), preferência das faixas etárias das crianças que irá cuidar, quantidade máxima de crianças, com que gênero de criança mais se identifica, quantidade de horas de trabalho semanais (inclui horas extras para além do limite legal), se existem funções que prefere não fazer (relacionadas à família) e o porquê, que curso de idiomas prefere realizar (holandês, inglês ou outro), se está disposto a cuidar de uma criança com deficiência, a ficar com uma família monoparental, a cuidar de animais de estimação (como passear com o cachorro), se está disposto a ficar/cooperar com uma mãe ou pai que fica em casa (no caso deles não trabalharem ou trabalharem em casa).

As ramificações também vão para a vida pessoal e estilo de vida: pede-se para descrever o lugar onde cresceu (geograficamente e o estilo de casa); se teve animais de estimação e quais; informações sobre parentes (pais e irmãos) e como é a relação com eles. Como foi a criação dada pela família, se já morou longe de casa e em outro país, motivo de querer morar fora no momento, se precisa ajudar com a casa, pede para descrever a rotina, se é religioso, se está aberto a outras religiões (como no caso de morar com uma família anfitriã de outra religião), interesses e hobbies, se tem algum talento especial, prática de esportes. Pede-se, ainda, a descrição completa de dois contatos em caso de emergência.

O formulário possui, além do mais, questões relacionadas à personalidade, motivações e expectativas sobre o programa, bem como as intenções futuras para depois do encerramento do ano de intercâmbio. Encerra com as solicitações de informações pessoais para uso do pedido de visto e da compra da passagem aérea.

A descrição é de um formulário de uma agência específica, sendo que as agências possuem formulários de aplicação diferentes, entretanto, o preenchimento deste documento é o primeiro passo para se inscrever no programa. Além desse documento, as agências costumam fazer uma entrevista com as candidatas para

checar as informações preenchidas no formulário, além de testarem a desenvoltura na comunicação em língua inglesa. Após a avaliação da agência, a pessoa pode ser reprovada por motivos diversos, que não são divulgadas pelas agências. E se aprovada, ela fica *online* para as famílias, ou seja, seu perfil fica disponível para as escolhas.

Sete entrevistadas do segundo período (2018-2022) disseram que foram rejeitadas no processo seletivo e, em geral, o motivo da reprovação não é divulgada pelas agências. No entanto, um dos tópicos mais discutidos nos fóruns do Facebook, e que gera bastante engajamento e discussão, é a questão de ter um namorado local. Houve, inclusive, em alguns períodos de observação desses fóruns, postagens de relatos de *meninas* que diziam que as agências estavam recusando determinadas nacionalidades como a de filipinas e de brasileiras, pois muitas delas estavam aplicando para o visto de *partner* (visto de namoro) após o período do *Au Pairs*, o que estava fazendo com que o IND passasse a inspecionar o trabalho das agências, pois isso seria um indício de que as elas não estavam filtrando possíveis perfis de pessoas que buscaram o programa com outro propósito que não o de intercâmbio cultural. Diante disto, o estado civil e de relacionamentos é algo investigado pelas agências durante o processo de intermediação.

O IND busca manter a vinda de estrangeiros que buscam participar do Programa com as motivações típicas do início do século XX quando o Programa era mais destinado a pessoas de países vizinhos da Europa, no entanto, com o processo de globalização, pessoas com diferentes motivações e origens sociais buscam participar do Programa, inclusive como um primeiro passo para uma imigração mais prolongada no continente europeu, a exemplo das brasileiras que buscam conseguir sua cidadania europeia, entre outra estratégias, incluindo a busca de um permissão de residência via relacionamento.

Assim como mulheres do leste europeu lideravam a participação do Programa *Au Pair* no início dos anos 2000, antes deles passarem a fazer parte da União Europeia, atualmente, mulheres da Ásia, África e América Latina são a maioria das participantes do Programa *Au Pair* na Holanda, havendo, assim, uma reconfiguração ao longo dos anos, fazendo com que outros marcadores sociais estejam presentes neste processo.

Sobre a questão dos estereótipos étnicos e como estes influenciam na escolha da nacionalidade da *Au Pair*, Schans, Galloway e Lansang (2014, p. 40) afirmam que “as au pairs filipinas são geralmente vistas como ‘muito atenciosas com crianças (pequenas)’ e ‘subservientes’, enquanto as au pair sul-americanas são descritas como ‘firmes’ ou ‘enérgicas’ e também ‘alegres’”.

De modo a buscar a identificar como o estereótipo étnico brasileiro era enxergado nesse mercado, questionei o motivo da escolha de *Au Pairs* brasileiras entre as famílias anfitriãs atendidas pela agência. Uma das agentes entrevistadas disse que as brasileiras possuem a fama de serem “carinhosas” e a outra agente disse: “tem família que quer brasileira, pois é muito limpa, bem ativa e já tem um grau de instrução maior; mas tem a que diz: eu não quero *Au Pair* brasileira, pois não é submissa”.

Por outro lado, há famílias que não estão dispostas a uma troca de cultura sem limites e preferem perfis de *Au Pairs* que tenham uma cultura semelhante a sua. Uma das mães entrevistadas que teve *Au Pairs* de diferentes países (Macedônia, Espanha, Itália, Hungria, Rússia e África do Sul) disse que dá preferência às europeias, pois estão mais próximas de casa, há um custo reduzido da passagem de avião em comparação a outros continentes, além de não haver grande diferença de cultura, ela buscava por alguém com uma cultura mais ocidental. Ao ser questionada quais são as nacionalidades que ela rejeita, ela afirmou que são filipinos, brasileiros e indonésios. Segundo ela, pelas histórias que ela escuta, a motivação dessas nacionalidades não é sempre sincera e ela não quer correr este risco.

Ainda que não seja o cerne e objetivo da pesquisa, a comparação entre o Brasil e as Filipinas pode ser uma forma importante de localizar as *Au Pairs* brasileiras dentro do mercado global do cuidado. Digo isto, pois os casos das Filipinas têm destaque nos estudos sobre o *Au Pair* em diferentes países. Além disso, são citadas nas entrevistas ou nos diferentes fóruns *online* (grupos de WhatsApp e Facebook) como indicativo de avaliação de famílias perigosas, pois ter uma *Au Pair* filipina anteriormente, é indício de que estão “mal acostumadas” com alguém que faz tudo sem reclamar.

Assim, o que se desvela é que o Programa *Au Pair* embora definido como um programa de intercâmbio de troca cultural, na prática, e durante o processo de intermediação, o que existe é uma triagem na qual qualificações educacionais e de

experiência familiares e profissionais são requeridas para sua colocação em uma família anfitriã. Dentre elas, se é requerido diploma, habilidade linguísticas (inglês fluente), experiência no cuidado infantil que possam ser comprovadas com referência, análise comportamental (algumas agências fazem uma análise psicológica, outras fazem está análise através da inferência de suas motivações durante entrevistas e checagem de referências ou ainda de suas redes sociais *online*).

Além disso, é preciso, ainda, comprovar sua confiabilidade através de antecedentes criminais e declarações de suas referências. As candidatas precisam demonstrar amar/ gostar de trabalhar com crianças, não se importar em fazer afazeres domésticos, serem responsáveis e independentes, pois as famílias não desejam um filho extra, apesar do discurso de ser parte da família, mas alguém para delegar parte do trabalho doméstico e reprodutivo.

Dessa maneira, além dos requisitos básicos do governo, é necessário passar por diferentes etapas de um processo seletivo minucioso e até de certa forma opressivo, pois é necessário responder questões da vida íntima (uso de álcool e drogas, tatuagem, se tem namorado, experiência com luto, ter morado fora, peso, altura, cor dos olhos e do cabelo, personalidade, gostos, hobbies, motivações para participar do programa) checagem de caráter e habilidades através de referências, documentos comprobatórios, exames médicos e entrevistas. Desta forma, além de conseguir um *match* com uma família, também é necessário subjugar todas as etapas de seleção e aplicação da agência. É um processo que gera muita ansiedade e sofrimento, onde muitos espaços como grupos de Facebook e de WhatsApp são utilizados como meios de compartilhamentos de informações, acolhimento e aconselhamento.

Os procedimentos apresentados anteriormente apontam para a necessidade de mobilizar uma série de técnicas e habilidades para participação no programa. Como visto, as interessadas precisam enfrentar dinâmicas intermediadas pelas agências que mantêm uma posição frequentemente benevolente aos interesses das famílias anfitriãs. Um outro ponto que também se destaca, apresenta-se na intensificação do uso de diferentes plataformas para a mediação desse processo, algo que se expande em um conjunto de sites, trâmites, plataformas, tecnologias e mobilizando um outro conjunto de táticas.

#### 4 O PROGRAMA *AU PAIR* E SUAS INTERFACES COM OS DIFERENTES CIRCUITOS DE CUIDADO NA HOLANDA

Neste capítulo da tese discuto o *Au Pair* a partir da discussão proposta por Lutz (2008) sobre as interfaces entre os regimes de gênero (aquele que organiza a divisão sexual do trabalho bem como o roteiro cultural generificado), os regimes de cuidado (relacionados às políticas públicas e como o bem-estar social é dividido entre Estado, mercado e família) e os regimes de imigração (das quais estabelecem regras e dispositivos que ampliam ou restringem a entrada de migrante no país).

O *Au Pair* apesar de ser um programa que existe desde o final do século XIX e o início do século XX, em sua transformação ao longo do tempo, acompanhou e/ou sofreu influência da tendência mundial de feminização da imigração e da divisão internacional do trabalho do cuidado estabelecida a partir dos anos 1990 perpetrada pela hegemonia do neoliberalismo. Lutz (2008, p. 2), ao tratar o trabalho doméstico migrante em comparação a outros serviços transnacionais, afirma o seguinte:

- a) não podem ser terceirizados, como *call centers*, para países onde a mão de obra é barata. Em vez disso, é realizado na esfera privada no país do cliente.
- b) precisa de migrantes flexíveis e experientes (educados), capazes de integrar a si mesmos nas casas de seus empregadores, seguindo suas preferências, suas coreografias domésticas e seus hábitos pessoais.
- c) é insuficientemente teorizada se a reduzimos à questão da reposição ou substituição. No trabalho de cuidado, as barreiras emocionais desempenham um papel específico porque, por exemplo, as mães não desejam ser totalmente “substituídas” por uma babá e as donas de casa não deixam as tarefas domésticas para outra mulher sem ter certeza de que seu *status* e responsabilidade não estão em questão (tradução livre).

Penso que podemos colocar o Programa *Au Pair* em paralelo ao trabalho doméstico migrante, pois ele se configura atualmente como uma forma de provisão de cuidado dentro de um contexto neoliberal somado aos respectivos regimes de gênero, cuidado e migração (LUTZ, 2008) e que favorece a domesticidade e privatização do cuidado num processo cada vez mais mediado pelas plataformas digitais. Dentro do que Falquet (2016) discorre sobre as transformações neoliberais do trabalho feminino, a entrada da mulher no mercado de trabalho não deve ser vista necessariamente como um avanço, pois apesar da mulher ganhar autonomia em relação ao contexto conjugal-familiar, as tarefas das esposas passa a ser

externalizada e fornecido a preços baixos sob velhas lógicas heterossexuais, sexistas, racistas, classistas anteriores, mesmo que sendo praticadas em ares modernos de tecnologia através de diferentes plataformas digitais que oferecem trabalho sob demanda. O programa se transforma e se reproduz seguindo estas mesmas lógicas de reprodução do trabalho feminino.

Diante disto, me ateno a discutir sobre como se configura a relação Estado, mercado e família, no contexto holandês, de modo a refletir como a perspectiva das famílias e das agências intermediadoras estruturam o programa *Au Pair*. Faço isso, pois desconfio que o programa, na prática, atua como uma forma de conciliação e equilíbrio entre o trabalho e a lógica familiar, algo amparado nos próprios resultados desta pesquisa, que vem demonstrando como o programa proporciona vantagens em comparação a outras formas de cuidado (creche, escola, babás, trabalhadoras domésticas, avós) para além da questão do custo financeiro, como fica aqui melhor explicitado.

Como já discutido anteriormente, apesar do Programa *Au Pair* ser regulamentado como intercâmbio de troca cultural, na perspectiva das famílias, este aspecto é considerado marginal, não sendo, na maioria das vezes, o principal fator motivador para o uso do esquema. Assim exposto, a crescente participação no mercado de trabalho das mulheres e os custos com assistência à infância faz o *Au Pair* ser uma alternativa atraente para famílias que residem na Holanda e em que ambos os parceiros trabalham. Assim, é a necessidade de auxílio no cuidado com as crianças o principal motivo das famílias procurarem esta alternativa, não sendo, portanto, a questão da troca cultural o motivador predominante. Como asseveram Schans, Galloway e Lansang (2014), pesquisar o Programa de Intercâmbio *Au Pair* dentro do campo de estudos sobre migrantes e trabalhadores domésticos globais se torna interessante, por esse não ser considerado, pelo governo holandês, um trabalho.

As agências intermediadoras ao divulgarem o programa para as famílias justificam as vantagens da iniciativa como uma solução para a conciliação família e trabalho. E, como apontei no Capítulo 1 da tese, o que me motivou a pesquisar esta temática foi a justificativa de cunho econômico que a minha mãe anfitriã deu para o uso do esquema: *uma forma mais barata de trabalho de cuidado infantil*. A minha família anfitriã se mostrava aberta a querer saber sobre mim e sobre o meu país, mas

nunca demonstrou ter escolhido uma *Au Pair* brasileira por ter interesse na cultura desta nacionalidade.

As agências também são uma importante fonte de informação do regulamento do programa, e têm o papel de garantir as condições de trabalho e de vida de uma *Au Pair* segundo as regras estabelecidas pelos governos. Apesar disso, as relações acordadas entre as famílias anfitriãs e as *Au Pairs* são muito complexas, onde muitas agências falham em seus papéis de intermediação. Além disso, frequentemente, fazem representações do *Au Pair* como um intercâmbio cultural a partir de conceitos como “parte da família” e “irmã mais velha”, como se a família fosse sempre uma instituição segura, agradável e benigna, e, portanto, livre de problemas e conflitos sociais (HESS, PUCKHABER, 2004; PÉREZ, 2015; BUSCH, 2015).

Nos subitens subsequentes, descrevo e discuto as características e funcionamento de algumas das agências intermediadoras holandesas que são reconhecidas e autorizadas pelo IND, de modo a explicitar como elas enxergam e divulgam o programa tanto para as famílias quanto para as *Au Pair*, bem como realizam a gestão e o controle de quem participa do programa. Também apresento o perfil das famílias entrevistadas e as motivações apresentadas para se utilizarem do programa de modo a pensar o *Au Pair* a partir da perspectiva dos estudos sobre trabalho do cuidado. E, por fim, faço uma discussão do programa a partir do conceito de circuitos de cuidado para demonstrar como os sentidos do trabalho da *Au Pair* desliza entre a concepção de ajuda, trabalho e obrigação (GUIMARÃES, 2020).

#### **4.1 AS AGÊNCIAS: CARACTERÍSTICAS GERAIS E SUAS REPRESENTAÇÕES SOBRE PROGRAMA AU PAIR**

Como discutido ao longo do trabalho, as agências autorizadas são as responsáveis pela seleção e recrutamento das *Au Pairs* e também por sua intermediação junto às famílias anfitriãs. Segundo as regras institucionalizadas, são elas que devem encaminhar toda a documentação da família e da *Au Pair* para os órgãos do governo para a emissão de visto, sendo assim, uma instituição chave para compreensão da gestão de migrantes, pois são elas quem diretamente determinam as condições de entrada e permanência.

As agências devem dar informações quando a família anfitriã ou a *Au Pair*: não cumpre com a programação diária acordada, ou seja, trabalha além do que é estabelecido pelo Programa de intercâmbio; quando há troca de família anfitriã; quando há mudança na composição familiar ou de renda e a torna não suficiente, independente e sustentável; quando a *Au Pair* deixa uma família e/ou deixa de participar do programa de intercâmbio; quando há suspeitas de irregularidades ou abusos.

Elas também são responsáveis, em geral, em fazer a supervisão das atividades realizadas pela *Au Pair*, fazer relatórios de acompanhamento, de forma a garantir que a família e a *Au Pair* cumpram com as obrigações do Programa. Deve estar sempre disponível para tirar dúvidas e ouvir reclamações, bem como tomar medidas a fim de garantir o bem-estar da *Au Pair* durante sua estadia com a família anfitriã. Além da mediação, elas também organizam eventos com o propósito de realizar treinamentos ou mesmo de proporcionar integração de *Au Pairs* de diferentes nacionalidades, em situações tanto de experiências como de trocas culturais.

Existem cerca de vinte agências reconhecidas pelo governo Holandês. Nem todas trabalham com o público brasileiro. Algumas trabalham com nacionalidades específicas<sup>107</sup>, como: filipino<sup>108</sup>, sul africano<sup>109</sup> ou húngaro<sup>110</sup>. Abaixo há um quadro com as agências que atendem brasileiras e algumas de suas características com relação às nacionalidades atendidas.

---

<sup>107</sup> As agências especializadas em uma nacionalidade específica em geral possuem relação com o país a qual se especializou, sendo, portanto, da mesma nacionalidade que as candidatas a *Au Pairs* recrutadas.

<sup>108</sup> São elas: AUPAIR4ALL, Complete Au Pair, Family Au Pair. Happy Au Pair e U-Au Pair.

<sup>109</sup> Nedsa Au Pair.

<sup>110</sup> Hoom Au-Pair.

**Quadro 4 - Agências reconhecidas que atendem o público brasileiro**

AGÊNCIAS	OBSERVAÇÕES
<i>Au Pair Amsterdam</i>	<i>Au Pairs</i> de todo mundo, possui parceria com a China GAP que oferece três programas de intercâmbio na China ( <i>Au Pair</i> , professor de inglês e trabalho em hotéis). A dona tem nacionalidade chinesa.
<i>Au Pair Internacional</i>	<i>Au Pairs</i> de todo mundo, única agência que é parceira preferencial do APW.
<i>HBN</i>	Trabalha, principalmente, com brasileiras e sul africanas.
<i>House o Orange</i>	Trabalha com sul-africanas, Namíbia e EUA, mas também seleciona garotas da América do Sul e Central, Ásia, Rússia e Ucrânia e Europa. Possuem uma agência na África do Sul que oferecem às sul-africanas a possibilidade de escolherem entre a Holanda, Bélgica, Alemanha, França e Reino Unido entre os países europeus, além da China e dos EUA. Dão preferência para <i>meninas</i> que já foram <i>Au Pair</i> anteriormente, nível mais avançado de inglês e idade a partir de 21 anos.
<i>Nanny Nina</i>	Trabalha com <i>Au Pairs</i> do mundo todo, além de prestarem esse serviço de mediação para famílias holandesas, também trabalham com famílias da Bélgica, Espanha, Reino Unido, França, Alemanha e Irlanda. <b>Eles também trabalham com babás fixas e ocasionais a partir de um aplicativo similar ao Uber</b> (trabalho sob demanda).

<i>Sunshine</i>	Trabalham com <i>Au Pairs</i> de todo o mundo, principalmente com asiáticas (Filipinas e Tailândia). A dona já foi Au Pair na Holanda e tem nacionalidade chinesa.
<i>Super Nanny (SNAPS)</i>	Ásia (incluindo Filipinas, Indonésia, Tailândia, China), África do Sul, América do Sul (Argentina, Colômbia, Brasil, Peru) e Europa Oriental (Ucrânia e Bielo-Rússia)
<i>Travel Active</i>	Agência voltada para o mercado de intercâmbio que não se restringe apenas ao Programa <i>Au Pair</i> .
<i>World Wide Au Pair</i>	Trabalha com nacionalidades de várias partes do mundo, principalmente, das Filipinas, Ucrânia, Colômbia, Peru e Rússia.

Fonte: Elaboração da autora, a partir das informações dos sites oficiais retiradas antes da mudança da legislação em outubro de 2022, e também com base nas entrevistas e no Grupo do Facebook “*Au Pair* na Holanda”.

Como comentado, além dos requisitos do governo, muitas agências também se utilizam de requisitos próprios para o recrutamento, como a pessoa já ter sido *Au Pair* antes, nível avançado de inglês, ter participado de um treinamento, além de adotarem um limite de idade diferente, etc. As agências HBN, House o Orange, Triple C<sup>111</sup> e Travel Active eram as mais populares entre as candidatas brasileiras durante o período observado entre 2018 a 2020<sup>112</sup>. As duas primeiras por terem agentes

<sup>111</sup> A Triple C perdeu o *status* de agência reconhecida em 2019, após denúncia e verificação de irregularidades pelo IND. O website está inativo, mas eles ainda possuem uma página acessível no Facebook, sem novas publicações desde junho de 2019.

<sup>112</sup> Isso foi se modificando com o tempo, outras agências também passaram a ser populares entre o público brasileiro como a *Au Pair* Internacional, *Au Pair* Amsterdam e *Nanny Nina*. Esta última, foi a

brasileiras que fazem os trâmites iniciais, e a última por fazer parceria com as agências tradicionais brasileiras de intercâmbio, como: Intercultural, WorldStudy, gxintercambio e Aiusa.

As demais geralmente são utilizadas quando há *selfmatch* a partir de websites como o APW, na qual a família já possui uma agência credenciada pelo governo holandês. Assim, a família indica para a *Au Pair* selecionada uma agência já escolhida previamente, a fim de realizar a mediação e o processo de visto. A *Au Pair* Internacional, por exemplo, é a única agência de *Au Pair* na Holanda reconhecida como *Premium Partner* da AuPairWorld (APW).

Em minhas observações, durante os anos 2021 e 2022 outra agência se tornou bem popular pelo público brasileiro: a Nanny Nina<sup>113</sup>. Isso aconteceu por essa possuir um processo de aplicação menos burocrático, funcionando não apenas através de um website como o APW, mas também no formato de uma empresa-aplicativo (ABÍLIO, 2020)<sup>114</sup> e também por não cobrar os 34 euros de inscrição. Nos fóruns do Grupo no Facebook “Au Pair Grupão Holanda”, ou mesmo nos grupos de WhatsApp, novas interessadas buscam indicação de agências, então, aquelas que possuem *Au Pairs* brasileiras acabam por fazer propaganda boca a boca, o que ajuda em sua propagação no mercado brasileiro.

Ao analisar os sites das agências, conforme podemos observar no quadro abaixo, as agências enfatizam diferentes vantagens em ser *Au Pair*. Entre elas tem-se: 1) proporcionar uma experiência cultural para família (rosa); 2) auxiliar no equilíbrio entre a vida profissional e a vida familiar (amarelo); 3) Três delas fazem referência ao preço, de forma a desmistificar o programa como algo caro ou destinado à elite, e que dependendo das condições sociais e econômicas da família, pode ser mais barato que creches sem subsídios ou babás (azul fluorescente); 4), além de ser uma forma de cuidado mais flexível (verde limão):

---

última agência autorizada pelo governo durante a pandemia e teve muito investimento por ter nascido como uma *startup*, o que possibilitou o investimento em marketing e em tecnologias, como a inscrição ser feita por uma plataforma muito próxima ao APW.

<sup>113</sup> A agência se tornou reconhecida pelo IND no final de 2019.

<sup>114</sup> Abílio (2020) é uma referência importante para pensar as empresas-aplicativos, ou o processo denominado de “uberização” para entender como se reorganizam a informalização do trabalho e a consolidação do trabalho sob demanda na contemporaneidade.

**Quadro 5 - Vantagens de se ter *Au Pair*, segundo as agências**

<p><i>Au Pair Amsterdam</i></p>	<p>“o <i>Au Pair</i> pode aliviar o estresse da vida familiar moderna com o bônus de uma experiência multicultural para todos”</p>
<p><i>Au Pair Internacional</i></p>	<p>“É um enriquecimento para os pais anfitriões e para as crianças se familiarizarem com a língua e a cultura da <i>Au Pair</i>. Muitas crianças em famílias anfitriãs crescem multilíngues de uma forma lúdica, o que será de grande utilidade para elas na escola e em suas carreiras posteriores. Quase todas as famílias anfitriãs desenvolvem uma amizade próxima com a <i>Au Pair</i> durante o ano de intercâmbio”;</p> <p>“(…) trazer mais paz à agitada vida familiar e aliviar as horas de ponta. Proporciona mais equilíbrio na casa e assim a família pode desfrutar de um tempo mais valioso com os filhos e uns com os outros”.</p>
<p><i>HBN</i></p>	<p>“Na vida agitada em que você e seu parceiro trabalham parte ou em tempo integral, é importante criar paz para o casal e seus filhos. Que você volte para casa e possa realmente estar lá para seus filhos e não tenha que correr do trabalho, para o KDV / BSO [creches, pós escola], para o supermercado e então preparar uma refeição o mais rápido possível com as crianças perdidas na cozinha. Você pode gerenciar tudo, mas também há outra maneira. No entanto, é importante perceber que você tem uma pessoa a mais em casa que fala um idioma diferente e tem hábitos culturais diferentes. Ela participa como todo membro da família, mas terá que se acostumar com uma nova cultura, uma rotina e certamente no começo precisa de orientação e direção, afinal é um intercâmbio cultural”.</p> <p>“A <i>Au Pair</i> certa na casa pode tirar aqueles momentos de estresse e, portanto, proporciona mais paz e equilíbrio na casa e assim você pode aproveitar o tempo precioso que você tem com seus filhos, mas também com seu parceiro”; o intercâmbio cultural é um grande enriquecimento para toda a família”; “Enriquecimento das experiências e habilidades sociais de seus filhos”; “uma <i>Au Pair</i> traz um novo mundo para sua casa”.</p> <p>“Uma <i>Au Pair</i> é claramente benéfica por vários motivos, como apresentar seus filhos a um idioma e cultura diferentes desde cedo,</p>

	reduzir as despesas com cuidados infantis e evitar listas de espera em creches”.
<i>House o Orange</i>	<p>“(…) forma de cuidado infantil que seja mais flexível que uma creche tradicional”; “Ter uma <i>Au Pair</i> soa como uma forma muito cara e de elite de cuidar de crianças ...Esse é um equívoco comum, embora os preços das passagens aéreas, seguros e vistos tenham aumentado recentemente, o custo de ter uma <i>Au Pair</i> ainda é muito menor do que uma creche não subsidiada em tempo integral”.</p> <p>“Um programa de <i>Au Pair</i> é sempre, antes de tudo, um intercâmbio cultural. Embora o cuidado infantil flexível seja geralmente o principal motivo pelo qual as famílias estão interessadas em contratar uma <i>Au Pair</i>, é importante que as famílias percebam que hospedar uma <i>Au Pair</i> também envolve um aspecto cultural. As crianças crescerão aprendendo um segundo idioma, aprenderão a apreciar outros tipos de comidas, histórias, além de costumes e hábitos. A <i>Au Pair</i> terá a oportunidade de aprender outro idioma, participar de passeios em família e compartilhar a história e a cultura da Holanda”.</p>
<i>Nanny Nina</i>	<p>“Olá, famílias ocupadas!”; “Uma <i>Au Pair</i> não é uma forma cara de cuidar de crianças”;</p> <p>“Parece chique, mas não é!”.</p>
<i>Sunshine</i>	<p>“Sua família será apresentada a uma paleta de culturas, idiomas e novas experiências. Ter uma <i>Au Pair</i> facilita muito o equilíbrio entre família, vida e carreira”;</p> <p>“Acreditamos que uma <i>Au Pair</i> proporcionará paz, flexibilidade e estabilidade à sua família”.</p>
<i>Super Nanny (SNAPS)</i>	<p>“A decisão de contratar uma <i>Au Pair</i> torna muito mais fácil para a família anfitriã organizar o trabalho e a vida privada”;</p> <p>“trabalho e vida privada em equilíbrio”;</p> <p>“seus filhos estão em seu próprio ambiente familiar”;</p> <p>“seus filhos vão aprender a lidar com uma cultura, costumes e regras diferentes”;</p> <p>“filhos aprendem uma segunda língua”.</p>
<i>Travel Active</i>	<p>“(…) ajuda a família a cuidar dos filhos no dia a dia, a <i>Au Pair</i> dá mais liberdade à sua família e a <i>Au Pair</i> traz uma nova cultura e idioma para sua casa!”</p>

<i>World Wide Au Pair</i>	<p>“Muitas pessoas têm a ideia de que receber uma <i>Au Pair</i> destina-se apenas a pessoas com muito dinheiro. Mas você sabia que muitas vezes é mais vantajoso financeiramente com uma <i>Au Pair</i> em casa do que se levar seus filhos à creche? Além da vantagem financeira, você também pode organizar seu tempo de forma mais flexível em comparação com a creche regular que só funciona com horários fixos. Por exemplo, é possível que a <i>Au Pair</i> também cuide de seus filhos à noite”.</p>
---------------------------	---

Fonte: Elaboração da autora a partir das informações presentes nos sites das agências.

Ao observar os sites das nove agências acima, que recrutam o público brasileiro como *Au Pair* na Holanda, podemos observar que muitas delas enfatizam a *Au Pair* como sendo um membro da família, e essa referência, na maioria das vezes, aparece como sendo o oposto de ser uma funcionária, pois não há um contrato de trabalho, não se paga um salário, nem impostos trabalhistas. E a *Au Pair* precisa ser integrada nas atividades da família, como aniversários ou passeios. Apenas uma delas – SNAPS – não faz essa referência familiar e em outra, “Nanny Nina”, não utiliza exatamente estes termos, mas afirma que a *Au Pair* é como “expandir sua família”, pois ela “está sempre em sua casa”.

Com relação a esta questão, Redondo (2018) afirma que esta camuflagem do trabalho da *Au Pair* contribui para que brasileiras de classe média se interessem pelo programa, já que há um distanciamento com o perfil de mulheres socialmente mais vulneráveis e que ocupam no Brasil profissões como a de empregada doméstica e de babá.

A construção da *Au Pair* como parte da família, local em que se cria a expectativa de relação íntima, que exige investimento emocional, mesmo quando essa possui marcadores de desigualdade entre a *Au Pair* e a família. A partir de um processo de naturalização do trabalho afetivo, pensa-se este ofício como um não trabalho, o impondo promessas de fidelidade. Esse processo, que a autora denomina de “trabalho de fronteira afetiva”, é marcado pelo apagamento que o trabalho de cuidado sofre, justamente, por se tratar de um trabalho emocional (STUBBERUD, 2015).

Dessa maneira, a *Au Pair*, que exerce sua função generificada (trabalho feminino), na esfera privada, acaba não possuindo com as famílias anfitriãs uma relação profissional de caráter racional e profissional, típica da esfera pública de uma relação empregatícia plena de direitos. Desse modo, acabam constituindo uma conflituosa relação de reciprocidade, como se fossem um parente íntimo (STUBBERUD, 2015). Esta discussão ilustra muito bem o trabalho de Zelizer (2011, 2012) sobre os nexos entre as relações íntimas e as relações econômicas e da ideia que a sociedade em geral tem de que o trabalho emocional não deveria ser remunerado, ou de que uma esfera anula a outra, o que por consequência gera a desvalorização deste tipo de trabalho. Algo também analisado nos diversos estudos de Hochschild (2003, 2013).

A retórica da igualdade presente na afirmação das agências sobre o *Au Pair* ser um intercâmbio cultural fomenta a noção do *Au Pair* enquanto um trabalho aceitável, pois retrata o ofício em uma espécie de posição privilegiada, visto que, além de se tratar de uma experiência internacional, também promete que quem participa do programa se tornará parte da família. Dentro desta construção social, a representação que as agências fazem da *Au Pair* para as famílias é de que ela se difere de uma trabalhadora doméstica, que possui ofício historicamente desvalorizado, por outro lado esse discurso acaba por limitar seus direitos (COX, 2015; BUSCH, 2015).

Como pontuado anteriormente, *Au Pair* deve realizar as mesmas atividades de uma babá ou assistente doméstica como: brincar, passear, transportar até a escola, cozinhar refeições, vestir, alimentar, entre outras coisas, além de realizar serviços domésticos leves. Sobre este último, algumas agências dão alguns exemplos, como: carregar e descarregar a máquina de lavar roupa ou lava louça, varrer, aspirar, tirar o lixo, arrumar as camas.

Como serviços pesados listam: limpar janelas, lavar banheiros, cortar grama, cuidar de animais de estimação, entretanto, na prática, estas atividades podem ser realizadas em comum ou não acordo entre a *Au Pair* e a família. Outras regras divulgadas pelas agências são: a *Au Pair* não pode ser a única responsável pelo trabalho doméstico e das crianças, não pode trabalhar mais do que 8 horas diárias,

ou mais que 30 horas por semana em troca de alimentação, hospedagem e uma pequena remuneração. Só pode ficar no país por um ano e há requisitos de idade<sup>115</sup>.

Como pode-se observar, na prática essas regras muitas vezes não são seguidas, mesmo sob a mediação de uma agência. Isso se deve tanto por ser atividades que ocorrem no âmbito privado quanto pela justificativa de ser um trabalho emocional, que a partir do discurso do “ser parte da família” embaçam fronteiras e reproduzem o trabalho doméstico como responsabilidade e obrigação moral da mulher dentro de um contexto familiar específico. Algumas famílias entrevistadas, inclusive, referem que a *Au Pair* tem como vantagem a realização de múltiplas tarefas para além do cuidado com os filhos, coisas que é visto indelicado ou ilegal a se requerer de uma babá em tempo integral ou ocasional residente, pois estas não são parte da família ou não estão num contexto de troca cultural, como no caso da *Au Pair*.

Durante o meu trabalho de campo na Holanda, soube de algumas colocações incomuns, mas existentes dentro das regras do Programa, como, por exemplo, a de duas *Au Pairs* numa mesma família, pois a carga horária de uma única *Au Pair* não era suficiente para a quantidade de trabalho existente. Ou, ainda, famílias sem filhos que buscam a colocação de uma *Au Pair* para a realização de trabalho doméstico, do cuidado de animais de estimação e/ou para a companhia de idosos<sup>116</sup>. Tal cenário fez eu me atentar melhor para os websites, me levando a perceber que uma agência reconhecida citava o cuidado de idoso como uma possibilidade de colocação de *Au Pair*, ademais, havia uma outra agência que oferecia diversos serviços domésticos (babá, cuidador de idosos, governanta, *Au Pair*) de trabalhadores do sul e leste europeu<sup>117</sup>.

Também atentei para o site do IND que, ao falar dos critérios para ser uma família anfitriã, não menciona explicitamente a existência de crianças, apenas que a família deve ter dois ou mais membros, sendo, portanto, possível que um casal de idosos tenha uma *Au Pair*, por exemplo. Não encontrei informações sobre a quantidade de famílias sem filhos que hospedam uma *Au Pair*, no entanto, se há

---

<sup>115</sup> Como apontado anteriormente, há entrevistadas que relatam terem negociado com a família assumirem as responsabilidades de uma diarista como uma forma de ganharem mais dinheiro. Há relatos de *Au Pairs* que tinham a responsabilidade de passear com animais domésticos, outras de lavar a roupa, cozinhar para todos da família – atividades relatadas como comuns pelas entrevistadas.

<sup>116</sup> Mais informações podem ser verificadas no site: <http://www.u-aupair.nl/senioren/>

<sup>117</sup> Mais informações podem ser verificadas no site: <https://www.smilingfacesaupairs.nl/en/house-staff/>

agências realizando este tipo de colocação, trata-se de algo que pode ser ampliado futuramente, tendo em vista que vivemos em um contexto de envelhecimento da população e do crescimento do mercado de cuidadores de idosos.

## 4.2 RELAÇÕES DE TRABALHO E FAMÍLIA NA HOLANDA

Quando retomo as entrevistas realizadas com as 40 *Au Pairs* brasileiras tanto do período de 2008-2012 quanto ao do período de 2018-2022 observo que a maioria das suas famílias anfitriãs<sup>118</sup> possuem de dois a três filhos, como demonstrado no quadro abaixo:

**Quadro 6 - Número de crianças cuidadas pelas *Au Pairs* entrevistadas**

<b>Número de crianças das famílias anfitriãs das <i>Au Pairs</i> entrevistadas</b>	<b>2008-2012</b>	<b>2018-2022</b>
1	1	2
2	3	14
3	8	7
4	1	4
<b>Total de <i>Au Pair</i> Entrevistadas</b>	<b>13</b>	<b>27</b>

Fonte: Elaboração própria

Além disso, se eu tomo como base as oito entrevistas realizadas com famílias anfitriãs residentes na Holanda também encontro algumas similaridades: 5 delas tinham 3 filhos; e as outras 3, cada uma com uma quantidade distinta – 1, 2 e 4 filhos. No que se refere às idades, essas variam entre 0 e 14 anos. A média de filhos na

<sup>118</sup> Foi considerado apenas as famílias que elas conviveram por mais tempo, pois muitas delas conviveram com mais de uma família durante o período do Programa na Holanda.

Holanda em 2010 era de 1,8, caindo para 1,55 em 2020 (CBS, 2022, p.11)<sup>119</sup>. Como podemos observar, as *Au Pairs*, em geral, são procuradas como uma solução de puericultura infantil por famílias que possuem um número mais elevado de filhos, em relação à média nacional.

Tanto as famílias anfitriãs das *Au Pairs* entrevistadas quanto as oito famílias que tive oportunidade de entrevistar, ambos os pais trabalhavam, sendo que a maioria das vezes a mulher trabalhava menos horas e/ ou dias na semana do que os homens. A Holanda, historicamente, tem um alto índice de trabalho parcial em comparação a outros países da União Europeia. Esse padrão foi organizado e fundamentado, segundo opiniões sobre o papel da mulher na família e no mercado de trabalho. No país, se reconhece o trabalho parcial como o modelo ideal de trabalho feminino, de modo que elas conciliem os cuidados familiares e o trabalho profissional, tratando-se do conhecido modelo “um trabalhador e meio”, onde o homem trabalha em tempo integral e a mulher em tempo parcial (PORTEGIJS; KEUZENKAMP, 2008; EMERY, 2020).

Nesse sentido, existe uma regulamentação do trabalho parcial no país que permite que os trabalhadores acessem amplos direitos, diante disso, esta forma de trabalho também tem maior preferência entre as holandesas em relação a países vizinhos. Por outro lado, há todo um debate de que o trabalho parcial representa um desperdício de talento feminino, além de reduzir as chances delas de uma independência econômica em relação ao marido, já que trabalhando menos tempo, também receberá um rendimento menor, algo que pode se somar a uma maior dificuldade de progressão na carreira (PORTEGIJS; KEUZENKAMP, 2008).

De forma a facilitar a caracterização das famílias, fiz o quadro abaixo com a síntese das informações coletadas.

---

<sup>119</sup> Mais informações disponíveis em: CBS. **Emancipatiemonitor 2022**. Disponível em: <https://longreads.cbs.nl/emancipatiemonitor-2022/>. Acesso em: 27 abr. 2023.

**Quadro 7 - Quadro com síntese de informações das famílias entrevistadas**

<b>Nome</b>	<b>Informações gerais</b>	<b>Formas de provisão de cuidado</b>	<b>Motivações para ter <i>Au Pair</i></b>	<b>Países das nacionalidades das <i>Au Pairs</i></b>	<b>Plataformas utilizadas para encontrar uma <i>Au Pair</i></b>
<b>Veena</b>	Indiana; vive há 6 anos é expatriada na Holanda; é fotógrafa e trabalha em casa com mídias sociais; tem um filho de 3 anos. Marido trabalhada em uma multinacional.	Creche 4 vezes por semana; Faxineira uma vez por semana; <i>Au Pair</i> .	Marido viaja muito e ela não tem familiares e outras redes de apoio.	1ª AP: Irã (informal); 2ª AP: Espanha (informal); 3ª AP: Indiana (formal).	Workaway, Facebook, Nanny Nina (escolheu essa, pois agência trabalha com indianas).
<b>Anna</b>	Holandeses; 4 filhos: gêmeas de 7 anos e meio, outra de 5 anos, e outra de 1 ano e meio; Ela é funcionária pública e trabalha 4 dias da semana e o marido é dentista e trabalha em tempo integral	Antes de <i>Au Pair</i> ela teve <i>Nanny</i> .	Horário de trabalho dela não era fixo; marido trabalha em tempo integral em cidade distante e precisa sair de casa antes do funcionamento das creches.	Macedônia, Espanha, Itália, Hungria, Rússia e África do Sul.	BONAPA/ House o Orange.
<b>Débora</b>	Ela é polonesa e o marido francês; eles têm três crianças de 13, 11 e 8 anos; o marido trabalha em tempo integral e ela trabalha 4 dias e meio.	Escola, <i>Au Pair</i> e Faxineira.	Necessidade de alguém que dirigisse e levasse as crianças até a escola internacional que era longe de casa.	Apenas europeias, pois ela utiliza do esquema de forma informal sem agência e que falem polonês ou francês.	Utiliza de contatos próximos.
<b>Lucia</b>	Casal de holandeses. Ele trabalha em tempo integral na área de auditoria empresarial e ela é professora universitária e trabalha 32 horas semanais; 3 filhos de 3, 5 e 8 anos.	Escola, creche, faxineira, avós, <i>Au Pair</i> .	Trabalhavam longe de casa e tinham filhos em diferentes faixas etárias, precisava de uma solução de cuidado mais flexível.	Indonésia, Gana e Brasil.	<i>Au Pair World</i> (2007-2010).
<b>Carol</b>	Ela brasileira, trabalha como professora universitária em tempo parcial; o marido é holandês e	Daycare, escola, <i>Au Pair</i> , faxineira.	Socialização da língua portuguesa e pelo fato do marido viajar muito a trabalho.	Brasil.	<i>Au Pair World</i> , agência reconhecida.

	trabalha como executivo em tempo integral; duas filhas de 10 e 12 anos.				
<b>Helena</b>	Casal de médicos holandeses, três filhos de 12, 10 e 6 anos.	<i>Gastouder</i> , avós em emergências, <i>Au Pair</i> , escola, creche, babysitting, nanny, faxineira.	As crianças podem ficar em casa; em creches eles sempre ficam doentes e há maior flexibilidade.	Brasil, África do Sul, Vietnã, Espanha, Filipinas.	<i>Au Pair World</i> e agências reconhecidas (HBN e <i>Au Pair Amsterdam</i> ).
<b>Margo</b>	Casal de holandeses; tiveram 3 filhos um seguido do outro, ela trabalha em tempo parcial como professora e o marido trabalha em tempo integral. Ela já foi <i>Au Pair</i> na Bélgica.	Avós, <i>babysitter</i> , <i>Au Pair</i> .	Ela teve <i>Au Pair</i> em 2001, tinham três crianças pequenas e espaço para abrigar uma <i>Au Pair</i> .	República Tcheca e Polônia.	Agência.
<b>Estela</b>	Casal de holandeses, ela parteira e ele trabalha na área de TI; três crianças de 9, 13 e 15 anos.	Creche, escola, <i>Au Pair</i> . Atualmente, tem faxineira.	Parteira – trabalho com horários flexíveis, precisava de um serviço de cuidado flexível. <i>Au Pair</i> lhe dava liberdade de ir trabalhar sem se preocupar com seus filhos, pois teria alguém para olhar eles em casa.	1ª <i>Au Pair</i> – USA – continua em contato vão ver ela no próximo verão; 2ª <i>Au Pair</i> – África do Sul; 3ª <i>Au Pair</i> – Canadá; 4ª <i>Au Pair</i> – USA; 5ª <i>Au Pair</i> – África do Sul; 6ª <i>Au Pair</i> – África do Sul; 7ª <i>Au Pair</i> – Milão; 8ª <i>Au Pair</i> – Brasil (Letícia, ficou 1 ano e meio por conta do Covid-19); 9ª <i>Au Pair</i> – República Tcheca.	<i>Au Pair World</i> ; Já tiveram <i>Au Pair</i> que eram amigas de uma <i>Au Pair</i> já contratada.

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados coletados.

Observa-se no quadro acima que muitas das mulheres entrevistadas trabalhavam menos horas que seus maridos. Em uma das minhas entrevistas, questionei sobre a razão das holandesas optarem pelo trabalho parcial e obtive a seguinte resposta:

Ah... porque eu acho... assim... algo da cultura [holandesa], eu acho. Minha mãe me disse recentemente nos anos 1970, as mulheres eram demitidas de profissões de trabalho público quando se casavam. Então, temos uma longa

história de esposa tradicional aqui. E, então ... por exemplo, para a geração de minha mãe, minha mãe é um pouco especial [fora do padrão], porque muitas mães ficam em casa quando eu era jovem. E elas parecem uma mãe ruim porque você está trabalhando. Você sabe. Você deve ficar com seus filhos em casa. Então, foi realmente normal por um longo tempo. As pessoas ainda sentem isso um pouco. Que você deve cuidar das crianças sozinha, porque elas precisam de você. Claro ... por muito tempo também foi possível viver com sua família com uma renda. Então é também algum tipo de luxo, porque o homem ganha dinheiro para pagar a casa, pagar as contas, fazer as compras, sair de férias uma vez por ano, sabe?! Então, as pessoas não precisam de mais dinheiro. Elas têm o suficiente. Elas poderiam organizar sua vida assim. Mas, é claro, assim. É mais caro o custo de vida: você quer viajar para o exterior, a vida se torna mais cara, você tem mais luxo, sabe?!, 2 carros ou 3 carros, casas grandes, do que precisa dinheiro, então, as pessoas, sim, as pessoas têm que trabalhar para viver a vida que desejam. Então, é mais importante que a mulher também trabalhe e, é claro, a experiência da mulher é muito bom trabalhar, por causa da sua autoestima, é muito importante que você trabalhe, sabe?!, Você tem um bom sentimento porque você é bom em alguma coisa ... você ganha dinheiro e não depende do seu marido. Atualmente, as meninas estão se saindo melhor na escola no momento, nas universidades do que os meninos. Se você estuda, quer fazer algo com isso, é claro, sabe?! Você não estuda apenas para ficar em casa (Lucia, holandesa, professora universitária em tempo parcial, 3 filhos).

A mãe entrevistada em questão trabalhava 32 horas semanais, distribuídos em três dias de 8 horas e dois de 4 horas (meio período) já o marido trabalhava em tempo integral. O casal, no período que eles tinham uma *Au Pair*, possuía três filhos, um de dois anos, outro de cinco e mais um de sete anos. Na Holanda, as crianças, a partir dos 4 anos de idade, frequentam a escola quase em horário integral das 8:30 às 14:30 horas, com alguma variação entre escolas e/ou cidades, sendo que às quartas, e, às vezes às sextas elas funcionam, geralmente, em meio período, ou seja, até o meio dia. Desta forma, às quartas e/ou às sextas, grosso modo, as mães não trabalham ou trabalham meio período.

Também pode ocorrer de o homem não trabalhar em um desses dias ou trabalhar meio período em um desses dias, pois, como afirmado anteriormente, o trabalho parcial é amplamente regulamentado no país, apesar de culturalmente haver uma tendência das mulheres utilizarem essa forma de trabalho. É o caso de uma outra família que entrevistei (Helena), formada por um casal de médicos que tinha três filhos (12, 10 e 6 anos). Ambos trabalhavam em tempo parcial, e eles faziam de forma alternada, um dia era ela que não trabalhava, e no outro era ele, tal dinâmica mantém relação com a política de licença parental da Holanda. Durante a entrevista ela

denominou esta forma de organização do trabalho como *mamadag* (dia da mãe) e *papadag* (dia do pai).

A licença parental na Holanda (*Ouderschapsverlof*) pode ser organizada de forma flexível, o que permite que tanto homens quanto mulheres possam utilizá-la de forma parcelada, tirando uma tarde ou dia da semana durante um período de tempo muito mais longo ao invés de um único bloco de tempo. Essa configuração varia de acordo com a convenção coletiva do trabalhador; isso também se reflete na alta taxa de mulheres com filhos que escolhem trabalhar 3 a 4 dias por semana nos primeiros anos de vida de uma criança, algo que gera um negativo impacto financeiro por conta dessa política. No entanto, é importante destacar que mesmo as mulheres sem filhos ou com filhos com mais de 8 anos optam em continuar a trabalhar em tempo parcial após o período de gozo da licença parental. Além disso, apesar dessa política ser de gênero neutro, seu uso é reduzido entre os homens (EMERY, 2020).

Abaixo listo as regras que se aplicam à licença parental:

- Você pode tirar licença parental para crianças até 8 anos de idade;
- Você tem direito à licença parental para cada filho;
- Você pode tirar licença parental para vários filhos ao mesmo tempo. Portanto, você não precisa usar primeiro a licença para 1 filho;
- Ambos os progenitores têm direito a licença parental;
- Se tiver gêmeos, tem direito a 2 vezes a licença parental;
- Você pode solicitar licença parental ao seu empregador assim que estiver empregado;
- Você pode obter licença parental para seu filho, filho adotivo ou filho reconhecido;
- Você também pode tirar licença parental para seu filho adotivo, enteado ou futuro filho adotivo. Seu filho deve então morar com você de acordo com o registro básico de pessoas<sup>120</sup>.

Diante disso, os pais organizam o tempo de trabalho e o tempo de família, de acordo com suas necessidades e idades de seus filhos. Essa licença parental é algo para além da licença maternidade que são de 16 semanas na Holanda. Uma outra mãe anfitriã, depois de ter o quarto filho, me conta que decidiu tirar essa licença em um bloco de tempo de um ano, pois nunca tinha tirado essa licença referente aos primeiros filhos.

---

<sup>120</sup> RIJKSOVERHEID. **Wanneer heb ik recht op ouderschapsverlof?** Disponível em: [https://www-rijksoverheid-nl.translate.google.com/onderwerpen/geboorteverlof-en-partnerverlof/vraag-en-antwoord/recht-op-ouderschapsverlof?\\_x\\_tr\\_sl=nl&\\_x\\_tr\\_tl=pt&\\_x\\_tr\\_hl=pt-BR&\\_x\\_tr\\_pto=sc](https://www-rijksoverheid-nl.translate.google.com/onderwerpen/geboorteverlof-en-partnerverlof/vraag-en-antwoord/recht-op-ouderschapsverlof?_x_tr_sl=nl&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-BR&_x_tr_pto=sc). Acesso em: 27 jul. 2023.

Eu parei um ano porque isso é possível, por aqui você pode tirar licença maternidade e... Não conheço o termo em inglês... Se você tiver seu bebê, terá cerca de dezesseis semanas antes e depois (do parto) no total, mas além disso, você também pode tirar uma folga, mas pode decidir o que deseja, pode fazer meio dia por um período muito longo ou um dia por semana, fazer aquele tempo livre que os pais vivem, ou algo assim. Você pode.. tem direito a essa licença de todos os filhos que tiver. E, eu nunca usei isso. Assim, eu poderia ficar em casa em tempo integral por um ano e foi o que eu fiz. Depois disso, voltei ao meu trabalho por 10 meses e eu falei: ah, eu só quero ficar mais tempo em casa. Então larguei meu emprego. E aí, o filho menor tinha um ano e eu parei de trabalhar quando ele tinha quase 2 anos, fiquei um ano e meio em casa de novo e ele com 3 anos e meio quase indo pra escola eu falei: vou ficar em casa até ele ir para a escola. E, então, antigos colegas meus me ligaram e me pediram para começar a trabalhar para uma universidade novamente. Então, eu começo a trabalhar de novo. (Lucia, holandesa, professora universitária em tempo parcial, 3 filhos).

Como disse anteriormente, crianças maiores de quatro anos frequentam a escola de segunda a sexta que de forma geral funcionam entre 8:30 às 14:30, já crianças menores de quatro anos costumam não frequentar a creche (*kinderdagverblijf*) e/ou jardim de infância/ pré-escola (*peuterspeelzaal/ voorschools*) para crianças de dois a quatro anos. Tanto a creche quanto o jardim de infância/ pré-escola são privados, e os pais recebem um subsídio (*kinderopvangtoeslag*) caso ambos trabalhem e/ou estudem, mas o valor varia de acordo com a renda da família, sendo que famílias com renda altas recebem menos que as famílias com renda menor.

Esse sistema de subsídio foi iniciado após a introdução da primeira lei de cuidados infantis de 2005 na qual proibiu os municípios de fornecerem assistência infantil diretamente, passando a ofertar um subsídio aos pais, benefício esse que deveria ser usado para pagar creches de provedores comerciais ou sem fins lucrativos, devidamente regulamentados pelo governo. Diante disso, se em 2004, ou seja, antes da introdução da lei, 30% de todas as creches eram administradas por organizações privadas, em 2010, esse número passava a ser de 70%. As creches têm um horário de funcionamento fixo, geralmente dura das 7h30 às 18h30 e elas cobram apenas por dia e não permitem reduções de custos se as crianças não passarem o dia inteiro na creche (EMERY, 2020).

Importante destacar que os subsídios da creche holandesa não eliminam os custos da creche, mas são projetados de forma que o custo da creche por hora seja menor do que o salário por hora. Em consideração a isto, as creches são relativamente

baratas no apoio aos pais que trabalham, sendo que seus custos líquidos representam cerca de 10,1% da renda líquida familiar, em comparação com a média da OCDE de 11,8%. Ademais, seu custo contrasta significativamente com os 26,6% no Reino Unido e os 23,1% nos EUA. (EMERY, 2020).

Outra solução, subsidiada pelo governo de cuidado infantil em respeito às crianças de até quatro anos, refere-se às *gastouders* (babás). Estas, geralmente, fornecem necessidades mais específicas, mas costumam ser indivíduos solteiros que estão dispostos a cuidar de crianças em sua própria casa e não estão vinculados a instituições específicas. Segundo Emery (2020), em 2015, haviam 35.000 babás registradas.

Essas babás possuem ocupações com características mais formais, fixas, sendo necessário seguir uma série de recomendações legais como: ter no mínimo diploma VMBO (*Voorbereidend Middelbaar Beroepsonderwijs*), uma espécie de ensino profissionalizante relacionados à área de cuidados e educação infantil (opções similares no Brasil podem ser o curso de magistério, ou mesmo, um auxiliar de enfermagem); ter o mínimo de 18 anos, certificado de primeiros socorros, estar registrado numa agência intermediadora, etc.

Importante retomar que uma das agências mencionada, a *Nanny Nina*, antes de ser reconhecida como uma agência de *Au Pair* pelo governo Holandês, trabalhava com o mercado de *gastouders* e *baby-sitters*. No primeiro caso, é uma profissão reconhecida e pode ser utilizada com direito ao subsídio de cuidado infantil oferecido pelo governo; no segundo caso, ela se enquadra mais na categoria de mercado de trabalho sob demanda (ABILIO; AMORIM; GROHMANN, 2021).

Outra agência que além do *Au Pair* tem oferecido colocação de babás (*nanny* em inglês ou *oppas* em holandês), é a agência *House o Orange*. A agência, ao diferenciar uma função da outra, afirma o seguinte:

Uma *Au Pair* é uma jovem que vem para a Holanda como parte de um programa de intercâmbio cultural e deseja aprender mais sobre a cultura holandesa e nosso idioma e não recebe um salário, mas uma bolsa. O programa *Au Pair* é regido por uma lei muito específica e rigorosamente regulamentada. Uma babá é alguém que faz parte de um programa de trabalho e vem para a Holanda para trabalhar com crianças. Só podemos colocar babás da UE e todas as nossas babás são residentes. Frequentemente colocamos candidatos sul-africanos com dupla nacionalidade. É necessário um número de segurança social e impostos e

prêmios e outros podem ter que ser pagos pelo empregador e pela babá. Colocamos apenas algumas babás por ano e geralmente precisamos de 3 a 4 meses para encontrar o candidato certo para uma família. As babás são uma boa solução para famílias que têm um bebê ou criança em casa que precisa de mais de 8 horas ou cuidados por dia. A babá geralmente trabalha 3 dias completos, mas mora com a família por 7 dias e deve receber pensão completa durante esse período. A babá ganha um salário mínimo e o custo depende de sua idade, experiência e número de horas necessárias (*House o Orange*<sup>121</sup>).

Enquanto a agência cobra de 1200 a 1400 euros para realizar o serviço de colocação de uma *Au Pair*, eles cobram 2400 para uma babá júnior (até 36 horas semanais de trabalho) ou 3000 euros para uma babá em tempo integral. O salário mínimo na Holanda, em 2022, foi de 1.756,20 euros (11,26 por hora) para maiores de 21 anos<sup>122</sup>. Uma *Au Pair* ganha em torno de 3 euros por hora, se considerarmos as 30 horas de trabalho semanais e o Pocket Money de 340 euros. Diante disso, pode-se afirmar que uma babá residente só é vantajosa se houver a necessidade de trabalho por mais de 8 horas por dia, pois este é o máximo permitido pelo programa *Au Pair*.

Outro serviço de cuidado infantil que é pago, e depois subsidiado pelo governo, é o de cuidados após a escola (*naschoolse opvang*), algumas vezes denominado de cuidados fora da escola (*buitenschoolse opvang*) sob a sigla BSO. Assim, para as crianças em idade escolar que estudam até aproximadamente 14:30, essas podem ficar no BSO após esse horário, até, aproximadamente, às 18:00. As instalações da BSO muitas vezes são integradas às das creches, ou mesmo, fornecidas pela escola local; ou, ainda, por outra organização, possibilitando, desta forma, que todas as crianças recebam cuidados para o dia todo (EMERY, 2020).

Dentro das possibilidades de assistência infantil, temos também os cuidados requeridos aos avós, no entanto, muitas famílias são de origem estrangeira ou mesmo holandesas. Além disso, frequentemente, os avós não residem próximo da família, assim, mesmo se os avós possuam disponibilidade de tempo flexível para o cuidado dos netos, esta solução pode representar uma restrição geográfica no emprego da mãe (EMERY, 2020). Pelo o que pude observar, através dos relatos colhidos, é que

---

<sup>121</sup> HOUSE O ORANGE. **Family Information**. Disponível em: <https://house-o-orange.nl/family-information/>. Acesso em: 27 de abr. de 2023.

<sup>122</sup> BAILANDESA. **Salário mínimo na Holanda**. Disponível em: <https://www.bailandesa.nl/blog/10999/salario-minimo-na-holanda/>. Acesso em 27 abr. 2023.

os avós são uma solução de cuidado requerido de forma ocasional, na maioria das vezes: quando precisam viajar ou quando a *Au Pair* fica doente, por exemplo.

A partir de todas estas opções de serviço de cuidado infantil junto com a política de trabalho parcial ou mesmo da política de licença parental (regime de cuidado), as famílias residentes na Holanda organizam o equilíbrio entre trabalho e família (regime de gênero) (LUTZ, 2008). Em geral, o BSO ou mesmo a creche não são utilizados todos os dias, pois, grosso modo, existe na cultura holandesa de que as crianças recebem melhores cuidados em casa. Desta forma a *Au Pair*, muitas vezes, é vista como mais uma possibilidade de cuidado infantil, que é mais flexível, no sentido de que você pode configurar o horário de diferentes maneiras, com blocos parcelados durante o dia (veja Figura 11), indo além do horário fixo e reduzido do funcionamento de muitas escolas ou BSO.

Desse modo, o programa *Au Pair* acaba por se enquadrar na perspectiva do cuidado em casa, ou seja, como melhor que o cuidado fora dela. Além disso outros fatores entram em jogo, como a questão da comodidade, pois, como a cuidadora mora em sua casa, você dispensa o trabalho e o tempo gasto com o deslocamento entre outros aspectos relacionados (EMERY, 2020). Ressalto, também, que essa acaba por ser uma opção possível caso se trabalhe em casa, podendo manter o contato com as crianças, opção ainda mais comum após a pandemia do Covid-19.

Essas questões podem ser aferidas a partir de um dos relatos coletados durante a execução da pesquisa, como fica evidente abaixo:

Eu prefiro *Au Pair* do que creche. Porque eu trabalhava muito em casa, até hoje eu trabalho, então, eu prefiro... Essa experiência começou desde os Estados Unidos que eu trabalhava basicamente só em casa lá, daí eu achava ótimo... A babá estava cuidando das crianças e fazendo as coisas lá em casa, eu acompanhava, tipo assim... tinha um contato com a criança, mesmo durante o dia, apesar de que eu estava trabalhando, era um jeito de unir as duas coisas. Então, assim... eu gosto de dar atenção nessa idade quando são bem pequenininhas, a atenção era melhor do que em uma creche, um monte de crianças para duas cuidadoras. Então, tendo essa opção, meu ex-marido ganhava muito bem, então, a gente tinha essa opção, essa escolha. Aliás, creches aqui são caríssimas, não sei se ficaria tão caro se a gente tivesse colocado as crianças na creche. Então, eu gostava bem disso, eu ficava bastante em casa né... com *Au Pair* ou com babá. As pessoas falam: “ah, como você confia deixar essas crianças sozinhas com estranhos”? – “Se a pessoa não for boa, não for de confiança como é que fica?”. Então, eu acho assim... como eu falei, eu não sou típica né, porque eu cresci no Brasil sempre tendo empregada em casa que é uma coisa específica que aqui na Holanda quase não tem mais, até uns anos atrás ainda tinha poucas famílias. Hoje em

dia isso não existe, então pra muitas pessoas aqui... eles falam “ah, mas não é estranho uma pessoa na sua casa [...]” – Mas, eu cresci com isso, inclusive a pessoa que trabalha com minha mãe, trabalha com minha mãe há mais de 30 anos, mora lá na casa da minha mãe há mais de 30 anos (Carol, brasileira, professora universitária em tempo parcial, 2 filhos).

O relato acima argumenta que o *Au Pair* foi uma opção mais flexível pensando que as crianças possuem diferentes idades e frequentam diferentes instituições (creche e escola). Além disso, a *Au Pair* pode dar mais comodidade aos pais que trabalham longe de casa, e, possivelmente, necessitam sair mais cedo para se deslocar, algo que dificulta o equilíbrio em levar às crianças até escola e/ou creche, para depois disso se deslocar até o trabalho. Em um outro relato temos:

Eu decidi isso porque estávamos trabalhando longe de casa e temos filhos em faixas etárias diferentes... Então... alguns deles têm que ir para a creche e alguns têm que ir para a escola... E, precisamos de um pouco mais de flexibilidade e ajuda extra, então, a *Au Pair* poderia oferecer isso, porque elas ajudam de manhã, e, por exemplo, podem ajudar à tarde... Você sabe... Então, é um pouco mais fácil de organizar... Um pouco mais de flexibilidade. Não queríamos que uma *Au Pair* ficasse sozinha com nosso bebê em casa... sabe?! Eu sempre levava as crianças pequenas para a creche. Então, é realmente algo extra para nós. E, as crianças na escola primária não precisavam ir às atividades depois da escola. Eles poderiam ir para casa. Porque na idade de 4 a 12 anos eles não gostavam de ir para “*naschoolse opvang*” [instituições pós escola]. Eles não gostavam disso. Porque eles não podem marcar o encontro com os amigos porque eles têm que ir lá. Para eles, é bom poder ir para casa ou marcar um encontro com outros amigos (Lucia, holandesa, professora universitária em tempo parcial, 3 filhos).

Os relatos que obtive durante meu trabalho de campo vão ao encontro da pesquisa realizada por Schans, Galloway e Lansang (2014) que afirma que a principal motivação das famílias anfitriãs, na escolha de uma *Au Pair*, é o cuidado das crianças por uma questão de flexibilidade e qualidade de vida dentro da família em comparação às creches, que possuem um tempo de atendimento limitado, onde o horário de funcionamento deve ser levado em consideração.

Assim, as *Au Pairs* dão comodidade aos pais, não havendo mais a necessidade de se organizar para cumprir o tempo de deslocamento ao trabalho e o tempo de deslocamento para buscar as crianças. Também dão oportunidade às crianças de brincar com os amigos em casa durante o dia e/ou de desfrutar de atividades e hobbies em horários diferentes, como a prática de um esporte, por exemplo. Apenas

38% dos pais entrevistados da pesquisa supracitada indicam motivações econômicas, ou seja, o *Au Pair* como mais barato que outros serviços de cuidado infantil.

O relato de uma mãe anfitriã, que eu entrevistei, coaduna nesse sentido. Helena é médica, assim como o seu marido. A interlocutora diz o seguinte:

Quando as primeiras crianças ainda iam para a creche, nós conseguíamos levar elas, pois era próximo do hospital, mas quando elas começaram a ir para a escola, eles precisaram encontrar uma outra alternativa. Nós ainda podíamos levar para a creche [BSO] depois da escola, mas pensaram que seria muita coisa para a criança. Então, buscamos uma outra solução, nós tínhamos uma *gastouder*, o problema da *gastouder* é que nem sempre você encontra alguém disponível para ficar em sua casa, então o problema de levar e buscar a criança para este tipo de solução de cuidado ainda permanece. Além disso, elas são mulheres mais velhas e tendem a ficarem mais doentes facilmente (Helena, holandesa, 3 filhos, médica em tempo parcial).

Na verdade, não necessariamente, uma *gastouder* pertence ao grupo das mulheres de uma idade mais elevada, no entanto, a justificativa dada por esta mãe anfitriã foi: “são geralmente mulheres com filhos e que podem receber de 4-5 crianças em sua casa”. Ao compreender a questão através de outras pesquisas, Emery (2020) diz que o mercado de creches e babás cresceu após a lei de cuidados infantis de 2005, e, que, atualmente, há uma variedade de escolha disponível para os pais na área local de residência, onde a distância média até uma creche é inferior a 3 km, e até a uma babá, algo em torno de 250m. Isso representa aproximadamente 4 minutos de carro, ou cerca de 10 minutos de bicicleta, da creche mais próxima.

Ao questionar Helena sobre a diferença entre uma babá e uma *Au Pair*, ela elenca algumas características: a *Au Pair* mora com a família e pode ser parte da família, já a babá não mora, além de precisar ter uma educação específica de cuidado infantil e ser mais caro. Ademais, é uma solução menos flexível, você precisa pagar por um período contínuo e não algumas horas da manhã e algumas horas da tarde, como funcionam, na prática, os horários das famílias quando essas precisam de alguém.

Abaixo trago um relato de outra mãe que justifica a escolha de uma *Au Pair* como uma opção mais flexível que uma creche ou uma babá. Para ela, era mais financeiramente vantajoso no que compete à sua configuração familiar, uma vez que têm 4 filhos (um casal de gêmeas de 7 anos e meio, uma de 5 anos e a mais nova de 1 ano e meio). Em suas palavras:

Eu optei por uma *Au Pair*, pois trabalhava em um lugar em que não havia horário fixo, eu tinha horários flexíveis e meu marido trabalha muito, sempre estava fora de casa. Não havia possibilidade de outro tipo de cuidado, pois os avós estão longe e eu tinha que deixar a casa muito cedo, antes do funcionamento das creches. Antes de casar, eu costumava viajar bastante, morei em Moscou e na Dinamarca, pensei que ter uma *Au Pair* também traz a questão cultural.

Quando eu tive a terceira criança, optei por uma *nanny*, pois tinha medo de deixar uma criança muito pequena com alguém jovem sem muita experiência. No nascimento das gêmeas, eu não tive medo, mas no terceiro já fiquei com mais receio, pois seria o terceiro bebê.

*Nanny* é pago por hora e chegou um momento que eu senti que essa opção não dava tanta liberdade quanto uma *Au Pair*, pois tinha sempre que perguntar se ela poderia ficar um pouco mais, e isso custava 15 euros a mais a hora, isso passou a me deixar mal-humorada, as crianças já estavam um pouco maiores e nós decidimos voltar a ter *Au Pair*.

Quando eu estava grávida da quarta criança, a bolsa estourou e eu pude contar com a *Au Pair* para cuidar dos três maiores e ir ao hospital. Meu marido não estava em casa e na manhã seguinte, eu pude retornar com a quarta criança em mãos, foi muito especial, confortável, seguro. Entendo que a *Au Pair* é um investimento: a cada nova *Au Pair* é preciso tempo para conhecer um ao outro e com o novo ambiente e cultura e é divertido (Anna, holandesa, 4 filhos, funcionária pública em tempo parcial).

Com aspectos culturais envolvidos no programa, a mãe do relato acima afirmou que era interessante ter alguém mais jovem em casa, pois sempre traz um jogo novo, um novo interesse, assim, as crianças são expostas a diferentes culturas, e, segundo ela, isso é maravilhoso. Nos relatos, Anna citou que uma de suas *Au Pairs* tinha diabetes, que ela precisava checar seu sangue todos os dias e as filhas delas eram fascinadas; outra *Au Pair* era muçulmana e elas conversaram sobre o Ramadan e a *Au Pair* fazia suas orações em alguns momentos do dia.

Além do aspecto da flexibilidade e da troca cultural, esta mesma mãe também faz referência ao *Au Pair* ser uma opção de serviço de cuidado mais barato que uma babá ou creche. Em suas próprias palavras: “(...) muitas pessoas pensam que o *Au Pair* é muito caro, que é para pessoas ricas, mas é uma opção barata, principalmente por nós termos 4 crianças” (Anna).

Como já apresentei acima, algumas agências fazem propaganda do *Au Pair* como uma solução barata de cuidado infantil, e minha própria família anfitriã tinha dado esta justificativa quando questionei da escolha do Programa. No entanto, a justificativa do custo não se destaca como primeira motivação nas respostas das famílias que conversei, uma das famílias entrevistadas diz que o *Au Pair* pode ter um

custo menor do que a creche, mas não é um valor significativamente menor, assim, a sua escolha foi motivada por outros fatores.

É muito comum famílias de expatriados, ou de famílias formadas por um casal com nacionalidades distintas, optarem pelo Programa *Au Pair* por conta da língua. É o caso de uma das famílias que entrevistei, ela é brasileira e o ex-marido holandês, ela relatou que a primeira filha nasceu em 2004, e logo em seguida eles se mudaram para os Estados Unidos por conta do trabalho do então marido. Ela, naquele momento, estava terminando o Doutorado, e diante do cenário optou por contratar babás brasileiras, ela não diz explicitamente se eram babás contratadas de forma formal ou informal.

Ela disse que não precisava de *Au Pair* naquela época, que era mais por uma questão da língua e da cultura. Conta, ainda, que teve duas babás brasileiras nos Estados Unidos e que quando voltou para Holanda teve a segunda filha em 2007. Entretanto, como moravam em um apartamento, não tinham lugar para *Au Pair*, então, decidiram continuar com babás brasileiras. Além disso, contrataram também uma babá holandesa para dias diferentes da semana, pois assim, as crianças teriam contato com o holandês, visto que a primeira filha teve mais contato com o português e o inglês durante os anos que eles viveram nos Estados Unidos. Uma das babás brasileiras que ela contratou durante os primeiros anos, após retornar a morar na Holanda, era de Recife e pesquisadora sobre questão de gênero, portanto, era uma estudante brasileira que vivia no país neste período.

Ela conta que depois de um tempo, eles se mudaram para uma casa que tinha um quarto que poderia abrigar uma *Au Pair*<sup>123</sup>, a mudança teve este objetivo, começar a receber *Au Pairs* brasileiras, pois ela queria que as filhas permanecessem a socializar na língua portuguesa. Somada a isto, o *Au Pair* oferecia benefícios para além de uma babá convencional que não residente na mesma casa, como a flexibilidade de requerer o trabalho das *Au Pairs* em situações esporádicas de trabalho.

---

<sup>123</sup> Na Holanda, além da comprovação de renda suficiente para abrigar uma *Au Pair*, há a necessidade de um quarto privativo próprio para *Au Pair* com pelo menos 8m<sup>2</sup> que tenha janela e fácil acesso à internet e ao banheiro. (Fonte: NANNY NINNA. **FAQ**. Disponível em: <https://nannynina.nl/en/faq/?search=room>. Acesso em 24 abr. 2023).

O então marido trabalhava muito, pois era executivo, e ela também trabalhava, então, acabou por precisar de alguém para auxiliar no cuidado das filhas. O primeiro motivo estava em sua preferência por *Au Pair* ou uma babá em detrimento de uma creche, algo que se somava ao segundo motivador: à questão da aprendizagem da língua portuguesa. Ademais, um terceiro motivo era que ela e o marido, às vezes, viajavam por causa do trabalho, então a presença de alguém em casa se tornava algo mais seguro e cômodo. A entrevistada começou a ter *Au Pair* em 2008, e a última foi em 2019, o que contabiliza um uso de mais de 10 anos do programa. Além disso, a entrevistada também combinou o *Au Pair* com a presença de uma babá holandesa durante os anos iniciais, até a menor entrar na pré-escola e ter a possibilidade de contato e aprendizado na língua holandesa dentro da instituição escolar.

Carol, em sua entrevista, relata que cresceu no Brasil convivendo com empregada doméstica, e desta forma, a ideia de comorar com uma *Au Pair* não foi um problema. Nesse caso, ela até preferia isso do que a contratação de uma creche, pois como trabalhava em casa, poderia acompanhar as crianças de perto, com o auxílio da *Au Pair*. Como visto, o dinheiro não era problema, pois seu marido ganhava muito bem, afirmando que empregadas domésticas e *Au Pairs* são pessoas que constroem relações de proximidade e que fazem parte do sistema do cuidar.

Afirma, ainda, que as *Au Pairs* tiveram papel essencial no seu desenvolvimento profissional ao proporcionar maior quantidade de tempo e flexibilidade para conciliar trabalho e família, sendo que o pai das crianças sempre foi muito ausente. Apesar da interlocutora buscar um discurso de harmonia e colaboração entre elas, a atuação das empregadas domésticas e *Au Pairs*, denominado pela mãe anfitriã “de sistema de cuidar”, não deixa de possuir relações assimétricas, como bem analisado no trabalho clássico de Suely Kofes (2001) sobre a relação entre patroas e empregadas a partir do ambiente doméstico.

Além disso, ela declarou que ter outra pessoa que divide as tarefas de cuidado é enriquecedor na vida das crianças, pois traz novos elementos, e desenvolve a habilidade de criar vínculo com outros adultos, além dos pais, tornando-as mais sociáveis. Em suas palavras:

Eu vi, aqui na Holanda, crianças que eram criadas só pelos pais, e aí, não cria vínculo com outros adultos tão facilmente, entendeu?! Então, no meu

caso, foi uma escolha consciente de envolver e confiar em outras pessoas, que é uma coisa que enriquece a vida das crianças e que traz novos elementos [...] Inclusive, no meu livro [...] eu agradei todas as *Au Pairs* e babás que tinham me ajudado a cuidar das minhas filhas nos anos anteriores, que foi os anos que eu estava escrevendo o livro, que eu achava muito importante, porque elas tiveram uma contribuição essencial para eu poder escrever aquele livro. E agora estou terminando outro livro, mas agora é menos, né? [...] Porque elas estão maiores, talvez eu vá agradecer novamente, não nominalmente, mas vou agradecer todas as cuidadoras, também porque... é essencial, né?

Eu não poderia ter feito tudo o que eu fiz... Eu estou falando tudo isso, por motivos de que eu acabei me separando do meu ex-marido [...] para minha surpresa. Eu não esperava isso. Mas, quando as crianças nasceram, ele caiu em um padrão machista, de que ele trabalhava para conseguir dinheiro, e eu que tinha que cuidar das crianças. Então, ele saía de casa seis e meia da manhã todo dia, e voltava seis e meia a sete. Então, eu estava basicamente sozinha cuidando das crianças, e ele muito ausente. E era eu e as *Au Pair*, né? E aí, quando eu falava pra ele: "Poxa vida, eu não estou dando conta, fica uma vez por semana de manhã pra levar as crianças na escola, para participar desse momento". - Aí ele fala: "Ah, se você não está dando conta, tudo bem, a gente paga a *Au Pair* e ela trabalha mais horas". - Eu falava que não é isso: "Você é o pai, tem que fazer parte, participar, levar para a escola, né". Enfim, isso foi um problema muito grande pra mim, e acabou junto com alguns outros motivos que isso levou para a separação [...] (Carol, brasileira, professora universitária em tempo parcial, 2 filhos).

Uma outra família declarou a questão da aprendizagem da língua ser uma motivação para o uso do esquema. Trata-se de Veena, uma mãe de origem indiana que foi morar na Holanda por conta do trabalho do marido. Essa interlocutora tem um filho e contou que já teve três *Au Pairs*. Segundo relatou, optou por ter uma *Au Pair*, pois não tem familiares na Holanda e o marido viaja muito fora, assim, quis ter uma *Au Pair* para ter um par de mãos a mais, por exemplo, quando precisasse ir ao banheiro para tomar banho, e ter alguém para manter a criança segura. Apesar de afirmar que possui amigos, alegou que isso não era suficiente, sendo muito difícil fazer isso sozinha, desse modo, achou ser mais conveniente ter uma *Au Pair*.

A primeira *Au Pair*, segundo relato da entrevistada, era iraniana e se conectou através do *Workaway*. Esta menina era engenheira elétrica e ficou 3 semanas com a família. A segunda *Au Pair* era espanhola e se conectaram através do *aupairworld*, era uma pessoa muito ativa, já tinha trabalhado em uma creche, e havia ido para Holanda para estudar. Essa ficou durante o período de 1 ano e 2 meses, pôde ficar mais tempo por ser europeia e não precisar de visto. Já a terceira era indiana e utilizou uma agência reconhecida pelo governo holandês que trabalhava com *meninas* indianas, pois, neste caso, o filho já estava maior, começando a falar. Em vista disto,

Veena achou importante que a criança aprendesse a sua língua natal, além disso, fez referência de que saber cozinhar comida indiana era um bônus.

Os dois relatos confirmam o que afirmam Schans, Galloway e Lansang (2014) quando dizem que a troca cultural é um valor agregado, e não é a razão decisiva, exceto nos casos em que um dos membros da família seja do mesmo país que a *Au Pair*, sendo motivados assim a ter alguém que possa transmitir a cultura (língua) do país de origem às crianças. Desta forma, apesar de não ser a intenção dos legisladores do programa facilitar o equilíbrio entre a vida profissional e familiar, ou de fazer do *Au Pair* uma forma alternativa de cuidado infantil, essa acaba sendo a principal razão prática na visão das famílias anfitriãs.

Além disso, como podemos testemunhar, muitas famílias utilizam o programa *Au Pair* de forma informal, tanto no período em que não era obrigatório o uso de agências como no período atual. Durante minhas entrevistas com *Au Pairs* brasileiras do período de 2008-2012, duas delas foram *Au Pair* informalmente trabalhando durante três meses ou mais com o visto de turista. Uma delas foi durante três meses e depois retornou para o Brasil para tirar o visto como *Au Pair* e ficar mais um ano no país. Outra ficou mais de três meses, saindo e entrando do espaço dos países que realizaram o acordo Schengen, como estratégia para ficar mais do que os três meses permitidos, mas depois de menos de um ano, resolveu retornar para o Brasil para tirar o visto formal da *Au Pair* na Holanda permanecendo um ano.

Do mesmo modo que as *Au Pair* utilizam o caminho informal do programa como estratégia migratória ou de viagem, as famílias também se utilizam desse esquema como uma alternativa de serviço de cuidado infantil. Uma outra família, por exemplo, utilizava da mão de obra de europeias, que quisessem ser *Au Pair* de forma informal, pois a família precisava de alguém que pudesse dirigir por mais de seis meses na Holanda, o que restringia o uso de *Au Pairs* de outras nacionalidades. Essa *host family*, em questão, também escolhia alguém que falasse polonês ou francês, pois eram de origem polonesa (mãe) e francesa (pai). Algo que fica melhor relatado abaixo:

Quando as crianças estavam na creche, nós não precisávamos utilizar um *Au Pair*, mas, daí decidimos colocar eles em uma escola internacional que é longe de casa, e, então, [as crianças] passaram a precisar de uma *Au Pair* para levar e buscar as crianças na escola de carro. Além disso, com uma *Au Pair*, as crianças não precisavam mais ficar na escola após o horário escolar,

possibilitando com que eles também pudessem fazer esporte ou outras atividades (Débora, polonesa, trabalha 4 dias e meio, três crianças).

Como podemos observar, muitas famílias utilizam do esquema de forma informal, sem o uso regulamentado e mediação das agências. Durante o meu trabalho de campo na Holanda, busquei mapear os diferentes tipos de serviços de cuidado infantil, e foi fundamental para que eu pudesse sentir de forma mais concreta o que a literatura, ou mesmo o que as entrevistadas estavam relatando para mim. Como podemos observar o Programa *Au Pair*, mesmo sendo regulamentado na Holanda, na prática, abriga uma série de atividades e formas de relações, que, em geral, são vistas como não trabalho, esse é definido como uma relação que envolve o doméstico e as relações familiares, exercido de forma temporária por jovens estrangeiros com ou sem visto de moradia temporário.

Como comentei no Capítulo 2, precisei trocar hospedagem por trabalho de cuidado para executar a tese. Tal período foi realizado junto a uma mãe solo holandesa e sua filha de 5 anos que me receberam através da plataforma *Workaway*. Ela não conhecia o esquema de *Au Pair*, nem considerava o que eu estava fazendo como uma forma de *Au Pair* como a mãe indiana havia considerado. Durante a minha convivência com a minha nova família anfitriã, e também, em conversas com outros interlocutores que encontrei, consegui entender os diferentes circuitos de cuidados disponíveis no país tanto no âmbito privado como público.

A família em questão, como muitas outras na Holanda, utilizam de diferentes tipos de prestação de serviços de cuidado de modo a conciliar a vida privada e a vida pública (tempo de trabalho e o tempo de cuidado). A jovem mãe holandesa que me hospedou trabalhava em regimes flexíveis, compostas por horas de trabalho realizadas em *home office*, o que a possibilitava organizar os seus tempos de acordo com diferentes demandas relacionadas a sua vida.

Ela me relatou que quando eu não estava em sua casa, utilizava *babysitting* ocasional, através de aplicativos, websites próprios, ou mesmo em redes sociais online como o Facebook, isso quando não solicitava indicação de amigos. O trabalho de *babysitting* é muito comum entre as famílias e é exercido por jovens estudantes do ensino médio ou de outros estudos pós-médios como forma de fazer renda extra.

Ela disse que realizou muito *babysitting* quando era mais jovem, hoje ela tem 34 anos, não faz mais a atividade como forma de fazer hora extra, mas durante o meu período de estadia, se ofereceu a uma amiga para ficar com seus filhos em uma noite em que esta estava doente. Os filhos de ambas possuem idade aproximada e estudam na mesma escola. Em outra ocasião, durante o jantar, conversando com amigas convidadas da minha anfitriã, e falando sobre o meu trabalho, todas também relataram já terem feito *babysitting* quando mais jovens e/ou utilizarem deste serviço ocasionalmente. As *babysitting* são caracterizadas por serem trabalhos mais flexíveis e informais que vão desde *meninas* no início do ensino médio (14/15 anos) até mulheres de 40 e poucos anos já casadas e com filhos.

Apesar da existência de um subsídio do governo, os custos para utilizar esses serviços, a depender da renda familiar e quantidade de filhos, podem sair caro. Diante do custo, somada com a busca de opções de serviços de cuidado infantil mais flexíveis, essa pode ser uma das razões da disseminação de plataformas, como as citadas anteriormente, para a procura de babás que possuem como vantagem uma prestação de serviço mais individualizada, com uma pessoa fixa e horários mais flexíveis.

O custo de uma *Au Pair* pode ser mais barato ou caro a depender do cenário. Se existem crianças menores de quatro anos, ou seja, não estão em idade escolar, e, portanto, dependem de creche, a *Au Pair* pode sair mais barata. Isso se deve pelo custo alto dessas instituições e o fato de a contratação de mão de obra local exigir o pagamento de um salário mínimo que é maior do que o custo de uma *Au Pair*.

Como mencionado, uma das agências visitadas também trabalha com o serviço de babá fixa ou *babysitting* ocasional, utilizando-se de uma plataforma que conecta famílias e babás através de um sistema de busca por trabalho por demanda (ABILIO; AMORIM; GROHMANN, 2021), que funciona através da seleção por filtros como disponibilidade, local de moradia, experiência no cuidado infantil, entre outros requisitos. Nesse ambiente são oferecidas às famílias interessadas algumas opções de babás que atendam às suas necessidades. A empresa funciona através de uma estrutura informatizada de banco de dados e sistema de busca de trabalho *just-in-time*, como apontado na discussão de Abílio (2017; 2020a, 2020b) sobre a uberização do trabalho.

A empresa também se utiliza de um sistema semelhante para conectar famílias e *Au Pairs*. No entanto, este programa se distancia da busca ocasional de babás por ser regulamentado e funcionar através de lógicas jurídicas e representações simbólicas e sociais distintas. A plataforma se assemelha com o website *AuPairWorld*, muito utilizado pelas *Au Pairs* brasileiras que buscam por famílias anfitriãs indistintamente.

Existem outras plataformas utilizadas por residentes na Holanda, duas empresas citadas durante meu trabalho de campo na Holanda foram: *Sitly* e *Charly Cares*. Tratam-se de empresas holandesas, ambas no ramo de *babysitting*. A *Sitly* foi criada em 2009, por Jules van Bruggen, e está presente em 12 países, incluindo o Brasil. Já a *Charles Cares* foi criada em 2015, sendo que nesta há maior controle no registro das candidatas à babá. Fazem isso a partir de realização de entrevista pela empresa, além de possuírem um sistema de avaliação da própria plataforma.

O *Sitly* não faz distinção de serviços como o *Charles Cares*, que faz a seguinte classificação e diferenciação de tipos de Babá: babá fixa (3 dias na semana, até 12h semanais; babás depois da escola; babá de última hora (solicite uma com até 3h de antecedência); babá com experiência com bebês; *Au Pairs* e babá de férias. Utiliza-se, assim, da estratégia de marketing da especificação das necessidades de cuidado de cada família. Por haver menos controle, ele é a plataforma mais utilizada pelas *Au Pairs* brasileiras para obterem trabalho extra.

No caso de uma família com crianças em idade escolar, ou seja, maiores de 4 anos, a *Au Pair* não é mais tão vantajosa economicamente falando. Entretanto, ela ainda pode ser escolhida como alternativa por sua flexibilidade e multifuncionalidade, afinal, você terá uma pessoa que, além de oferecer cuidado infantil, se adapta à rotina da família, podendo auxiliar nas atividades domésticas, ensinar inglês ou outra língua para seus filhos, além de proporcionar trocas culturais. Além dessas questões, em um relato de uma das mães entrevistadas, afirmou-se que ter uma *Au Pair* é visto como um artigo de luxo, reforçando o relato de uma agente que me disse que muitas famílias querem esse serviço apenas por *status*:

Mas tem de tudo, têm famílias ricas que querem *Au Pair* por *status*, por comodidade, para ter alguém que cuide das crianças enquanto a mãe vai ao cabeleireiro, por exemplo. Como tem famílias que realmente precisam de

uma *Au Pair* porque não tem dinheiro para pagar uma *nanny* ou para pagar uma creche porque as creches são particulares, então, a *Au Pair* é mais barata do que creche para dois bebês. Então, é difícil de responder. Tem de todo tipo, tem famílias que moram na *country side* e não tem muita opção de *nanny*, e aí acabam contratando *Au Pair*. Tem aqueles que mesmo a mãe podendo cuidar, eles querem a disponibilidade de passear quando quiserem. Têm famílias que contratam duas *Au Pairs*. Mas tem família que quer *Au Pair* bonita, pois eles querem desfilar a *Au Pair*. E pra você ter uma ideia, tem família que pede uma *Au Pair* feia, que é o caso de uma *host* que não quer ter nenhuma chance do pai olhar pra *Au Pair*. Tem mercado pra todas. Tem mercado pras feias e tem mercado pras bonitas (risos), pois é *status*. Eu vou pra uma festa e eu levo minha *Au Pair*, tem para todos os gostos, para todas as manias loucas (Agente 1).

Assim, a fala acima reitera o que viemos discutindo, que as famílias não buscam apenas comprar um serviço de cuidado infantil ao utilizar o Programa de *Au Pair*, mas também consumir um produto que proporciona um *status* social.

Uma das famílias entrevistadas que deixou de ter *Au Pair* depois de três experiências me conta que a razão de ter deixado de contratar novas *Au Pairs*, era de que na Holanda isso era visto como luxo, não sendo isto de primeira necessidade. Cita também o desgaste referente à rotatividade que envolve realizar anualmente todo o processo de seleção, solicitações de vistos e toda burocracia envolvida e adaptação da nova pessoa. Além disso, as agências se tornaram obrigatórias e ela achava desnecessário o pagamento por um processo que ela estava acostumada a fazer, além de ter que compartilhar dados privados, como rendimento familiar e outras informações. Disse, ainda, que no final das contas a *Au Pair* era uma criança mais velha, no sentido que também demandava cuidado e atenção.

Uma segunda família também declarou algo semelhante ao relato acima ao ser questionada sobre quais eram os requisitos para a escolha de uma *Au Pair*. Ela citou em primeiro lugar independência, pois não quer uma quinta filha, ela quer um adulto, pronta para manejar suas próprias coisas. Ela lembra da primeira *Au Pair* que cuidou de tudo: conta de banco, troca de alguma mercadoria que ela comprou e não gostou, ir para o médico sozinha, todas estas coisas. Outro ponto importante é alguém que saiba fazer atividades domésticas, que não sejam tão mimadas, então que saiba manter a casa organizada. Uma terceira família não utiliza esse termo, mas também relata que existe um trabalho em manejar a vida de uma *Au Pair*, definir rotina, delegar tarefas a serem feitas, observar se estão bem, se há alimentos disponíveis, etc.

Os apontamentos acima dão algumas pistas referentes aos critérios adotados no processo de seleção das agências. Apesar da qualificação ou experiência em atividades domésticas e no cuidado infantil não serem um requisito essencial obrigatório requerido pelo governo, ele passa a ser no processo de seleção das agências que fazem questionamentos sobre suas habilidades doméstica: se sabe cozinhar, lavar e passar roupa, por exemplo, e se possuem experiência em cuidado de crianças.

Estas experiências profissionais ou familiares podem ser comprovadas de alguma forma através de referências, carta de recomendação, etc. No final, muitas *Au Pair* possuem diploma em pedagogia, enfermagem, entre outros cursos de formação superior, e são tão qualificadas quanto as *gastouders* (babás) reconhecidas como profissionais pelo governo holandês. Algumas agências também acabam por restringir ainda mais a idade permitida para entre 20 e 25 anos, por compreender que pessoas entre 18 e 20 anos não teriam a maturidade suficiente para atuarem como *Au Pair*.

Como já exposto no Capítulo 3, a mudança na legislação que diminuiu o limite de idade teve como justificativa a reduzir o número de “*Au Pairs* de carreira” (aquelas que trabalham por seguidos anos em diferentes países), ou aquelas que utilizam do programa como uma forma de sustento da família no país de origem (havendo uma tendência maior entre pessoas mais velhas para este tipo de prática), coisas que são compreendidas como uso indevido do esquema (MAAS; MASTWIJK, 2021). No entanto, contraditoriamente, ao selecionar um perfil ideal de *Au Pair*, as famílias e agências acabam por exigir qualificações profissionais que muitas vezes só são alcançadas com uma idade mais avançada, aspectos que são aprofundados no próximo subitem.

#### **4.3 DESLIZE DE SENTIDOS: O AU PAIR NA INTERSECÇÃO DO CUIDADO COMO AJUDA, TRABALHO E OBRIGAÇÃO**

Como pode-se observar, o *Au Pair* compõe uma série de práticas que estão no campo do que é regulamentado em lei e nas práticas cotidianas relacionadas à estratégias das famílias visando o equilíbrio da vida profissional e vida familiar.

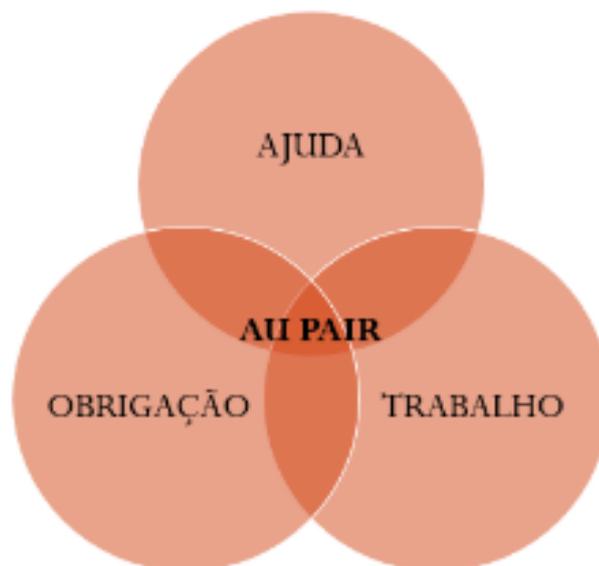
Ressalto que esses temas se organizam, segundo condições estruturadas e estruturantes dos regimes de gênero e de cuidado.

Diante disso, recorro ao conceito de circuito de cuidado desenvolvido por Nadya Guimarães (2020) para discutir sobre o deslizamento de sentidos atribuídos ao programa aqui analisado. Ao descrever o conceito de trabalho do *care*, ela afirma ser um trabalho relacional e que, portanto, possui múltiplos sentidos. Estes sentidos deslizam de acordo com quem está imbricado nessa relação e em qual contexto. Nesse sentido, os circuitos de cuidado se definem e se diferenciam na convergência de quatro fatores: “(a) certas modalidades de relação social do cuidado; (b) caracterizadas por certos significados a elas atribuídos; (c) as quais correspondem a certas transações econômicas; (d) e certas formas de pagamentos (...)” (GUIMARÃES, 2020, p. 105).

A autora faz, também, a distinção de três diferentes tipos de circuitos de cuidados. O primeiro é o “cuidado como obrigação” que é esse trabalho invisível das mulheres dentro da família. Assim, cuidar do filho, por exemplo, não é visto como trabalho, mas como obrigação moral das mulheres. Elas têm obrigação moral de cuidar dos seus dependentes. O segundo é o “cuidado como profissão” tem sentido de trabalho, pois, apesar de desvalorizado e mal pago, há o recebimento de um valor monetário, como o trabalho das empregadas domésticas, babás e cuidadoras de idosos, por exemplo. E o terceiro e último é o “cuidado como ajuda”, aquele relacionado à troca de favores entre vizinhos ou entre amigas: o cuidar do filho do outro como princípio de reciprocidade.

Esse último circuito é descrito pela autora a partir de contextos brasileiros de pobreza, local onde as pessoas não têm recursos monetários para contratar alguém ou pagar uma escola infantil, e também não existe, de forma bem estruturada, aparelhos públicos de cuidado, como a creche. Assim, o “cuidado como ajuda” é uma estratégia utilizada como meio de sobrevivência e viração, na qual não é vista como uma obrigação, mas uma relação de reciprocidade, que pode ser ou não monetizado.

Figura 13 - O *Au Pair* e seus deslizamentos de sentidos



Fonte: Elaboração própria

Ao pensar o Programa *Au Pair* a partir deste conceito, penso que esse está entre estes três tipos de circuito de cuidado. Ou seja, na intersecção deles, pois seu significado desliza de um para outro, dependendo dos contextos situacionais/relacionais que fazem parte dessa experiência de intercâmbio, podendo ser como ajuda, como obrigação ou como trabalho.

No primeiro capítulo, quando me posiciono como ex *Au Pair* e descrevo os e-mails trocados com a mãe das crianças que trabalhei, enfatizo que ela nomeia o *Au Pair* como ajuda (*help* sem aspas) e um quase trabalho (“*work*” com aspas) para indicar e dar sentido às atividades que eu faria dentro da casa deles.

Penso que ela classifica como “ajuda”, para enquadrá-lo como um intercâmbio de troca cultural, ou seja, troca-se a oportunidade de viver em outro país, na casa de uma família estrangeira, pela realização de atividades de cuidado e serviços domésticos leves. Além disso, o próprio site do IND classifica o programa como um intercâmbio de troca (*uitwisseling*).

Entretanto, não devemos esquecer que se trata de uma relação de troca com indivíduos que possuem posições diferentes de poder, que se diferenciam das relações entre amigos ou vizinhos, como descritos por Guimarães (2020). Assim como

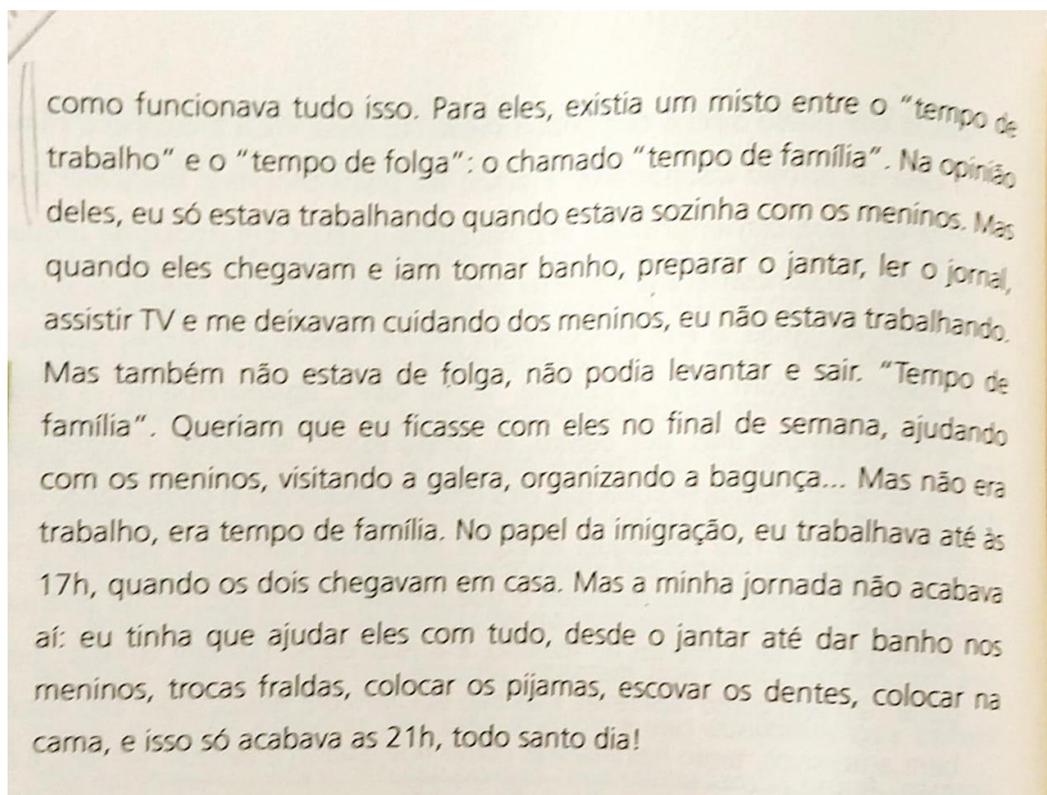
a minha família anfitriã, o governo holandês também busca enquadrar o programa como uma troca e não como relações de trabalho.

E para isso, delimita as fronteiras desse lugar, com a definição de carga horária (30h), idade (18-30 anos/ 18-25 anos), temporalidade (um ano, sem poder renovar), definições de atividades (realizar atividades domésticas leves, além de cuidado infantil), e da conceituação da *Au Pair* como membro da família, e dessa forma contrapondo com a ideia de funcionária.

Por outro lado, as agências usam do discurso da *Au Pair* como membro da família para vender uma alternativa mais barata e flexível de cuidado infantil do que uma creche ou uma babá integral, com o adicional de experienciar uma troca cultural, sendo muito positivo para o desenvolvimento dos filhos. Por não ser uma funcionária, essa terá que ser incluída nas atividades familiares e terá que ter disponível um quarto privativo.

Contudo, no fluxo disso, a família será beneficiada por ter alguém sempre disponível para equilibrar as tensões presentes na busca pela conciliação entre trabalho e família, sempre tomando o cuidado para que ela não seja a única responsável pelas crianças, ainda que se tenha um limite de horas semanais de trabalho. Trata-se, portanto, de um trabalho invisível e difícil de mensurar como tal, pois é exercido em domicílio, portanto, visto como ajuda, troca ou até mesmo obrigação familiar. Isso pode ser melhor observado ao analisarmos o trecho do livro abaixo, na qual a autora descreve a expectativa da *host family*, que considerava como não-trabalho o tempo gasto em atividades de família.

**Figura 14 – Bicicletas e Tulipas (Tempo de Família)**



como funcionava tudo isso. Para eles, existia um misto entre o “tempo de trabalho” e o “tempo de folga”: o chamado “tempo de família”. Na opinião deles, eu só estava trabalhando quando estava sozinha com os meninos. Mas quando eles chegavam e iam tomar banho, preparar o jantar, ler o jornal, assistir TV e me deixavam cuidando dos meninos, eu não estava trabalhando. Mas também não estava de folga, não podia levantar e sair. “Tempo de família”. Queriam que eu ficasse com eles no final de semana, ajudando com os meninos, visitando a galera, organizando a bagunça... Mas não era trabalho, era tempo de família. No papel da imigração, eu trabalhava até às 17h, quando os dois chegavam em casa. Mas a minha jornada não acabava aí: eu tinha que ajudar eles com tudo, desde o jantar até dar banho nos meninos, trocar fraldas, colocar os pijamas, escovar os dentes, colocar na cama, e isso só acabava às 21h, todo santo dia!

Fonte: (MICHEL, 2012, p. 72)

Os relatos de algumas entrevistadas também indicam isso, pois, muitas vezes, o discurso de ser “parte da família” é utilizado para se ultrapassar os limites delimitados pelas regras oficiais do programa de intercâmbio, requerendo mais labor das *Au Pairs*. Elas afirmam que as famílias utilizam esse discurso quando é conveniente ou mais vantajoso para eles. Requerem mais funções, no sentido do cuidado, como uma obrigação, solicitando a execução do trabalho doméstico gratuito, subsumindo um valor monetário de troca, e, muitas vezes, se ofendendo com reclamações ou negativas com relação às solicitações que estão fora da rotina acordada e definida entre a *Au Pair*, família e junto à agência contratada.

No trecho acima a autora se dá conta que o agenda (*schedule*) com horário de trabalho, que é um dos documentos necessários durante o acordo e o pedido de visto do *Au Pair*, não funciona na prática, pois as fronteiras entre tempo de trabalho e tempo livre estão totalmente borradas através da concepção da *Au Pair* ser parte da família,

então, além do tempo de trabalho, precisa haver o tempo de família. Algo corroborado pela concepção pela experiência de Michel com a sua primeira família:

**Figura 15 - Bicicletas e Tulipas (a armadilha da *Au Pair*)**

No meu 11º dia eu finalmente tive minhas primeiras 6 horas de folga (segunda-feira, dia 08/02). Só então eu consegui desfazer as minhas malas, colocar as roupas no armário, dar uma passadinha no mercado e respirar um ar fresco. Escrevi no blog e finalmente achei que as coisas podiam começar a melhorar. Doce ilusão. Eles me passaram o horário da semana e eu reparei que, mais uma vez, trabalharia a semana inteira. No dia seguinte chamei a minha host pra conversar. Expliquei que estava cansada e que gostaria de ter meus dias de folga, conforme o combinado. Primeiro ela se fez de desentendida, depois ficou com cara feia, mas acabou concordando em me dar a quarta-feira livre. Assim, somente 13 dias depois de chegar eu tive meu primeiro dia de folga!

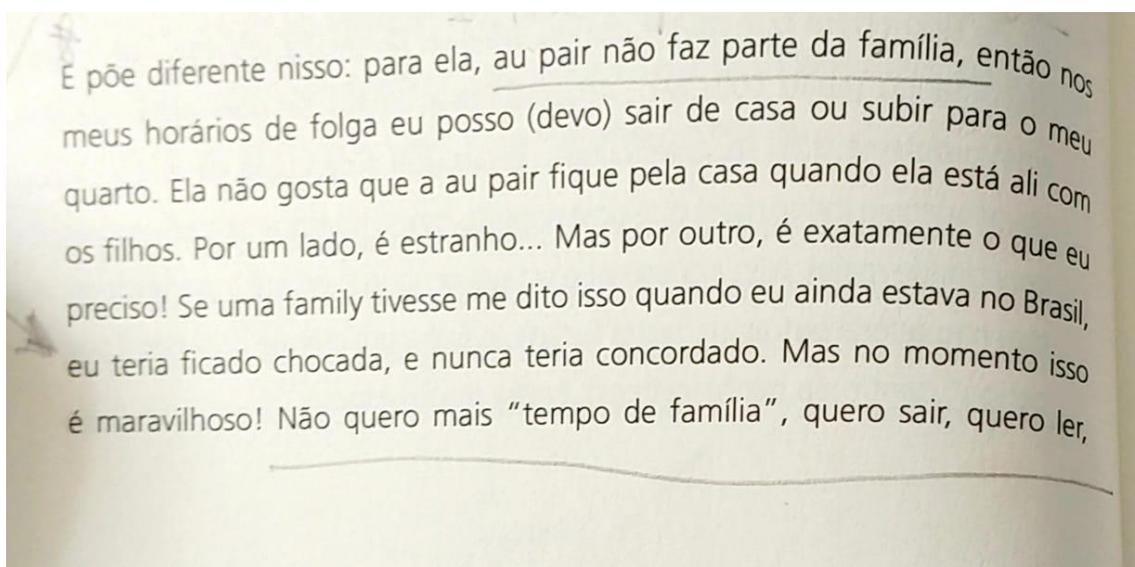
Bom, obviamente seria pedir demais esperar que ela me liberasse também no final de semana, certo? Claro! Já me pediu pra trabalhar na sexta e queria que eu fosse com eles visitar a família dela no sábado. Com a sexta eu até concordei, mas expliquei que no sábado queria sair com uma amiga para conhecer Amsterdam (Carnaval, lembram?). Ela ficou de cara. Pode? A coisa mais normal do mundo é uma *au pair* querer passear com as amigas no final de semana, é tão óbvio isso, pelo amor de Deus! E eu já tinha passado os dois finais de semana anteriores inteirinhos com eles, visitando a família inteira, os

Fonte: (MICHEL, 2012, p. 69)

No trecho acima, a autora descreve a conversa que teve com aqueles anfitriões, na qual expressa seu descontentamento com o que imaginou e como estava sendo sua experiência. Em seu desabafo, frisa justamente a principal motivação de ser uma *Au Pair* no exterior que não é trabalhar ou ganhar dinheiro, mas sim morar, viajar e se divertir no exterior, ela diz: “A coisa mais normal do mundo é uma *Au Pair* querer passear com as amigas nos finais de semana, é tão óbvio isso, pelo amor de Deus!”.

A autora do livro conta que acabou pedindo para agência que ela queria mudar de família, mas a agência, todavia, não lhe deu o suporte que esperava, ela acabou por encontrar uma família por conta própria através de amigos e de anúncios no Orkut, já que ela foi *Au Pair* em 2010, quando o Facebook ainda não era muito popular. A segunda família já tinha uma concepção diferente do Programa, ou pelo menos tinha concepções diferentes da família anterior, pois não defendiam a ideia da *Au Pair* ser parte da família como ela explica no trecho a seguir.

**Figura 16 - Bicicletas e Tulipas (*Au Pair* não faz parte da família)**



Fonte: (MICHEL, 2012, p. 76)

Groenwold (2019), ao estudar diferentes expectativas dos grupos envolvidos no programa de intercâmbio, afirma que enquanto as *Au Pairs* desejam explorar o exterior e obter novas experiências na vida (viajar, melhorar um idioma e experimentar outra cultura), as famílias anfitriãs estão em busca de formas de equilibrar a vida profissional e familiar, sendo que esta divergência de expectativa pode gerar frustrações dos dois lados, além de problemas e tipos de exploração por ser uma relação de poder assimétrica.

A pesquisadora discute que, apesar da maioria das *meninas* terem esperado um relacionamento um pouco mais familiar, já que o programa tem o rótulo de "intercâmbio cultural", muitas estavam cientes da "cara real" do programa e de suas demandas reais. A autora observou, também, que muitas preferem uma relação mais

profissional, pois assim podem evitar relações desequilibradas como experiências de abuso e exploração. Exemplos disso podem se expressar em muitas horas de trabalho, trabalho em suas horas livres, pedidos de favores extras, muitas tarefas domésticas ou trabalho para terceiros. Quando há uma relação mais próxima, fica mais difícil a imposição de limites do que é considerado trabalho e não trabalho (GROENWOLD, 2019).

Sobre esta dificuldade, de estabelecer limites, trago o relato de Lígia sobre a questão do “ser parte da família” ter sido, de início, parte do desejo de consumo deste tipo de intercâmbio, e que após ter vivenciado ser *Au Pair*, pensa que se este fosse considerado uma relação de cunho profissional, poderia ser mais fácil manejar a separação do tempo de trabalho com o tempo livre:

Então, do meu ponto de vista, eu tenho relações de amor e ódio com relação a isso também. Porque antes de vir, o que eu esperava das famílias era que realmente me colocassem como parte da família, mas, enquanto eu tava aqui, eu percebi que, talvez, eu gostaria de ter um pouquinho mais a questão profissional. De que eu tô trabalhando e agora terminou meu trabalho e é isso. Isso é uma das coisas que mais pegou pra mim no começo, mas assim, eu aprecio, eu gosto de tudo que eles já incluíram, só teve momentos mesmo, principalmente nos meus dias *off*, mas foi mais no começo quando eu ainda não fazia nada na redondeza e eu saía só com eles. Ficava muito tipo: “agora é o meu tempo e eu queria tá fazendo coisas pra mim”. Mas, depois isso passou. Só que assim, eles sempre me levaram, tudo que eles vão fazer, eles me chamam. Já me levaram pra restaurante. Eles me levaram pra Alemanha. Eles tinham um evento lá, e, aí eles me levaram pra cuidar da menina. Mas, também, aí eles [me] incluíram nessa viagem também, passearam comigo por outras cidades, me levaram pra um jantar de gala que eles tinham sido convidados. Tipo, foi a coisa mais absurda! Acho que foi a coisa mais nada a ver que aconteceu aqui comigo, foi eles me levarem nesse jantar de gala. Eu nem tava pronta pra ir. É isso. Eles passearam por outras cidades por minha causa, sempre me incluíram mesmo, e, eu sempre gostei disso. Mas, também teve momentos que eu pensei que “Ai, queria que fosse mais profissional”. Mas, mais pela questão do cansaço mesmo: “Acabou a semana de trabalho... Tô esgotada, não quero mais saber deles”. É complicado. É uma relação que eu fico... “é bom, mas não sei”. Talvez, se fosse mais profissional, mas, eu gosto, no geral, quando eles me incluem nas coisas, ou, pelo menos me convidam, me deixam à vontade pra fazer ou não fazer... É legal. (Lígia).

O relato acima joga luz na construção da própria subjetividade da *Au Pair*, cuja ambiguidade é o fruto destes deslizamentos de sentido do trabalho exercido pela mesma. Parece que a construção deste deslizamento em si contribui para a mecânica da diluição das relações entre o governo, as agências, as famílias e as *Au Pairs*, assim como no interior de cada uma destas categorias, contribuem para limitar a margem de ação, e

de poder potencial das *Au Pairs*. A coerção das *Au Pairs* resulta destes diferentes níveis/formas de mediação: escalas que mediam a relação sociais presentes neste programa.

Na busca deste capítulo por mapear os limites das relações entre *Au Pairs*, famílias, agências e Estado, fica evidente que a experiência do programa fica refém de dinâmicas relacionais que carregam perspectivas múltiplas, não sendo possível trazer uma resposta definitiva. Apesar disso, o que se revela é que em vários momentos, as propostas do programa, tanto na perspectiva do que é apresentado pela agência como do que é regulamentado pelo Estado, entra em choque com a prática das funções, ora visto como troca cultural, ora vista como trabalho e ora visto como uma obrigação moral, pois muitas das intercambistas são inclusas em uma narrativa de serem “parte da família”, quando nitidamente não são.

Esta ambiguidade ou deslize de sentidos e como estes são construídos para cada nível de relação, faz com que o Programa *Au Pair* continue a ser pertinente de existir. Sua fluidez de sentidos torna esta relação plausível para os diversos atores, pois traz vantagens (de poder), segundo os seus interesses e motivações. Ou seja, o trabalho *Au Pair* pode ser entendido como uma “categoria ônibus” (MACHADO, 2002), pois tem sentidos muito diversos para os diversos atores. As pessoas, ou grupos/categorias de atores agem a partir de uma base de entendimento comum, mas cada um atribui significados muito diferentes à categoria do trabalho *Au Pair*.

Como pode-se observar até aqui, o Programa *Au Pair* se encontra no limiar do trabalho, em algumas situações ele é representado como trabalho e em outras não. Primeiramente, isso se deve em parte por se tratar de um trabalho generificado, historicamente não valorizado, principalmente por ser realizado no âmbito privado. Por outro viés, também é enquadrado como um produto de consumo e *status* social tanto para as famílias quanto para as *Au Pairs*, e neste sentido, se configura e estrutura a fim de criar um distanciamento com o trabalho doméstico remunerado tradicional, a exemplo da babá ou de uma faxineira.

Nessa dinâmica de distanciamento, as agências intermediadoras possuem um papel chave, já que são elas que constroem e divulgam uma representação do programa como não trabalho. Além disso, elas são agentes de controle delegados pelo governo holandês que tem como responsabilidade fazer com que seus

participantes se enquadrem na representação desta atividade como não trabalho (troca cultural), cumprindo também um papel de seleção biopolítico migratório.

Como discutido no Capítulo 3, a intermediação é um processo complexo que envolve diferentes fatores macroestruturais e simbólicos que operam para sua configuração, desde o desenvolvimento e usos de diferentes mídias sociais até as mudanças da legislação da regulamentação do programa que tornou o uso de agências obrigatórias. Elas também inserem e reproduzem configurações de gênero, raça, classe e nacionalidade entre outros fatores que interferem na modulação dos perfis e trajetórias dos agentes e suas relações de poder que integram o programa.

No próximo capítulo retomo as trajetórias de quatro interlocutoras de modo a demonstrar suas representações e experiências concretas dentro do programa, com o intuito de evidenciar suas ações diante das relações de poder e outros aspectos estruturais apontados ao longo desta pesquisa e de discutir como o *Au Pair* intersecciona tanto relações de trabalho como relações de consumo.

## 5 *AU PAIR* NA HOLANDA: INTERCÂMBIO CULTURAL OU MIGRAÇÃO LABORAL?

Neste último capítulo retomo o título da pesquisa realizada por Schans, Galloway e Lansang (2014) “*Au Pair* na Holanda: intercâmbio cultural ou migração laboral?” para fundamentar a ideia de que o Programa imbrica tanto relações de trabalho como relações de consumo. Trata-se de algo fundamentado pelos deslizamentos de sentido existentes em processos de intersecção, que ora apresentam o *Au Pair* como ajuda, ora como trabalho e ora como obrigação – elementos já devidamente discutidos no capítulo anterior.

Além do fato do trabalho reprodutivo, na qual as *Au Pairs* estão envolvidas, não ser valorizado de forma igual a um trabalho produtivo, entendo que o Programa possui, além das dinâmicas trabalho/ajuda/obrigação, pontos que se imbricam a relações de consumo, principalmente, porque tal programa é divulgado como um produto e consumido enquanto tal. Ao menos esta é a principal motivação para se trabalhar como *Au Pair*, sobretudo quando ser uma *Au Pair* torna-se sinônimo de viajar, melhorar as habilidades linguísticas em uma língua estrangeira, viver no exterior, e experienciar situações muitas vezes inimaginadas, se levarmos em conta as possibilidades do mercado de trabalho brasileiro. Inclusive, as representações em geral, até mesmo as mais críticas, não negam as vantagens de consumo que este trabalho oportuniza.

Apesar da preocupação do governo em não tornar o programa uma forma de migração laboral através da negação deste enquanto trabalho e da política de controle estabelecida, isso não tem impedido que diferentes sujeitos façam um uso heterodeterminado, criando estratégias no seu cotidiano, onde o trabalho da *Au Pair* se torna algo em constante negociação. À luz disso, busco explorar essas dinâmicas e, para tanto, como uma forma de melhor dimensionar os limites desses conflitos, selecionei quatro trajetórias: duas do período de 2008-2012 e duas de 2018-2022.

No primeiro período, inicialmente, trago a trajetória de Bianca, que descreve o seu momento no *Au Pair* como a sua primeira experiência de trabalho, já que ela veio de uma família bastada e tinha começado a fazer uma graduação em Turismo, mas estava com dúvidas se seguia com o curso. Após ela, discorro um pouco da trajetória

de Paula, que já tinha 24 anos, e já era formada em Publicidade. À época, de certa forma, já estava consolidada no emprego, mas buscava fazer um intercâmbio barato, pois tinha vontade de viajar e conhecer o exterior.

Do segundo período trago as trajetórias de Carla e Lais, ambas tinham sido *Au Pair* anteriormente nos EUA, experiência esta que foi importante na colocação enquanto *Au Pairs* na Holanda, pois, como apresentado, trata-se de algo valorizado tanto pelas famílias como por algumas agências. Mas, apesar desta suposta vantagem, seus relatos demonstraram a necessidade de executar algumas estratégias tanto delas como das famílias para que pudessem passar pelo crivo das agências. Carla, por exemplo, omitia que trabalhava para o pai e para mãe, ao mesmo tempo, em dias alternados; e a família da Lais teve que mudar de agência, pois a escolhida inicialmente estava negando brasileiras, pois estas estavam permanecendo mais de um ano na Holanda, solicitando o visto de *partner*.

Nos quatro casos podemos observar diferentes usos das mídias e de agências no processo de intermediação. Além disso, percebemos como o que se é previsto enquanto rotina de trabalho, na maioria das vezes, costuma ser readaptado, tanto para suprir as necessidades de cuidado da família anfitriã quanto para suprir os desejos de consumo que a *Au Pair* almeja acessar através de seu trabalho na Holanda.

## **5.1 RELAÇÕES DE TRABALHO E CONSUMO: UMA DISCUSSÃO**

### **5.1.1 BIANCA: “O AU PAIR FOI MEU PRIMEIRO EMPREGO”**

Bianca, pernambucana, tinha 20 anos quando decidiu ser *Au Pair* na Holanda no ano de 2008, estava cursando Hotelaria em uma universidade federal pública e estava com dúvida sobre o que ela realmente queria fazer profissionalmente. Como conhecia amigas que foram *Au Pair*, decidiu ser também, para poder se afastar um pouco do Brasil, e pensar sobre seu caminho profissional. Afirmou ela: “eu estava em crise com a faculdade, não sabia se continuava ou não, e eu vi que era um intercâmbio barato, não teria condições de fazer outro tipo de intercâmbio, daí foi uma forma de dar um tempo da universidade”.

As amigas a ajudaram com o processo e a busca de famílias se deu através do website do *Au Pair World* (APW). O primeiro contato com a família foi através deste site, depois através de e-mails e, por fim, através de ligações que eles faziam para ela no Brasil. A família tinha uma agência na Holanda que formalizou o processo e a antiga *Au Pair* também passou o contato de uma agência brasileira que Bianca contratou para que pudesse intermediar o que fosse necessário.

Ela relatou que pesquisou bastante nos grupos e comunidades do Orkut, pois havia sempre muita troca de informação. O seu critério de busca por famílias se dava muito pela localização, ela queria cidades maiores, bem como pela idade das crianças, pois buscava crianças maiores, já que a sua experiência com bebês e crianças pequenas era limitada. A família já havia tido muitas *Au Pairs* antes dela, o que a deixou tranquila e motivada para fechar o *match* e viver esta experiência.

Bianca descreveu o *Au Pair* como seu primeiro emprego. Em seus relatos, contou-me que vinha de uma família abastada financeiramente, que residia com o pai, um médico, sendo a mãe uma mulher do lar, dedicou a sua vida à maternidade. A interlocutora tem mais duas irmãs, sendo a mais velha já casada. Ademais, a sua família sempre teve babá e empregada doméstica em casa. No que se refere à experiência na Holanda, ela afirmou o seguinte:

A relação com a família era muito tranquila. Eles tinham três crianças, na época com 7, 11 e 13 anos. Basicamente, eu cuidava do mais novo. Os maiores eram bem independentes, [eu] não precisava cuidar muito, [eles] iam para o colégio sozinhos, e depois iam para cursos e esportes. Então, eu só tinha que fazer companhia para eles em casa, [ou] fazer alguma atividade com eles... recreativa. O trabalho era de segunda a sexta, com a quarta sendo *day off* e o fim de semana também *off*. Eu acordava todos os dias e tinha que arrumar a cozinha. Após o café da manhã deles, às vezes, precisava levar o pequeno para a escola, mas, geralmente, os pais levavam. Se não me engano, eu recebia 340 euros por mês. Eles também pagavam conta de celular e curso de inglês. Por fora, perguntaram se eu queria aceitar fazer a faxina da casa e eu aceitei. Então eles pagavam 200 euros por mês para que eu realizasse esta atividade. A faxina da casa eu fazia em 2 dias e nos demais dias eu apenas fazia o *laundry* [lavava as roupas], arrumava a cozinha, andava com o cachorro, buscava o menor na escola e levava para os esportes e cursos, colocava o almoço dele e pronto. Tinha bastante tempo livre, de forma geral. Fiz um grupo de amigas muito bacana por lá, meninas que moravam próximas de mim, e com quem convivía frequentemente. Viajamos juntas, íamos para o centro fazer compras, para festas e baladas, jantar e ver filme uma na casa da outra, etc. Acabamos fazendo amizade com outras *Au Pairs* de outras cidades também, e, às vezes, fazíamos encontros em outras cidades. Era bem legal. Apesar da minha família ser holandesa, eles moraram um tempo nos EUA e a comunicação era inglês, inclusive com

as crianças, que sabiam bem a língua. Meu inglês já tinha um nível avançado também, então, não houve problemas com a comunicação. O dinheiro era gasto basicamente com compras, baladas e viagens (Bianca).

Bianca relatou que a experiência foi boa para o amadurecimento pessoal, pois ela sempre estava em casa com meus pais, não tinha muita responsabilidade, já na Holanda ela começou a ganhar seu próprio dinheiro, também aceitou fazer faxina da família para ganhar a mais e não depender dos pais, assim, eles não a precisariam enviar dinheiro. Bianca relata:

Para mim, o Programa de *Au Pair* foi um período de muito aprendizado, de autoconhecimento, criar responsabilidade. Eu tinha 19 anos, nunca tinha saído da casa dos meus pais, tinha tudo fácil aqui. A gente tem empregados, a gente tem uma condição de vida legal, foi um choque de realidade, ter que ter responsabilidade por outras pessoas, aprender a colocar uma roupa na máquina de lavar, fazer uma faxina. Não vejo esse tipo de trabalho como humilhante ou indigno, então, para mim, foi tranquilo. Apesar de nunca ter feito, eu topei fazer de boa (Bianca).

Segundo Bianca, a experiência é válida quando não se pode escolher outras opções de intercâmbio, pois, viaja-se de forma barata, estuda-se uma língua estrangeira, tem uma vivência internacional, foi um ano mais de *relax* e lazer. Apesar de existir outros intercâmbios interessantes, eles são mais caros e por isso optou por este.

Depois do *Au Pair*, Bianca retomou a morar com os pais e a fazer faculdade, e estagiou num grupo de hotéis e resorts na área de marketing. Lá, ficou por quase 4 anos e chegou a ser efetivada como analista de qualidade. Formou-se em 2011, posteriormente, fez outra graduação entre 2014-2018. Durante a entrevista, me disse que estava de mudança para São Paulo por conta de seu novo trabalho na área de administração.

### **5.1.2 PAULA: “EU ERA MEIA ESCRAVA, TINHA HORÁRIO PRA ENTRAR, MAS NÃO TINHA HORÁRIO PRA SAIR”**

Paula foi *Au Pair* na Holanda em 2009 e estava com 24 anos. Ela era formada em Publicidade e já trabalhava já há 4 anos no ramo farmacêutico. Os pais dela são contadores e a irmã é formada em moda. Antes de ir, pesquisou na internet tipos de

intercâmbio, além disso, tinha uma amiga que foi *Au Pair* na Dinamarca, que a contou sobre a própria experiência, deixando Paula interessada. Quando começou a pesquisar, viu que era mais fácil ir para os EUA, pois tinha agência, mas nunca quis ir para lá. Sempre quis ir para a Europa, queria ir para qualquer país no continente. Quando fez o intercâmbio, Paula não utilizou nenhuma agência, achando a sua família anfitriã sozinha pelo APW. Tinha colocado como opções Dinamarca, Holanda, Bélgica e Noruega. Foi, então, que apareceu uma família holandesa, observou que o país era bem localizado, e resolveu largar o seu emprego estava e ir pra Holanda.

Paula tinha estudado inglês durante 4 anos, mas possuía um conhecimento muito básico, além disso, não tinha experiência com crianças. No entanto, a família não tinha requerido nenhuma experiência. A interlocutora me relatou que não tinha condições financeiras para conhecer a Europa, e viu o *Au Pair* como um intercâmbio barato. Como sempre teve o sonho de morar fora do Brasil, acreditou que o programa era uma forma não muito cara de realizar esse objetivo, e que, também, não demandava muito esforço.

Os pais anfitriões trabalhavam o dia inteiro, sendo que o pai era contador e a mãe era presidente de uma rede de lojas de alimentação saudável na Europa. Além deles a família possuía duas crianças: uma de 3 anos e outras de 3 meses, sendo assim, não estavam em idade escolar, e não frequentavam escola integral. Todavia, a maior ia para creche duas vezes na semana. Ao me falar de sua rotina de *Au Pair*, relatou que esta estava dividida da seguinte forma: segundas, terças e quintas, trabalhava cuidando das crianças o dia todo das 8-20h, o que já totalizava as 30 horas previstas no programa, no entanto, seu expediente ultrapassava o total de 8 horas por dia permitido.

Às quartas ela fazia faxina e recebia 50 euros a mais por semana. E, às sextas ela fazia extra e eles pagavam em torno de 3 euros por hora. Por mês, todo esse trabalho totalizava, em média, 700/800 euros. Assim, Paula, optava por trabalhar mais para poder ganhar mais dinheiro e poder aproveitar mais com idas em bares da cidade e viagens pela Europa. Em suas palavras: “Eu era meia escrava, tinha horário pra entrar, mas não tinha horário pra sair”. E, por causa disso, brigou com a família. A sua carga horária semanal chegava a 60 horas.

Paula me relatou, ainda, que a mãe anfitriã só não mandava ela embora para o Brasil, pois as crianças gostavam muito dela. No tempo livre, conta que saía para beber:

“todas as noites eu saía; eu brinco que se eu ficasse mais um ano, eu morria de tanto que eu bebia; era meio que uma válvula de escape”. Ela também relatou que realizou o que ela tinha se proposto, conhecer um país novo todo mês, viajou bastante: “conheci 12 países” (Paula).

No retorno para o Brasil, ela afirma que teve uma crise existencial, pois “a experiência como *Au Pair* não foi um *plus* no currículo”. Ela voltou a procurar emprego na área farmacêutica e acabou por conseguir um emprego numa empresa diferente da que ela estava trabalhando antes de ir pra Holanda.

### **5.1.3 CARLA: “SE EU SOUBESSE, EU TERIA SIDO *AU PAIR* COM 18 ANOS, TERIA SIDO *AU PAIR* A VIDA INTEIRA”**

Carla, do interior de São Paulo, quando foi entrevistada estava em vias de retornar da Holanda para o Brasil, no final de 2019, perto de completar 31 anos. Ela ia retornar a residir com seus pais, uma irmã e uma sobrinha. O irmão dela faleceu de acidente de carro há alguns anos atrás. De imediato, ao abrir a entrevista, já começa me dizendo que sempre sonhou em casar com um americano e ter filhos ruivos. Quando adolescente, costumava assistir filmes do programa *Sessão da Tarde* fazendo faxina, e se via pensando em ir embora do país.

Carla, graduada em Administração, decidiu ser *Au Pair* nos EUA quando tinha quase 26 anos (em 2014), nesse período estava trabalhando em um banco há quase dois anos. Foi para lá sem ter o inglês muito fluente, passando por três famílias anfitriãs, pois teve alguns problemas de convívio. Nesse intervalo, cuidou de crianças de 7 a 14 anos. Após os dois anos como *Au Pair*, afirmou que não estava pronta para retornar para o Brasil. Em suas palavras: “Quando cheguei no Brasil, eu estava certa [de] que iria voltar pros Estados Unidos, então, eu não tinha futuro pensando no Brasil (Carla)”.

A interlocutora passou por uma situação problemática com uma tia, logo quando retornou, essa estava tratando um câncer e acabou falecendo em seguida. Isso trouxe um impacto na saúde emocional de Carla. Relatou que teve síndrome do pânico e, ficou com medo de ir para os EUA como turista e ser barrada na sala de imigração. Tal situação gerou muita frustração. Além dessas questões pessoais e

familiares, o Brasil estava num contexto econômico mais desfavorável, o que a fez não conseguir se reposicionar no mercado de trabalho na mesma posição que ela se encontrava antes de se tornar *Au Pair* nos EUA. Carla relata:

Depois que fui para o Brasil, eu não consegui me reestabelecer como eu estava. Me bateu um arrependimento. Eu não consegui voltar para o banco, isso eu já estava com 29 anos e o banco não pega mulher mais velha, sabe como é, né? Aí eu tive que trabalhar... Em 2014, quando pedi a conta, eu ganhava R\$1100 de *ticket* de refeição, me ofereciam salários de R\$1250 sem benefícios, aí foi um choque. Tipo, o que eu vou fazer com R\$1250? Eu pensava comigo: “não tem condição”. E, eu morando com meus pais no fim do mundo. Então, me bateu um arrependimento de eu não ter me programado melhor, sabe? Assim... eu levei 1000 dólares para o Brasil, esses mil dólares tá guardado até hoje, que é sagrado pra mim, porque eu sonho todos os dias em voltar. Passei uns apertos, mas não gastei meu dinheiro. E, eu tô voltando com Euros também, porque é minha escapatória dali, sabe? É isso que eu falo: para as meninas se programarem bem. Enfim, só pra sintetizar: entrei no Riachuelo pra entrar em um cargo como supervisora financeira e o cara falou: “Carla, vou pegar a mulher que é mais velha, vou pagar o mesmo salário de supervisora de líder de estoque”, falei: “Okay, vou ganhar o mesmo, vou trabalhar de segunda a sexta”. Mas, o que aconteceria comigo? Eu tinha que carregar caixa. Imagina carregar 200 caixas embaixo do sol quente? Eu que andava de salto e unha feita. 6 meses [de trabalho] ferrou [a] minha coluna, [então] pedi as contas porque não aguentava mais. [Disse] “Ou vocês me coloquem no meu cargo, porque sou graduada etc. e tal. Isso aqui, para mim, não tem condição. É desumano trabalhar com isso, eu não dou conta”. [Eu] tinha que ficar pagando o almoço para os meninos, eu tinha que fazer tudo, porque eu não aguentava mais carregar caixa. Aí eu sentei e falei: “Tenho 29 anos de idade para onde que eu vou...?” (Carla).

Foi então que descobriu o Programa *Au Pair* na Holanda através de uma postagem no Facebook de oferecimento de família, até então ela pensava que só existia nos EUA. Ela entrou em contato com a *Au Pair* da família em questão para saber mais da família e demonstrar interesse. Era uma mãe brasileira divorciada, o marido era holandês e que tinham duas filhas adolescentes de 12 e 14 anos. Ela conversou com a *Au Pair* e com a mãe anfitriã e explicou a situação dela, que estava próxima de completar 30 anos. Por ela já ter sido *Au Pair* nos EUA e por ter cuidado de adolescentes neste período, ela acabou conseguindo o *match*. Todas as *Au Pairs* anteriores eram brasileiras, já que umas das motivações da família anfitriã era que as filhas tivessem contato com a língua portuguesa.

Depois que fecharam o *match*, a agência da família fez toda a papelada referente à solicitação do visto. No contrato Carla ia trabalhar 4 dias na casa do pai anfitrião, local onde ela dormia. No entanto, na prática, ela trabalhava dois dias na

casa do pai anfitrião e dois dias na casa da mãe das meninas, por conta da dinâmica da família que era divorciada. A agência não sabia disso, pois, em tese, isso é proibido. Ao perguntar sobre sua rotina com a família, ela diz:

Eu não trabalho nada. Eu tenho que ficar com as meninas, as meninas chegam [e] batem na porta do meu quarto [falando]: “Caca, tô indo lá na minha amiga. Você já comeu??”. Eu grito: “Não, não quero comer nada não, tchau”. E, eu nem saio do meu quarto, nem janto com eles porque eu não quero, não faço nada com eles porque não quero. Mas, porque [do] meu inglês. Eu não sei, fico nervosa perto do pai. Só que assim... eu vou no mercado comprar tudo que eu quero, escondo tudo aqui no meu quarto, Magnum, chocolate, enfim, tô parecendo um porco. Ele não me enche o saco, sou pau pra toda obra, [se] precisar de mim eu tô aqui. Organizo a casa pra eles, faço tudo, sabe? [...] moro com o pai e com a mãe e a agência não sabe. Dois dias da semana lá, dois dias aqui. Não trabalho nos finais de semana. Muitos dias da semana, eu trabalho em casa, então... muitos dias ele trabalha em casa, e eu chego e pergunto se precisa de mim. Ele fala que não. E eu fico off, quinta, sexta – dias que ele tá aqui em casa. Só que não é uma coisa que tipo: “Camila, quinta e sexta eu tô off, pode viajar”. Só que eu não tive a vivência holandesa, se eu falar que eu sei uma palavra, eu não sei, não sei nada, porque eu não tenho convívio com eles. Eles viajam muito, não tenho convívio com eles (Carla).

Carla declarou que considera o *Au Pair* na Holanda como um ano de descanso, afirmou que nesse período acabou não viajando muito, pois estava depressiva e ficava ansiosa, e isso fez com que evitasse viagens longas. Por conta disso, acabou fazendo muito trabalho extra de faxina em seu tempo livre, que conseguia através de abordagens de mulheres no supermercado. Carla conversava na fila do caixa e acabava por oferecer o serviço de limpeza e/ou *babysitting*. Com o tempo, fez uma clientela, fazendo uma renda extra. Com essa renda extra auxiliou a irmã pagar a faculdade no Brasil. Carla acredita que o *Au Pair* abre portas, e demonstra um pouco de arrependimento de não ter viajado muito, pois disse que, talvez, nunca mais irá poder viajar para Espanha, por exemplo.

Ao comparar a experiência dela nos EUA com o da Holanda, levando em conta as diferenças de rendimento entre os dois países e a situação do mercado de trabalho brasileiro, ela afirma:

Então... essas meninas de 21 anos aí que dizem: “Ai, é meu sonho ser *Au Pair* na Holanda”. Eu falo: “Gente, pega [as] suas coisas, vai ser *Au Pair* nos Estados Unidos pra aprender o inglês e juntar dinheiro e comprar todos os eletrônicos que vocês sonham. Ir em todos os shows, etc., pra juntar dinheiro e pagar suas dívidas. Depois vocês venham pra Holanda”. Aqui eles querem *Au Pair* com experiência, não querem *Au Pair* de primeira viagem mais [...].

Se eu soubesse, eu teria sido *Au Pair* com 18 anos, teria sido *Au Pair* a vida inteira, porque quando eu voltar pro Brasil agora com 31 e ganhar 1800 reais – não tô julgando os empregos só estou falando “que porr\*, estudei pra caralh\* sabe?” Tudo bem, que você também estudou, muitas pessoas estudaram. Mas tipo, entende? Às vezes eu vejo essas meninas em shopping trabalhando, eu falo: “Quantos anos você tem?”. Fico igual uma agenciadora, “20? Você tá fazendo o que? Você fala inglês? Começa a estudar minha filha”. Eu só conto um pouquinho da minha história e só falo: “Vaza! Bonita desse jeito, você arruma um homem em um mês aqui nos Estados Unidos [e] nunca mais volta. Tá fazendo o que aqui trabalhando de caixa de mercado?” (Carla).

Como ela ainda não tinha completado 31 anos, ela ainda estava procurando uma outra oportunidade de ser *Au Pair* em países que aceitam pessoas com até 30 anos, pois ela não tinha muita perspectiva com relação ao seu retorno ao Brasil.

#### **5.1.4 LAIS: “VIR PARA HOLANDA NÃO ESTAVA NOS MEUS PLANOS”**

Lais foi *Au Pair* pela primeira vez nos EUA em 2016. Ela se formou no ano de 2015 em Ciência da Computação e já trabalhava, de forma autônoma, como programadora fazia 4 anos. Sua principal motivação era aprimorar seu inglês, um requisito importante no mercado de trabalho na área de tecnologia. Então, ela procurou por intercâmbios para desenvolver o inglês, foi quando acabou descobrindo o Programa *Au Pair* numa agência perto da cidade onde residia, no interior de São Paulo.

Segundo o que me contou, achou que se tratava do melhor custo-benefício porque era um ano, podendo estender para dois, além de um preço muito bom. Na época estava com uma promoção, que não se lembra ao certo de quanto, mas disse que não passou de R\$ 2000,00. Assim, correu atrás de toda a papelada, licença para dirigir internacionalmente, experiência com criança, passaporte, depois de ter conseguido tudo isso ficou *online* na agência contratada.

Lais disse que não tinha pesquisado muito sobre o *Au Pair* antes de fechar com a agência, não estava nos grupos do Facebook e nem tinha assistido nenhum vídeo do Youtube de *Au Pair*. Devido a isso, acabou não fazendo uma boa escolha de família e teve problema quando chegou nos EUA. Ela chegou a relatar isso com a agência, mas na época essa disse que eles não tinham família disponível para *rematch* e Lais acabou ficando com eles por 11 meses. Trabalhou muito nesse período, e não

conseguiu viajar ou aproveitar muito, mas, por outro lado, conseguiu fazer muitos cursos e aprimorar o inglês.

Já com a segunda família ela teve uma boa experiência e conseguiu aproveitar mais, saiu e viajou bastante. Depois de 3 anos como *Au Pair* nos EUA, 2 anos de modo formal e 1 ano de modo informal com o visto de turista (de junho de 2016 a junho de 2019), ela nem estava cogitando ser *Au Pair* novamente, mas ao visualizar a postagem de uma menina, no Grupão do Facebook, oferecendo sua família, ficou interessada, pois se encaixava em todos os requisitos: 1) Tinha sido *Au Pair* anteriormente; 2) Tinha inglês avançado; e, 3) Tinha experiência com as faixas etárias das crianças, pois eram as mesmas das que estava cuidando naquele momento (1 e 3 anos). A família anfitriã holandesa buscava alguém com o inglês avançado, para que desde pequenos os filhos pudessem ser socializados na língua inglesa.

Ainda nos EUA ela fez um perfil no APW para conversar com a família, depois a conversa seguiu no WhatsApp. A família teve que trocar de agência, pois eles não estavam aceitando mais brasileiras. Eles deram entrada na papelada, e Lais foi para o Brasil, mas ficou apenas dois meses, indo já para a Holanda em setembro de 2019. Dessa forma, parte de sua experiência enquanto *Au Pair* na Holanda foi vivida durante a pandemia.

Ela comenta algumas mudanças em sua rotina e da família durante este período:

Bom, aqui em casa ela [mãe anfitriã] tá trabalhando de casa, desde que eu cheguei sempre trabalhou de casa, porém quando a gente não tinha essas restrições ela saía. Por conta das crianças, porque a gente sabe que criança em volta dos pais são bem mais difíceis. Então, geralmente, ela ficava em casa de manhã, tomava café, pegava as coisas dela e ia trabalhar num outro lugar. Na casa da mãe dela, no restaurante, numa *coffee shop*, por aí vai. Agora, como ela não pode sair, ela fez um escritório no quarto dela para ela, e a gente teve que aprender a conviver com o fato dela estar aqui, e eles não poderem ir até ela, porque antes era liberado. [Antes quando] Ela estava em casa, eles iriam até ela e as crianças tiveram que aprender a conviver com isso. Então, isso foi um pouco de uma fase de adaptação para gente, porque agora ela tem que ficar aqui, não tem outra saída, e eles não podem atrapalhar ela. Então, um ou dois dias eles deram um pouquinho de trabalho, mas deu tudo certo no final. O meu *host dad*... ele continua indo pro escritório dele porque ele trabalha sozinho, então, ele não teve que mudar. Toda essa parte não mudou nada, então a única diferença para gente foi realmente dela estar em casa o tempo todo, mas também foi mínima. A avó cuidava deles, do maior, às segundas-feiras. Não tá frequentando mais por conta da quarentena e ela é grupo de risco, então a gente tá mantendo eles separados. Então, essa também foi uma mudança. E as escolas... O maior ia para escola

três vezes por semana, de manhã só, e agora, ele não vai mais. Então, eu tenho ele em casa todos os dias, mas, também é uma diferença mínima porque eu já ficava com ele à tarde, então, eu já sabia como era. Então, acho que basicamente isso que mudou, e a gente perdeu também a possibilidade de fazer *playdates* com outras crianças. Então, isso eu acho que é o pior porque isso faz muita falta. Eles sentem falta, eles ficam cansados um do outro. Apesar deles terem um ao outro, eles ficam cansados de verem a cara um do outro, então, isso faz bastante falta, essa falta de interagir com outras crianças (Lais).

Ao comparar sua experiência na Holanda com a dos EUA, ela relata que sentiu que a Holanda tem a sensação mais de ser um intercâmbio que um trabalho, pois tem mais tempo livre e também teve mais flexibilidade para viajar, além de ter uma relação mais próxima com a família anfitriã. Em suas palavras:

Nos Estados Unidos a gente trabalha mais, já começando por aí. A gente trabalha 45 horas. [...] Eu vou falar da segunda família porque a primeira nem conto porque é absurdo, mas a segunda família [sim], que é a minha família boa. [...] Quando eu tava de *Au Pair* com eles eu trabalhava mais que 45, mas era pouca coisa. Trabalhava tipo umas 50 horas e eles me pagavam extra, então, era realmente só quando eles precisavam muito, porque, realmente, eles precisavam, não era um luxo. Eles trabalhavam a semana inteira e as 45 horas já tavam na minha hora limite ali, porque eles realmente não estavam em casa. Não era porque eles não queriam estar em casa. Quando eu fiquei mais com eles (isso é uma coisa que a gente sabe que não é legal), mas quando eu fiquei a mais com eles, eu trabalhava muito a mais. Que aí ela engravidou e teve um bebê, aí eu ficava muito a mais. Chegava a trabalhar 70 horas por semana, mas eles me pagavam extra, então, era tudo muito bem acordado. Mas nos Estados Unidos tem essa, é mais sobre trabalho do quê sobre troca cultural. Pensa, 45 horas da sua semana você só trabalha: Que tempo que te sobra pra ter a experiência cultural? Não sobra muito, então lá é muito mais sobre trabalhar do que troca cultural. Mesmo assim, eu viajei muito lá, eu consegui viajar muito de fim de semana, é que essa minha família era muito flexível com horário. Se eu queria ficar um dia a mais eles trocavam, fazer banco de horas. Ou, tipo assim a gente fazia um acordo. Eles tiravam do meu salário. A gente já fez vários acordos assim, então, eles eram bem flexíveis, do mesmo jeito que eu era flexível com eles. Eu acho muito importante uma via de mão dupla. Aqui a gente trabalha 30 horas e eu vejo tanto nessa questão das horas quanto na questão do tratamento entre eu e a minha *host family*, que é uma coisa muito [de] mais troca cultural. Tipo assim, se for parar para analisar, eles não precisariam de mim aqui. Eles poderiam se virar sem mim, eles poderiam colocar as crianças numa escola porque as escolas aqui são muito boas, não são tão absurdos os preços quanto nos Estados Unidos, lá é muito absurdo o preço. Eles têm a avó que ajuda, então, tipo eu não sou a única fonte de *childcare* deles, mas eles valorizam muito essa troca cultural, tanto é que ela já me falou que ela quis uma brasileira e não uma asiática porque as asiáticas vêm mais para trabalhar e fazer dinheiro. Elas vêm com essa mente focada nisso, e ela queria alguém que realmente quisesse viver a experiência, quisesse viajar para Europa, quisesse conhecer a cultura deles, e eu acho isso muito legal porque aqui, apesar da gente ganhar menos, bem menos aqui – nos Estados Unidos é 200 a semana, aqui [na Holanda] é 340 o mês. Apesar da gente ganhar muito

menos aqui, eu me sinto muito mais no intercâmbio aqui do que lá. Lá eu sentia que eu estava vivendo um trabalho. Aqui não, aqui, eu sinto que eu tô no intercâmbio (Lais).

Sobre as expectativas dela após a Holanda, Lais afirmou que iria retornar para o Brasil. Chegou a fazer algumas entrevistas para trabalhar na área de TI na Holanda, mas como tinha namorado em seu país de origem, estava mantendo o relacionamento à distância, assim, retornou para as terras brasileiras, e se mudou para capital com seu namorado. Atualmente, trabalha na área de TI. A *Au Pair* posterior a ela foi uma amiga brasileira que havia conhecido nos EUA e também foi *Au Pair* no país.

Assim como Lais, muitas das interlocutoras queriam ser *Au Pair* não apenas por ser um intercâmbio barato, pela possibilidade de viajar e de morar por um tempo na Europa, mas tinham como o intuito também o aprimoramento da língua inglesa, devido a sua importância profissional. Como visto, elas estudaram, por exemplo, comércio exterior, hotelaria, Letras-Ingês e precisavam ter inglês avançado para que pudessem conseguir uma boa colocação nos mercados de trabalho dessas profissões.

## **5.2 ENTRE O QUE É PRESCRITO E O REAL: A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO DA AU PAIR**

Como pudemos observar nos relatos e trajetórias descritos acima, apesar da carga horária de trabalho máxima prevista ser de 30 horas semanais, ele é em si um trabalho flexível da qual se sobrepõe diferentes sentidos e acaba por concretamente passar por diferentes adaptações. Como já comentado, faz parte do processo do Programa e a aplicação do visto a família prever por escrito qual será a rotina da *Au Pair* (Figura 11 – *Schedule*). Trata-se do grupo de documentos exigidos pelas agências nos dias de hoje, apesar disso, esse documento também fez parte do meu processo, sendo que a própria família era responsável por organizá-lo e o entregar no escritório de imigração.

Figura 17 - Schedule (Organização do horário de trabalho)

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
1										
2	<b>Van - Tot</b>	<b>Maandag</b>	<b>Dinsdag</b>	<b>Woensda</b>	<b>Donderda</b>	<b>Vrijdag</b>	<b>Zaterdag</b>	<b>Zondag</b>		
3	06:45	06:45			06:45					
4	07:00		07:00	07:30						
5	07:30									
6	07:45									
7	08:00									
8	08:15									
9	08:45	08:45			08:45					
10	09:00									
11	09:30									
12	10:00									
13	10:30									
14	11:00									
15	11:30									
16	12:00									
17	12:30			00:30						
18	13:00									
19	13:30									
20	14:00									
21	14:30									
22	15:00	03:00		03:00	03:00					
23	15:30									
24	16:00									
25	16:30									
26	17:00									
27	17:30									
28	18:00	06:00	06:00	06:00	06:00					
29	18:30									
30	19:00									
31	19:30									
32	20:00									
33	20:30									
34	21:00									
35	21:30									
36	22:00									
37	22:30									
38	23:00									
39	23:30									
40										
41										
42	<b>Aantal uur</b>	<b>5,00</b>	<b>11,00</b>	<b>8,00</b>	<b>5,00</b>			<b>Totaal</b>	<b>29,00</b>	
43										
44										
45										
46										
47										

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
1										
2	<b>Van - Tot</b>	<b>Maandag</b>	<b>Dinsdag</b>	<b>Woensda</b>	<b>Donderda</b>	<b>Vrijdag</b>	<b>Zaterdag</b>	<b>Zondag</b>		
3	06:45	06:45			06:45					
4	07:00		07:00	07:30						
5	07:30									
6	07:45									
7	08:00									
8	08:15									
9	08:45	08:45			08:45					
10	09:00									
11	09:30									
12	10:00									
13	10:30									
14	11:00									
15	11:30									
16	12:00		00:00	00:30						
17	12:30									
18	13:00									
19	13:30									
20	14:00									
21	14:30									
22	15:00	03:00		03:00	03:00					
23	15:30									
24	16:00									
25	16:30									
26	17:00		05:00							
27	17:30									
28	18:00	06:00		06:00	06:00					
29	18:30									
30	19:00		07:00					06:00		
31	19:30									
32	20:00									
33	20:30									
34	21:00									
35	21:30									
36	22:00									
37	22:30									
38	23:00							11:00		
39	23:30									
40										
41										
42	<b>Aantal uur</b>	<b>5,00</b>	<b>7,00</b>	<b>8,00</b>	<b>5,00</b>		<b>5,00</b>	<b>Totaal</b>	<b>30,00</b>	
43										
44										
45										
46										
47										

Fonte: Documento elaborado por minha família anfitriã e compartilhado por e-mail

A imagem acima é a agenda de trabalho que minha família me enviou por e-mail que, segundo eles, era para eu ter ideia do “Job” (trabalho entre aspas), na qual o que está em laranja representava “working” hours (horário de trabalho também entre

aspas). A *Au Pair* deles, na época, não tinha rotina fixa, mudando a cada semana, como representado nas duas imagens a seguir. Desse modo, quando cheguei como *Au Pair*, a rotina já era outra, pois as necessidades das crianças também mudaram, principalmente aquelas relacionadas à criança menor, que necessitava do serviço de creche em alguns dias da semana, e, também, por conta da mudança de horário do trabalho da mãe anfitriã

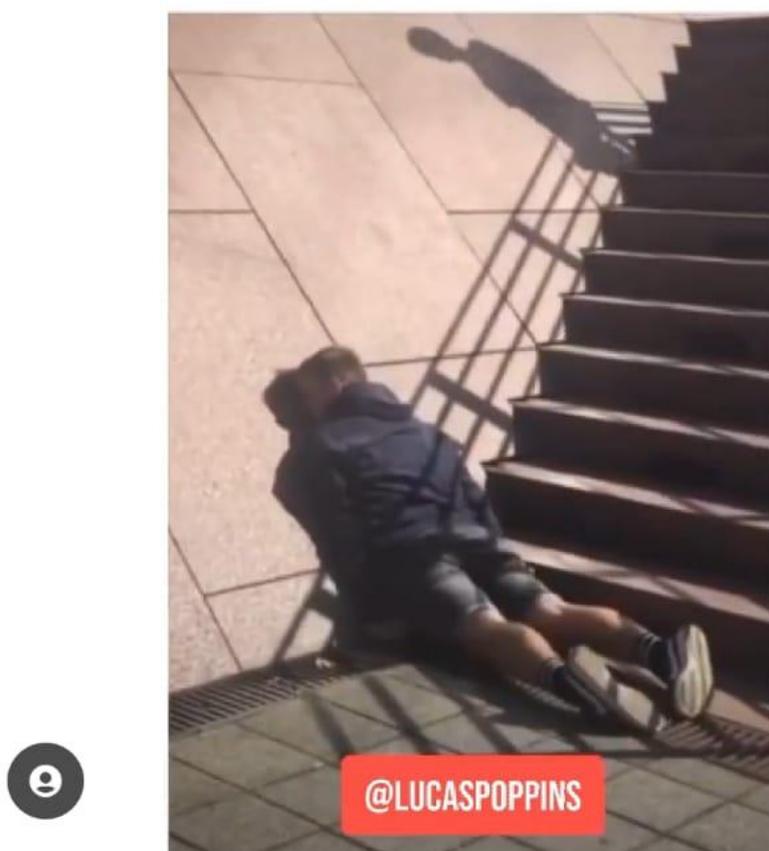
A rotina de uma família depende de muitos fatores e o trabalho de cuidado é muito difícil de ser contado, pois, como vim discutindo, na maioria das vezes, não é reconhecido como um trabalho. A forma como minha família descrevia a rotina é muito significativa, pois ela sempre colocava a palavra trabalho e outras palavras derivadas entre aspas. Além disso, mesmo que o trabalho de uma *Au Pair* fosse prescrito em uma agenda, concretamente, ele se dava de diferentes formas.

O que percebi observando os relatos coletados foi de que muitas vezes as 30 horas semanais, tidas como carga horária máxima do Programa, não eram suficientes para as necessidades reprodutivas e de conciliação da vida familiar e profissional dos pais. E, levando em consideração que a *Au Pair* trabalha no mesmo lugar onde reside, essa fica muito suscetível aos pedidos de trabalho extra, trabalho esse que não é reconhecido como tal pela família por um preço muito inferior à média de pagamento por um profissional da área, ou mesmo podendo ocorrer sem o devido pagamento, sendo realizado de forma gratuita.

Assim, a *Au Pair* tem a obrigação de ajudar com os afazeres domésticos, sem o reconhecimento de acesso a direitos de uma funcionária, de uma trabalhadora/profissional do *care*, como satiriza o meme demonstrado abaixo: uma pessoa rolando ao descer às escadas para representar alguém que está cansado e não tem mais forças para ficar de pé.

Figura 18 - Meme: *Au Pair* cansada sendo parte da família

**QUANDO A AUPAIR ESTÁ CANSADA  
MAS PRECISA IR INTERAGIR COM  
OS FOFOS PQ DISSE NO APPLICATION  
QUE QUERIA SER PARTE DA FAMÍLIA**



Fonte: Perfil do Instagram @lucaspoppins

Abaixo, trago mais um trecho do livro “Bicicletas e Tulipas” que também é bastante ilustrativo. Nele são descritos quais foram os acordos que a autora havia feito antes de ir para Holanda, e, como foi realmente a experiência concreta:

**Figura 19 - Bicicletas e Tulipas (o trabalho prescrito versus o trabalho real)**

Bom, todos vocês sabem o que tinha ficado combinado antes de eu vir, certo? Com relação à horas de trabalho, horas de folga, dias de folga, tarefas, etc. Só para lembrar: eles me mandaram um email com um formulário dizendo que eu iria cuidar dos meninos nas segundas, terças e quintas, em determinados horários. A carga horária total da semana era de 19h, bem tranquilo e bem abaixo do limite máximo de 30 horas semanais. As atividades também eram poucas e fáceis: levar os meninos para a escola (e buscar), preparar refeições simples se eu quisesse, manter os brinquedos arrumados e trocar os lençóis dos três uma vez por semana. Só isso, está tudo no email. Nas opções "passar roupa", "lavar roupa", "passar aspirador", etc. eles marcaram um "não é necessário", bem grande. Certo. Vocês devem lembrar que eu tive alguns receios com a família, no primeiro contato. Não gostei do fato de terem 2 cachorros imensos (GRRR, detesto aqueles cachorros!!!), não gostei do fato de serem só meninos e, principalmente, não gostei do fato de serem tão novinhos. Por que então, eu aceitei ir para uma família na qual eu iria ter de trocar fraldas? Primeiro, porque eles pareciam muito legais (vocês não imaginam a raiva que eu sinto quando leio o que eu escrevi sobre eles aqui no blog, que eram tão queridos, fofos, preocupados, e blá, blá, blá. Como fui tonta!). E, principalmente, porque a carga horária era minúscula, as atividades eram super fáceis e eu teria TODAS as sextas, sábados e domingos de folga (e quartas!). Se fosse para trabalhar 30 horas por semana, e só ter os direitos mínimos assegurados pelo Governo holandês às au pairs (1 final de semana livre por mês, por exemplo) eu teria recusado na hora e procurado outra família. Eu NUNCA aceitaria ir para uma família que me oferecesse somente 1 final de semana livre por mês, jamais!

Fonte: (MICHEL, 2012, p. 68).

O trecho acima ilustra como muitas vezes o que é previsto e formalizado contratualmente como a rotina de trabalho de uma *Au Pair* não é o que ocorre na prática. Isso se deve pelo fato da dificuldade de separar o que são horas de trabalho e o que são horas de descanso, visto que se reside no mesmo lugar em que se trabalha, e frequentemente tratam tais funções como um não trabalho, não sendo

reconhecido como tal. Por outro lado, muitas *Au Pairs* não se importam de trabalharem a mais, desde que as famílias paguem pela hora extra.

A remuneração da *Au Pair* na Holanda é de 300 a 340 euros, sendo igual nos dois períodos da pesquisa (2008-2012 e 2018-2022), dado que não houve reajuste. Esse valor não é suficiente para aquelas que almejam viajar e consumir outros itens (sair para balada, iPad/Notebook novo, roupas e acessórios, ir a um restaurante, visitar um museu, etc.). Assim, a *Au Pair* acaba por aceitar a fazer extra para família ou para terceiros como forma de conseguir uma melhor remuneração.

É muito comum entre as *Au Pair* o uso da expressão “*au poor*” (trocadilho entre a palavra “pair” e “poor”, essa última significa “pobre” em inglês) como autoidentificação, por conta de sua baixa remuneração e da necessidade de ter um hábito econômico para poder sobreviver no exterior. Algumas das interlocutoras declararam fazer a faxina mais pesada da casa, e assim, conseguem ganhar o dobro ou mais, dispensando que a família contrate terceiros para a realização deste serviço, algo similar ao que pudemos observar nos relatos de Bianca e Paula no início deste capítulo.

O valor do *Pocket Money* é o principal motivo de queixas e descontentamento nos relatos coletados, principalmente entre as que foram *Au Pair* nos EUA, onde elas recebiam em média 800 dólares por mês. No caso da Holanda há maior tempo livre, mas não há dinheiro para poder aproveitar muito. O trabalho extra dentro ou fora da casa da *host family* não é permitido por lei. Todavia, como visto, muitas *Au Pairs* que fizeram extra fora de casa, sem comunicar a sua *host Family* e/ou a agência. Das 40 entrevistadas, 22 delas relataram para mim que trabalhavam mais que 30 horas para própria família anfitriã e ganhavam como trabalho extra. Além dessas 22, uma entrevistada realizava mais que as 30 horas permitidas, mas não ganhava nenhum valor extra da família, e uma outra afirmou ter realizado serviço extras para outras famílias, mas sem dizer nada para família anfitriã.

A maioria das famílias contrata o serviço de faxina ao menos uma vez por semana para a realização do serviço mais pesado (lavagem de banheiro, passar pano na casa, limpar janelas, etc.), já que a *Au Pair* fica responsável, em teoria, apenas pelo trabalho doméstico leve, para a qual não há uma definição bem delimitada pelos canais oficiais do governo de divulgação do Programa, mas algumas agências

colocam alguns exemplos para distinção do que é trabalho doméstico leve e o que não é em seus websites.

Durante o contexto do COVID-19, devido às medidas de distanciamento social, houve o fechamento das instituições escolares, espaços de prática de esporte e lazer, entre outras coisas. Diante disto, as *Au Pairs* relataram mudanças e dificuldades com relação à rotina de trabalho, que reverberava em expectativas frustradas no que se refere a sua vontade de fazer viagens e passeios, coisas que elas haviam planejado, pois criaram essas expectativas para o período no intercâmbio, que se constituem, também, uma das principais motivações para participação no mesmo.

Destaco aqui, que mesmo diante do contexto pandêmico, as famílias anfitriãs demonstraram ter realizado um esforço, analisado a partir dos relatos, de reorganizar a rotina familiar e de trabalho de forma que o horário e as atribuições da *Au Pairs* fossem cumpridos. Nesse sentido, muitas relataram que não houve muitas mudanças, e continuaram a trabalhar as trinta horas semanais, apesar disso, houve quem afirmasse ter passado pelo contrário.

As interlocutoras também relataram que as agências enviaram e-mails alertando sobre a carga horária máxima de 30 horas semanais das *Au Pairs*, mesmo em tempo de pandemia. Entretanto, cabe ressaltar que quando se trabalha no mesmo lugar onde reside, é muito difícil contabilizar esse tempo, ainda mais quando se está em isolamento social. De toda forma, o que se desvela, é que por mais que haja uma agência intermediadora, que em tese devesse checar se a família e a *Au Pair* estão cumprindo com o contrato, na prática, isso não ocorre de forma efetiva.

Para além da questão de trabalhar horas extras, muitas fazem outros apontamentos, como a questão da perda de privacidade, da sensação de estar trabalhando vinte e quatro horas e sete dias na semana, já que elas não podiam mais sair e acabam por conviver com a família a todo o momento, não existindo uma desconexão espacial do tempo livre com o horário de trabalho. Além disso, elas afirmam que perderam a possibilidade de interagir com outras crianças e *Au Pairs*, uma prática muito comum após o horário escolar, como estratégia de entretenimento e socialização das mesmas e das crianças que elas exerciam a atividade de cuidado.

A coleta também trouxe relatos de dificuldades de ordem emocional, como a questão do estresse das crianças, ou a rotina ter se tornado mais cansativa diante

desse contexto, da dificuldade de lidar com as crianças na presença dos pais, por elas se tornarem mais teimosas, havendo uma perda de autoridade das mesmas, ou ainda, por elas sentirem que os pais interferem na relação delas com os menores. Além do fato de terem que lidar com duas, três, quatro crianças ao mesmo tempo, a todo momento. Diante dessa situação, isto é, de terem apenas que trabalhar e fazer seu Intercâmbio Cultural isoladas, com a impossibilidade de viajar e explorar a Europa, muitas estavam reivindicando a extensão do programa para além do período de um ano, o que não é permitido.

Um outro fator interessante nos depoimentos foi a questão do *homeschooling*. Não é comum os pais deixarem as *Au Pairs* responsáveis pelo acompanhamento das atividades escolares das crianças, mas por haver uma maior quantidade de atividades, por naquele momento tudo ter que ser feito remotamente, muitos pais delegaram essa responsabilidade para a *Au Pair*, de forma parcial ou totalmente. Fato que trouxe certo desconforto e descontentamento para elas, já que isso era responsabilidade dos pais e da escola. Além disso, há a questão do trabalho doméstico mais pesado. Devido a presença de uma intercambista na casa, algumas famílias dispensaram o serviço de faxina, o que acarretou que estas atividades passassem a ser redistribuídas entre a família e a *Au Pair*, ou seja, houve uma maior sobrecarga de trabalho, intensificando ou alongando o trabalho das mesmas.

Um dos pontos em comuns entre as interlocutoras, é que a maioria delas possuíam um cartão de trem “Weekend Free”<sup>124</sup> pelo qual elas pagam uma taxa mensal e com isso elas possuem livre acesso a todo o território holandês de forma ilimitada, mas com a pandemia, elas não puderam utilizar durante um bom tempo. Em seus relatos, essa impossibilidade de locomoção trouxe uma insatisfação enorme, pois elas não puderam viajar e explorar a Europa (sonho de consumo), que como dito, trata-se de uma das principais motivações para se tornar uma *Au Pair* na Holanda.

Retomando um pouco sobre minha própria experiência, eu costumava trabalhar as 30 horas semanais divididas entre segundas e sextas e alguns sábados fazia *babysitting* quando solicitado, mas era algo muito eventual. Geralmente eu trabalhava no início da manhã (auxiliava as crianças a ficarem prontas para irem para escola ou

---

<sup>124</sup> Desconto oferecido pela companhia de trem holandesa muito utilizada pelas *Au Pairs* para viajar aos finais de semana ilimitadamente, pagando uma taxa mensal para tanto.

creche: preparava o café da manhã, as lancheiras para levarem para escola, ajudava eles se vestirem, entre outras atividades e depois levava eles para escola e creche por volta das 8 a 8h30.

Depois desse horário, eu ficava livre no final da manhã até início da tarde e só voltava a trabalhar quando acabava o horário da escola por voltas das 14h30. Após a escola, geralmente, eles tinham alguma atividade como natação ou futebol, então, eu os acompanhava, ou eles combinavam para brincar na casa de amigos, depois, tinha que combinar um horário para ir busca-los ou eles levavam algum amigo para casa para eles brincarem juntos ou eu mesma brincava com eles. Às quartas eu trabalhava no período da manhã, cuidando do menor de 2 anos, pois eles não iam para escola e a mãe anfitriã trabalhava em casa nesse dia até próximo de meio-dia, quando ela ia buscar as crianças maiores da escola (de 5 e 7 anos), pois eles saem mais cedo durante este dia.

Nessas janelas de tempo, que eu tinha durante a semana, geralmente eu ficava em casa, às vezes dava uma volta de bicicleta, sendo também o período em que eu utilizava para fazer a faxina em uma cidade próxima que eu tinha conseguido com uma colega brasileira do curso de holandês. Essa atividade era feita sem o conhecimento da minha família anfitriã. Assim, por algumas horas na semana, realizava atividades de limpeza para um homem divorciado, que era amigo do marido dessa brasileira. Assim como as demais *meninas*, um dia me perguntaram se eu aceitava fazer faxina na casa deste homem e eu aceitei, pois desejava complementar o dinheiro que já recebia mensalmente como *Au Pair*.

Além daquelas outras atividades, na *host family*, era responsável em fazer o jantar para toda família, então nos dias que eu trabalhava no final da tarde, eu tinha que ajeitar o jantar por volta das 17h, para que quando os pais chegassem às 18h, todos comessem juntos. Eu sempre jantava com a família, eu não me lembro se a partir desse horário eles contavam como horas de trabalho. Contudo, eu costumava jantar e conversar com os pais anfitriões para contar um pouco de como tinha sido meu dia e compartilhar algo que quisesse com eles. Depois do jantar, um deles me ajudava a ajeitar a cozinha (recolher a louça suja para colocar na lavadora de louça e passava um pano na mesa), enquanto o outro subia com as crianças para arrumarem elas para dormir. Depois disso, eu ia para o meu quarto, ou, algumas vezes,

combinava de ir em algum barzinho da cidade tomar algo com algumas *Au Pairs* que existiam na cidade (tinha uma filipina, uma indonésia, uma peruana, uma sul-africana e uma mexicana).

Durante os finais de semana, todavia, eu costumava viajar para outras cidades holandesas, e me encontrava com outras *Au Pairs* brasileiras para fazermos alguma coisa juntas. Também combinava pequenas viagens para outros países, durante a minha estadia pude visitar seis países diferentes (Inglaterra [Londres], Bélgica [Antuérpia, Bruxelas], Alemanha [Berlim], França [Paris], Itália [Roma, Milão, Florença e Piza], República Tcheca [Praga]). Algumas dessas viagens eu fui com outras *Au Pairs* (como a de Paris), uma fui com uma prima que estava estudando em Portugal através do Programa Universidade Sem Fronteiras do governo Dilma (Itália) e as demais eu fui sozinha. Sempre foram viagens de baixo custo, pagando por passagens e hospedagens baratas. Todas estas viagens foram financiadas com o dinheiro que recebia como *Au Pair* e também dos bicos de faxina.

Tudo isso era imaginável a 14 anos atrás, antes de me tornar uma *Au Pair*. As viagens internacionais sempre foram pensadas como algo inacessível e muito distante de minha realidade: uma estudante de uma universidade pública, branca de classe média. Só fui retornar a fazer uma viagem internacional, novamente, durante a pesquisa de doutorado em 2022, quando retornei à Holanda para coleta de dados da pesquisa. E, mais uma vez, isso só foi possível através do trabalho de cuidado que eu troquei por alimentação e estadia através da plataforma *Workaway*, já que era uma professora da rede estadual de São Paulo afastada, sem rendimento, e, que recebia o valor da bolsa de doutorado Capes de R\$2200. Dito isso, entendo as viagens no exterior que o Programa *Au Pair* oportuniza como grandes motivadores para que brasileiras de classe média e suas diferentes variações de situação de classe, algo bem observado, pessoalmente, e nos relatos anteriores.

### **5.3 A CONCEPÇÃO DO PROGRAMA *AU PAIR* COMO TRABALHO E CONSUMO**

Uma das teses que gostaria de sustentar é de que o *Au Pair* é um fenômeno que está entre o trabalho e o consumo, pois ao mesmo tempo em que está assentado no discurso de um intercâmbio cultural, através do qual tanto as famílias receptoras

como as *Au Pair* buscam consumir como um produto, trata-se também de uma relação de delegação de trabalho do cuidado infantil do seio familiar, que não é reconhecido como uma relação empregatícia, mas uma obrigação moral, na qual se invisibiliza essa atividade como trabalho. Apesar de ser vendido como uma troca igualitária, ele se fundamenta em diferentes formas de desigualdades, como fica apresentado abaixo.

Em primeiro lugar, ao considerarmos o discurso da *Au Pair* como membro da família, é possível observar o enquadramento desta relação social entre pais anfitriões e irmã/ filha mais velha, numa relação na qual a *Au Pair* depende de seus anfitriões para garantir o direito de permanência naquele país, como hospedagem, alimentação e mesada (termo também muito significativo, pois se refere a um valor pequeno de ajuda de custo, e não um salário que faça ter maior independência financeira) (BUKOVA, 2015).

Em segundo lugar, apesar das novas regras holandesas estabelecerem o pagamento fixo de 34 euros pelas *Au Pair* para as agências, de modo a protegê-las de abusos destas instituições, esta regra fez com que as famílias se beneficiassem através de um poder de barganha nesse acordo comercial entre família, agência e *Au Pair*. As agências retiram os seus lucros principalmente das taxas que as famílias pagam entre 525 a 1.750 euros para consumir este intercâmbio (SCHANS; GALLOWAY; LANSANG, 2014)<sup>125</sup>.

Desta forma, as agências conseguem obter vantagens financeiras muito mais das famílias que das *Au Pairs*, o que gera conseqüentemente uma diferença de tratamento. Alguns relatos de *Au Pairs* demonstram que há um acobertamento de situações de exploração das famílias por parte das agências. Sendo que quando solicitado recolocação em outra família por essa justificativa, estas instituições mercantis tendem a não colaborar tanto com elas.

Assim, e em terceiro lugar, os abusos evidenciam justamente as desigualdades compostas nas relações entre patrão/ empregado. As *Au Pairs* trabalham para consumir a vida no exterior e pagam para ter acesso a esse sonho de consumo, entretanto, são, muitas vezes, exploradas como mão de obra barata. Seja trabalhando ilegalmente para obter renda extra ou trabalhando gratuitamente. E, em quarto, e

---

<sup>125</sup> Os valores atuais são em média de 2500 euros.

último lugar, temos a relação desigual entre países, entre o nativo/ estrangeiro, entre Norte e Sul Global.

O *Au Pair*, assim como outras formas de trabalho na contemporaneidade, embaralha o tempo de trabalho e de não-trabalho, pois antes de tudo, principalmente quando há a mediação de uma agência, o programa *Au Pair* é vendido como um produto de consumo, e muitas *Au Pair* que vão para Holanda através da mediação de uma agência, esperam que a agência garanta seus direitos como consumidores deste produto. Quando há um problema, ou seja, uma relação abusiva junto à família anfitriã, ao requisitar mais horas de trabalho, por exemplo, elas não requerem direitos trabalhistas, pois elas não são vistas como tal. E também, porque sabem que, de certa forma, elas estão trabalhando ilegalmente quando trabalham mais que 30 horas, seja para própria família anfitriã ou para terceiros. No entanto, elas esperam que seus direitos como consumidoras sejam garantidos pela agência, auxiliando, por exemplo, que elas mudem de família.

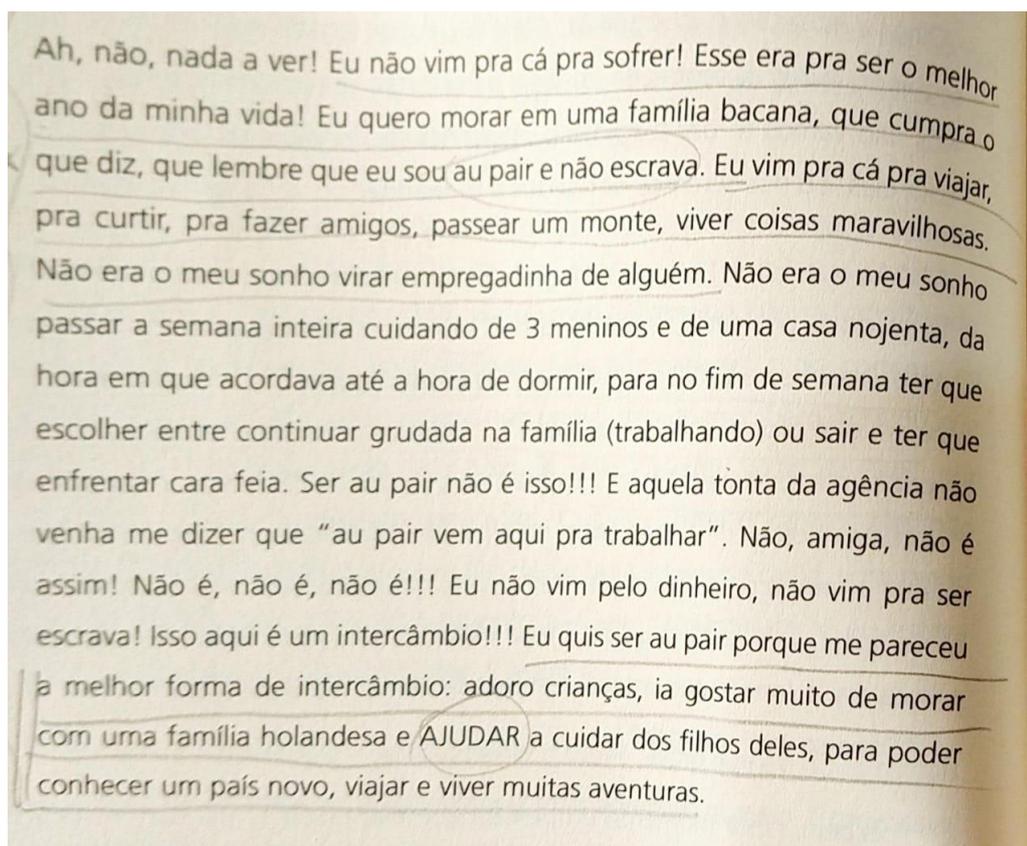
Isso se torna ainda mais problemático quando o investimento para consumir este produto é o exercício de seu trabalho, o que faz com que diferentes polos dessa dinâmica entrem em conflito. De um lado se tem a família, que paga à agência os custos para a realização de todo o processo contratual e de visto, bem como o próprio processo de seleção dos perfis das candidatas e a checagem de suas referências, essa, na maioria das vezes, realizada por agências parceiras localizadas no exterior (no país de origem da candidata). E de outro, existem as *Au Pairs* que também pagam esse produto, ao oferecerem sua mão de obra na realização de atividades domésticas diversas e no cuidado infantil.

As *Au Pairs* não se importam em realizar as mesmas atividades de uma babá ou faxineira se elas ganharem dinheiro extra com isso, pois a representação que elas têm, e o que concretamente possuem em troca de aderirem ao programa, é a experiência de viver no exterior. E dinheiro extra, significa mais possibilidade de viagens e de consumo enquanto vivenciam o Programa. Afirimo isso, pois mesmo aquelas que tiveram problema com a primeira família e pediram *rematch*, que na maioria das vezes ocorre por conta da exploração dos termos do acordo, após mudarem de família, muitas delas continuam trabalhando horas extras para nova

família ou para terceiros, sem se importarem com isso, desde que devidamente acordado e com o devido retorno financeiro.

Abaixo trago mais um trecho do livro *Bicicleta e Tulipas* na qual a autora expressa como suas expectativas são frustradas, após ela se dar conta de que o que foi acordado, não era exatamente o que ela esperava que seria.

**Figura 20 - Bicicletas e Tulipas (sou Au Pair e não escrava)**



Ah, não, nada a ver! Eu não vim pra cá pra sofrer! Esse era pra ser o melhor ano da minha vida! Eu quero morar em uma família bacana, que cumpra o que diz, que lembre que eu sou au pair e não escrava. Eu vim pra cá pra viajar, pra curtir, pra fazer amigos, passear um monte, viver coisas maravilhosas. Não era o meu sonho virar empregadinha de alguém. Não era o meu sonho passar a semana inteira cuidando de 3 meninos e de uma casa nojenta, da hora em que acordava até a hora de dormir, para no fim de semana ter que escolher entre continuar grudada na família (trabalhando) ou sair e ter que enfrentar cara feia. Ser au pair não é isso!!! E aquela tonta da agência não venha me dizer que "au pair vem aqui pra trabalhar". Não, amiga, não é assim! Não é, não é, não é!!! Eu não vim pelo dinheiro, não vim pra ser escrava! Isso aqui é um intercâmbio!!! Eu quis ser au pair porque me pareceu a melhor forma de intercâmbio: adoro crianças, ia gostar muito de morar com uma família holandesa e AJUDAR a cuidar dos filhos deles, para poder conhecer um país novo, viajar e viver muitas aventuras.

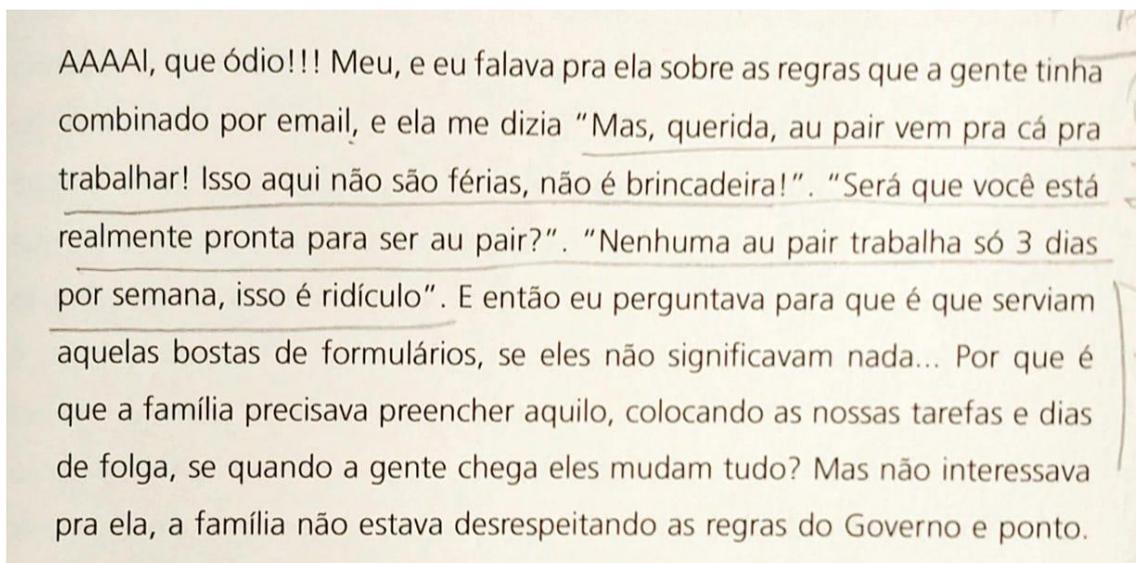
Fonte: (MICHEL, 2012, p. 74).

No trecho acima, ela utiliza a palavra “escrava” para representar o que ela estava sentindo, ao ser de certa forma envolvida totalmente na rotina familiar e como isso implica em mais trabalho, pois o real motivo dela estar lá, seria o “ajudar” a família a cuidar de seus filhos e com isso conseguir “conhecer um país novo, viajar e viver aventuras”. O discurso de “ser parte da família” utilizado como *slogan* do programa, pode muitas vezes se tornar uma armadilha, pois em geral o conceito de família é visto como uma instituição agradável, benigna e segura, mas, no entanto, trata-se de

uma relação ambivalente para o binômio *Au Pair*-Família, o que pode fazer com que muitas intercambistas acabem presas com maus empregadores. Nesse sentido, a *Au Pair* pode ficar totalmente vulnerável, pois ela vive no espaço isolado, na privacidade do lar (BURIKOVA, 2015).

As agências exercem um papel fundamental de controle, pois estabelecem as condições de entrada no Programa e deveriam ter um papel importante na orientação e conscientização das regras de modo a auxiliar a garantir as condições de vida e de trabalho, mas que muitas vezes falham neste sentido (BURIKOVA, 2015). Para exemplificar, trago o ponto de vista da autora do livro sobre o tratamento recebido ao relatar para sua agência o seu problema com a família anfitriã em questão:

**Figura 21 - Bicicletas e Tulipas (a relação com a Agência na mediação do conflito)**



AAAAI, que ódio!!! Meu, e eu falava pra ela sobre as regras que a gente tinha combinado por email, e ela me dizia "Mas, querida, au pair vem pra cá pra trabalhar! Isso aqui não são férias, não é brincadeira!". "Será que você está realmente pronta para ser au pair?". "Nenhuma au pair trabalha só 3 dias por semana, isso é ridículo". E então eu perguntava para que é que serviam aquelas bostas de formulários, se eles não significavam nada... Por que é que a família precisava preencher aquilo, colocando as nossas tarefas e dias de folga, se quando a gente chega eles mudam tudo? Mas não interessava pra ela, a família não estava desrespeitando as regras do Governo e ponto.

Fonte: (MICHEL, 2012, p. 73).

Sobre isto, Schans, Galloway e Lansang (2014) trazem o questionamento: o *Au Pair* é um Intercâmbio cultural ou um tipo de migração laboral? De mesmo nome deste capítulo. Na concepção destes pesquisadores é difícil de responder: primeiro por muitas vezes não ser considerado como um trabalho, já que legalmente é compreendido como um tipo de intercâmbio cultural através do qual você se torna um membro da família; e em segundo, como dito, trata-se de um trabalho difícil de mensurar e controlar, por ser executado na privacidade do lar.

O estudo destes autores chegaram à seguinte classificação sobre o *status* do *Au Pair* na Holanda: 1) “*Au Pairs meant to be*”: a partir da ideia do intercâmbio cultural através do qual troca-se hospedagem, alimentação e ajuda de custo pelo trabalho de cuidado com crianças e serviços domésticos leves de até 30 horas semanais; 2) “*big sister*”: quando pensa-se a *Au Pair* como membro da família e na qual borra-se as relações públicas e privadas e essa proximidade passa a ser utilizada para a realização de atividades e horas extras; 3) “*live in tourist*”: quando há um distanciamento entre a *Au Pair* e a família (não é como um membro da família) e a *Au Pair* faz o mínimo que é estabelecido e possui uma vida cotidiana independente da família; 4) “*domestic worker*”: quando a relação estabelecida é de empregado-empregador, sendo a *Au Pair* grande responsável pelos serviços domésticos e de cuidado com as crianças, muitas vezes, sem existir um acordo entre família e *Au Pair*. Nesse caso, não há um pagamento de horas extras para além das 30 horas permitidas, com o custo muito menor para as famílias. Vale ressaltar que nesse contexto a *Au Pair* não possui nenhum direito de benefício social, a exemplo o direito de recebimento de salário mínimo, nesses casos, essa relação se caracteriza como uma forma disfarçada de migração laboral (SCHANS; GALLOWAY; LANSANG, 2014).

Como apresentado acima, a maioria das *Au Pairs* entrevistadas realizam trabalho extra, e que se encaixaria, portanto, na classificação de “*domestic worker*”, contudo, eu tendo a discordar de Schans, Galloway e Lansang (2014), pois uma *Au Pair* mesmo exercendo trabalho extra não é a mesma coisa que uma empregada doméstica, justamente por essa relação estreita entre trabalho-consumo, havendo um embaralhamento entre tempo de trabalho e de não trabalho, processo este discutido por outros autores como Abílio (2011)<sup>126</sup> e Fontenelle (2015)<sup>127</sup> a partir de outros objetos de análise. Ao mesmo tempo em que se trabalha na Holanda, também está se consumindo a experiência de estar em diferentes lugares no exterior.

Redondo (2010, 2018), que estudou o Programa *Au Pair* na França, afirma que o êxito deste intercâmbio entre as brasileiras está no fato dele camuflar a relação de

---

<sup>126</sup> Abílio (2011) faz um estudo sobre as revendedoras da Natura que ao mesmo tempo que são revendedoras da empresa, também são consumidoras, não havendo muitas vezes clareza quanto elas ganham por seu trabalho ou quanto elas gastam no consumo destes produtos.

<sup>127</sup> Fontenelle (2015) faz uma revisão da literatura de pesquisas que faz uso do termo *Prosumption* e seus diferentes sentidos de forma a discutir as articulações entre trabalho e consumo na reorganização do capital, a partir da retomada dos conceitos de produção e realização do valor em Marx.

trabalho do *care* que ele configura. Ao pesquisar a trajetória de *Au Pair* brasileiras que permaneceram no país ao final do intercuro. Na França, o programa tem duração de no máximo dois anos, e dentre aquelas que continuam exercendo atividades relacionadas ao cuidado de crianças, essas agora o fazem, após os dois anos, sob o *status* de *nounous*. Nesse sentido, Redondo (2018) questiona a razão dessas interlocutoras aceitarem esta colocação, na qual as relações de trabalho estão mais explicitadas em comparação com o *status* de *Au Pair*, que é de uma intercambista.

As entrevistadas relatam não enxergarem diferenças entre um *status* e outro (*Au Pair* - *nounous*), pois continuam realizando as mesmas atividades que realizavam como *Au Pair*, entretanto elas deixam de residir com a família para qual trabalha quando são *nounous*. Apesar disso, a condição econômica não muda muito entre um estatuto e outro, pois agora, apesar de ganharem mais que uma *Au Pair*, elas precisam arcar com as despesas de moradia e alimentação com o salário que recebem como *nounous*. Nesse sentido, existe também uma mudança simbólica substancial, pois agora ao estarem desvinculadas da família, acabam por se tornar muito mais independentes. Assim, não são mais parte da família, agora elas trabalham e estudam (precisam de um visto de estudante para continuar residindo no país) e administram a sua própria sobrevivência fora da residência da família onde trabalham (REDONDO, 2018).

Desse modo, a trajetória de uma *Au Pair* para *nounous* é caracterizada por Redondo (2018) como etapa de um processo de migração. Ela associa o *status* de *Au Pair* como a de um estágio de um trabalho de *care* e quando se atinge o *status* de *nounous* é como se fosse a efetivação da pessoa naquele tipo de trabalho. Entretanto, mesmo passando por esta trajetória, as interlocutoras da sua pesquisa não se reconheciam como trabalhadoras domésticas. Redondo (2018) explica que essa é uma forma dessas mulheres distinguirem-se do socialmente mais vulnerável, ela ainda denomina esse sistema de resistência de não reconhecimento do *care*.

Os dados que coletei sobre o Programa *Au Pair* na Holanda, levaram ao entendimento de que o distanciamento ou a negação da representação do *Au Pair* com a de uma empregada doméstica ou babá se dá por uma questão de classe e de não reconhecimento, assim como discutido por Redondo (2010), por parte dessas trabalhadoras, das atividades executadas serem trabalho do *care*. Apesar delas

exercerem a mesma atividade que uma empregada doméstica ou babá no Brasil, ser trabalhador do *care* no exterior está vinculado a outros sentidos, fazendo com que o mesmo tenha um *status* diferente.

Na Holanda, diferente do caso da França demonstrado por Redondo (2010), as *Au Pairs* também realizam trabalhos domésticos, apesar de não serem as únicas responsáveis pela execução desse trabalho. Segundo a maioria das entrevistadas, a família também contrata uma faxineira (*cleaner*) uma vez por semana. E algumas, inclusive, negociam com seus *hosts* a possibilidade de exercerem a função de faxineira (*cleaner*), além da de *Au Pair*, ou seja, trabalhando mais horas do que o estabelecido pelo programa (30 horas semanais), como forma de conseguirem um dinheiro extra. Esse trabalho, no entanto, não é base de sua subsistência e não é algo que fará parte de sua trajetória de vida em definitivo.

Podemos afirmar que muitas agências muitas vezes só falam sobre as vantagens de ser *Au Pair* o definindo como um intercâmbio cultural e não como um trabalho, ou mesmo dizendo que a mesma será “parte da família” e não uma funcionária. Da mesma forma, muitas *Au Pair* também publicizam em suas redes sociais apenas o *glamour* de viver na Europa e não exatamente a rotina de trabalho exercida.

O conjunto de diferentes mídias digitais sobre o programa *Au Pair* feito pelas próprias *Au Pairs*, e não por agências intermediadoras, possuem um discurso que ora romantiza o programa de intercâmbio, pois o associa à ideia de pura diversão e lazer, ora satiriza o trabalho do *care* ao enfatizar situações desconfortáveis de insegurança e abusos (“perrengues” na categoria nativa) que se apresentam frequentes na rotina de trabalho que elas executam.

O discurso afetivo pelo qual perpassam os materiais de divulgação das agências e do governo holandês ao definir o *Au Pair* como uma não funcionária, mas um membro da família, não captura totalmente o imaginário das pessoas com as quais tive contato ao longo do desenvolvimento da pesquisa. Esse elemento também consegui observar nas diferentes mídias digitais compartilhadas e consumidas por esse público. Muitas delas têm consciência do limite desse discurso, sobretudo por esse ser tema frequente de discussão nos Grupos do Facebook e do WhatsApp, ou mesmo de conteúdos de diferentes mídias vinculadas a outras plataformas digitais.

Figura 22 - Meme: *Au Pair* Alice



Fonte: Perfil do Instagram @lucaspoppins

Na imagem acima, podemos visualizar uma sátira sobre esta questão. Aqueles que se iludem com o intercâmbio, é classificada como *Au Pair* Alice, em referência ao livro "Alice no País das Maravilhas" do autor Lewis Carroll. Nesse trocadilho, a expressão *Au Pair* Alice diz respeito aquela pessoa que pensa que irá para o exterior encontrar apenas uma vida de conto de fadas, que irá ganhar muito dinheiro para gastar e se divertir, esquecendo-se que a experiência também inclui as relações sociais de trabalho e que, diferente do discurso do "ser parte da família" poderá se deparar com abusos das famílias anfitriãs.

A reflexão da dissertação de mestrado de Redondo (2010) conclui que o *Au Pair* camufla o trabalho do *care* e é justamente esse processo de camuflagem que atraía as brasileiras a participarem do programa de *Au Pair*. Posteriormente, em sua tese de doutorado, Redondo (2018) faz suas reflexões sobre as trajetórias de *Au Pairs* que se transformaram em *nounous* (categoria não mais de intercâmbio, mas a de uma

trabalhadora do *care*), o que a levou a refletir para o *habitus* dessas pessoas. Ela chega à conclusão, posteriormente, que mesmo executando o mesmo trabalho de babás e empregadas domésticas, elas buscam se distanciar da representação das trabalhadoras brasileiras, pois são de origens sociais distintas.

Isso ocorre, pois, as pessoas que vão ser *Au Pairs* no exterior, seja na França ou na Holanda, são de indivíduos que não teriam o trabalho de babá ou de empregada doméstica em suas trajetórias profissionais se elas tivessem permanecido no Brasil, apesar de haver em sua origem social mães que são trabalhadoras do cuidado (ver Quadros 2 e 3), mas que, entretanto, se constituem em uma outra geração de mulheres trabalhadoras no Brasil.

Mesmo que algumas tenham trabalhado em atividade de cuidado em infantil, elas o fizeram, em sua maioria, de modo a conseguirem a comprovação de experiência nesse tipo de trabalho, algo que é requisitado pelas agências intermediadoras do Programa *Au Pair*. Com exceção daquelas que trabalham na área de educação ou de saúde, ou seja, dificilmente teriam trabalhado com cuidado infantil se não tivessem que comprovar esta experiência. Isso faz parte de uma tática para que elas sejam bem avaliadas nos processos seletivos das agências.

As *nounous* (babá) brasileiras na França, entrevistadas por Redondo (2018) são, em sua maioria, estudantes universitárias, com condições sociais muito diferentes das que encontramos entre os perfis de trabalhadoras domésticas no Brasil, que costumam ser pessoas menos escolarizadas, apesar de que, nos últimos anos, tenha ocorrido uma demonstração de uma melhora no nível educacional segundo a literatura sobre empregadas domésticas no Brasil (PEDRO, MELLO, OLIVEIRA, 2005; BRITES, PIKANÇO, 2014; MONÇORES, 2013; GIRARD-NUNES, SILVA, 2013; THEODORO, SCORZAFIVE, 2011).

Segundo o que tenho analisado nas entrevistadas realizadas, elas não estão preocupadas com o trabalho que irão exercer, pois, para elas, ser babá ou faxineira no estrangeiro tem uma conotação de ser “chique”, apesar da representação dessas atividades terem um sentido muitas vezes pejorativo e estigmatizado no Brasil (CORRÊA, 2007).

Assim, a maioria das *Au Pairs* entrevistadas em minha pesquisa fazem trabalho extra remunerado na Holanda, o que poderia se encaixar na última categoria

formulada pelos estudiosos holandeses Schans, Galloway e Lansang (2014): o *Au Pair* como trabalho doméstico e que, portanto, como migração laboral, mas acrescido de mais um elemento, o do consumo. Sendo um trabalho exercido não para prover a própria subsistência, pois, de certa forma, isso já é garantido pela estruturação do programa ao definir a agência e/ou a família anfitriã como *sponsor* (patrocinador) da *Au Pair*, nem um trabalho para prover a sobrevivência de famílias no Brasil, como ocorre em outros casos de trajetórias de mulheres imigrantes analisadas sob a teoria das cadeias globais de cuidado discutido anteriormente, das quais este rendimento é utilizado para prover a sobrevivência de familiares que permaneceram em seu país de origem (HOCHSCHILD, 2012, 2017).

Dessa forma, as intercambistas não trabalham no mercado do trabalho doméstico e do cuidado na Holanda, por serem imigrantes e buscarem sobreviver no exterior. A sua sobrevivência já está garantida, segundo o sistema de troca estabelecido pelo programa. Desse modo, os extras possuem, de forma geral, o objetivo de sustentar e efetivar os seus desejos de consumo acessível, tendo em vista que o Pocket Money de 300-340 euros em si não é suficiente para sustentar isso.

Assim, não penso, exatamente, que elas negam o trabalho que executam, pois como já apontado anteriormente, por ser algo temporário, muitas delas, inclusive, reivindicam o pagamento de hora extra ou reclamam para agência quando a família anfitriã não respeita o limite de horas de trabalho, por exemplo. Através disso, buscam agir diante da desigualdade de poder na qual se encontram e materializar um determinado tipo de desejo de consumo: viajar e conhecer países estrangeiros.

Diante disso, é preciso saltar dos interesses e motivações individuais, presentes tanto por parte das famílias como, e, principalmente, por parte das *Au Pair*, para retornar a âmbitos mais estruturais. Assim, conseguiremos compreender que as *meninas* exercem uma forma de trabalho de cuidado e, portanto, cumprem um papel dentro das atividades socio-reprodutivas, que sustentam a economia global da sociedade capitalista. Ademais, conforme assevera Fraser (2020, p. 264-265):

[...] a economia capitalista depende de – poderíamos dizer: parasita – atividades de prover, cuidar e interagir que produzem e mantêm vínculos sociais, apesar de essa economia não lhes conferir qualquer valor monetizado e de tratá-las como se custassem nada. Chamada quer de “cuidado”, quer de “labor afetivo”, quer de “subjetivação”, tal atividade forma os sujeitos humanos do capitalismo, sustentando-os como seres naturais

dotados de corpo, ao mesmo tempo que os constitui também como seres sociais, formando seu *habitus* e o *ethos* cultural no qual eles se movem. O trabalho de dar à luz e socializar as crianças é central para esse processo, assim como cuidar dos idosos, manter lares, construir comunidades e sustentar os sentidos compartilhados, as disposições afetivas e os horizontes de valor que dão suporte à cooperação social. Em sociedades capitalistas, muito dessa atividade, embora não toda ela, prossegue fora do mercado – em lares, bairros, associações da sociedade civil, redes informais e instituições públicas, tais como as escolas; e relativamente pouco dela toma a forma de trabalho remunerado. A atividade sociorreprodutiva não remunerada é necessária para a existência do trabalho remunerado, para a acumulação de mais-valor e para o funcionamento do capitalismo enquanto tal. Nada disso poderia existir caso faltassem o trabalho doméstico, a criação de crianças, a escolarização, o cuidado afetivo e uma gama de outras atividades que servem para produzir novas gerações de trabalhadores e repor as existentes, bem como para manter vínculos sociais e compreensões compartilhadas. A reprodução social é uma indispensável condição de fundo para que seja possível a produção econômica numa sociedade capitalista.

A *Au Pair* enquanto trabalhadora do cuidado é aquela que provém serviços essenciais para que seja possível o exercício do trabalho remunerado e profissional dos pais anfitriões dentro de uma relação desigual entre o Norte e Sul Global. Esse ciclo é alimentado infinitamente através de um Programa que funciona através de um exército quase que inesgotável de jovens de diferentes nacionalidades, principalmente do Sul Global que buscam e sonham em consumir a vida pintada de *glamour* alimentada pelas diferentes formas de mídias digitais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente tese examinou as condições objetivas e subjetivas que sustentam as experiências de jovens brasileiras que participaram do Programa *Au Pair* na Holanda em dois períodos distintos – os anos de 2008-2012 e 2018-2022 – e explicitou os diferentes contextos e transformações na regulamentação do programa durante estes intervalos de tempos.

No primeiro período (2008-2012), pensando no contexto brasileiro, estávamos sob os governos petistas na transição do final do segundo mandato do governo Lula (2007-2010) e início do primeiro mandato do governo Dilma (2011-2014) caracterizados como períodos de crescimento econômico e ampliação dos gastos sociais que potencializaram efeitos redistributivos e, conseqüentemente, o aumento da renda familiar que proporcionou novos cenários com relação ao mercado interno de consumo (CALIXTRE; FAGNANI, 2017).

Neste período o acesso à internet, característica base para se participar deste intercâmbio, ainda era muito limitado, apenas 18% da população (BRASIL, 2019) e, portanto, o número de pessoas que se encontravam próximo deste “nodes” (caminhos possíveis do “acaso”) (BECKER, 2018) que os levavam a saber sobre o *Au Pair* na Holanda ou mesmo que tivessem as ferramentas objetivas para sua participação eram reduzidos.

O mesmo vale se pensarmos em situação de classe social, as pessoas que participam de um intercâmbio cultural, mesmo que ele seja representado como o intercâmbio mais barato, seus participantes também são acessados apenas por pessoas que possuem determinados capitais culturais (BOURDIEU, 2013; BOURDIEU; PASSERON, 2014) como cursar um curso de nível superior e saber se comunicar em língua inglesa. Das 13 entrevistadas deste período, seis não possuíam ensino superior completo, entretanto, destas 6, 4 delas tinham iniciado o curso e trancaram a matrícula para viajar e das 2 que se sobram, 1 delas tinha prestado vestibular.

Neste período não era obrigatório o uso de agências intermediadoras e muitas das interlocutoras da pesquisa utilizaram apenas websites como o *Au Pair World*, uma plataforma de busca de perfis correspondentes de acordo com as preferências

cadastradas das famílias e *Au Pairs* que neste período tinha uma interface menos restritiva que a do período atual, pois era possível a visualização integral dos perfis para os não assinantes (pagantes) ou mesmo para aqueles que não tinham cadastro no website.

Com relação ao uso das mídias sociais, outras plataformas comuns no período era o extinto Orkut e posteriormente o Facebook e a escrita de blogs. Para se comunicar com as agências e famílias, ainda era mais comum o uso de e-mail e telefonemas, pois a internet ainda era discada e não tinha boa qualidade para o uso de plataformas de chamada de vídeo como o Skype.

Por não ser um intercâmbio muito divulgado, se comparado com o mercado de venda do Programa *Au Pair* nos EUA por exemplo, no mesmo período; por não haver a exigência das agências, e também pelo acesso à internet ser restrito a uma porcentagem muito menor entre os brasileiros, o processo de seleção e ida para Holanda não exigia de muitas táticas e nem da comprovação de muitas habilidades relacionadas ao cuidado infantil ou o domínio da língua estrangeira.

O que irá mudar para o segundo grupo de entrevistadas, as que foram *Au Pair* no período de 2018-2022, é que essas passaram por um processo de concorrência maior, pois o limite de idade foi de 25 anos para 30, além disso as agências intermediadoras se tornaram obrigatórias, bem como o Programa *Au Pair* atravessou um processo de popularização, sendo conhecido por um número maior de pessoas. O acesso à internet pela população brasileira passa a ser de 71% em 2019, muito impulsionado pelo consumo dos *smartphones* a partir de incentivos realizados durante o período do governo Dilma (BRASIL, 2019).

Outras redes sociais *online* e aplicativos passaram a ser utilizadas durante este período (Facebook, Instagram, Youtube, WhatsApp), novas táticas foram compartilhadas em fóruns *online*. Os usos dessas plataformas se intensificaram durante o período do Covid-19, surgindo inclusive táticas de gestão da vida por aquelas que já tinham passado ou tinham mais experiência com o processo para se tornar *Au Pair*, estourou uma série de consultorias e cursos para aqueles que estavam se candidatando ao processo do intercâmbio em questão.

A análise dessas consultorias não foi aprofundada nesta tese, mas fica como agenda para futuras pesquisas que queiram aprofundar a partir da investigação deste

campo-tema (SPINK, 2003) aspectos relacionados a plataformização da sociedade (ABILIO; AMORIM, GROHMANN, 2021) e suas consequências referentes a processos de autonomização ou controle nas relações sociais conectadas/mediadas (VAN DICK, 2016; MISKOLCI, BALIEIRO, 2018).

Diante disto, se por um lado as relações sociais passaram ser facilitadas por estes instrumentos tecnológicos, concretizados a partir da população do consumo de equipamentos de celulares inteligentes e que propiciou uma forma de conectividades perpétua (CASTELLS, 2013); por outro, não podemos negar os processos de controle que são promovidos pelas empresas-aplicativos que organizam protocolos de uso e de acesso à informação de modo a poderem lucrar com isso (GILLESPIE, 2018) e que reorganizam tanto a informalização do trabalho como a consolidação do trabalho sob demanda (ABÍLIO, 2020).

A investigação sobre o trabalho do *Au Pair* surge a partir de minha própria experiência e da vontade de compreendê-lo através das discussões teóricas a respeito do *care* e das discussões sobre cadeias globais de cuidado (HOCHSCHILD, 2012, 2017). Assim, como hipótese inicial eu indagava se o *Au Pair* não poderia ser questionado como uma forma de barateamento do trabalho de cuidado, visto que não é considerado um trabalho. No entanto, esta hipótese inicial foi amadurecida ao longo da leitura de outros estudos de modo que eu percebesse a complexidade do campo-tema (SPINK, 2003) de pesquisa e deixasse de enxergar o *Au Pair* de forma essencializante ou como uma outra forma qualquer de trabalho precário do *care*.

Desse modo, as nuances a respeito do trabalho do *Au Pair* na Holanda foram destrinchadas através da caracterização dos regimes de cuidado, gênero e imigração (LUTZ, 2008) presente na Holanda e que percorrem os dois períodos pesquisados (2008-2012 e 2018-2022) foram fundamentais para compreender as motivações das famílias para a procura do *Au Pair* como solução de cuidado infantil e que perpassam não apenas o fato de ser mais barato, mas também por outras características que outras soluções de cuidado muitas vezes não possuem.

As vantagens vão desde a flexibilidade de uma pessoa disponível em sua casa em diferentes horários do dia e que pode realizar diversas atividades que não envolve apenas as crianças da casa, mas também outras atividades relacionadas à reprodução social. Além disso, é uma mão de obra altamente qualificada, dentro de

uma relação que na superfície não denota sentidos negativos atribuídos às relações de servidão que constitui o emprego doméstico tradicional e que é vendido como um produto cultural e que, conseqüentemente, alimenta um *status* de distinção social.

A análise dos deslizamentos de sentidos que perpassa o *Au Pair* apresenta diferentes polos: 1) o de trabalho moral (trabalho como obrigação), principalmente quando a representação do “ser parte da família” é evocada e que se pauta na ideal da família como uma instituição imaculada e que apaga as relações de opressão e de exploração que diferentes estudos sobre gênero já desvelaram; 2) o de trabalho como ajuda, já que ele é representado como um produto cultural – um intercâmbio – na qual seus participantes estão pautados numa relação de troca e parceria (*Au Pair* – do francês – ao par) e não através de uma relação trabalhista (patrão/empregado); e 3) o *Au Pair* efetivamente como um trabalho, pois é pautado a partir de certas negociações e transações econômicas (tanto relacionado às regras do programa que delimita uma mesada por determinada carga horária de trabalho, como as negociações que estão fora deste esquema, presente pelo trabalho extra exercido tanto para a família anfitriã como para terceiros). Esses polos não são fixos e deslizam de acordo com a situação analisada.

A análise das agências intermediadoras foi fundamental para compreensão de seu papel na gestão e controle biopolítico no regime de migração adotado pelo governo holandês. Sua obrigatoriedade a partir de 2013 fez com que o processo de seleção se tornasse muito mais restritivo, com a adoção de mecanismo de verificação quanto às suas habilidades em relação ao cuidado infantil, ou mesmo ao escrutínio, a partir de aspectos de âmbitos morais e pessoais como projetos futuros.

Apesar da agência servir como uma medida protetora, no sentido de haver uma intermediação entre família e *Au Pair*, esta ainda continua sendo uma peça fundamental que o governo se utiliza para controlar formas de imigração que eles consideram indesejadas, como aquelas que usam o *Au Pair* como uma porta de entrada para uma estadia mais prolongada.

Diante deste cenário, do ponto de vista das *Au Pairs*, essas se utilizam de diferentes plataformas digitais (Youtube, Facebook e Instagram) para compartilhar táticas para que consigam serem aceitas no programa. Essas regras são mais ou menos decifráveis, e por conta da alta concorrência passam, inclusive, a serem

vendidas através de criação de produtos, como consultorias ou cursos para se tornar *Au Pair*.

Dentro de estratégias para conseguir dinheiro extra que proporcionasse consumo as *Au Pair* passam a utilizar de empresas-aplicativos como a Sitly e como empreendedores de si passam a ser um trabalhador *just-in-time*, ou seja, aquele que define seu tempo e local de trabalho, mas que se levamos em conta as determinações presentes neste tipo de relação social podemos compreender como uma forma de autogerenciamento subordinado (ABÍLIO, 2019). Pois, além de *Au Pair*, essas também passam a ser mão de obra do mercado informal em serviços que vão desde o *babysitting/petsitting* ao ofício de *cleaner*, sendo uma forma de usufruir de recursos financeiros que podem ser utilizados para investimento em viagens e/ou outros produtos de consumo.

Sobre este ponto, fiz uma discussão sobre o trabalho e consumo, uma vez que muitas das *Au Pair* utilizam-se do programa para consumir novas experiências dentro do status concebido em torno do “se viver no exterior”. Outro ponto que impulsiona tal questão também refere-se ao processo de deterioração dos postos de trabalho no Brasil durante o segundo período, implicada também outros aspectos econômicos como a desvalorização do real, inflação e falta de perspectiva no âmbito do trabalho.

A ideia de consumir (n)a Europa também levou à questões conflitantes na experiência das *Au Pair* brasileiras e suas *host families* tendo em vista que muitas intercambistas precisavam mediar formas de acesso a esses bens de consumo no exterior. Devido a isso, conflitos com as famílias anfitriãs poderiam ocorrer, visto que nem todas cumpriram os acordos previstos pelo programa, o que acabava por gerar demandas excedentes não previstas, sejam pelo exceder o número de horas trabalhadas, ou pela execução de atividades não previstas. Apesar disso, a situação era um pouco mais complexa, tendo em vista que muitas vezes as brasileiras entravam em acordo para trabalhar hora extras em suas famílias anfitriãs. Quando situações assim não ocorriam, as intercambistas procuravam novas formas de obter dinheiro, tendo em vista que o pocket money era insuficiente para o atendimento de tais expectativas de consumo. Nesse sentido, utilizavam-se de táticas para conciliar ambas as coisas, nem sempre com o conhecimento das famílias anfitriãs.

## REFERÊNCIAS

ABÍLIO, L. C. Uberização: a era do trabalhador just-in-time? **Estudos Avançados**, [S. l.], v. 34, n. 98, p. 111-126, 2020. DOI: 10.1590/s0103-4014.2020.3498.008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/170465>. Acesso em: 24 jan. 2023.

ABILIO, L. C.; AMORIM, H.; GROHMANN, R. Uberização e plataformização do trabalho no Brasil: conceitos, processos e formas. **Sociologias**, [S. l.], v. 23, n. 57, p. 26–56, 2021. DOI: 10.1590/15174522-116484. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/sociologias/article/view/116484>. Acesso em: 9 fev. 2023.

ABRAMO, L. **A inserção da mulher no mercado de trabalho: uma força de trabalho secundária?** Tese de Doutorado, São Paulo, FFLCH-USP, 2007. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-23102007-141151/pt-br.php>. Acesso em: 14 set. 2017.

ABRAMO, L.; VALENZUELA, M. E. Tempo de trabalho remunerado e não remunerado na América Latina: uma repartição desigual. In: ABREU, A. e Rangel de Paiva; HIRATA, H.; LOMBARDI, M. R. (Org.). **Gênero e trabalho no Brasil e na França: perspectivas interseccionais**. São Paulo: Boitempo, 2016. p. 113-123.

ACEITE ESSA MANGA. **Sobre Bicicletas e tulipas**. Disponível em: <https://aceiteestamanga.wordpress.com/2012/12/22/sobre-bicicletas-e-tulipas/>. Acesso em 27 abr. 2023.

ACEITE ESTA MANGA. **Meu processo**. Disponível em: <https://aceiteestamanga.wordpress.com/quero-au-pair-holanda/meu-processo/>. Acesso em: 27 abr. 2023.

ANDERSON, Bridget. A Very Private Business. **European Journal Of Women'S Studies**, [S.L.], v. 14, n. 3, p. 247-264, ago. 2007. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/1350506807079013>.

ANDERSON, B. What's in a Name? Immigration Controls and Subjectivities, **Subjectivity**, 29, 2009, p.407–424.

ASSIS, G. O. A fronteira México-Estados Unidos: entre o sonho e o pesadelo - as experiências de e/imigrantes em viagens não-autorizadas no mundo global. **Cad. Pagu**, Campinas , n. 31, p. 219-250, Dec. 2008 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332008000200011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332008000200011&lng=en&nrm=iso)>. Acesso on 10 St. 2017.

AU PAIR AMSTERDAM. Disponível em: <https://www.aupairamsterdam.nl/for-au-pairs-new>. Acesso em: 22 Abr. 2020.

AU PAIR INTERNACIONAL. Disponível em: <https://aupairinternational.nl/en/home-2/>. Acesso em: 22 Abr. 2020.

**Au Pair Wiki: Keyword search for all au pairing topics.** Disponível em: <https://www.aupairworld.com/en/wiki>. Acesso em: 24 abr. 2023.

BABYEM ACCREDITED NEWBORN CARE & CHILDCARE COURSES. **Babyem Accredited Newborn Care & Childcare Courses.** Disponível em: <https://www.babyem.co.uk/>. Acesso em: 27 abr. 2023.

BAILANDESA. **Salário mínimo na Holanda.** Disponível em: <https://www.bailandesa.nl/blog/10999/salario-minimo-na-holanda/>. Acesso em 27 abr. 2023.

BAIRD, Adam. Dancing with danger: ethnographic safety, male bravado and gang research in colombia. **Qualitative Research**, [S.L.], v. 18, n. 3, p. 342-360, 4 ago. 2017. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/1468794117722194>.

BECKER, H. S. “Foi por acaso”: reflexões sobre a coincidência. **Anuário Antropológico**, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 155–173, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6580>. Acesso em: 31 jan. 2023.

BERRY, Maya J., Claudia Chávez Argüelles, Shanya Cordis, Sarah Ihmoud, and Elizabeth Velásquez Estrada. 2017. “Toward a Fugitive Anthropology: Gender, Race, and Violence in the Field.” **Cultural Anthropology** v. 32, n. 4, p. 537–565. <https://doi.org/10.14506/ca32.4.05>.

BIKOVA, M. In a Minefield of Transnational Social Relations: Filipino Au Pairs between Moral Obligations and Personal Ambitions. In: COX, R. **Au Pairs' Lives in Global Context Sisters or Servants?** London, England: Palgrave Macmillan, 2015, p.87-103.

BIKOVA, M. **The egalitarian heart.** Global care chains in the Filipino au pair migration to Norway (Doctoral dissertation, University of Bergen, Bergen, Norway), 2017. Disponível em: <https://bora.uib.no/bora-xmlui/handle/1956/15616>. Acesso em 24

BONCODIN-ISIP, Mitchie. **Who cares about au pairs?:** a study on the work and social protection experiences of Filipina au pairs in the Netherlands. Social Policy for Development (SPD), 2020. Disponível em: <https://thesis.eur.nl/pub/55484>. Acesso em 6 fev. 2022.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Perspectiva, 2013.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **Os herdeiros:** os estudantes e a cultura. Tradução de Ione Ribeiro Valle e Nilton Valle. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

BRASIL. **Decreto-lei nº 7891, de 23 de janeiro de 2013.** Regulamenta a Lei nº 12.783, de 11 de janeiro de 2013, que dispõe sobre as concessões de geração, transmissão e distribuição de energia elétrica, sobre a redução dos encargos setoriais e sobre a modicidade tarifária, e a Medida Provisória nº 605, de 23 de janeiro de 2013, que altera a Lei nº 10.438, de 26 de abril de 2002, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2013/decreto/d7891.htm#:~:text=Regulamenta%20a%20Lei%20n%C2%BA%2012.783,de%2026%20de%20abril%20de](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/decreto/d7891.htm#:~:text=Regulamenta%20a%20Lei%20n%C2%BA%2012.783,de%2026%20de%20abril%20de). Acesso em 20 fev.2022.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. **Comunidade Brasileira no Exterior: estatística de 2020.** Secretaria de Assuntos de Soberania Nacional e Cidadania, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/portal-consular/arquivos/ComunidadeBrasileira2020.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2022.

BRITES, Jurema; PIKANÇO, Felícia. O emprego doméstico no Brasil em números, tensões e contradições: alguns achados de pesquisas. 2014. **Revista Latino-americana de Estudos do Trabalho**, v. 19, n. 31, p. 131-158.

BROOKS, K.; GELDEREN, T. **Fighting invisibility:** the recognition of migrant domestic workers in the Netherlands. Humanity in Action, 2008. Disponível em: <https://www.humanityinaction.org/knowledgebase/103-fighting-invisibility-the-recognition-of-migrant-domestic-workers-in-the-netherlands>.

BÚKOVA, Z. The Embarrassment Of Co-presence: Au Pairs And Their Rooms. 2006. **Home Cultures**, v. 3, n. 2, p.1–24. Disponível em: [https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/32158031/burikova\\_embarrassment\\_of\\_copresence\\_aupairs\\_their\\_rooms.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1519599927&Signature=cxinPwjQDpEoGoT98yXycQ6RgFQ%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DThe\\_Embarrassment\\_of\\_Co-Presence\\_Au\\_Pair.pdf](https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/32158031/burikova_embarrassment_of_copresence_aupairs_their_rooms.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1519599927&Signature=cxinPwjQDpEoGoT98yXycQ6RgFQ%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DThe_Embarrassment_of_Co-Presence_Au_Pair.pdf). Acesso em: 13 fev. 2018.

CALIXTRE, A. e FAGNANI, E. A política social e os limites do experimento desenvolvimentista. Campinas: IE-UNICAMP (Texto para Discussão 295), maio de 2017. Disponível em: <https://www.eco.unicamp.br/images/arquivos/artigos/3524/TD295.pdf>. Acesso em 24 abr. 2022.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança:** movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CBS. Central Bureau voor de Statistiek. **Emancipatie-monitor 2022.** Disponível em: <https://longreads.cbs.nl/emancipatiemonitor-2022/>. Acesso em: 27 abr. 2023.

CGI.BR – COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros:** TIC Domicílios 2019 [livro eletrônico]. CGI.BR, 2020. Disponível em:

[https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20201123121817/tic\\_dom\\_2019\\_livro\\_eletrnico.pdf](https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20201123121817/tic_dom_2019_livro_eletrnico.pdf). Acesso em: 20 fev.2021.

CORRÊA, Mariza. A babá de Freud e outras babás. **Cadernos Pagu**, [S.L.], n. 29, p. 61-90, dez. 2007. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-83332007000200004>.

COUTO, E. S.; ROCHA, T. B. **A vida no Orkut: narrativas e aprendizagens nas redes sociais**. Salvador: EDUFBA, 2010.

COX, R. Introduction. In: COX, R. **Au Pairs' Lives in Global Context Sisters or Servants?** London, England: Palgrave Macmillan, 2015, s/p.

COX, R. Conclusion: When is a Worker Not a Worker? Tackling the Contradictions of Au Pairing. In: COX, R. **Au Pairs' Lives in Global Context Sisters or Servants?** London, England: Palgrave Macmillan, 2015, p.235-249.

COX, Rosie. The Au Pair Body. **European Journal Of Women'S Studies**, [S.L.], v. 14, n. 3, p. 281-296, ago. 2007. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/1350506807079015>.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, [S.L.], v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-026x2002000100011>.

DALGAS, K. M. Au Pairs On Facebook: Ethnographic use of social media in politicised fields. 2016. **Nordic Journal of Migration Research**, v. 6, n. 3, p.175-182. Disponível em: <https://www.degruyter.com/downloadpdf/j/njmr.2016.6.issue-3/njmr-2016-0023/njmr-2016-0023.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2018.

DEKKER, Rianne; ENGBERSEN, Godfried. How social media transform migrant networks and facilitate migration. **Global Networks**, v. 14, n. 4, p. 401-418, 2014.

DEMISSIONAIR kabinet wil alleen nog jonge singles als au-pair toelaten. **RTLNIEUWS**, 9 nov. 2021. Disponível em: <https://www.rtlnieuws.nl/economie/artikel/5266089/au-pair-jonge-ongetrouwd-strengere-regels>. Acesso em 27 abr. 2023.

Disponível em: [https://www.academia.edu/8390436/Guys\\_versus\\_girls\\_in\\_the\\_field\\_of\\_au\\_pairing](https://www.academia.edu/8390436/Guys_versus_girls_in_the_field_of_au_pairing). Acesso em: 13 fev. 2018.

DUMONT, Gérard-François. "Les nouvelles logiques migratoires au XXI e siècle". **Outre- Terre**, nº 17, 2006. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-outre-terre1-2006-4-page-15.htm>. Acesso em: 10 set. 2017. p. 15-25.

DURIN, S. Las múltiples fachadas de las "au pairs"hermana mayor, niñera de planta y empleada doméstica. "Au pairs" latinoamericanas y familias huéspedes en Marsella,

Francia. In: Durin, de la O y Bastos Eds. **Trabajadoras en la sombra**: Dimensiones del servicio doméstico latino-americano. CIESAS, ITESM, México, 2014, p. 509-534.

LANCKER, Wim Van. (Editors). **The Palgrave Handbook of Family Policy**. Palgrave Macmillan: Stockholm/Ghent, 2020. p. 511-532.

ELM, M. S. How Do Various Notions of Privacy Influence Decisions in Qualitative Internet Research? In: MARKHAM, A. N., and NANCY K. Baym, eds. **Internet Inquiry**: Conversations About Method. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications, Inc., 2009.

EMERY, Tom. Private Childcare and Employment Options: The Geography of the Return to Work for Mothers in the Netherlands. In: NIEUWENHUIS, Rense;

LANCKER, Wim Van. (Editors). **The Palgrave Handbook of Family Policy**. Palgrave Macmillan: Stockholm/Ghent, 2020. p. 511-532.

ESTANTE VIRTUAL. **ESTANTE VIRTUAL**. Disponível em: <https://www.estantevirtual.com.br/>. Acesso em: 27 abr. 2023.

FACEBOOK completa 10 anos; veja a evolução da rede social. **G1**, 04 fev. 2014. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/02/facebook-completa-10-anos-veja-evolucao-da-rede-social.html>. Acesso em 27 abr. 2023.

FACIOLI, L; MISKOLCI, R. Conectadas: experiência de subalternidade e ajuda-mútua feminina online entre mulheres de classe populares. **Mediações**, Londrina, v.20, n.2, p.129-159, jul./ dez.2015. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/22856>. Acesso em: 08 de set. 2017.

FAIRWORK. **Página inicial**. Disponível em: <https://www.fairwork.nu/pt/pagina-inicial/>. Acesso em: 27 abr. 2023.

FALQUET, J. Transformações neoliberais do trabalho das mulheres: liberação ou novas formas de apropriação? In: ABREU, A. R. de P.; HIRATA, H.; LOMBARDI, M. R. (Org.). **Gênero e trabalho no Brasil e na França**: perspectivas interseccionais. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016. p.37-46.

FAVRET-SAADA, J. Ser afetado (tradução de Paula de Siqueira Lopes). **Cadernos de Campo**, n. 13, p. 155-161, 2005.

FIELDMAN-BIANCO, B. O Brasil como país de emigração: mobilizações e políticas. In: FERREIRA, A. P. [et. al.]. **A experiência migrante**: entre deslocamentos e reconstruções. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

FONTENELLE, I. A. Prosumption: as novas articulações entre trabalho e consumo na reorganização do capital. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 51, n. 1, p. 83-91, 2015. Disponível em:

[https://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias\\_sociais/article/view/csu.2015.51.1.09/4602](https://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/csu.2015.51.1.09/4602). Acesso em 10 jan.2022

FRASER, N. Contradições entre capital e cuidado. **Princípios: Revista de Filosofia (UFRN)**, v. 27, n. 53, p. 261-288, 2 jul. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/16876/12950>. Acesso em: 11 jan. 2020.

FRASER, N.; LEONARD, S. Interview with Nancy Fraser: Capitalism's Crisis of Care. **Dissent Magazine**, 2016. Disponível em: <https://www.dissentmagazine.org/article/nancy-fraser-interview-capitalism-crisis-of-care>. Acesso em: 10 fev. 2018.

G1. **WhatsApp aumenta limite de grupos para até 512 pessoas, mas mudança só chega ao Brasil após as eleições**. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2022/05/05/whatsapp-tera-grupos-com-ate-512-pessoas-depois-das-eleicoes.ghtml>. Acesso em: 27 abr. 2023.

GEORGES, I. P. H. O “cuidado” como “quase-conceito”: por que está pegando? notas sobre a resiliência de uma categoria emergente. In: DEBERT, G.; PULHEZ, M. M. (Orgs.). **Textos Didáticos**. Desafios do cuidado: gênero, velhice e deficiência, Campinas: IFCH/UNICAMP n° 66, junho 2017.

GEORGES, I. P. H.; SANTOS, Y. G. Olhares cruzados: Relações de cuidado, classe e gênero. **Tempo soc.**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 47-60, jun. 2014. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-20702014000100004&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702014000100004&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 15 set. 2017.

GEORGES, I. P. H.; GIRAUD, Olivier. Conjunturas sob o crivo da hegemonia. O lugar da política na América Latina e em outros lugares. **SociologieS** [Online], 2022. Disponível em: <https://journals.openedition.org/sociologies/19335>. Acesso em 27 jan. 2023.

GERGEN, K. **The saturated self: Dilemmas of identity in contemporary life**. New York: Basic Books, 1991.

GILLESPIE, T. **Custodians of the Internet. Platforms, Content Moderation, and the Hidden Decisions That Shape Social Media**. New Haven: Yale University Press, 2018.

GIRARD-NUNES, Christiane; SILVA, Pedro Henrique Isaac. Entre o prescrito e o real: o papel da subjetividade na efetivação dos direitos das empregadas domésticas no Brasil. **Revista Sociedade e Estado**, v. 28 n. 3, set-dez. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v28n3/a07v28n3.pdf>. Acesso em 13 nov. 2017.

GROENWOLD, C. **Different expectations leading to labor exploitation and mistreatment of Brazilian Au Pairs in Netherlands**. Master thesis in Sociology –

Governance of Migration and Diversity. Erasmus University Rotterdam, 2019. Disponível em: <https://thesis.eur.nl/pub/50391/>. Acesso em: 11 jan. 2020.

HAGEMAN, Linsey; OTJIR, Tsjeegii. **Verkenning naar arbeidsuitbuiting en ernstige benadeling in domestic work**, 2020. Disponível em:

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 5, p. 7–41, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 13 jan. 2021.

HBN BRAZIL. Disponível em: <https://hbnbrazil.wixsite.com/hbnbrasil>. Acesso em: 22 Abr. 2020.

HBN. Disponível em: <https://www.huisjeboompjenanny.nl/en/about-us-2/>. Acesso em: 22 Abr. 2020.

HESS, S.; PUCKHABER, A. 'Big sisters' are better domestic servants?! comments on the booming au pair business. **Feminist Review**, n. 77, p. 65-78, 2004. Disponível em: [https://is.muni.cz/el/1423/jaro2012/SAN202/um/\\_big\\_sisters\\_\\_are\\_better\\_domestic\\_servants\\_comments\\_on\\_the\\_booming\\_au\\_pair\\_business.pdf](https://is.muni.cz/el/1423/jaro2012/SAN202/um/_big_sisters__are_better_domestic_servants_comments_on_the_booming_au_pair_business.pdf). Acesso em: 10 fev. 2018.

HIRATA H, KERGOAT D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cad Pesqui** [Internet]. 2007Sep;37(Cad. Pesqui., 2007 37(132)). Available from: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742007000300005>

HIRATA, H. O cuidado em domicílio na França e no Brasil. In: ABREU, A. R. P.; HIRATA, H.; LOMBARDI, M. R. (Org.). **Gênero e trabalho no Brasil e na França: perspectivas interseccionais**. São Paulo: Boitempo, 2016. p.193-202.

HOCHSCHILD, Arlie R. (2013) Love and Gold, in Ehrenreich and Hochschild, Global Women. Nannies, Maids aos Sex Workers in the New Economy. New York, Metropolitan Press, pp.15-30 (em português: in G.G. Debert e M. Marques Pulhez (org.) **Textos Didáticos**. Desafios do cuidado: gênero, velhice e deficiência, Campinas: IFCH/UNICAMP n° 66, junho 2017.

HOCHSCHILD, Arlie R. Nos bastidores do livre mercado local: babás e mães de aluguel. In: In: HELENA, H.; N. A. G. (ORG.) **Cuidado e cuidadoras: as várias faces do trabalho do care**. São Paulo: Atlas, 2012, p.185-200.

HOCHSCHILD, Arlie R. **The commercialization of intimate life: notes from home and work**. Berkeley, The University of California Press, 2003.

HODKINSON, Paul. Insider research in the study of youth cultures. **Journal of Youth Studies**, Oxfordshire, v. 8, n. 2, p. 131-149, 2005.

HOUSE O ORANGE. Disponível em: <https://house-o-orange.nl/>. Acesso em: 22 Abr. 2020.

HOUSE O ORANGE. **Family Information**. Disponível em: <https://house-o-orange.nl/family-information/>. Acesso em: 27 de abr. de 2023.

HOUSE STAFF. **Smiling Faces**. Disponível em: <https://www.smilingfacesaupairs.nl/en/house-staff/>. Acesso em: 27 abr. 2023.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira**. n.44, 2021. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101892.pdf>. Acesso em 27 fev. 2022.

IND. **Au Pair**. Disponível em: <https://ind.nl/en/exchange/Pages/Au-pair.aspx>. Acesso em: 22 Abr. 2020.

IND. **Au Pairs**. Disponível em: <https://ind.nl/en/about-us/background-articles/au-pairs>. Acesso em: 27 abr. 2023.

IND. Imigratie-en Naturalisatiedienst. Resident permit au pair. 2023. Disponível em: <https://ind.nl/en/residence-permits/au-pair-and-exchange/residence-permit-au-pair>. Acesso em: 27 ab. 2023.

KERGOAT, D. O cuidado e as imbricações das relações sociais. In: ABREU, Alice R. P.; HIRATA, H.; LOMBARDI, M. R. (Org.). **Gênero e trabalho no Brasil e na França: perspectivas interseccionais**. São Paulo: Boitempo, 2016. p. 17-26.

KERGOAT, Danièle. Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais. **Novos Estudos - Cebrap**, [S.L.], n. 86, p. 93-103, mar. 2010. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0101-33002010000100005>.

KOFES, S. **Mulher, mulheres**: identidade, diferença e desigualdade na relação entre patroas e empregadas domésticas. Campinas, SP, Brasil: Editora da Unicamp, 2001.

LAHIRE, Bernard. Sociología y autobiografía. **Revista de Antropología Social**, n. 13, p.37-47, 2004. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=83801302>

LATRECHE, A. Les migrations étudiantes de par le monde. **Hommes & migration**, n° 1233, p. 13-27, sept-oct. 2001. Disponível em: [http://www.hommes-et-migrations.fr/docannexe/file/1233/1233\\_03.pdf](http://www.hommes-et-migrations.fr/docannexe/file/1233/1233_03.pdf). Acesso em 10 set. 2017.

LIAROU, E. 'Pink Slave' or the 'Modern Young Woman'? A History of the Au Pair in Britain. In: COX, R. **Au Pairs' Lives in Global Context Sisters or Servants?** London, England: Palgrave Macmillan, 2015, p.19-35.

LISBOA, T. K. Fluxos migratórios de mulheres para o trabalho reprodutivo: a globalização da assistência. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 15(3): 000, p. 805-

821, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2007000300017>. Acesso em: 13 set. 2017.

LISBOA, T. K. Gênero e Migrações - Trajetórias globais, trajetórias locais de trabalhadoras domésticas. **REMHU** - Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana. Ano XIV, n. 26 e 27, p. 151-166, 2006. Disponível em: <http://www.csem.org.br/remhu/index.php/remhu/article/view/39>. Acesso em: 13 set. 2017.

LODDER, G. **Selectief naast restrictief Evaluatie van de Wet modern migratiebeleid**. Leiden, Netherlands: Wetenschappelijk Onderzoek- en Documentatiecentrum (WODC), 2019. Disponível em: [https://repository.wodc.nl/bitstream/handle/20.500.12832/2378/2878\\_Volledige\\_Tekst\\_tcm28-399592.pdf?sequence=2&isAllowed=y](https://repository.wodc.nl/bitstream/handle/20.500.12832/2378/2878_Volledige_Tekst_tcm28-399592.pdf?sequence=2&isAllowed=y). Acesso em: 23 fev. 2022.

LUTZ, Helma. **Migration and domestic work: a European perspective on a global theme**. Farnham, UK: Ashgate, 2008.

MAAS, B.; MASTWIJK, K. **EAUT wijzigingen au-pairbeleid**. IND: 2021. Disponível em: <https://ind.nl/nl/documenten/06-2022/eaut-wijzigingen-au-pairbeleid-juni-2021.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2022.

MACHADO, L. A. DA INFORMALIDADE À EMPREGABILIDADE (reorganizando a dominação no mundo do trabalho). **Caderno CRH**, [S. l.], v. 15, n. 37, 2002. DOI: 10.9771/ccrh.v15i37.18603. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/18603>. Acesso em: 6 fev. 2023.

MARKHAM, A. N., and NANCY K. Baym (eds). **Internet Inquiry: Conversations About Method**. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications, Inc., 2009. <http://dx.doi.org/10.4135/9781483329086>.

MARTINS, Carlos Eduardo, A teoria da conjuntura e a crise contemporânea», **Polis** [Online], n. 24, 2009. Disponível em: <http://journals.openedition.org/polis/1684>

MAUSS, M. Ensaio sobre a Dádiva. In: MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: COSAC NAIFY, 2003. p. 183-314.

MEULDERS, Danièle; et. al. Trabalho e maternidade na Europa. Condições de trabalho e políticas públicas. In: COSTA, A. O. et. al. (Orgs.) **Mercado de Trabalho e Gênero: comparações internacionais**. Rio de Janeiro: FGV, 2008.p.161-185

MICHEL, Isadora Lenzi. **Bicicletas e Tulipas**. Curitiba: Inverso, 2012.

MIEDEMA, F.; POST, B.; WOLDRINGH, C. **Au Pair em hun gastgezinnen in Nederland**. Evaluatie au pair regeling. Ministry of Justice. Nijmegen: ITS, 2003. Disponível em: <https://repository.ubn.ru.nl/handle/2066/211690>. Acesso em 6 fev.2020.

MISKOLCI, R. Sociologia digital: notas de pesquisa na era da conectividade. **Contemporânea**, v.6, n.2, p.275-297, jul.-dez. 2016. Disponível em: <http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/525>. Acesso em: 08 de set. 2017.

MISKOLCI, Richard e BALIEIRO, F. de Figueiredo. Sociologia Digital: balanço provisório e desafios. **Revista Brasileira de Sociologia-RBS**, v.6, n.12, 2018. Disponível em: <https://rbs.sbsociologia.com.br/index.php/rbs/article/view/352/202>. Acesso em: 9 fev. 2023.

MONÇORES, Elisa Alonso. Empregadas e empregadores domésticos no Brasil: mapeando desigualdades e contradições do modelo de cuidado brasileiro. Texto para Discussão N° 84 – Setembro 2013. **Cede/ UFF**. Disponível em: <http://www.proac.uff.br/cede/sites/default/files/TD84.pdf>. Acesso em 04 dez. 2017.

MOUSINHO, Amanda Arrais. **Au pairs brasileiras e suas rotas desviantes**: história oral e vidas móveis. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. doi:10.11606/D.100.2019.tde-03102019-223105. Acesso em: 2022-04-25.

NANNY NINA. Disponível em: <https://nannynina.nl/>. Acesso em: 22 Abr. 2020.

NANNY NINNA. **FAQ**. Disponível em: <https://nannynina.nl/en/faq/?search=room>. Acesso em 24 abr. 2023

OLIVEIRA, Bruna Padilha de. A representação do “Eu” nos vídeos applications de brasileiras que desejam ser *Au Pair* nos EUA. In: XX REDOR. Encontro Internacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher e Relações de Gênero, 2018, Salvador/BA. Disponível em: <https://www.sinteseeventos.com/site/redor/G6/GT6-18-Bruna.pdf>. Acesso em: 27 ab. 2020.

OLIVEIRA, Bruna Padilha de. **O essencial é invisível aos olhos**: a emulação à escola produtivista e a subsunção das múltiplas jornadas das professoras no programa de ensino integral de são paulo. 2017. 142 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Rio Claro, 2017.

OOSTERBERK-LATOZA, D. 'The Filipina Au Pairs in The Netherlands'. In: Hoegsholm, F.M. (ed.) **In De Olde Worlde**: Views of Filipino Migrants in Europe. Quezon City, Philippines: Philippines Social Science Council, 2007. pp. 192-202.

PADILHA, F. A.; FACIOLI, L. R. R. Ética e pesquisa em ciências sociais: reflexões sobre um campo conectado. **Mediações**, v. 24, n.1, jan-abr 2019. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/33130>. Acesso em: 05 jan. 2021.

PADILHA, F. Pesquisa em Rede: notas teórico-metodológicas sobre a pesquisa de campo com e nas mídias digitais. In: 41 Encontro Anual da ANPOCS, 2017, Caxambu. **41. Encontro Anual da ANPOCS**, 2017.

PADILHA, F; FACIOLI, L. Ética e pesquisa em Ciências Sociais: reflexões sobre um campo conectado. **Mediações**, Londrina, V. 24 N.1, p. 228-258, Jan.- Abr. 2019.

PADILHA, F; FACIOLI, L. Sociologia Digital: apontamentos teórico-metodológicos para uma análise das mídias digitais. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 54, n. 3, p. 305-316, 2018. Disponível em: [http://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias\\_sociais/article/view/csu.2018.54.3.03/60746746](http://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/csu.2018.54.3.03/60746746). Acesso em: 20 Abr. 2019.

PARREÑAS, Rhacel Salazar. **Servants of Globalization: Migration and Domestic Work**. 2nd Edition, Stanford, CA: Stanford University Press, 2015.

PATARRA, N.; BAENINGER, R. "Migrações internacionais recentes: o caso do Brasil". In: PATARRA, N. (org) **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo**. São Paulo: FNUAP, 1995. p. 78-88.

PEDRO, Joana Maria; MELLO, Soraia Carolina de; OLIVEIRA, Veridiana Bertelli Ferreira de. O feminismo marxista e o trabalho doméstico: discutindo com Heleieth Saffioti e Zuleika Alambert. **História Unisinos**, v. 9 n. 2, p. 132-38, mai-ago, 2005. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/6419>. Acesso em 13 nov. 2017.

PEREIRA, S.; SIQUEIRA, S. Migração, retorno e circularidade: evidência da Europa e Estados Unidos. **REMHU**, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum., Brasília, v. 21, n. 41, p. 117-138, Dec. 2013. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1980-85852013000200007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-85852013000200007&lng=en&nrm=iso). Acesso em 10 Set. 2017.

PÉREZ, M. A. ¿Atrapadas en un cuento de hadas? Tras las representaciones de "au pairs" mexicanas ante la demanda de trabajo doméstico y cuidado en los Estados Unidos de América. In: Durin, de la O y Bastos Eds. **Trabajadoras en la sombra**. Dimensiones del servicio doméstico latinoamericano, CIESAS, ITESM, México, p.535-562 (2014).

POELL, Thomas; NIEBORG, David; VAN DIJCK, José. Plataformização. **Fronteiras - Estudos Midiáticos**, [S.L.], v. 22, n. 1, p. 2-10, 4 abr. 2020. UNISINOS - Universidade do Vale do Rio Dos Sinos. <http://dx.doi.org/10.4013/fem.2020.221.01>.

PORTEGIJS, W.; KEUZENKAMP, S. (Editor). **Nederland deeltijdland**. Vrouwen en deeltijdwerk. Den Haag: Sociaal en Cultureel Planbureau, 2008. Disponível em: <https://repository.scp.nl/bitstream/handle/publications/865/Nederland%20deeltijdland.pdf?sequence=1>. Acesso em 20 out. 2022.

PROTRIP WORLD. **Content**. Disponível em: [https://www.protrip-world.com/en/about\\_us..](https://www.protrip-world.com/en/about_us..) Acesso em: 27 abr. 2023.

QUEIROZ, I. P. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T A Queiroz, 1991.

RECUERO, Raquel da Cunha. Redes Sociais na Internet: considerações iniciais. **E-Compós**, [S.L.], v. 2, p. 1-23, 1 jan. 1970. E-compos. <http://dx.doi.org/10.30962/ec.28>.

REDONDO, M. F. **Au pair** : Care et Pouvoir. Brésiliennes au pair en France : une étude de cas. 2010. Dissertação. Sociologia. Université Paris 8- Vincennes-Saint-Denis. SaintDenis, França, 2010. Disponível em: <https://octaviana.fr/document/197888631>. Acesso em: 13 de set. 2017.

REDONDO, Michelle Franco. **Trajetórias do care**: de au pair a nounou. 2018. 407 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

REDONDO, Michelle F. Com ênfase no trabalho doméstico: o mito do cuidado e a perspectiva do *care* no contexto da Covid-19. In: CASTRO, Bárbara (Org.). **Covid-19 e Sociedade**: ensaios sobre a experiência social na pandemia. Campinas, SP: UNICAMP IFCH, 2020b. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/publicacoes/pf-publicacoes/e-book-Covid-19-e-sociedade.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2021.

REDONDO, Michelle F. O COVID-19 e o reconhecimento do trabalho doméstico como essencial. **Boletim n.71 - Ciências Sociais e coronavírus**, ANPOCS, 26 de junho de 2020a. Disponível em: <http://anpocs.org/index.php/publicacoes-sp-2056165036/boletim-cientistas-sociais/2399-boletim-cientistas-sociais-n-71>. Acesso em: 08 abr. 2021.

RIJKSOVERHEID. **Wanneer heb ik recht op ouderschapsverlof?..[2022?]** Disponível em: [https://www.rijksoverheid-nl.translate.goog/onderwerpen/geboorteverlof-en-partnerverlof/vraag-en-antwoord/recht-op-ouderschapsverlof?\\_x\\_tr\\_sl=nl&\\_x\\_tr\\_tl=pt&\\_x\\_tr\\_hl=pt-BR&\\_x\\_tr\\_pto=sc](https://www.rijksoverheid-nl.translate.goog/onderwerpen/geboorteverlof-en-partnerverlof/vraag-en-antwoord/recht-op-ouderschapsverlof?_x_tr_sl=nl&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-BR&_x_tr_pto=sc). Acesso em 27 abr. 2023

ROHDE, C. Guys versus girls in the field of au pairing. **Raffia**, nr 2, 2014, pp.21-22.

SANTOS, S. M. A. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **Plural**, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 214-241, 2017. DOI: 10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2017.113972. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/113972>. Acesso em: 6 fev. 2023.

RTLNIEWS. **Demissionair kabinet wil alleen nog jonge singles als au-pair toelaten**. Disponível em: <https://www.rtlnieuws.nl/economie/artikel/5266089/au-pair-jonge-ongetrouwd-strengere-regels>. Acesso em: 27 abr. 2023.

SANTOS, S. M. A. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **Plural**, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 214-241, 2017. DOI: 10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2017.113972. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/113972>. Acesso em: 6 fev. 2023.

SCHANS, JMD, GALLOWAY, M., & LANSANG, L. **Au pairs na Holanda**: Culturele uitwisseling of arbeidsmigratie ? 2014. Disponível em: [https://www.wodc.nl/binaries/cahier-2014-2-volledige-tekst\\_tcm28-72660.pdf](https://www.wodc.nl/binaries/cahier-2014-2-volledige-tekst_tcm28-72660.pdf). Acesso em: 11 jan. 2020.

SEGA, Rodrigo Fessel. **Produções ciborgues**: imigrantes brasileiras & mídias sociais no Canadá. 2020. 297 f. Tese (Doutorado) - Curso de Sociologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2020.

SILVA, M. G. D.; MACHADO RODRIGUES, T. C. O Populismo de direita no Brasil: neoliberalismo e autoritarismo no governo Bolsonaro. **Mediações** - Revista de Ciências Sociais, Londrina, v. 26, n. 1, p. 86–107, 2021. DOI: 10.5433/2176-6665.2021v26n1p86. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/42098>. Acesso em: 27 abr. 2022.

SOARES, A. As emoções do care. In: HELENA, H.; N. A. G. (Org.) **Cuidado e cuidadoras**: as várias faces do trabalho do care. São Paulo: Atlas, 2012, p.44-59.

SOBRE BICICLETAS e tulipas. 2012. Disponível em: <https://aceiteestamanga.wordpress.com/2012/12/22/sobre-bicicletas-e-tulipas/>. Acesso em 27 abr. 2023.

SORAYA, Y. Indonesian (undocumented) migrant workers in the Netherlands. 2012. Disponível em: <http://picum.org/indonesian-undocumented-migrant-workers-in-the-netherlands/>

SPINK, P. K.. Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista. **Psicologia & Sociedade**, v. 15, n. Psicol. Soc., 2003 15(2), jul. 2003. Available from: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822003000200003>

STENUM, H. **Abused Domestic Workers in Europe**: The case of au pairs. European Parliament. Directorate General for Internal Policies, 2011. Disponível em: <http://www.europarl.europa.eu/document/activities/cont/201110/20111020ATT29946/20111020ATT29946EN.pdf>. Acesso em: 07 mai. 2018.

STENUM, H. Bane and Boon; Gains and Pains; Dos and Don'ts...Moral Economy and Female Bodies in Au Pair Migration. COX, R. **Au Pairs' Lives in Global Context Sisters or Servants?** London, England: Palgrave Macmillan, 2015, p.104-120.

STRASBOURG. CONCEIL OF EUROPE. **European Agreement on "au pair" Placement and Protocol thereto**. Disponível em: <https://rm.coe.int/168007231c>. Acesso em: 27 abr. 2023.

THEODORO, Maria Isabel Accoroni; SCORZAFAVE, Luiz Guilherme. Impacto da redução dos encargos trabalhistas sobre a formalização das empregadas domésticas. **Revista Brasileira de Economia**, [S.L.], v. 65, n. 1, p. 93-109, mar. 2011. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0034-71402011000100006>.

THIOLLENT, M. J.M. **Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária**. 5.a ed. São Paulo: Pólis, 1987.

TICONA, J., & MATEESCU, A. Trusted strangers: Carework platforms' cultural entrepreneurship in the on-demand economy. **New Media & Society**, 20(11), 2018, p. 4384–4404. <https://doi.org/10.1177/1461444818773727>

TKACH, Olga. “Now I Know Norway from Within”: boundary work and belonging in au pairs narratives. **Nordic Journal Of Migration Research**, [S.L.], v. 6, n. 4, p. 224, 1 dez. 2016. Helsinki University Press. <http://dx.doi.org/10.1515/njmr-2016-0032>.

TRAVEL ACTIVE. Disponível em: <https://www.travelactive.nl/au-pair/>. Acesso em: 22 Abr. 2020.

TRONTO, J. Politiques. In: **Qu'est-ce que le care?** souci des autres, sensibilité, responsabilité. Paris: Payot, 2009.

VAN DIJICK, Jose. **La cultura de la conectividad**: Una historia crítica de las redes sociales. Buenos Aires: Siglo Veintiuno. Editores, 2016.

VAN MEETEREN, M.; POL, Sanne van de; DEKKER, Rianne; ENGBERSEN; Godfried; SNEL, Erik. “Destination Netherlands: History of immigration and immigration policy in the Netherlands”, em Judy Ho (org.), *Immigrants: Acculturation, Socioeconomic Challenges & Cultural Psychology*, Hauppauge (NY), Nova Science Pub Inc, pp. 113-170. Disponível em: [https://www.novapublishers.com/wp-content/uploads/2019/07/978-1-62808-617-1\\_ch6.pdf](https://www.novapublishers.com/wp-content/uploads/2019/07/978-1-62808-617-1_ch6.pdf). Acesso em: 6 fev. 2022.

VAN WALSUM, Sarah. Regulating Migrant Domestic Work in the Netherlands: opportunities and pitfalls. **Canadian Journal Of Women And The Law**, [S.L.], v. 23, n. 1, p. 141-165, jan. 2011. University of Toronto Press Inc. (UTPress). <http://dx.doi.org/10.3138/cjwl.23.1.141>.

VELHO, G. Observando o familiar. In: VELHO, G. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

VILLA, L. C. “Au pairs”. ¿Domésticas, estudiantes y/o emigrantes? Diálogos Migrantes, **Revista del Observatorio Colombo-Ecuatoriano de Migraciones OCEMI**, n. 5, p. 58-64, 2010. Fundación Esperanza, Bogotá. Disponível em: [https://www.academia.edu/1435170/\\_Au\\_Pairs\\_Dom%C3%A9sticas\\_estudiantes\\_y\\_o\\_emigrantes](https://www.academia.edu/1435170/_Au_Pairs_Dom%C3%A9sticas_estudiantes_y_o_emigrantes). Acesso em: 24 fev. 2018.

VILLA, L. C. Jóvenes "au pairs"figura invisible de la migración y el empleo doméstico internacional. In: Durin, de la O y Bastos Eds. **Trabajadoras en la sombra**. Dimensiones del servicio doméstico latinoamericano, CIESAS, ITESM, México, 2014, p.563-588.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Tematicas**, Campinas, SP, v. 22, n. 44, p. 203–220, 2014. DOI: 10.20396/tematicas.v22i44.10977. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>. Acesso em: 25 abr. 2019.

WELLER, W. A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. **Sociedade e Estado**, [S. l.], v. 25, n. 2, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/5530>. Acesso em: 4 fev. 2023.

ZELIZER, V. **A negociação da intimidade**. Petrópolis: Vozes, 2011.

## **APÊNDICE 1 – Questionário “Imigração brasileira nas cadeias globais de cuidado: um estudo sobre *Au Pairs* na Holanda”**

Olá,

Meu nome é Bruna. Tenho 34 anos. Sou professora de sociologia no ensino médio na Rede Estadual de Educação de São Paulo. Fui *Au Pair* na Holanda entre os anos de 2008-2009 e atualmente desenvolvo uma pesquisa sobre este programa de intercâmbio como estudante do programa de doutorado em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR).

Este formulário tem como objetivo coletar algumas informações sobre *Au Pairs* brasileiras tais como perfil, motivações para ser *Au Pair*, processo de aplicação no programa e a experiência em si. Além deste formulário, tenho o intuito de coletar posteriormente, caso aceite, um relato sobre estas mesmas questões, mas de forma mais aberta, sem haver questões fechadas como neste formulário. O relato será concedido por alguma plataforma online: WhatsApp, Skype, etc. e poderá ser gravado (com a autorização da participante) ou será feita algumas anotações durante a realização da conversa. As anotações e gravação poderão ser solicitadas a qualquer momento. Assim como poderá ser feito a solicitação de retificação das informações que você forneceu.

O tempo estimado para responder este formulário é de 15 a 30 minutos. E no caso do relato online a previsão de duração é de 60 minutos.

Com o desenvolvimento dessa pesquisa pretende-se contribuir para o aprimoramento do programa de intercâmbio e também na proposição de políticas públicas de conciliação trabalho e família, levando em consideração que o trabalho é orientado pelo debate feminista sobre gênero e desigualdade (cuidado e responsabilidades, família, maternidade, etc.).

A participação na pesquisa é voluntária. Você não é obrigada (o) a responder todas as perguntas (coloque "." nos campos que você não queira responder, por exemplo). As informações pessoais concedidas não serão divulgadas, preservando sua privacidade e anonimato. Para tanto, farei as supressões devidas ou utilizarei de pseudônimos.

Obs.: Estou utilizando o "formulário google", desta forma, as informações preenchidas aqui também estão sujeitas à política de privacidade desta plataforma. Caso não queira preencher este formulário e apenas conceder um relato online, você pode entrar em contato comigo pelo e-mail: [brunapad@hotmail.com](mailto:brunapad@hotmail.com). Se quiser me escrever para maiores esclarecimentos antes da participação da pesquisa, também estou à disposição.

Grata pela atenção e disposição em colaborar!!!

Abraço,

Bruna

- 1) Qual seu nome?
- 2) Qual a sua idade?
- 3) Você namora?  
*Sim/ Não*
- 4) Cidade e Estado de origem:
- 5) Escolaridade:  
*Ensino Médio Completo/ Ensino Técnico/ Superior Incompleto/ Superior Completo/ Pós-Graduação*
- 6) Estudou em escola pública ou privada?  
*Pública/ Privada/ Ambas*
- 7) Quais experiências de trabalho você já teve?
- 8) Qual a ocupação (profissão) de seus pais?
- 9) Você morava com seus pais antes de ir para Holanda?  
*Sim/ Não*
- 10) Como você descobriu o intercâmbio de *Au Pair*?
- 11) Quais suas principais motivações para se tornar *Au Pair*?
- 12) Já tinha sido *Au Pair* antes na Holanda ou em outro país antes da experiência atual como *Au Pair*?  
*Sim/Não*
- 13) Qual era seu nível de inglês antes de ir para Holanda?  
*Básico/ Intermediário/ Avançado*
- 14) Por qual agência você foi?  
*HBN/Au Pair Amsterdam/ Travel Active/ Au Pair Internacional/ Hose o Orange/ Outras*
- 15) Você utilizou de alguma agência brasileira, além das agências reconhecidas pelo governo holandês?  
*Sim/ Não*
- 16) Você utilizou do site APW (AUPAIRWORLD) ou similar?  
*Sim/ Não*
- 17) Você participa do grupo do Facebook "Au Pair Grupão Holanda"?  
*Sim/ Não*
- 18) Qual a importância das redes sociais como a do grupo do Facebook "Au Pair Grupão Holanda", ou outras que você participa/ participou, tanto no processo para se tornar *Au Pair* quanto depois durante a experiência em si?
- 19) Seu processo foi *selfmatch*?  
*Sim/ Não*
- 20) Quanto tempo aproximadamente demorou seu processo do início da aplicação até o embarque?
- 21) Quais critérios utilizou para fechar *match* com a família?
- 22) Você utilizou recursos próprios ou de terceiros para se tornar *Au Pair* (pagamento de custos do processo)?  
*próprios (remuneração de trabalho, pensão, bolsa, etc.)/ terceiros (familiares, empréstimos, etc.)/ próprios e terceiros/ outros*
- 23) A *hostfamily* pagou sua passagem aérea?  
*Sim/ Não/ Parcialmente*
- 24) O que motivou a escolha da Holanda para a realização deste intercâmbio
- 25) Qual a nacionalidade da sua *hostfamily* (pai e mãe)?  
*Holandeses apenas/ Holandesa e outro/ Outras nacionalidades*

- 26) Qual a idade e ocupação dos pais das *kids*?
- 27) Como você avalia sua relação com a *hostfamily*?  
*Profissional/ Parte da Família/ Uma mistura de profissional com parte da família*
- 28) Quantas crianças você cuida na Holanda?  
*1/2/3/ mais de 3*
- 29) Qual a idade das crianças?
- 30) Além dos benefícios legais, você recebe outros extras?
- 31) Como é seu quarto?
- 32) Com qual frequência a agência entra em contato com você para saber como você está?  
*Pelo menos uma vez ao mês/ Pelo menos uma vez a cada três meses/ Pelo menos uma vez a cada 6 meses/ Nunca*
- 33) Como você avalia a intermediação de sua agência?  
*Péssima/ Regular/ Boa/ Excelente*
- 34) Você já teve algum problema com sua *hostfamily*?  
*Sim/ Não/ Talvez*
- 35) Você já passou por um processo de *rematch* (na Holanda ou em outro país que você já tenha sido *Au Pair*)?  
*Sim/ Não/ Estou pensando em fazer/ Pensei em fazer, mas desisti*
- 36) Existe algum tipo de atividade/ trabalho que sua *hostfamily* solicitou que você pensa que está para além da função de *Au Pair*?
- 37) Com que frequência a família solicita *babysitting* fora de seu horário de trabalho?  
*Frequentemente/ Às vezes/ Nunca*
- 38) Quais as principais mudanças e dificuldades em sua rotina no contexto do COVID-19, pensando que agora as crianças não estão mais indo para a escola/ creche?
- 39) Quem ficou responsável por acompanhar as atividades escolares das crianças nesse contexto de COVID-19?  
*Eu/ Os Pais/ Eu e os pais/ As crianças não possuem atividades escolares*
- 40) A família possui diarista/ faxineira?  
*Sim/ Não*
- 41) Os avós das crianças que você cuida auxiliam/ auxiliavam no cuidado dos netos?  
*Sim/ Não/ Talvez*
- 42) O que você faz em seu tempo livre?
- 43) Você auxilia ou já auxiliou algum familiar no Brasil com o dinheiro que você ganha como *Au Pair*?  
*Sim/ Não*
- 44) Você guarda dinheiro que você recebe como *Au Pair*?  
*Sim/ Não*
- 45) O que significa ser *Au Pair* para você?
- 46) Que tipo de impacto (ganhos ou perdas) esta experiência do *Au Pair* causou/ causou em sua vida?
- 47) Qual a sua importância como *Au Pair* na vida de sua *hostfamily*?
- 48) Como você contribui na conciliação família e trabalho?
- 49) Quais os seus planos/ expectativas pós ano de *Au Pair*?

50) Deixe algum comentário/ questionamentos/ sugestões para este formulário ou pesquisa:

51) Você aceita conceder um relato sobre sua experiência como *Au Pair*?

*Sim/ Não/ Talvez*

52) Deixe seu contato para que eu possa agendar um dia e horário para nossa conversa:

## **APÊNDICE 2 – Questionário “Brazilian immigration in global care chains: a study on Brazilian Au Pairs in the Netherlands”**

Dear colaborator,

My name is Bruna, I am a sociology teacher in high school and a doctoral student in Sociology at the Federal University of São Carlos (UFSCAR), São Paulo/ Brazil. I was an au pair in the Netherlands between 2008 and 2009, shortly after completing my degree in Social Sciences. This experience was very remarkable for me and it turned out to be the topic of my doctoral research.

To enlighten part of the research questions, it is necessary to look for families that hired Au Pairs in Netherlands and also Dutch agencies that work in this field to answer another specific set of questions.

So, I am looking for collaborators who agree to answer a survey form and, if they're available, grant an online interview. During the interview, we will discuss the experiences in the conciliation between child care and professional life and how the Au Pair program fits into this dynamic. The participation answering the survey form and / or granting an interview is voluntary. You need about 20 minutes to complete this form.

At the end of the form, you will find a field to indicate if you are available to grant me an interview and in case of a positive answer, I ask you to suggest a date/time for the interview and the application/software of your preference (WhatsApp, Skype etc.). The interview will take approximately 60 minutes and you can stop participating in this study at any time. In addition, you can always request the rectification of the information you have provided.

Your participation in the research is very important and this study can collaborate in improving the exchange program, as well as with subsidies for the proposition of public policies that help in the question of conciliating personal and professional life of families with children.

Do you have any questions? My advisor and I are available to answer any doubts.

Best regards,

Bruna

Contact:

Bruna Padilha de Oliveira – CV: <http://lattes.cnpq.br/1305693636271709>

e-mail: [brunapad@hotmail.com](mailto:brunapad@hotmail.com)

Note: I am using the "google form", so the information filled in here is also subject to the privacy policy of this platform.

1. Your first name and your partner's (if applicable):
2. Your age and your partner's (if applicable):
3. What is your nationality?
4. What about your partner (if applicable)?
5. How many children do you have?
6. How old are the children?
7. What's your religion?
8. By the time you hired an au pair, what was your highest level of education?
9. What about your partner (if applicable)?
10. Your occupation and your partner's (if applicable):
11. How many hours did you work per week?
12. What about your partner (if applicable)?
13. How many days per week did your children go to school/ day care?
14. What were your sources of child care besides the au pair?
15. Did the Netherlands government help you in any way (public policies, financial aid, and others) with reconciling work and family?
16. If so, what kind of assistance did the government provide?
17. Can you give more details on this? How many au pairs have you had?
18. What was the year you first hired an au pair?
19. What was the year you last hired an au pair?
20. Why did you decide to have an au pair?
21. Did you have nationality preferences when choosing an au pair? Why? Please comment on this.
22. What made you choose a Brazilian au pair?
23. Have you ever had an Au Pair from a different country (besides Brazil)?
24. If so, which country was she/he from?
25. Which role was the au pair supposed to have in the household?
26. Why is having an au pair at home more suitable to the *host parents* than a child-care available in the country?
27. About the au pair's room, it was a:

28. Who used to handle au pair subjects in the household? Did you have a cleaning lady for the heavier housework while the au pair was living with you?
29. Which agency did you use to hire your last au pair?
30. How much did you pay to the agency?
31. Why did you choose that agency? (if applicable):
32. How often did the agency contact you to ask about the relationship between your family and the au pair?
33. Which procedures did the agency perform with you? (if applicable):
34. How would you evaluate the agency?
35. Would you say that the agencies gave you a realistic information of the au pair program?
36. Have you ever had any problems with an au pair?
37. Have you ever had to ask an agency to switch au pairs (rematch)? Did you use the website: [www.aupairworld.com](http://www.aupairworld.com)?
38. What criteria did you use when choosing an au pair?
39. Did you help (financially) the au pair with any of the items below?
40. What's the purpose of the au pair program for you?
41. How was your relationship with the au pair?
42. Is the amount of work hours in the au pair program sufficient (30h)?
43. Have you ever requested overtime work for an au pair in an emergency?
44. What were the main changes and difficulties in your routine (reconciling work and family) in the context of COVID-19 (despite having an au pair or not)?
45. What changes have you made to the au pair's schedule due to the Covid-19 context? (If you don't have an au pair anymore, write "-")
46. Do you have any other information or questions you would like to share?
47. Do you suggest any other questions that you think is pertinent?
48. Would you agree on granting me an interview?
49. Do you prefer a video or audio call?
50. Do you have any preferences on the application/software we can use?
51. Write your phone number, e-mail or other contact information. (If you won't grant an interview, type "-") If you agree on the interview, can we set up a day and time, within the next month for our conversation? (Insert at least two options) I give permission to be recorded at the interview, knowing that the information is confidential and anything that can identify me in the research will be deleted, such as names and other personal information. (This is mainly because English is not my first language and a lot of information can be lost. With the recording, I can listen to your report several times later in order to understand it better).

### APÊNDICES 3 – Roteiro das entrevistas semidiretivas

#### [PERFIL]

Onde nasceu? Qual a origem da família? Teve experiências de migração? Sua trajetória escolar (onde estudou/ grau de instrução)? Onde e no que trabalhou? A família teve *Au Pairs* anteriormente? Qual era a nacionalidade desta *Au Pair*? Quando foi trabalhar como *Au Pair*, teve outros planos alternativos? Como se deu a decisão? (para quem foi), idem para os que vão agora, no presente (tentar capturar a conjuntura); Como foi a experiência de trabalhar como *Au Pair*? O que pretende fazer depois do intercâmbio ou o que aconteceu após o período de intercâmbio? (Se for isso, para os que foram há 10 anos, resgatar a trajetória completa, de trabalho e atividades diversas e de “eventos familiares”).

#### [ESTRATÉGIAS]

Como ficou sabendo do programa de intercâmbio? Como foi o processo (se foi com agência ou não, quanto gastou, quantas famílias conversou antes do match, como você selecionava as famílias e como convencias as famílias, como buscou informações sobre o programa, quais motivações envolvidas neste processo, o que esta experiência proporcionou de diferente, como foi a reação da família quanto a sua decisão de ter/ buscar esta experiência).

#### [TRAJETÓRIA]

Como foi/ está sendo a relação os pais das crianças e com as crianças? Quantas crianças são? Qual sua rotina como *Au Pair*? Quantas horas você trabalha? Quanto recebe? O que faz com este dinheiro? Como está lidando com o idioma? Faz curso de idiomas? Fez amizades? O que faz nas horas livres? (Pedir também sobre atividades religiosas, políticas, etc.).